Harlan Coben

Mais de 40 milhões de livros vendidos em todo o mundo

Confie em mim

Até onde você iria por amor à sua família?

Harlan Coben
Confie em mim
ARQUEIRO

O Arqueiro

Geraldo Jordão Pereira (1938-2008) começou sua carreira aos 17 anos, quando foi trabalhar com seu pai, o célebre editor José Olympio, publicando obras marcantes como *O menino do dedo verde*, de Maurice Druon, e *Minha vida*, de Charles Chaplin.

Em 1976, fundou a Editora Salamandra com o propósito de formar uma nova geração de leitores e acabou criando um dos catálogos infantis mais premiados do Brasil. Em 1992, fugindo de sua linha editorial, lançou *Muitas vidas, muitos mestres*, de Brian Weiss, livro que deu origem à Editora Sextante.

Fã de histórias de suspense, Geraldo descobriu *O Código Da Vinci* antes mesmo de ele ser lançado nos Estados Unidos. A aposta em ficção, que não era o foco da Sextante, foi certeira: o título se transformou em um dos maiores fenômenos editoriais de todos os tempos.

Mas não foi só aos livros que se dedicou. Com seu desejo de ajudar o próximo, Geraldo desenvolveu diversos projetos sociais que se tornaram sua grande paixão.

Com a missão de publicar histórias empolgantes, tornar os livros cada vez mais acessíveis e despertar o amor pela leitura, a Editora Arqueiro é uma homenagem a esta figura extraordinária, capaz de enxergar mais além, mirar nas coisas verdadeiramente importantes e não perder o idealismo e a esperança diante dos desafios e contratempos da vida.

Em memória dos avós de meus filhos:

Carl e Corky Coben
Jack e Nancy Armstrong

Sentimos muita falta de vocês.

Nota do autor

A tecnologia mencionada neste livro realmente existe. Aliás, todos os programas e equipamentos aqui descritos podem ser facilmente adquiridos no mercado. Os nomes dos produtos foram trocados, mas, sinceramente, que diferença isso pode fazer?

1

MARIANNE BEBIA A TERCEIRA DOSE de Cuervo, perplexa diante de sua capacidade de destruir tudo o que havia de bom em sua vida patética, quando o homem a seu lado praticamente berrou:

– Vou dizer uma coisa, princesa: o criacionismo e o evolucionismo são totalmente compatíveis.

Marianne sentiu gotinhas de saliva atingirem seu pescoço. Fez uma careta de nojo e olhou rapidamente para o homem. Ele tinha um bigode farto, saído diretamente de um filme pornô dos anos 1970. Sentara-se à direita dela. A mulher que ele tentava impressionar com este assunto tão interessante, uma loura de cabelos descoloridos e quebradiços feito piaçava, estava sentada à esquerda de Marianne, que teve a infelicidade de estar no meio daquele encontro casual.

Tentou ignorá-los, olhando para seu copo como se fosse um diamante bruto a ser lapidado para um belíssimo anel de noivado. Esperava que isso fizesse o homem de bigode e a mulher de cabelos de piaçava desaparecerem. Em vão.

– Você está doido – disse a Piaçava.

– Você ainda nem me ouviu.

– Tudo bem, diga. Mas continuo achando que você está doido.

Marianne interveio e disse:

– Um de vocês não quer trocar de lugar comigo? Assim poderão conversar melhor.

O Bigodudo pousou a mão no braço dela.

– Fique aí, mocinha, quero que você ouça também.

Marianne pensou em protestar, mas talvez fosse mais fácil ficar calada. Voltou a atenção para sua bebida.

– Vocês conhecem a história de Adão e Eva, certo? – perguntou ele.

– Claro – respondeu a Piaçava.

– E acredita nela?

– Que Adão foi o primeiro homem e Eva, a primeira mulher?

– Isso.

– Claro que não. Você acredita?

– Claro que acredito. – Ele acariciou o bigode como se fosse um pequeno roedor que precisasse ser tranqüilizado. – Segundo a Bíblia, primeiro surgiu Adão, e depois, da costela dele, foi criada Eva.

Marianne tomou um gole de tequila. Ela bebia por muitos motivos. Quase sempre para se divertir. Já estivera em muitos lugares como aquele, na esperança de encontrar alguém e, com sorte, conseguir mais que um simples bate-papo. Nesta noite, no entanto, não queria arrumar companhia. Estava bebendo para anestesiar os sentidos, com indiscutível sucesso. Aquela conversa sem pé nem cabeça até que servia de distração. Aliviava a dor.

Ela havia metido os pés pelas mãos.

Como sempre.

Toda sua vida se resumia a uma fuga constante de tudo o que era certo e decente, sempre em

busca do inalcançável, uma eterna monotonia com eventuais – e patéticos – pontos altos. Ela destruíra algo bom e agora, quando tinha tentado consertar as coisas, bem, se atrapalhara novamente.

No passado, tinha magoado as pessoas mais próximas dela, as que mais amava. Elas eram seu clubinho exclusivo de vítimas emocionais. Mas recentemente, graças a uma mistura de burrice e egoísmo, ela vinha acrescentando gente que mal conhecia à lista de atingidos pelo furacão Marianne.

Por algum motivo, ferir desconhecidos parecia pior. Todos fazemos isso com aqueles que amamos, não é? Mas machucar inocentes, isso só podia ser carma.

Marianne havia destruído uma vida. Talvez mais de uma.

E para quê?

Para proteger sua filha. Ou foi o que ela pensou.

Burra.

– Pois bem – disse o Bigodudo –, foi Adão que gerou Eva. Gerou, ou seja lá qual for o termo certo.

– Papo mais machista – disse a Piaçava.

– Mas é a palavra de Deus.

– Que a ciência já provou que estava errada.

– Espere, princesa. Escute. – Ele ergueu a mão direita. – A gente tem Adão – depois ergueu a esquerda – e a gente tem Eva. E tem o Jardim do Éden, certo?

– Certo.

– Então Adão e Eva têm dois filhos, Caim e Abel. E depois Abel mata Caim.

– É Caim quem mata Abel – corrigiu a Piaçava.

– Tem certeza? – Ele franziu o cenho, pensando no assunto. Depois deu de ombros. – Tanto faz. Um deles morre.

– Abel. Quem mata é Caim.

– Jura?

A Piaçava fez que sim com a cabeça.

– Tudo bem, então sobrou Caim. A questão é: com quem ele reproduziu? Quer dizer, a única mulher disponível ali era a mãe dele, Eva, que, àquela altura, já era uma coroa. Então? Como foi que a humanidade se multiplicou?

O Bigodudo se calou, como se estivesse à espera dos aplausos. Marianne revirou os olhos.

– Percebe o dilema?

– Talvez Eva tenha tido outra criança. Uma menina.

– E Caim transou com a irmã? – perguntou o Bigodudo.

– Claro. Naquela época, todo mundo comia todo mundo, não comia? Quer dizer, Adão e Eva foram os primeiros. Não havia outra saída além do incesto.

– Não – disse o Bigodudo.

– Não?

– A Bíblia proíbe o incesto. A resposta está na ciência. É isso que estou tentando dizer. A ciência e a religião não se excluem. Tudo tem a ver com a Teoria da Evolução de Darwin.

Com interesse aparentemente sincero, a Piaçava perguntou:

– Como?

– Pense. Segundo todos esses darwinistas, de quem é que o homem descende?

– Dos primatas.

– Certo. Macacos, gorilas, seja lá o que for. Pois bem. Caim estava lá, rejeitado pela família, vagando sozinho por esse glorioso planeta. – O Bigodudo deu um tapinha no braço de Marianne, certificando-se de que ela também estava prestando atenção. – Está entendendo?

Com uma resistência notável, ela se virou e olhou para ele. Sem o bigode pornô, talvez até desse para encarar, pensou.

– Estou – respondeu ela.

– Ótimo. – Ele sorriu e arqueou as sobrancelhas. – Ora, Caim era homem, certo?

– Certo – disse a Piaçava, antes que fosse chutada para escanteio.

– Com necessidades e desejos típicos de um homem, certo?

– Certo.

– Então ele estava lá, perambulando, se sentindo o rei do pedaço. Mas cheio de necessidades. Aí, um belo dia, enquanto andava na floresta – outro sorriso, outro carinho no bigode –, Caim se depara com uma macaca bem atraente. Ou uma gorila. Ou uma chimpanzé.

Marianne o encarou e disse:

– Você só pode estar brincando.

– Não, não estou. Pense nisso. Caim se vê diante de um membro qualquer da espécie dos macacos. É o que tem de mais parecido com um ser humano, não é? Então ele se joga em cima da macaca e os dois… você sabe. – Só para garantir, caso ela não soubesse, o Bigodudo fez o gesto com as mãos. – E a macaca fica grávida.

– Que horror! – exclamou a Piaçava.

Marianne quis voltar à tequila, mas o homem a cutucou outra vez.

– Você não vê como faz sentido? A macaca tem o bebê. Meio primata, meio homem. Parece um macaco, mas aos poucos, com o tempo, o gene humano vai predominando. Viram? *Voilà!* Evolucionismo e criacionismo juntos.

Ele sorriu como se estivesse prestes a receber uma medalha.

– Vamos ver se entendi direito – disse Marianne. – Deus proíbe o incesto, mas não tem nada contra o bestialismo, é isso?

O Bigodudo a encara com condescendência e dá mais alguns tapinhas no braço dela como se dissesse: “Calminha, calminha.”

– O que estou tentando dizer é que esses caras da universidade, que ficam abanando o diploma dizendo que religião e ciência não são compatíveis, não têm um pingo de imaginação. Esse é o problema. Os cientistas só enxergam através de seus microscópios. E os caras da religião só vêem o que está escrito na Bíblia. Nenhum deles enxerga a floresta, só as árvores.

– Ah, a floresta – disse Marianne. – Por acaso é a mesma da macaca atraente?

Então, de repente, o clima mudou. Ou talvez fosse apenas a imaginação de Marianne. O Bigodudo ficou mudo e a encarou por um bom tempo. Ela não gostou nada disso. Havia algo de diferente ali. Algo errado. Os olhos dele eram muito pretos e opacos, sem vida, como se jogados ali por obra de um acaso qualquer. Ele piscou e se aproximou dela.

Examinando-a.

– Puxa, princesa. Você estava chorando?

Marianne virou-se para a Piaçava, que também a examinava.

– Seus olhos estão vermelhos – prosseguiu ele. – Não quero me meter onde não fui chamado, mas… tudo bem com você?

– Tudo – disse Marianne. Teve a impressão de que estava enrolando a língua. – Eu só queria beber em paz.

– Claro – disse ele, erguendo as mãos. – Tudo bem. Eu não queria perturbar você.

Marianne fixou o olhar na bebida, esperando detectar algum movimento com a visão periférica. Não aconteceu nada. O Bigodudo ainda estava parado a seu lado.

Ela deu mais um grande gole na tequila. O bartender limpava uma caneca de cerveja com a destreza de quem já havia feito aquilo milhares de vezes. Marianne meio que esperava vê-lo cuspir na caneca, como faziam os garçons do Velho Oeste. O bar estava escuro. Do outro lado do balcão havia o clássico espelho de vidro fumê, para que as pessoas pudessem observar seus vizinhos sob uma luz menos cruel.

Marianne deu mais uma conferida no Bigodudo pelo espelho.

Ele estava olhando fixamente para ela. Marianne sentiu-se hipnotizada por aquele par de olhos opacos, incapaz de se mexer.

O olhar fixo lentamente se transformou num sorriso e Marianne sentiu um calafrio na nuca. Vendo o sujeito dar as costas e sair, suspirou aliviada.

Balançou a cabeça. Caim engravidando uma macaca… Com certeza.

Ela ergueu o copo com a mão trêmula. Aquela teoria absurda fora uma boa distração, mas os pensamentos sombrios não tardaram a voltar.

Marianne refletiu sobre o que havia feito. A idéia até que lhe parecera boa de início. Parecera mesmo? Será que ela tinha analisado todos os lados da questão? O ônus pessoal, as conseqüências para os outros, as vidas modificadas para sempre?

Provavelmente não.

O resultado foi mágoa. Injustiça. Fúria. E, sobretudo, aquele desejo primitivo e ardente de vingança. Não se tratava apenas daquela vingancinha bíblica (e por que não, evolucionista?) de “olho por olho, dente por dente”. Qual seria o melhor nome para o que ela fizera?

Retaliação em massa.

Marianne fechou os olhos e os esfregou. Sentiu o estômago roncar. Estresse, pensou. Reabrindo os olhos, teve a impressão de que o bar estava mais escuro do que antes. Sentiu a cabeça rodar.

Ainda era cedo demais para isso.

Quantas doses ela já havia tomado?

Marianne buscou apoio no balcão do mesmo modo que alguém se agarra ao colchão quando, deitando-se depois de uma noite de bebedeira, sente a cama rodar e teme ser arremessado janela afora pela força centrífuga.

Os roncos no estômago ficaram mais intensos. Os olhos se arregalaram subitamente quando ela sentiu uma pontada aguda no abdome. Marianne escancarou a boca, mas o grito não saiu, sufocado pela dor. Ela se debruçou sobre o balcão.

– Você está bem?

Era a voz da Piaçava. Parecia muito distante. A dor era terrível. A pior que ela havia sentido desde… bem, desde as dores do parto. Parir alguém: um pequeno teste de resistência por parte de Deus. *Ah, sabe essa criaturinha que você deverá amar mais que tudo pelo resto da vida?*

Quando ela sair, vai produzir uma dor que você nem imaginava que existia.

Belo começo para uma relação, não é?

Que explicação teria o Bigodudo para isso?

Giletes rasgando suas entranhas como se estivessem lutando para sair, era o que ela sentia agora. Não tinha a menor capacidade de formular qualquer pensamento racional. Havia sido consumida pela dor. Até se esquecera do que tinha feito, do estrago que causara, não apenas no passado recente, mas a vida inteira. Seus pais haviam murchado e envelhecido com as atitudes inconseqüentes da filha adolescente. Seu primeiro marido fora destruído pela constante infidelidade dela; o segundo, pela forma como era tratado. E também havia sua filha, as poucas pessoas com as quais ela conseguira conviver amigavelmente por mais de algumas semanas, os homens que ela havia usado antes de ser usada por eles…

Os homens. Talvez isso também tivesse alguma coisa a ver com vingança. Machucá-los antes de ser machucada.

Marianne estava certa de que iria vomitar.

– Banheiro… – foi só o que conseguiu dizer.

– Eu ajudo você.

Era a Piaçava de novo.

Marianne sentiu que ia despencar do banco. Mãos fortes a seguraram pelas axilas antes que ela caísse. Alguém – a Piaçava – a conduziu para os fundos. Ela seguiu trôpega até o banheiro. A garganta estava insuportavelmente seca. Era impossível erguer o tronco por causa das pontadas no estômago.

As mãos fortes ainda a mantinham de pé. Marianne olhava para baixo. Penumbra. Só o que conseguia ver eram seus próprios pés se arrastando, mal saindo do chão. Ela tentou levantar a cabeça, viu que o banheiro já estava perto e imaginou se teria forças para chegar até lá. Teve.

Mas seguiu em frente.

Guiada pela Piaçava, passou direto pela porta do banheiro. Tentou pisar no freio. Mas o cérebro não obedeceu ao comando. Tentou gritar, avisar à mulher que ela havia passado do banheiro, mas a boca também não articulava direito.

– Vamos sair por aqui – sussurrou a Piaçava. – Vai ser melhor.

Melhor?

Marianne sentiu o corpo sendo empurrado contra a barra de metal de uma saída de emergência. A porta cedeu. Saída dos fundos. A mulher tinha razão, pensou Marianne. Não fazia sentido emporcalhar o banheiro. Melhor sujar o beco de trás. Além disso, um pouco de ar fresco poderia ajudar.

A porta se escancarou e bateu com estrépito contra a parede externa. Marianne tropeçou para fora. O ar fresco de fato a fez se sentir melhor. Não completamente. A dor ainda estava lá. Mas o friozinho no rosto era bom.

Foi então que ela percebeu a van.

Uma van branca de vidros pretos. As portas traseiras estavam abertas, como uma bocarra prestes a devorá-la. E parado ao lado delas, esperando para receber Marianne e empurrá-la para dentro, estava o sujeito com o farto bigodão.

Marianne tentou endireitar o corpo, mas não conseguiu.

Foi arremessada pelo Bigodudo como se fosse um saco de batatas. Aterrissou no chão da van

com um baque. Ele subiu logo depois dela, fechou as portas e se aproximou. Marianne dobrava-se em posição fetal. O estômago ainda doía, mas o medo agora era maior.

O sujeito arrancou o falso bigode e abriu um sorriso. A van arrancou. A Piaçava devia estar dirigindo.

– Olá, Marianne – disse ele.

Ela não conseguia se mexer nem respirar. Ele se sentou ao lado dela, ergueu a mão fechada em punho e desferiu um soco em seu estômago.

A dor, antes lancinante, passava agora a uma nova dimensão.

– Cadê a fita? – perguntou o sujeito.

E começou a machucá-la de verdade.

2

— VOCÊS TÊM CERTEZA DE que querem ir adiante com isso?

Há ocasiões em que a gente salta do penhasco. Como naquele desenho animado do Papa-léguas: o Coiote sai em disparada e continua correndo mesmo depois de ultrapassar a borda do penhasco; de repente pára no ar, olha para baixo e sabe que vai despencar, que não há nada que possa fazer a respeito.

Mas, às vezes, talvez na maioria delas, a situação não é tão clara assim. Estamos no escuro, caminhando lentamente à beira do abismo, sem saber ao certo para onde estamos indo. Os passos são hesitantes, por causa da escuridão da noite. Não nos damos conta de como estamos próximos da borda, de que o solo pode sumir a qualquer momento, de que um mero escorregão pode nos lançar encosta abaixo.

Foi então que Mike percebeu que ele e Tia estavam nesta borda: quando o tal do instalador, um rapaz desleixado, com cabelos desgrenhados, braços finos e cheios de tatuagem, unhas grandes e sujas, olhou para trás e, numa voz demasiadamente solene para a pouca idade, fez a maldita pergunta.

Vocês têm certeza de que querem ir adiante com isso?

Nenhum deles deveria estar naquele quarto. Claro, Mike e Tia Baye estavam em sua própria casa, uma mansão como tantas outras nos subúrbios de Livingston, mas aquele quarto havia se transformado em território terminantemente proibido para eles, os inimigos. Mike percebeu que ainda havia ali uma quantidade surpreendentemente grande de resquícios do passado. Os troféus de hóquei não tinham sido recolhidos, mas, se antes pareciam dominar o ambiente, agora davam a impressão de estarem acuados no fundo das prateleiras. Pôsteres de Jaromir Jagr e de Chris Drury, o mais recente ídolo dos Rangers de Nova York, ainda podiam ser vistos nas paredes, mas haviam sido desbotados pelo sol ou talvez pela mera falta de atenção.

Mike se deixou levar pelas lembranças. Recordou-se de como o filho, Adam, gostava de ler as historinhas de horror da série *Goosebumps*, bem como o livro de Mike Lupica sobre jovens atletas que conseguiram vencer terríveis obstáculos. Costumava ler o caderno de esportes com o mesmo afinco que um erudito estuda o Talmude, com especial interesse nas estatísticas do hóquei. Mandava cartas para seus jogadores prediletos, pedindo autógrafos, e, quando os recebia, pregava-os na parede. Quando ia ao Madison Square Garden, insistia para ir até a saída dos jogadores na rua 32, na altura da Oitava Avenida, para conseguir alguns *pucks* [1] autografados.

Tudo isso já não fazia mais parte, senão daquele quarto, da vida de seu filho.

Adam havia crescido. Estava com 16 anos. Não era mais a criança de antes, mas um adolescente que caminhava a passos largos e difíceis rumo à vida adulta. O que era normal. Mas o quarto parecia resistir à passagem do tempo. Mike chegou a pensar que esse vínculo com o passado talvez trouxesse ao filho algum conforto. Talvez alguma parte de Adam desejasse voltar aos dias em que ele queria ser médico como o adorado pai, seu herói.

Talvez fosse otimismo demais.

O instalador – Mike não conseguia lembrar o nome dele, Brett, ou algo assim – repetiu a pergunta:
– Vocês têm certeza?
Tia estava de braços cruzados, o rosto circunspecto, aparentemente enregelado. Aos olhos de Mike, parecia mais velha, porém não menos bonita. Ela respondeu sem nenhuma dúvida, apenas com uma pontinha de exasperação:
– Sim, temos certeza.
Mike não disse nada.
O quarto do filho deles estava relativamente escuro, iluminado apenas pela luminária da escrivaninha. Eles falavam a meia-voz, embora não houvesse a menor possibilidade de que alguém os visse ou escutasse. Jill, sua filha de 11 anos, estava na aula. Adam viajara numa excursão da escola e só voltaria no dia seguinte. Não quisera ir, claro – excursões para ele agora eram um “mico” –, mas por algum motivo a viagem era obrigatória, e até mesmo o mais “vagaba” de seus colegas “vagabas” estaria lá para engrossar o coro dos descontentes.
– Vocês sabem como isto funciona, não sabem?
Tia fez que sim com a cabeça, em total sincronia com o não de Mike.
– O programa vai fazer um registro de cada tecla que o filho de vocês apertar – explicou Brett. – No fim do dia, a informação será compilada e um relatório será enviado por e-mail. Vai estar tudo lá: todos os sites que ele visitou, os e-mails que mandou ou recebeu, os chats de que participou. Se Adam abrir o PowerPoint ou criar um documento do Word, vocês também vão ficar sabendo. Tudo. Se quiserem, podem até monitorá-lo em tempo real. É só clicar nessa opção aqui.
Ele apontou para um pequeno ícone com as palavras LIVE SPY! num vermelho gritante. Mike correu os olhos pelo quarto. Os troféus de hóquei pareciam zombar dele. Era estranho que Adam não os tivesse tirado dali. Mike havia jogado hóquei nos tempos da universidade, em Dartmouth. Fora convocado pelos Rangers de Nova York, jogara na liga júnior durante um ano e até mesmo participara de dois jogos da liga principal. Adam havia herdado essa paixão pelo esporte. Aprendera a patinar aos 3 anos de idade. Jogara como goleiro no time infantil. As traves enferrujadas ainda estavam lá embaixo, diante da garagem, a rede puída pelo tempo. Mike passara um sem-número de horas felizes arremessando *pucks* para o filho. Adam era um ótimo goleiro, seguramente teria uma vaga na equipe de uma universidade qualquer, mas desistira de tudo seis meses atrás.
Assim, do nada. Aposentara o taco, a máscara, as joelheiras e braçadeiras, dizendo que não queria mais nada com aquilo.
Será que foi aí que tudo começou?
Teria sido esse o primeiro sinal de seu declínio, de seu recolhimento? Mike tentou respeitar a decisão do filho e não fazer como tantos pais impositivos que aparentemente igualam sucesso nos esportes a sucesso na vida. Mas, na verdade, ficou profundamente abalado.
No entanto, não mais que Tia.
– Estamos perdendo nosso filho – declarou ela.
Mike não tinha tanta certeza assim. Adam havia sofrido uma grande tragédia – o suicídio de um amigo – e, claro, ainda se debatia com aquela angústia típica dos adolescentes. Era mal-humorado e caladão. Ficava o tempo todo trancado no quarto, quase sempre debruçado sobre o

maldito computador, jogando, batendo papo ou fazendo sabe-se lá o quê. Mas não era isso que fazia a maioria dos adolescentes? Ele mal falava com os pais: raramente respondia às perguntas deles e, quando o fazia, recorria a monossílabos ou resmungos. Mas… o que havia de tão anormal nisso?

A monitoração tinha sido idéia de Tia. Ela era advogada criminalista no es critório da Burton & Crimstein em Manhattan. Um dos casos no qual trabalhara envolvia um esquema de lavagem de dinheiro comandado por um certo Pale Haley, que havia sido fisgado depois de ter seus e-mails monitorados pelo FBI.

Brett era o técnico de informática da empresa onde Tia trabalhava. Mike agora olhava para as unhas sujas dele, que estavam tocando o teclado de Adam. Era nisso que ele, Mike, não conseguia parar de pensar. Aquele sujeito com aquelas unhas nojentas estava no quarto de seu filho, fazendo o que bem entendia com seu bem mais precioso: aquele computador.

– Só mais um segundo – disse Brett.

Mike dera uma olhada no site da E-SpyRight. Tinha lido as primeiras chamadas, escritas em letras enormes e em negrito:

SEUS FILHOS TÊM SIDO ABORDADOS POR PEDÓFILOS?
SEUS FUNCIONÁRIOS ESTÃO ROUBANDO VOCÊ?

E depois, em letras ainda maiores, o argumento que fisgou Tia:

VOCÊ TEM O DIREITO DE SABER!

O site oferecia uma lista de testemunhos:

> *"O produto de vocês salvou minha filha do pior pesadelo que um pai pode ter: um predador sexual. Obrigado, E-SpyRight!"*
>
> *Bob – Denver, CO*

> *"Descobri que um de nossos mais confiáveis funcionários estava desfalcando a empresa. Mas não teria descoberto nada sem a ajuda do programa de vocês."*
>
> *Kevin – Boston, MA*

Mike havia resistido.

– É o nosso filho – argumentara Tia.

– Acha que não sei disso?

– Então? Não fica preocupado?

– Claro que fico. Mas…

– Mas o quê? Somos os pais dele. – Em seguida, como se estivesse relendo o site, emendou: – Temos o direito de saber.

– Temos o direito de invadir a privacidade dele?

– Para protegê-lo? Claro que temos. É o nosso filho.

Mike balançou a cabeça.

– Não só temos o direito – prosseguiu Tia, aproximando-se –, como também o dever.

– Seus pais sabiam de tudo o que você fazia?

– Não.
– Tudo o que você pensava? Todas as conversas que tinha com suas amigas?
– Não.
– Pois é disso que estamos falando.
– Pense nos pais de Spencer Hill – retrucou ela.
Isso fez Mike se calar. Eles se entreolharam.
– Se eles pudessem voltar no tempo – disse Tia, afinal –, se Betsy e Ron pudessem ter o filho deles de volta…
– Por favor, Tia.
– Não, escute. Se eles pudessem voltar no tempo, se o Spencer ainda estivesse vivo, você não acha que eles iam querer ficar de olho no filho, muito mais do que antes?
Spencer Hill, colega de Adam, havia se suicidado quatro meses antes. A experiência tinha sido devastadora não só para Adam como para todo o restante da turma.
– Você não acha que isso explica o comportamento de Adam?
– O suicídio de Spencer? – perguntou Tia.
– Claro.
– Até certo ponto, sim. Mas você sabe que ele já andava diferente. Isso apenas piorou as coisas.
– Então, se de repente nós déssemos mais um tempinho para ele…
– Não. – Tia foi categórica. – Essa tragédia torna o comportamento de Adam compreensível, mas não menos perigoso. Muito pelo contrário.
Mike refletiu um instante.
– Temos de contar a ele – disse afinal.
– Contar o quê?
– Que estamos monitorando o computador dele.
– Isso não faz o menor sentido – replicou Tia, com uma careta.
– Assim ele vai saber que está sendo vigiado.
– Não é como colocar um guarda de trânsito na cola de uma pessoa para que ela não ultrapasse o limite de velocidade.
– É exatamente isso.
– Ele vai continuar fazendo o que fazia antes na casa de um amigo, numa *lan house* ou sei lá onde.
– E daí? Temos de contar. Toda a intimidade do nosso filho está nesse computador.
Tia deu mais um passo à frente e pousou a mão no peito do marido. Mesmo agora, depois de tantos anos de casamento, o toque dela ainda lhe causava certo frisson.
– Adam está em apuros, Mike. Você não percebe isso? Nosso filho está em apuros. Talvez esteja bebendo, usando drogas, sei lá. Não dá para tapar o sol com a peneira.
– Não estou tapando o sol com a peneira.
– Você quer o caminho mais fácil – disse Tia, quase em tom de súplica. – O que você espera? Que tudo não passe de uma fase e que Adam logo saia dela?
– Não foi isso que eu disse. Mas pense um pouquinho. Essa tecnologia é muito nova. Todos os segredos, todas as emoções mais íntimas do nosso filho estão nesse computador. Você gostaria que seus pais soubessem de tudo sobre você?

– O mundo não é mais o mesmo – retrucou ela.
– Tem certeza?
– Qual é o problema? Somos os pais dele. Só queremos o bem do nosso filho.
Mike balançou a cabeça novamente.
– Ninguém quer saber tudo o que se passa na cabeça de uma pessoa – disse. – Certas coisas devem ser mantidas em privacidade.
Tia afastou a mão.
– Em segredo, você quer dizer.
– É.
– Você está dizendo que uma pessoa tem o direito de guardar segredos?
– Claro que tem.
Ela o fitou de um jeito estranho, do qual ele não gostou muito.
– Você também tem segredos? – perguntou ela.
– Não foi isso que eu disse.
– Esconde coisas de mim?
– Não. Mas também não quero que você fique sabendo de cada pensamento meu.
– Nem eu quero que você fique sabendo dos meus.
Os dois se calaram. Até que Tia, recuando alguns passos, disse:
– Mas se eu tiver que escolher entre proteger meu filho e respeitar a intimidade dele… Vou protegê-lo.
A discussão, que Mike não queria classificar como briga, durou um mês. Ele tentou seduzir o filho de volta. Convidava-o para ir ao shopping, ao fliperama, até mesmo a shows. E todos os convites eram recusados. Adam ficava na rua até altas horas, sem qualquer respeito pelas regras. Não aparecia mais para jantar. Suas notas começaram a despencar. A certa altura, concordou em se consultar com um terapeuta, que identificou sintomas de depressão. Disse que talvez fosse o caso de receitar algum medicamento, mas antes gostaria de ver Adam pelo menos mais uma vez. O garoto bateu o pé e disse que não ia.
Quando os pais insistiram, sumiu por dois dias. Nem sequer atendeu o celular. Mike e Tia entraram em pânico. No fim das contas, ele estava escondido na casa de um amigo.
– Estamos perdendo nosso filho – repetiu Tia.
O marido não disse nada.
– No fundo, Mike, não passamos de tutores dos nossos filhos. Cuidamos deles durante um tempo e depois eles se vão. Só quero uma coisa: que Adam permaneça vivo e saudável até o fim da nossa tutela. Depois é com ele.
Mike assentiu.
– Está bem, então – disse.
– Tem certeza?
– Não.
– Nem eu. Mas não consigo parar de pensar no Spencer.
Ele balançou a cabeça.
– Mike?
Mike olhou para a mulher e ela abriu aquele mesmo sorriso torto que ele vira pela primeira vez em Dartmouth, num dia frio de outono. O sorriso que, feito um saca-rolhas, perfurara seu

coração para nunca mais sair de lá.

– Amo você – disse ela.

– Também amo você.

E foi assim que eles concordaram em espionar o filho mais velho.

3

DURANTE TRÊS SEMANAS NÃO HOUVE nenhum e-mail ou mensagem instantânea que indicasse algum perigo ou desse qualquer pista. Até que a calmaria foi drasticamente interrompida.

O telefone na estação de trabalho de Tia zumbiu.

– Na minha sala, agora – disse uma voz ríspida.

Era Hester Crimstein, a "chefona" do escritório de advocacia onde Tia trabalhava. Hester ligava para seus subalternos pessoalmente, nunca pedia isso à secretária. E sempre parecia um tanto irritada, como se o funcionário tivesse a obrigação de antever que estava sendo requisitado e poupar a chefe do incômodo de chamá-lo, materializando-se na sala dela num passe de mágica.

Seis meses antes, Tia voltara a trabalhar como advogada na Burton & Crimstein. Burton morrera havia muitos anos. Crimstein, a célebre e temida Hester Crimstein dos tribunais, estava bem viva e em pleno comando das coisas. Era internacionalmente conhecida como uma espécie de enciclopédia do crime e até comandava um programa na TV paga, com o engenhoso nome de *Crimstein e o crime*.

– Tia? – rugiu Hester ao telefone. Parecia sempre estar rugindo.

– Estou indo.

Tia espremeu o relatório do E-SpyRight na primeira gaveta de sua mesa e seguiu pelo corredor: de um lado, as salas da velha guarda abençoadas pelo sol; do outro, as estações de trabalho claustrofóbicas dos demais funcionários. Na Burton & Crimstein vigorava um perfeito sistema de castas, com apenas uma entidade governante. Havia os sócios seniores, claro, mas Hester Crimstein não deixava o nome de nenhum deles aparecer na fachada.

Tia chegou ao espaçoso gabinete no fim do corredor. A assistente de Hester mal levantou os olhos quando ela passou. A porta da sala da chefe estava aberta, como de costume. Tia parou à entrada e se anunciou.

Hester andava de um lado para outro na sala. Era uma mulher baixa, mas não parecia pequena. Tinha um porte compacto que sugeria poder e até mesmo perigo. Ao caminhar, dava a impressão de que estava cercando uma presa.

– Preciso que você tome um depoimento em Boston, no sábado – disse ela sem nenhum preâmbulo.

Tia entrou na sala. Hester, com seus cabelos descoloridos e sempre arrepiados, em geral dava a impressão de estar preocupada com alguma coisa, mas ainda assim totalmente no controle da situação. Certas pessoas prendem nossa atenção. Hester Crimstein, na verdade, parecia que pegava seus interlocutores pela gola e os sacudia até obter deles a mais absoluta concentração.

– Claro, sem problema – disse Tia. – Qual é o caso em questão?

– Beck.

Tia já havia previsto.

– Aqui está o arquivo. Leve o especialista em informática com você. Aquele garoto com a

postura horrível e aquelas tatuagens monstruosas.
– Brett – disse Tia.
– Ele mesmo. Quero que vocês vasculhem o computador do cara.
Hester entregou a pasta e voltou a andar de um lado para outro.
Tia examinou o conteúdo e disse:
– É a testemunha do bar, não é?
– Exatamente. Pegue um vôo amanhã. Vá para casa e estude o caso.
– Tudo bem.
Hester parou de repente.
– Tia?
Tia estava folheando o arquivo, esforçando-se para se concentrar no caso, em Beck e no depoimento dele, bem como na oportunidade de ir a Boston. Mas o maldito relatório do E-SpyRight não lhe saía da cabeça. Ela olhou para Hester.
– Está preocupada com alguma coisa? – perguntou-lhe a chefe.
– Não, só com esse depoimento.
– Ótimo. Porque esse cara é um mentiroso miserável. Está me entendendo?
– Um mentiroso miserável – repetiu Tia.
– Isso mesmo. Definitivamente não viu o que afirma ter visto. Não tinha como. Entendeu?
– E você quer que eu prove isso?
– Não.
– Não?
– Na verdade, quero exatamente o contrário.
Tia franziu a testa, confusa.
– Acho que não entendi. Você *não* quer que eu prove que ele é um mentiroso miserável?
– Exatamente.
Tia encolheu os ombros ligeiramente e disse:
– Pode me explicar melhor?
– Claro. Quero que você se sente diante dele, faça um milhão de perguntas e fique balançando a cabeça lentamente. Use alguma coisa mais justa, talvez até com um decote mais ousado. E sorria o tempo inteiro, como se estivesse em um primeiro encontro e achasse tudo o que ele diz absolutamente fascinante. Em nenhum momento você vai se mostrar cética. Tudo o que ele disser será a mais pura verdade.
Tia fez que sim com a cabeça.
– Você quer que ele fale à vontade.
– Isso.
– Quer que tudo faça parte dos autos. Tudo o que ele tiver para contar.
– Isso.
– Para depois acabar com ele no tribunal.
Hester arqueou uma das sobrancelhas.
– Claro, mas com a tradicional elegância de Hester Crimstein.
– Tudo bem – disse Tia. – Entendido.
– Quero servir os ovos dele no café da manhã. Sua tarefa, dando continuidade à metáfora, é comprar os ingredientes. Acha que pode fazer isso?

E o relatório sobre o computador de Adam, o que fazer com ele? Bem, antes de mais nada, avisar Mike. Sentar com ele, repassar os pontos mais preocupantes, decidir o próximo passo…

– Tia?

– Claro que posso.

Hester deu um passo na direção de Tia. Era pelo menos uns 15 centímetros mais baixa que ela, embora aparentasse o contrário.

– Sabe por que escolhi você para essa tarefa? – perguntou.

– Porque me formei em Columbia, porque sou ótima no que faço e porque nos seis meses que trabalho aqui ainda não me deram nenhum caso realmente à minha altura?

– Nada disso.

– Então por quê?

– Porque você é velha.

Tia arregalou os olhos.

– Não desse jeito que você está pensando. Quer dizer, você tem o quê? Quarenta, quarenta e poucos? Tenho pelo menos 10 anos mais que você. Mas a maioria das pessoas neste escritório ainda está engatinhando. São bebês, doidos para dar uma de herói, para mostrar seu valor.

– E eu não?

Hester deu de ombros.

– Se fizer isso, estará na rua.

Sem encontrar o que dizer, Tia permaneceu calada. Baixou a cabeça e examinou o arquivo em suas mãos, embora o pensamento insistisse em voltar para o filho e aquele maldito computador, para o tal relatório.

Hester esperou um instante. Encarava Tia com o mesmo olhar com o qual costumava desestabilizar testemunhas nos tribunais. Tia olhou de volta, tentando não se deixar abalar.

– Por que você escolheu este escritório? – perguntou Hester.

– Quer saber a verdade?

– De preferência.

– Por sua causa – respondeu Tia.

– E eu deveria me sentir lisonjeada?

Tia deu de ombros.

– Você pediu a verdade. E a verdade é que sempre admirei seu trabalho.

– Eu sei, eu sei, eu sou o máximo – disse Hester, sorrindo. – Mas o que mais?

– É basicamente isso – disse Tia.

– Não – devolveu Hester. – Tem mais.

– Não sei do que você está falando.

Hester sentou-se do outro lado da mesa e apontou uma cadeira para que Tia se sentasse também.

– Quer que eu explique de novo? – falou.

– Adoraria.

– Você escolheu este escritório porque ele é comandado por uma feminista. Achou que eu entenderia seus motivos para ter ficado parada não sei quantos anos para criar seus filhos.

Tia não disse nada.

– Estou certa, não estou?

– Até certo ponto.
– Mas, veja bem: ser feminista não significa ajudar uma companheira de causa. Significa dar oportunidades iguais. Dar opções às mulheres, não garantias.
Tia esperou que ela continuasse.
– Você escolheu a maternidade. Não deve ser punida por isso. Nem privilegiada. Perdeu esses anos de trabalho. Saiu de campo. Não dá simplesmente para voltar, como se nada tivesse acontecido. Oportunidades iguais. Se um homem tivesse feito a mesma coisa, tirado um tempo para cuidar da família, seria tratado da mesmíssima forma, percebe?
Tia respondeu com um gesto neutro.
– Você disse que admirava meu trabalho – prosseguiu Hester.
– Disse.
– Optei por não ter uma família. E isso, você admira também?
– Não creio que seja o caso de admirar ou não.
– Exatamente. E o mesmo vale para a sua opção. Optei pela carreira. Não saí de campo. Portanto, no âmbito de uma carreira jurídica, agora estou à sua frente. Mas, no fim do dia, quando volto para casa, não tem cerquinha branca, não tem médico boa-pinta à minha espera, nem casal de filhos para abraçar. Está entendendo o que quero dizer?
– Estou.
– Ótimo. – Hester intensificou ligeiramente o célebre olhar e suas narinas latejaram. – Portanto, enquanto estiver nesta sala, na *minha* sala, você não vai pensar em outra coisa que não sejam os meus interesses ou a melhor forma de servir a eles. Não quero ninguém na minha frente pensando no que vai fazer para o jantar ou se o filho vai chegar atrasado ao treino de futebol, estamos entendidas?
Tia pensou em protestar, mas o tom de voz de Hester não havia deixado muito espaço para debates.
– Claro.
– Ótimo.
O telefone tocou e Hester atendeu.
– Diga. – Silêncio. – Aquele babaca. Falei que era para ele ficar de bico fechado. – Hester girou a cadeira, ficando de costas. Tia entendeu a deixa e saiu, desejando ardentemente que seus problemas se resumissem à porcaria de um jantar ou a um atraso do filho.
Parou no corredor, colocou a pasta debaixo do braço e pegou o celular. Apesar do sermão que acabara de ouvir, imediatamente voltou a pensar no e-mail que havia lido no relatório do E-SpyRight.
Os relatórios geralmente eram muito extensos. Adam navegava tanto e visitava tantos sites, tinha tantos “amigos” em páginas de relacionamento como MySpace e Facebook, que a monitoração resultava em impressões ridiculamente volumosas. Quase sempre, Tia não dava mais que uma rápida olhada, como se isso diminuísse o grau da invasão de privacidade, mas a verdade era que ela não suportava saber tanto a respeito do filho.
Tia voltou correndo para sua mesa. Lá estava a tradicional fotografia da família, todos os quatro empoleirados na escada de casa: Mike, Jill, Tia e, claro, Adam, num de seus raros momentos de transigência. Apesar dos sorrisos forçados, Tia muitas vezes já havia buscado alento nessa fotografia.

Ela tirou o relatório da gaveta, localizou o e-mail que tanto a havia assustado e o leu novamente. Nada tinha mudado. Pensando no que deveria fazer, concluiu que não poderia decidir sozinha.

Só então digitou a mensagem no celular. Selecionou o número de Mike e enviou.

♦♦♦

Mike ainda estava com os patins de gelo nos pés quando recebeu a mensagem.

– É da Gestapo? – perguntou Mo.

Mo já havia descalçado os patins. O vestiário, como todos os vestiários dos rinques de hóquei, fedia terrivelmente. O problema era o suor que se acumulava nas braçadeiras e joelheiras. Um enorme ventilador girava de um lado para o outro. Não ajudava muito. Os jogadores sequer o notavam. Se um desavisado entrasse ali, correria o risco de desmaiar com o fedor.

Mike viu que era o número da mulher.

– Ela mesma – disse.

– Ih, rapaz, sujou.

– Pois é. Mensagem de texto. Sujou.

Mo fez uma careta. Eles eram amigos desde os tempos de Dartmouth. Tinham jogado juntos na equipe universitária: Mike, o grande artilheiro da ponta esquerda, e Mo, o grandão da defesa. Quase 25 anos depois de formados – Mike agora um cirurgião de transplantes, e Mo, agente da CIA –, ainda jogavam nas mesmas posições.

Os outros jogadores pelejavam para se aliviar do pesado uniforme. Estavam ficando velhos, e o hóquei era um esporte para gente jovem.

– Ela sabe que hoje é a noite do hóquei, não sabe?

– Sabe.

– Então não devia ter ligado.

– Foi só uma mensagem de texto, Mo.

– Você dá um duro danado naquele hospital a semana inteira – disse ele, com aquele sorrisinho que não deixava ninguém saber se estava brincando ou falando sério. – A noite do hóquei é sagrada. Ela já devia saber disso.

Mo estava lá naquele dia frio de outono quando Mike viu Tia pela primeira vez. Na verdade, fora o primeiro a vê-la. Eles jogariam em casa a primeira partida do campeonato, contra a equipe de Yale. Ambos cursavam o terceiro ano. Tia estava nas arquibancadas. Durante o aquecimento, quando os jogadores simplesmente patinam em círculos enquanto se alongam, Mo dera uma cotovelada no amigo e apontara o queixo na direção de Tia, dizendo:

– Que peitos!

Foi assim que tudo começou.

Mo defendia a seguinte tese: eles jamais teriam de brigar por causa de mulher. Mo sempre ficaria com aquelas que se sentiam atraídas pelo tipo *bad boy*, e Mike, com as que sonhavam com cercas brancas e bebês. Portanto, lá pelo terceiro tempo do jogo, com Dartmouth vencendo por uma margem bastante confortável, Mo provocou uma briga e cobriu de pancada um dos jogadores de Yale. Enquanto socava o adversário, virou-se para a arquibancada, piscou para

Tia e avaliou a reação dela.

Os árbitros apartaram a briga. A caminho do espaço onde ficavam os jogadores temporariamente suspensos, ele se aproximou de Mike e sussurrou: “É sua.”

Palavras proféticas. Eles se encontraram numa festa depois do jogo. Tia chegara acompanhada de um formando no qual não tinha o menor interesse. Ela e Mike ficaram conversando sobre seus respectivos passados. Mike disse logo de cara que pretendia ser médico e ela quis saber em que momento da vida ele havia descoberto a vocação.

– Acho que sempre soube – dissera ele.

Tia não aceitou a resposta. Quis mais detalhes: ele logo veria que aquele era o jeito dela. Por fim, Mike se surpreendeu ao confessar que havia sido uma criança bastante adoentada e que os médicos tinham se tornado seus heróis. Ela ouvira tudo de um modo que ninguém jamais fizera nem faria. Eles mergulharam de cabeça nessa relação. Jantaram juntos no refeitório do campus. E marcaram de estudar em seguida. Mike apareceu na biblioteca com velas e uma garrafa de vinho.

– Você se importa se eu ler a mensagem dela? – perguntou Mike.

– Essa mulher é um pé no saco.

– Então diga isso a ela, Mo. Não se iniba.

– Se você estivesse na igreja, ela mandaria uma mensagem?

– Tia? Provavelmente.

– Está bem, leia. Depois diga a ela que estamos indo para uma boate de striptease.

– O.k., deixe comigo.

Mike leu a mensagem:

> Precisamos conversar. Sobre o relatório do computador.
> Venha direto para casa.

Mo percebeu a expressão no rosto do amigo.

– O que foi? – perguntou.

– Nada.

– Ótimo. Então a boate de strip ainda está de pé, não está?

– A gente nunca falou de boate nenhuma.

– Você é daqueles veadinhos que preferem falar “clube privê”, aposto.

– Seja como for, não posso ir.

– Ela mandou você voltar para casa?

– Estamos com um problema.

– Que problema?

A palavra “pessoal” não fazia parte do vocabulário de Mo.

– Adam – respondeu Mike.

– Meu afilhado? O que houve com ele?

– Ele não é seu afilhado.

Mo não era o padrinho de Adam porque Tia não havia permitido. Mas isso não o impedia de achar que era. Na cerimônia do batismo, ele se plantara ao lado do irmão de Tia, o verdadeiro padrinho. Mo apenas olhou para ele e, intimidado, o irmão de Tia não dissera nada.

– Então, o que houve?

– Não sabemos ainda.
– O problema de Tia é que ela é superprotetora. Você sabe disso.
Mike guardou o celular.
– Adam abandonou o hóquei.
Mo fez uma careta como se Mike tivesse acabado de dizer que o filho havia se filiado a uma seita diabólica ou aderido ao bestialismo.
– Uau.
Mike desatou os patins e os descalçou.
– E por que você não me contou antes? – perguntou Mo.
Mike encaixou os protetores nas lâminas e desabotoou as ombreiras. Outros jogadores passavam por ele, despedindo-se. Mesmo fora do gelo, a maioria achava melhor ficar longe de Mo.
– Fui eu que trouxe você para cá – disse Mo.
– E daí?
– E daí que você deixou seu carro no hospital. Não vou perder tempo levando você até lá. Vamos direto para sua casa.
– Acho que não é uma boa idéia.
– Que se dane. Quero ver meu afilhado. E descobrir o que vocês aprontaram com ele.

4

ASSIM QUE MO DOBROU A ESQUINA, Mike avistou Susan Loriman, sua vizinha, no jardim da casa dela. Ela fingia estar ocupada com alguma coisa, plantando ou limpando um canteiro, mas Mike não se deixou enganar. Eles estacionaram diante da garagem dos Baye. Mo olhou para a mulher de quatro no chão.

– Uau, que bunda.

– O marido também deve achar.

Susan Loriman ficou de pé. Mo a observou.

– É, mas o marido dela é um babaca.

– De onde você tirou isso?

– Aqueles carros – respondeu Mo, apontando com o queixo.

Na garagem da vizinha destacava-se a peça de resistência do marido: um Corvette vermelho turbinado. O outro carro era uma BMW 550i, ao passo que Susan dirigia uma minivan Dodge Caravan grafite.

– Qual o problema com os carros?

– São dele?

– São.

– Tenho uma amiga – disse Mo. – A mulher mais gostosa que você pode imaginar. Hispânica ou latina, uma coisa assim. Fazia luta livre com o pseudônimo de Pocahontas, você deve lembrar, quando eles mostravam aquelas gostosas no Canal 11 de manhã.

– Lembro.

– Então. Pocahontas me contou uma coisa que costuma fazer. Sempre que um cara numa máquina dessas pára do lado dela, faz o motor rugir e dá aquela olhada, sabe o que ela diz?

Mike fez que não com a cabeça.

– "Sinto muito pelo pau pequeno."

Mike não pôde deixar de rir.

– "Sinto muito pelo pau pequeno." Só isso. Não é ótimo?

– É – admitiu Mike. – Muito bom.

– Depois dessa, o que o cara pode dizer?

– Nada, não é?

– Então. Esse seu vizinho. O marido, certo? Tem duas máquinas. O que você acha que isso quer dizer?

Susan Loriman olhou para eles. Mike sempre a achara muito atraente, a coroa gostosa do bairro, como os adolescentes diziam, embora achasse a expressão grosseira. Nunca pensara em ter nada com ela, mas não estava morto e era impossível não notá-la. Susan tinha cabelos compridos, tão pretos que pareciam azuis, e, no verão, costumava prendê-los num rabo-de-cavalo, usava shortinhos bem curtos, óculos escuros elegantes e um sorriso ligeiramente malicioso nos lábios vermelhos.

Quando seus filhos eram pequenos, Mike costumava encontrá-la no parquinho da avenida

Maple. Gostava de olhar para ela, mas isso não significava nada. Conhecia um homem que havia escolhido o filho de Susan Loriman para fazer parte de um time infantil de beisebol com o único intuito de vê-la nos jogos.

Nesse dia ela estava sem óculos e seu sorriso era forçado.

– Parece triste – disse Mo.

– É. Olhe, espere aqui um segundinho, o.k.?

Mo estava prestes a fazer um comentário maldoso qualquer quando percebeu algo na expressão da mulher.

– Claro.

Mike se aproximou. Susan visivelmente fazia um esforço para manter o sorriso, mas ele já estava desaparecendo.

– Oi.

– Olá, Mike.

Ele sabia por que ela estava ali, fingindo cuidar do jardim. Não a fez esperar.

– O resultado da tipagem de tecidos do Lucas só ficará pronto amanhã de manhã.

Ela engoliu em seco e fez que sim com a cabeça, um tanto rápido demais.

– Tudo bem.

A vontade de Mike era esticar o braço e tocá-la. Se estivessem em um consultório, talvez o fizesse. Os médicos têm esse hábito. Mas ali, naquele jardim, isso seria estranho. Em vez disso, optou por uma frase feita.

– A Dra. Goldfarb e eu faremos tudo o que estiver ao nosso alcance.

– Eu sei, Mike.

Lucas, o filho de Susan, estava com 10 anos e tinha glomerulosclerose segmentar e focal, ou GESF, e precisava desesperadamente de um transplante de rim. Embora fosse um dos mais conceituados cirurgiões na área de transplantes no país, Mike havia encaminhado o caso de Lucas para sua colega de consultório, Ilene Goldfarb, chefe do setor de transplantes do NewYork-Presbyterian Hospital e a melhor cirurgiã que ele conhecia.

Ele e Ilene lidavam com pessoas como Susan diariamente. Apesar da ladainha de praxe sobre a necessidade de separar as coisas, Mike ainda tinha grande dificuldade para digerir a morte de um paciente. Ficava remoendo o assunto durante a noite. Buscando culpas. Puto da vida. A morte nunca era bem-vinda ou bem aceita. Mike a via como sua grande inimiga, um constante desacato, e jamais permitiria que a filha-da-puta fincasse as garras em Lucas.

O caso de Lucas Loriman, claro, era superpessoal. E esse fora o principal motivo para Mike tê-lo passado para a Dra. Goldfarb. Ele conhecia o menino. Lucas era um tipinho nerd, doce demais para seu próprio bem, sempre com os óculos escorregando pelo nariz e cabelos desgrenhados que só baixavam a muito custo. Adorava esportes, mas era péssimo em qualquer um deles. Quando Mike treinava com Adam diante da garagem, Lucas costumava se aproximar de mansinho para assistir. Mike poderia lhe oferecer um taco, mas o garoto jamais aceitaria. Sabia desde pequeno que não tinha a menor vocação para ser atleta, então, preferia fazer a narração: "O Dr. Baye está de posse do disco, faz uma finta para a esquerda, mira no espaço entre as pernas do goleiro e… brilhante defesa de Adam Baye!"

Mike lembrou-se disso, do simpático menino empurrando os óculos para cima com o indicador, e novamente pensou: "Não vou deixar esse garoto morrer."

– Você tem dormido? – perguntou ele.
Susan Loriman encolheu os ombros.
– Quer que eu receite alguma coisa?
– Dante não acredita em nada disso.
Dante Loriman era o marido. Mike não quisera admitir, mas o diagnóstico de Mo havia sido perfeito: ele era mesmo um babaca. Por fora até que era simpático, mas o jeito de olhar não deixava dúvida quanto ao que se passava por dentro. Corriam boatos de que tinha vínculos com a Máfia, muito provavelmente inspirados só na aparência: os cabelos engomados para trás, as camisetas justas, o excesso de perfume, as jóias espalhafatosas. Tia adorava tirar um sarro dele: "Até que é bom variar um pouco desse monte de mauricinhos." No entanto, Mike sempre ficava com a impressão de que havia algo errado com ele, talvez a atitude machista de querer demonstrar ser algo que no fundo sabia que não era.
– Quer que eu fale com ele? – perguntou Mike.
Susan fez que não com a cabeça.
– Vocês são clientes da Drug Aid na Maple, não são?
– Somos.
– Vou autorizar uma receita por telefone. Você pode buscar o medicamento depois, se quiser.
– Obrigada, Mike.
– Nos vemos amanhã de manhã.
Mike voltou para o carro. Mo o esperava com os braços cruzados no peito. Colocara os óculos escuros e estava se achando o máximo.
– Ela é sua paciente? – quis saber.
Mike passou direto por ele. Jamais falava sobre os pacientes. Mo sabia disso.
Então parou um segundo diante de sua própria casa, olhou para ela e se perguntou por que as casas pareciam tão frágeis quanto as pessoas que ele atendia. Tanto para a esquerda quanto para a direita, a rua estava cheia delas, praticamente idênticas, povoadas por casais que haviam migrado sabe-se lá de onde, olhado para aquela estrutura à sua frente e pensado: "É aqui que vamos viver nossa vida, criar nossos filhos, proteger nossos sonhos. Bem aqui. Nesta bolha de sabão."
Ele abriu a porta.
– Alguém em casa?
– Pai! Tio Mo!
Era Jill, sua princesinha, correndo para ele com um grande sorriso no rosto. Mike, como todos os pais, imediatamente sentiu o coração se aquecer. Quando uma filha sorri assim, o pai, não importa qual seja sua posição no mundo, sente-se um rei.
– Oi, meu amor.
Jill abraçou Mike e depois Mo, passando suavemente de um para outro. Movia-se com a fluidez de um político em busca de votos numa multidão. Atrás dela, encolhida num canto, encontrava-se sua amiga Yasmin.
– Olá, Yasmin – cumprimentou Mike.
Os cabelos da menina cobriam seu rosto como um véu. A voz não passava de um sussurro.
– Olá, Dr. Baye.
– Vocês têm balé hoje, não têm?

Jill desferiu um olhar de advertência na direção do pai, de um jeito quase inadmissível para uma criança de 11 anos.

– Paaaai… – ela sussurrou.

Então ele lembrou. Yasmin havia abandonado o balé. Na verdade, abandonara todas as atividades extracurriculares por conta de um incidente na escola alguns meses antes. Um professor delas, o Sr. Lewiston, um cara legal que de vez em quando recorria a palhaçadas para manter o interesse da turma, fizera uma brincadeira de mau gosto, dizendo que Yasmin tinha pêlos no rosto. Mike não sabia dos detalhes. O professor se desculpou imediatamente, mas o estrago pré-adolescente já havia sido feito. Os colegas passaram a chamar Yasmin de "XY", como no cromossomo, ou simplesmente de "Y", que também era a inicial do nome dela, mas sobretudo outra maneira de implicar com a menina.

As crianças, como todo mundo sabe, podem ser bastante cruéis.

Jill permanecera ao lado da amiga, redobrando os esforços para reintegrá-la na turma, o que havia deixado Mike e Tia muito orgulhosos da filha. Apesar da desistência de Yasmin, Jill ainda adorava as aulas de balé. Aliás, adorava tudo o que fazia: dedicava-se a cada uma de suas atividades com tamanha energia e entusiasmo que todos a seu redor invariavelmente acabavam motivados também. Natureza versus cultura, a eterna controvérsia: dois filhos, Adam e Jill, criados pelos mesmos pais, mas com personalidades completamente diferentes.

A natureza sempre levava a melhor.

Jill puxou Yasmin pela mão.

– Venha comigo – disse. – Até mais, pai. Tchau, tio Mo.

– Tchau, linda! – disse Mo.

– Aonde vocês vão? – quis saber Mike.

– Mamãe nos mandou sair. Vamos dar uma volta de bicicleta.

– Não se esqueçam dos capacetes, hein?

Jill revirou os olhos, mas de um jeito bem-humorado.

Dali a pouco, Tia saiu da cozinha e arqueou as sobrancelhas ao ver Mo.

– O que ele está fazendo aqui?

– Soube que vocês estão espionando seu filho – respondeu o próprio Mo. – Muito bom.

Tia fulminou o marido com o olhar. Mike simplesmente deu de ombros. Tratava-se, afinal, daquele eterno joguinho entre Mo e Tia: apesar das incessantes provocações, um faria tudo o que fosse preciso pelo outro.

– Na verdade, achei a idéia ótima – disse Mo.

Mike e Tia olharam para ele surpresos.

– Que foi? Tem alguma coisa na minha cara?

– Achei que você tivesse dito que o estávamos superprotegendo.

– Não. Falei que *Tia* é superprotetora.

Tia mais uma vez lançou aquele olhar fulminante para o marido. Subitamente Mike se deu conta de onde Jill tinha aprendido a silenciá-lo com o olhar. Jill era a pupila, e Tia, a mestra.

– Mas, nesse caso – prosseguiu Mo –, por mais que me custe dizer isso, acho que ela agiu certo. Vocês são os pais. Precisam saber de tudo.

– Você não acha que ele tem direito a privacidade?

– Direito? – Mo franziu as sobrancelhas. – Adam não passa de um moleque burro. Todos os

pais espionam os filhos de um jeito ou de outro, certo? É isso que devem fazer. Vocês não olham o boletim deles? Não conversam com os professores para saber o que têm feito na escola? Não decidem o que eles comem, onde eles moram e tudo mais? Então? Vocês só estão dando um passo adiante.

Tia balançava a cabeça, concordando.

– Sua função é criar seus filhos, não mimá-los. São vocês que decidem o grau de independência que darão a eles. Vocês estão no controle e sabem disso. Uma família não é uma democracia. Vocês não precisam controlar todos os mínimos detalhes, mas têm de interferir sempre que acharem necessário. Informação é poder. Os governos abusam da informação porque nunca estão pensando no bem das pessoas. Mas vocês querem o melhor para Adam. Além disso, são inteligentes. Então, qual é o problema?

Mike simplesmente olhou para ele.

– Mo? – disse Tia.

– Que foi?

– Será que estamos tendo um momento de ternura?

– Pelo amor de Deus, espero que não. – Mo se acomodou num dos bancos da cozinha. – Então, o que vocês já descobriram?

– Não me leve a mal – disse Tia –, mas acho que já está na hora de você ir embora.

– O garoto é meu afilhado. Também só quero o bem dele.

– Adam não é seu afilhado. E como você mesmo acabou de dizer, ninguém tem mais interesse em proteger os filhos que os próprios pais. E, por maior que seja o seu carinho por ele, você nem é o padrinho.

Mo se limitou a olhar para Tia.

– Que foi? – perguntou ela.

– Detesto quando você tem razão.

– Como você acha que estou me sentindo? – disse Tia. – Eu tinha certeza de que espionar Adam era a coisa certa a fazer, pelo menos até você concordar.

Mike observava a cena. Tia a todo instante mordia o lábio inferior, o que só fazia quando estava realmente preocupada, quase em pânico. Mike sabia que aquelas brincadeiras não passavam de encenação.

– Mo – disse ele.

– O.k., o.k., já entendi. Estou indo. Só uma coisa.

– O quê?

– Posso dar uma olhada no seu celular?

– Por quê? – perguntou Mike, desconfiado. – O seu não está funcionando?

– Só quero dar uma olhada, o.k.?

Mike deu de ombros e passou o celular para o amigo.

– Qual é a sua operadora?

Mike respondeu.

– E vocês todos têm o mesmo tipo de telefone, inclusive o Adam?

– Sim.

Mo ficou encarando o celular de Mike durante um tempo. Mike olhou para Tia. Ela encolheu os ombros. Por fim, Mo devolveu o aparelho.

– Que história foi essa agora? – perguntou Mike.
– Outra hora eu conto – disse Mo. – Por enquanto, fiquem de olho nesse garoto.

5

– ENTÃO, O QUE FOI QUE VOCÊ encontrou no relatório? – perguntou Mike.

Eles estavam sentados à mesa da cozinha. Tia já havia preparado o café: descafeinado para ela, *espresso* puro para ele. Um dos pacientes de Mike trabalhava para uma empresa que fazia máquinas de café com sachês em vez de filtros e lhe dera uma de presente depois de um transplante bem-sucedido. A máquina era bastante simples: bastava escolher o sachê, encaixar no lugar certo e apertar um botão.

– Duas coisas – respondeu Tia.

– Diga.

– Primeiro: ele foi convidado para uma festa amanhã na casa dos Huff.

– E daí?

– E daí que os Huff vão viajar no fim de semana. Segundo o e-mail, eles vão passar a noite inteira fazendo bobagem.

– O quê? Bebida, drogas?

– O e-mail não diz. O plano deles é inventar uma desculpa para passar a noite lá, "chapados", como está escrito.

Os Huff. Daniel Huff, o pai, era capitão da guarda municipal. Seu filho, que todos chamavam de DJ, era provavelmente o mais encrenqueiro da turma.

– Que foi? – perguntou Tia, diante do silêncio do marido.

– Estou processando a informação.

– Quem é essa pessoa que estamos criando, Mike?

Ele não respondeu.

– Sei que você não quer ler os relatórios, mas… – Ela fechou os olhos.

– O quê?

– Adam visita sites de pornografia – respondeu Tia. – Você sabia disso?

Ele não disse nada.

– Mike?

– Então, o que você quer fazer sobre isso? – ele devolveu.

– Você não acha errado?

– Na idade dele, eu lia a *Playboy* escondido.

– É diferente.

– Será? Era o que tínhamos na época. Não existia internet. Se existisse, é bem provável que eu fizesse a mesma coisa, tudo para ver uma mulher pelada. São coisas do nosso tempo. A pornografia está por todo lado. E se um garoto de 16 anos não tivesse interesse em ver mulher pelada, aí, sim, eu acharia estranho.

– Quer dizer então que você aprova.

– Não, claro que não aprovo. Só não sei o que fazer.

– Fale com ele – sugeriu Tia.

– Já falei – disse Mike. – Já tivemos a conversa da cegonha. Já expliquei que sexo é muito

melhor quando é feito com amor. Tentei mostrar a importância de respeitar as mulheres, de não tratá-las como objetos.

– Essa última parte… – disse Tia. – Acho que ele não entendeu.

– Nenhum garoto entende. Meu Deus, tem um monte de homens que não entende.

Tia tomou um gole de café, deixando sua próxima pergunta pairando no ar.

Mike observava as ruguinhas que haviam surgido em torno dos olhos dela. Tia passava horas diante do espelho examinando-as. Todas as mulheres têm problemas com o próprio corpo, mas Tia sempre fora razoavelmente segura de si. Nos últimos tempos, no entanto, vinha se mostrando cada vez menos satisfeita com o que via no espelho. Começara a tingir os cabelos. Reparava nas rugas, nas bolsas, em todos os sintomas normais do envelhecimento. E se aborrecia.

– Com os adultos é diferente – disse ela.

Mike pensou em dizer algo para reconfortá-la, mas achou melhor deixar para lá.

– Abrimos uma caixa de Pandora – prosseguiu Tia.

Mike esperava que ela ainda estivesse falando de Adam.

– É. Abrimos.

– Eu quero saber, mas ao mesmo tempo detesto saber.

Mike pegou a mão da mulher.

– O que vamos fazer a respeito dessa festa?

– O que você sugere?

– Não podemos deixá-lo ir.

– Vamos proibi-lo de sair, é isso?

– Acho que sim.

– Mas ele disse que iria com Clark para a casa de Olivia Burchell, ficar batendo papo. Se não deixarmos, ele vai desconfiar.

Mike deu de ombros.

– Paciência. Somos pais. Temos o direito de ser irracionais.

– Tudo bem. Então vamos dizer que queremos que ele fique em casa amanhã à noite?

– É.

Tia mordeu o lábio inferior.

– Ele se comportou bem a semana inteira, fez todos os deveres de casa. Geralmente tem permissão para sair nas noites de sexta.

Não seria fácil e eles sabiam disso. Mike estava preparado para a briga, mas não sabia se queria uma. Eles precisavam pensar bem no que fariam. Além disso, Tia estava certa: proibir Adam de ir à casa de Olivia levantaria suspeitas.

– E se estabelecermos um horário para ele voltar? – sugeriu.

– E o que vamos fazer se ele não respeitar o horário? Buscá-lo na casa dos Huff?

Mais uma vez Tia estava certa.

– Hester me chamou na sala dela hoje – falou. – Quer que eu vá a Boston amanhã tomar um depoimento.

Mike sabia quanto isso era importante para a mulher. Desde que fora contratada, Tia só era encarregada de pequenas tarefas.

– Que bom – disse ele.

– É, mas isso significa que não vou estar em casa.

– Não se preocupe, posso cuidar das coisas.
– Jill vai dormir na casa de Yasmin. Não estará por aqui.
– Está bem.
– Então, alguma idéia para impedir Adam de ir à festa?
– Vou ter de pensar um pouquinho – disse Mike. – Talvez me ocorra alguma coisa.
– O.k.
Mike percebeu algo na expressão de Tia. Só então se lembrou.
– Você disse que tinha duas coisas para me contar.
Ela fez que sim com a cabeça e seu rosto mudou um pouco. Num jogo de pôquer essa simples nuança seria uma dica. É o que acontece nos casamentos duradouros: a certa altura os parceiros começam a ler os pensamentos um do outro, ou param de tentar escondê-los. Mike sabia que a notícia que estava por vir não seria nada boa.
– Uma conversa num desses programas de mensagens instantâneas – disse Tia. – Foi há dois dias.
Ela abriu a bolsa e pegou a transcrição. Mensagens instantâneas. Era assim que a garotada conversava agora: textos trocados em tempo real numa tela de computador. Os pais, que haviam passado boa parte da adolescência pendurados ao telefone conversando com os amigos, não viam com bons olhos esse avanço da tecnologia. Mas para Mike não havia problema algum nisso. Sua geração usara o telefone, a nova tinha torpedos e mensagens instantâneas. Era a mesma coisa. Tratava-se da mesma hipocrisia daqueles que recriminavam os videogames dos filhos segundos antes de entrarem num ônibus para tentar a sorte nos cassinos de Atlantic City.
– Dê uma olhada.
Mike colocou os óculos de leitura. Fazia poucos meses que passara a usá-los e detestava esse incômodo. O apelido de Adam no programa de mensagens era HockeyAdam1117. O mesmo apelido de anos. O número era uma combinação do 11 de Mark Messier, seu ídolo do hóquei, com o 17 do próprio Mike, a camisa que ele usava nos tempos de Dartmouth. Era estranho que Adam não o tivesse mudado. Ou talvez fizesse todo sentido. Ou talvez não tivesse significado nenhum, o que era o mais provável.

CeeJay8115: Td bem c/ vc?
HockeyAdam1117: Ainda acho q a gente devia contar.
CeeJay8115: Ja faz muito tempo. Fica de bico calado q a gente se safa.

Segundo a indicação da hora, passou um minuto inteiro sem nenhuma digitação.

CeeJay8115: Vc ta aí?
HockeyAdam1117: To.
CeeJay8115: Td ok?
HockeyAdam1117: Td.
CeeJay8115: Bom. A gente se ve na sexta.

A conversa terminava aí.
– “Fica de bico calado que a gente se safa” – repetiu Mike.
– É.
– O que você acha que isso quer dizer? – perguntou ele.
– Não faço a menor idéia.

– Pode ser alguma coisa na escola. De repente eles viram alguém colando numa prova, sei lá.
– Pode ser.
– Também pode ter a ver com um desses joguinhos de aventura que eles jogam on-line.
– Pode ser – repetiu Tia, visivelmente cética.
– Quem será CeeJay8115? – perguntou Mike.
– Sei lá – disse Tia, balançando a cabeça. – É a primeira vez que vi mensagens entre Adam e ele.
– Ou ela.
– Certo, ou ela.
– "A gente se vê na sexta." Quer dizer que CeeJay8115 também vai estar na casa dos Huff. Será que isso nos ajuda de alguma forma?
– Não vejo como.
– Então, vamos tentar falar com ele sobre isso?
Tia fez que não com a cabeça.
– É muito vago, você não acha?
– Acho – concordou Mike. – E ainda por cima teríamos de confessar o que estamos fazendo.
Seguiu-se um momento de silêncio. Mike releu a transcrição. Nada havia mudado.
– Mike? – disse Tia afinal.
– Hmm.
– Sobre o que Adam tem que ficar de bico calado para se safar?

Dentro da van, Nash sentava-se no banco do carona, o bigodão guardado no bolso. Pietra, já sem as piaçavas da peruca, dirigia.

Na mão direita, Nash segurava o BlackBerry Pearl de Marianne, com o qual ela podia trocar e-mails, tirar fotos, gravar e ver vídeos, escrever textos, sincronizar agenda e livro de endereços com o computador de casa e até telefonar.

Nash apertou o botão. O monitor se iluminou, revelando uma foto da filha de Marianne. Ele ficou olhando para a menina durante um tempo. Que pena, pensou. Em seguida apertou o ícone do correio eletrônico, localizou os endereços que queria e começou a digitar:

> Oi! Estou indo para Los Angeles e volto daqui a algumas semanas. Entro em contato assim que chegar.

Assinou "Marianne", copiou o texto, colou em outras duas mensagens e, por fim, enviou. As pessoas que conheciam Marianne não ficariam muito preocupadas. Segundo ele pôde deduzir, era assim que ela agia: sumia do mapa e voltava de repente.

Mas dessa vez… bem, dessa vez ela sumiria mesmo.

Pietra havia adulterado a bebida de Marianne enquanto Nash a entretinha com a teoria de Caim com a macaca. Nash a espancara na van, violenta e demoradamente. De início para causar dor. Queria fazê-la falar. Então, quando teve certeza de que ela dissera tudo, a espancou até a morte. Era um homem paciente. Queria fraturar o maior número possível dos 14 ossos que compõem a face humana.

Nash havia golpeado o rosto de Marianne com precisão quase cirúrgica. Certos golpes

tinham o propósito de neutralizar o oponente, eliminar qualquer possibilidade de reação. Outros provocavam dores terríveis. Nash conhecia todos eles. Além disso, sabia como aplicar toda sua força sem se machucar e era capaz de identificar o melhor momento para usar as palmas das mãos.

Pouco antes de Marianne morrer, quando ela já ofegava por causa do sangue acumulado na garganta, Nash fez o que sempre fazia nessas circunstâncias. Parou e se certificou de que ela ainda estava consciente. Em seguida buscou o olhar dela, viu o terror estampado nele e disse:

– Marianne?

Ele queria a atenção de sua vítima e conseguiu. Depois sussurrou as últimas palavras que ela ouviria:

– Por favor, diga a Cassandra que estou morrendo de saudades.

Então, finalmente, a deixou morrer.

A van era roubada. As placas haviam sido devidamente trocadas. Nash pulou para o banco de trás. Colocou uma bandana enrolada na palma da mão de Marianne e fechou os dedos dela sobre o pano. Usou uma gilete para rasgar as roupas dela. Quando a vítima estava nua, ele pegou roupas limpas em um saco e, apesar da dificuldade, conseguiu vesti-las no corpo inerte. O top rosa ficara justo demais, mas a idéia era exatamente essa. A saia de couro era ridiculamente curta.

Pietra os havia escolhido.

Eles tinham seqüestrado Marianne num bar em Teaneck, Nova Jersey. Agora já estavam no miserável Fifth Ward de Newark, conhecido por seus mendigos e assassinatos. O plano era que ela fosse tomada por mais uma prostituta espancada até a morte. Os índices de criminalidade de Newark eram três vezes maiores que o da vizinha Nova York. Por isso Nash caprichara tanto nos golpes, a ponto de quebrar a maioria dos dentes dela. Mas não todos. Isso tornaria óbvia demais sua intenção de impedir a identificação do cadáver.

Portanto ele havia deixado alguns intactos. Mas um exame de arcada dentária, supondo-se que as investigações policiais demandassem tal expediente, seria difícil e demorado.

Nash recolocou o bigode, e Pietra, a peruca. Uma precaução desnecessária. Não havia ninguém por perto. Eles jogaram o corpo num depósito de lixo. Nash ficou ali, olhando o cadáver de Marianne.

Lembrou-se de Cassandra e ficou triste. Mas a tristeza lhe dava forças.

– Nash? – disse Pietra.

Ele virou-se para trás, lançou um sorriso débil para ela e voltou à van. Pietra arrancou e eles foram embora.

Mike parou diante do quarto de Adam, respirou fundo e abriu a porta.

Adam, vestido de preto da cabeça aos pés, como os góticos, virou-se rapidamente e disse:

– Por acaso não ensinaram você a bater?

– Esta casa é minha.

– E este quarto é meu.

– É mesmo? Você pagou por ele?

Mike imediatamente se arrependeu do que disse. Um argumento típico dos pais que os filhos nunca levam a sério. Ele não levaria, se fosse adolescente. Por que os pais sempre agem assim? Por que, depois de jurarem jamais repetir os erros da geração anterior, acabam fazendo justamente isso?

Adam já havia desligado o monitor do computador. Não queria que o pai visse que sites andava visitando. Se soubesse…

– Tenho uma boa notícia – disse Mike.

Adam virou-se para ele. Cruzou os braços diante do peito e fez o possível para parecer mal-humorado, sem grande sucesso. O garoto era grande, já estava mais alto que o pai, e Mike sabia que ele podia ficar agressivo. Adam fora um goleiro destemido, ousado. Não esperava pelo auxílio dos homens da defesa. Quem invadisse sua área logo era escorraçado dali.

– Que notícia?

– Mo conseguiu ingressos de camarote para o jogo dos Rangers contra os Flyers.

– Para quando? – perguntou Adam, sem nenhuma mudança de expressão.

– Amanhã à noite. Sua mãe vai a Boston a trabalho. Mo vem nos buscar às 18h.

– Leve a Jill.

– Sua irmã vai dormir na casa da Yasmin.

– Vocês vão deixá-la dormir na casa da XY?

– Não a chame assim, por favor. É cruel.

Adam deu de ombros.

– Então venha direto para casa depois da aula.

– Não vou poder ir.

Mike correu os olhos pelo quarto. De algum modo o cômodo parecia diferente de quando ele estivera ali na companhia do tatuado Brett, o garoto das unhas sujas. Mais uma vez ele se irritou com isso. Aquelas unhas imundas haviam tocado o teclado de Adam. Isso estava errado. Espionar era errado. Por outro lado, se não tivessem feito isso, seu filho acabaria indo a uma festa para beber e possivelmente se drogar. A espionagem havia sido uma boa coisa, afinal. Mas o próprio Mike fora a uma ou duas festinhas assim quando era jovem. Isso não o tornava um homem pior.

– Como assim, não vai poder ir?

– Combinei com a Olivia de ir na casa dela.

– É, sua mãe me disse. Mas você vai sempre na casa da Olivia. Estamos falando de um jogo dos Rangers contra os Flyers!

– Não quero ir.

– Mas Mo já comprou os ingressos.

– Convidem outra pessoa.

– Não.

– Não?

– Isso mesmo que você ouviu. Sou seu pai. E você vai ao jogo comigo.

– Mas…

– Não tem “mas” nem meio “mas”.

Mike deu meia-volta e saiu do quarto antes que Adam pudesse falar qualquer coisa. Mal podia acreditar no que acabara de dizer.

6

A CASA ESTAVA MORTA.

Era assim que Betsy Hill passara a descrevê-la. Morta. Não apenas silenciosa ou quieta. A casa havia falecido, batido as botas: seu coração tinha parado de bater, o sangue não fluía mais, as vísceras começavam a apodrecer.

Estava morta.

Assim como seu filho Spencer.

Betsy queria se mudar da casa morta para qualquer outro lugar. Não queria permanecer naquele cadáver podre. Mas Ron, seu marido, achava que era cedo demais. Ele podia ter razão. Betsy, porém, não suportava mais aquele lugar. Vagava pela casa como se ela, e não Spencer, fosse um fantasma.

Os gêmeos estavam no andar de baixo, assistindo a um DVD. Ela parou e olhou pela janela. Todas as casas da vizinhança estavam com as luzes acesas. Casas ainda vivas, embora seus moradores também tivessem problemas: um filho autista, uma filha viciada em drogas, um pai desempregado, uma mãe que traía o marido. Todas as casas tinham sua tragédia particular. Todas as famílias tinham os seus segredos.

Mas as casas dos vizinhos ainda estavam vivas. Ainda respiravam.

A casa dos Hill estava morta.

Ainda à janela, Betsy lembrou que todas aquelas pessoas haviam comparecido ao enterro de Spencer. Tinham sido solidárias, oferecendo ombros e palavras de consolo, sobretudo tentando disfarçar os olhares de acusação. Mas nada escapava a Betsy. Nunca. Embora não dissessem nada, a vontade daquelas pessoas era culpar Ron e ela, como se aquela tragédia jamais pudesse acontecer a elas próprias.

Vizinhos e amigos, todos agora já haviam voltado às suas respectivas vidas. Na verdade, tudo continua igual para quem não é da família. Para os amigos, mesmo os mais próximos, é como assistir a um filme triste: ficam realmente emocionados, até que, cansados de tanto sofrimento, deixam o filme acabar e voltam para casa.

Apenas a família é obrigada a resistir.

Betsy voltou à cozinha e preparou o jantar dos gêmeos: cachorros-quentes e macarrão com queijo. Eles haviam completado 7 anos recentemente. Ron sempre gostava de preparar as salsichas na churrasqueira – debaixo de sol ou de chuva, no inverno ou no verão –, mas os gêmeos se recusavam a comê-las sempre que viam na superfície um mísero “pretinho”. Portanto, dessa vez, Betsy as cozinhou no microondas. E eles ficaram satisfeitos.

– Jantar! – chamou a mãe.

Os gêmeos a ignoraram, como sempre faziam. Como Spencer sempre fizera. O primeiro chamado não passava disso: um primeiro chamado. Eles haviam se acostumado a ignorá-lo. Será que isso era parte do problema? Talvez ela fosse tolerante demais. Mole demais. Ron vivia reclamando disso, que ela passava a mão na cabeça das crianças. Será que tinha sido esse o problema? Quem sabe, se ela tivesse sido mais dura com Spencer…

Conjeturas. Eram muitas as conjeturas.

Os “especialistas” dizem que o suicídio de adolescentes não é culpa dos pais. É uma doença, como câncer ou algo assim. No entanto, até mesmo eles, os especialistas, olhavam para ela com uma expressão de desconfiança. Por que Spencer não se consultava regularmente com um terapeuta? Por que ela, a mãe, tinha ignorado as súbitas mudanças de humor do filho, encarando-as como um comportamento típico da adolescência?

É uma fase, vai passar. Foi o que ela havia pensado. Adolescentes são assim.

Betsy foi até o escritório. As luzes estavam apagadas, a TV iluminava os gêmeos. Eles não eram nada parecidos, frutos da fertilização in vitro. Spencer havia sido filho único durante nove anos. Talvez isto também explicasse alguma coisa. Betsy pensara que um irmão seria bom para ele, mas o que qualquer criança quer na verdade não é a atenção integral dos pais?

A luz da TV se refletia no rosto deles. As crianças parecem zumbis quando estão diante da televisão: queixos caídos, olhos arregalados, um horror.

– Já para a cozinha!

Nenhuma resposta.

Betsy esperou alguns segundos e, então, explodiu:

– Eu disse JÁ!

As crianças se assustaram com o grito. Betsy se adiantou e desligou a TV.

– Quantas vezes vou ter de chamar vocês para jantar, hein?

Os gêmeos se arrastaram amuados para a cozinha. Betsy fechou os olhos e respirou fundo. Era este o seu jeito: calma até que de repente explodia. Talvez as súbitas mudanças de humor fossem hereditárias. Talvez Spencer já estivesse condenado desde o útero.

Eles se sentaram à mesa. Betsy se aproximou e exigiu um sorriso, ainda que falso. Pronto, agora estava tudo bem. Ela os serviu e tentou puxar assunto. Um dos gêmeos conversou, a outra permaneceu muda. Era assim que eles se comportavam desde a morte de Spencer: um agia como se nada tivesse acontecido e a outra andava amuada pelos cantos.

Ron não estava em casa. De novo. Havia noites em que ele estacionava o carro na garagem e ficava ali, chorando. Betsy às vezes temia que ele deixasse o motor ligado, fechasse a porta da garagem e cometesse a mesma loucura do filho. Temia que ele tentasse dar fim à sua dor. Quanta ironia haveria nisso. Seu filho tinha se suicidado e a maneira mais óbvia de aniquilar a dor era fazer a mesma coisa.

Ron nunca falava de Spencer. Dois dias depois da morte do filho, retirou a cadeira dele da mesa de jantar e a levou para o porão. Nesse mesmo porão, cada um dos três filhos tinha um pequeno armário com seu nome na porta. Ron havia esvaziado o de Spencer, retirado o nome da porta e desde então guardava ali todo tipo de tralha. O que os olhos não vêem…

Betsy reagia de maneira diferente. Às vezes tentava se dedicar a outros projetos, mas o luto deixava tudo pesado, como se ela estivesse correndo na neve ou se debatendo na areia movediça. Outras vezes, como agora, entregava-se por completo à dor: numa alegria quase masoquista, deixava o teto desabar para depois renascer das cinzas.

Ela lavou a louça do jantar e colocou as crianças para dormir. Ron ainda não havia chegado. Tudo bem. Eles agora não brigavam mais, ela e o marido. Nem uma única vez desde a morte de Spencer. Também não faziam amor. Nunca. Moravam sob o mesmo teto, conversavam, ainda se amavam, mas tinham se afastado como se qualquer demonstração de carinho fosse uma cruz

pesada demais para suportar.

O computador já estava ligado, e o Internet Explorer, aberto na página inicial. Betsy sentou-se ao teclado e digitou o endereço. Mais uma vez pensou nos amigos e vizinhos, na maneira como eles reagiram à morte de Spencer. O suicídio de fato era algo diferente. De algum modo era menos trágico, tornava as coisas mais distantes. Em linhas gerais, o raciocínio era este: Spencer era claramente infeliz e, portanto, uma alma partida. Ora, melhor perder uma alma partida que outra, íntegra e feliz. E o pior de tudo, pelo menos para Betsy, era que isso fazia sentido. Quando ouvimos falar de uma criança que morreu de fome na África, não ficamos nem de longe tão chocados como quando sabemos que, a duas quadras da nossa casa, uma menininha sofre de câncer.

Tudo é relativo e terrível.

Betsy digitou o endereço: www.myspace.com/Spencerhillmemorial. Os colegas de Spencer haviam criado essa página poucos dias depois da morte dele. Havia fotos e comentários. No espaço reservado à foto do perfil, eles haviam colocado a animação de uma vela queimando.

A música de fundo era uma das favoritas de Spencer: “Broken radio”, de Jesse Malin, com participação de Bruce Springsteen. A citação ao lado da vela era justamente um dos versos: “Os anjos o amam mais do que você imagina.”

Betsy ficou ouvindo durante um tempo.

Logo após a morte do filho, era ali que ela passava boa parte de suas noites: namorando aquela página da internet. Lia os comentários de garotos que nunca conhecera. Admirava as várias fotos de Spencer ao longo dos anos. Mas, depois de um tempo, o encanto deu lugar a certo rancor. As mocinhas bonitinhas que haviam contribuído para a construção da página, que também cultuavam o agora falecido Spencer, mal o cumprimentavam quando vivo. Agora era tarde demais. Todos alegavam sentir saudades dele, mas poucos demonstravam conhecê-lo de verdade.

Os comentários não eram propriamente epitáfios; mais pareciam rabiscos escritos às pressas no anuário de um colega morto:

“Nunca vou me esquecer das aulas de educação física com o Sr. Myers…”

Isso fora na sétima série. Três anos atrás.

“Aqueles jogos de futebol, quando o Sr. V. queria dar uma de atacante…” Quinta série.

“Todo mundo ficou arrepiado naquele show do Green Day…”

Oitava série.

Tudo tão distante. Tão pouco sincero. Um luto meio forçado. Demonstrações públicas de pesar por parte de pessoas que nem sentiam tanto assim, para as quais a morte de Spencer não havia passado de um quebra-molas na estrada para a universidade ou para um bom emprego – uma tragédia, claro, mas daquelas que enriquecem o currículo da vida, da mesma forma que um tempo como mochileiro pela Europa ou um trabalho voluntário qualquer.

Eram poucas as mensagens dos verdadeiros amigos, Clark, Adam e Olivia. Mas talvez fosse assim mesmo. Quem realmente sente a morte de alguém não sai por aí alardeando seu luto; as grandes dores são vividas no íntimo.

Fazia três semanas que Betsy não visitava aquela página. Poucas postagens haviam sido feitas desde então. Era assim mesmo. Especialmente com os jovens. Eles sempre seguem em frente com mais facilidade. Betsy mais uma vez assistiu à apresentação de fotos. Sempre ficava com a

impressão de que fotografias haviam sido recolhidas por alguém e depois jogadas uma a uma sobre a tela, desenrolando-se, permanecendo imóveis por um tempo e desaparecendo sob a imagem seguinte.

As lágrimas vieram logo.

Havia muitas fotos antigas, dos tempos da Hillside Elementary School: a turma da primeira série da Sra. Roberts; a da terceira, da Sra. Rohrback; a da quarta, do Sr. Hunt. Havia também uma da equipe de basquete logo após uma vitória da qual Spencer parecia especialmente orgulhoso. Ele havia machucado o punho no jogo anterior, nada sério, só uma torção, e Betsy o havia enfaixado. Ela ainda se lembrava de quando comprou as ataduras. Na foto, ele estava com essa mão erguida, comemorando.

Spencer nunca fora um grande atleta, mas naquela partida fizera a cesta decisiva, a seis segundos do apito final. Sétima série. Betsy tinha a impressão de que nunca vira o filho tão feliz.

Um policial havia encontrado o corpo de Spencer no telhado da escola.

As fotos continuavam rolando na tela. Betsy não as enxergava direito por causa das lágrimas.

O telhado da escola. Seu lindo filho. Esparramado em meio ao entulho e aos cacos de vidro.

Àquela altura, todos já tinham lido a mensagem de despedida de Spencer. Um torpedo. Foi assim que ele contou a todos o que estava prestes a fazer. A primeira fora enviada a Ron, que estava na Filadélfia a trabalho. A segunda, para Betsy, mas a barulheira do Chuck E. Cheese (a pizzaria e fliperama onde a maioria dos pais aprende o que é uma enxaqueca) não permitira que ela ouvisse o celular tocar. Somente uma hora mais tarde, depois de seis recados deixados por Ron, cada um mais desesperado que o outro, foi que ela viu a tal mensagem, a última enviada pelo seu menino:

> “Sinto muito. Amo todos vocês, mas é difícil demais. Adeus.”

A polícia levou dois dias para encontrá-lo no telhado da escola.

O que era difícil demais, Spencer?

Ela jamais saberia.

Essa mesma mensagem também fora enviada a algumas outras pessoas. Os amigos mais próximos. Os mesmos com os quais Spencer dissera que iria se encontrar. Clark, Adam e Olivia. Mas nenhum deles o tinha visto. Spencer não havia aparecido. Saíra sozinho. Levara consigo alguns comprimidos roubados de casa e tomara uma overdose porque alguma coisa era difícil demais e ele queria acabar com a própria vida.

Spencer morrera sozinho naquele telhado.

Daniel Huff batera à porta. Ele era o delegado e tinha um filho da mesma idade de Spencer, um garoto chamado DJ com quem Spencer andava de vez em quando. Betsy se lembrava de ter aberto a porta, olhado para o rosto do policial e desmaiado imediatamente.

Ela piscou para espantar as lágrimas. Tentou se concentrar novamente nas fotografias, nas imagens do filho vivo.

E então, de repente, apareceu na tela uma foto que mudou tudo.

O coração de Betsy parou.

A foto desaparecera tão rapidamente quanto tinha surgido. Outras imagens se seguiram. Betsy levou a mão ao peito e tentou pensar com clareza. A foto. Como poderia fazê-la voltar?

Piscou novamente. Parou para pensar.

Bem, tratava-se de um *slide show* e dali a pouco ele recomeçaria. Ela poderia simplesmente esperar. Mas por quanto tempo? E depois? A foto reapareceria, claro, mas pelos mesmos poucos segundos de antes. Ela precisava examiná-la mais de perto.

Seria possível congelar a tela?

Tinha de haver um jeito.

Betsy continuou olhando para as fotos que se alternavam, mas nenhuma delas era a procurada. Ela queria ver *aquela foto* novamente.

A com o punho torcido.

Ela voltou a pensar no jogo de basquete na sétima série, pois se dera conta de algo estranho. Havia acabado de se lembrar desse momento. Do punho de Spencer enfaixado com as ataduras. Claro. Isso tinha sido o elemento catalisador.

Porque na véspera do suicídio, algo semelhante acontecera.

Spencer havia caído e machucado o punho. Betsy novamente se oferecera para enfaixá-lo, tal como fizera quando ele estava na sétima série. Mas dessa vez, Spencer pedira que ela comprasse uma munhequeira. E ela comprou. Ele a estava usando no dia em que morreu.

Pela primeira e, claro, última vez.

Betsy clicou no *slide show*. Imediatamente foi transferida para um site, slide.com, que exigia uma senha. Merda. A senha devia ter sido criada por um dos garotos. No entanto, num caso desses, não havia tanta necessidade de segurança, não é? Tratava-se apenas de uma coletânea de fotos que os outros colegas poderiam manipular quando bem entendessem, fazendo suas próprias contribuições.

Portanto, a senha tinha de ser simples.

Ela digitou SPENCER.

E depois clicou no botão OK.

Funcionou.

Lá estavam as fotos, dispostas em linhas e colunas. Segundo o cabeçalho, havia 127 imagens. Betsy rapidamente passou os olhos pelas miniaturas até encontrar o que estava procurando. Suas mãos tremiam tanto que ela mal conseguia controlar o mouse. Assim que posicionou o cursor onde queria, clicou com o botão esquerdo.

E a foto se ampliou.

Betsy grudou os olhos nela.

Spencer sorria, mas era o sorriso mais triste que Betsy já vira. Ele estava suando; o rosto apresentava aquele brilho típico dos drogados. Ele parecia bêbado e derrotado. Usava uma camiseta preta, a mesma que estava usando naquela última noite. Os olhos estavam vermelhos, talvez em razão da bebida ou das drogas, mas certamente por causa do flash também. Spencer tinha lindos olhos azuis. Os flashes sempre o deixavam com cara de diabo. Ele estava ao ar livre, portanto a foto só poderia ter sido tirada à noite.

Naquela noite.

Spencer tinha uma bebida na mão, a mesma da munhequeira.

Betsy congelou. Só havia uma explicação.

A foto tinha sido tirada na noite em que ele morreu.

E, observando melhor, via-se ao fundo o vulto de mais pessoas.

Só então Betsy se deu conta: Spencer não estava sozinho naquela noite.

7

TAL COMO FAZIA TODA SEMANA AO LONGO da última década, Mike levantou-se às cinco da manhã. Exercitou-se exatamente por uma hora. Tomou a ponte George Washington rumo a Manhattan e chegou à unidade de transplantes do NewYork-Presbyterian Hospital por volta das sete horas.

Vestiu o jaleco e saiu para passar visita de seus pacientes. Às vezes isso quase parecia uma rotina. Não variava muito, mas Mike gostava de se lembrar da importân cia que o médico tinha para a pessoa no leito à sua frente. Ela estava num hospital, o que bastava para deixá-la vulnerável e amedrontada. Estava doente, ou quem sabe até morrendo e, entre ela e sua dor, entre ela e a morte, só havia o médico.

Como é possível um médico não se achar um pouco Deus?

Mike às vezes considerava até saudável sucumbir a essa confusão, mas de um modo bem-intencionado. Os médicos eram importantíssimos para os pacientes; deviam se comportar de acordo.

Havia aqueles que passavam visita com pressa. Por vezes Mike se sentia tentado a fazer o mesmo. Mas a verdade é que dar o melhor de si não custava mais que um ou dois minutinhos adicionais com cada paciente. Portanto, os ouvia, segurava a mão deles quando era preciso ou permanecia distante, dependendo do paciente e da leitura que fazia dele.

Às nove horas, ele já estava de volta ao consultório. O primeiro paciente já havia chegado. Lucille, a enfermeira, cuidaria dos procedimentos iniciais. Isso lhe daria cerca de 10 minutos para examinar os prontuários e os resultados dos exames realizados na véspera. Lembrando-se da vizinha, Mike rapidamente procurou pelo nome Loriman na tela do computador.

Nada havia sido postado até então.

O que era estranho.

Um papel rosa chamou sua atenção. Alguém havia pregado um bilhete em seu telefone.

> Me procure,
> Ilene

♦♦♦

Ilene Goldfarb era sua colega de trabalho e chefe do departamento de transplantes do NewYork-Presbyterian. Eles haviam se conhecido durante a residência e agora viviam na mesma cidade. Mike e Ilene eram amigos, mas não muito próximos, o que de certa forma contribuía para o sucesso da parceria. Moravam a uns cinco quilômetros de distância, tinham filhos matriculados na mesma escola, mas fora isso tinham poucos interesses em comum, não sentiam a necessidade de estabelecer uma relação social e confiavam cegamente no trabalho um do outro.

Se você tem um amigo médico e quer que ele lhe recomende um profissional de confiança, faça a seguinte pergunta: “Se o seu filho estivesse doente, para quem você o encaminharia?”

A resposta de Mike era Ilene Goldfarb. E isso era toda a informação que alguém poderia precisar a respeito da competência dela.

Ele seguiu pelo corredor. Seus passos eram silenciosos sobre o piso cinza. As gravuras que decoravam as paredes eram simples e agradáveis de se olhar. A intenção tanto de Mike quanto de Ilene era que o lugar sussurrasse: "Aqui só os pacientes interessam." Nas paredes de seus consultórios só havia diplomas e placas, porque tranqüilizavam os pacientes. Não deixavam à mostra nenhum objeto pessoal: nenhum porta-lápis feito por um filho, nenhuma fotografia da família, nada dessa natureza.

Muitos dos pais que entravam ali tinham um filho à beira da morte. Nenhum deles gostaria de ver a imagem sorridente e saudável de outra criança. Parece cruel, mas é assim.

– E aí, doutor?

Mike se virou para ver quem o havia chamado. Era Hal Goldfarb, filho de Ilene: tinha dois anos a mais que Adam, estava no último ano do ensino médio e já havia sido aceito em Princeton. Pretendia cursar medicina. Fizera um acordo com a escola para ganhar créditos por um estágio no hospital, onde passava três manhãs toda semana.

– E aí, Hal. Como vão as coisas na escola?

Ele sorriu de orelha a orelha.

– Tranqüilo.

– Claro. Último ano com vaga garantida na universidade… O que pode ser mais tranqüilo?

– É isso aí.

Hal vestia calças de sarja clara e uma camisa social azul-clara. Mike não pôde deixar de notar o contraste com o preto gótico de Adam e sentir uma pontada de inveja. Como se estivesse lendo os pensamentos dele, Hal perguntou:

– E como vai o Adam?

– Está bem.

– Faz tempo que não o vejo.

– Quem sabe você não dá uma ligada para ele? – sugeriu Mike.

– Claro. Vai ser ótimo dar uma volta com ele.

Silêncio.

– Sua mãe está no consultório? – perguntou Mike.

– Está. Pode entrar.

Ilene encontrava-se do outro lado de sua mesa. Era uma mulher miúda, de ossos pequenos, a não ser pelos dedos que lembravam garras. Prendia os cabelos castanhos num rabo-de-cavalo sóbrio e usava óculos de aro de tartaruga que lhe davam um ar intelectual e elegante.

– Olá – disse Mike.

– Oi.

– O que houve? – perguntou ele, abanando o bilhete rosa.

Ilene deu um longo suspiro.

– Estamos com um problemão – disse.

– Com quem? – Mike sentou-se numa das cadeiras.

– Sua vizinha.

– Loriman?

Ilene fez que sim com a cabeça.

– Os resultados do exame de tipagem tecidual não foram bons?
– Foram estranhos – disse ela. – Mais cedo ou mais tarde isso acabaria acontecendo. Nem sei como nunca tivemos um caso desses antes.
– Do que é que você está falando?
Ilene Goldfarb tirou os óculos e mordeu uma das hastes.
– Qual é a sua relação com a família?
– Eles moram na casa ao lado.
– Vocês são próximos?
– Não. Mas o que isso tem a ver com o caso?
– Acho que estamos diante de um dilema ético – respondeu Ilene.
– Como assim?
– "Dilema" talvez não seja a palavra certa. – Ilene parecia distante, como se falasse mais com ela mesma do que com Mike. – É que neste caso as fronteiras éticas não são lá muito claras.
– Ilene?
– Hmm.
– Do que você está falando?
– A mãe de Lucas Loriman chegará em meia hora – disse a médica.
– Nós nos falamos ontem.
– Onde?
– No jardim dela. Onde tem passado muito tempo ultimamente.
– Aposto que sim.
– Por quê?
– Você conhece o marido?
– Dante? Conheço.
– E…
Mike deu de ombros.
– O que está acontecendo, Ilene?
– O problema é com ele – disse ela.
– Que problema?
– Ele não é o pai biológico do menino.
Então era isso. Mike se refestelou na cadeira, assustado, e só depois de um tempo disse:
– Está brincando.
– É, estou. Você me conhece bem, sabe como eu gosto de brincar. Essa foi boa, não foi?
Mike levou um tempo para absorver os fatos. Não perguntou se ela tinha certeza do que estava dizendo nem se pretendia realizar outros exames. Ela já teria cogitado todas as possibilidades. Ilene também tinha razão ao se mostrar surpresa por nunca terem se deparado com um episódio desse tipo. Dois andares abaixo ficavam os geneticistas. Um deles já dissera a Mike que, segundo testes realizados aleatoriamente com a população, mais de 10 por cento dos homens criavam, sem saber, filhos que não eram biologicamente seus.
– Então, não vai dizer nada? – perguntou Ilene.
– Uau.
– O dom com as palavras – ironizou ela. – Esse foi o principal motivo que me levou a

trabalhar com você.
– Dante Loriman não é exatamente um cavalheiro, Ilene.
– Foi essa a impressão que eu tive.
– Isso não é nada bom – disse Mike.
– Nem o estado do filho deles.
Eles se calaram por um tempo, o problema pairando no ar, pesado.
O telefone tocou.
– Dra. Goldfarb?
– Sim.
– Susan Loriman está aqui. Chegou mais cedo.
– Ela trouxe o filho?
– Não – disse a enfermeira. – Mas está com o marido.

♦♦♦

– Que diabos você está fazendo aqui?
Loren Muse, chefe de investigações do condado de Essex, ignorou a pergunta e foi até o cadáver.
– Meu Deus – sussurrou um dos policiais uniformizados –, olha só o que fizeram com o rosto dela.
As quatro pessoas ali reunidas ficaram caladas por um tempo. Dois eram os policiais que tinham encontrado o corpo. O terceiro era o investigador de homicídios Frank Tremont, tecnicamente o responsável pelo caso, um sujeito barrigudo, preguiçoso e calejado. Loren Muse, a única mulher, era uns 30 centímetros mais baixa que os demais.
– PM – sentenciou Tremont. – E não estou falando dos milicos.
Muse o inquiriu com o olhar.
– PM. Puta morta – explicou ele, deixando escapar um risinho.
Muse torceu o nariz. Moscas zumbiam ao redor da papa ensangüentada que um dia havia sido o rosto de alguém. Faltavam nariz, olhos e boa parte da boca.
Um dos policiais uniformizados disse:
– É como se tivessem passado o rosto dela num moedor de carne.
Loren Muse olhou novamente para o corpo. Deixou os policiais tagarelando. Certas pessoas precisam falar para se acalmarem. Muse não era uma delas. Os policiais a deixaram de lado. Assim como Tremont. Muse era a superiora imediata dele; na verdade, era hierarquicamente superior aos três e o ressentimento que isso provocava era quase palpável.
– Ei, Muse.
Era Tremont. Ela se virou para ele e deparou com o terno marrom que embrulhava uma barriga de muitas noites de cerveja e muitos dias de rosquinhas. Tremont era sinônimo de encrenca. Diversas queixas haviam vazado para a imprensa desde que Muse fora promovida a chefe de investigações. A maioria delas vinha de um repórter chamado Tom Gaughan, que por acaso era casado com a irmã de Tremont.
– Diga, Frank.
– Como eu já tinha perguntado antes, que diabos você está fazendo aqui?

– Eu não lhe devo satisfações.
– Fui eu quem pescou essa aí.
– É, pescou.
– E não preciso de ninguém supervisionando meu trabalho.
Frank Tremont era um poço de incompetência, mas, por causa de seus contatos pessoais e anos de “serviço”, era praticamente intocável. Muse o ignorou. Agachou-se e examinou de perto o rosto deformado.
– Já encontrou algum documento de identidade? – perguntou.
– Não. Não tinha carteira nem bolsa.
– Provavelmente foram roubadas – sugeriu um dos policiais.
Todos os homens concordaram com a cabeça.
– Ela foi pega por uma gangue – disse Tremont. – Olhe aquilo ali.
Ele apontou para a bandana verde ainda presa entre os dedos da morta.
– Deve ser aquela nova gangue de negros, que eles chamam de Al Qaeda – comentou outro policial. – Verde é a cor deles.
Muse se levantou e começou a andar em torno do cadáver. A van da medicina legal estacionou por perto. Alguém havia isolado a cena do crime. Umas 10 prostitutas, talvez mais, assistiam a tudo do outro lado da fita de isolamento, esticando o pescoço para ver melhor.
– Mande seus policiais irem lá falar com elas – instruiu Muse. – Veja se eles descobrem pelo menos um nome de guerra.
– É mesmo? – ironizou Tremont, suspirando fundo. – Por acaso acha que já não pensei nisso antes?
Loren Muse não disse nada.
– Ei, Muse.
– O que é, Frank?
– Não gosto da sua presença aqui.
– E eu não gosto desse seu cinto marrom com os sapatos pretos. Paciência.
– Isso não está certo.
Muse sabia que ele tinha razão. A verdade era que ela estava adorando o prestígio de sua nova posição. Ainda na casa dos 30 anos, era a primeira mulher a ocupar o cargo de chefe de investigações. Orgulhava-se disso. Mas sentia falta de pôr a mão na massa. Sentia falta da seção de homicídios. Portanto, procurava se envolver nos casos sempre que possível, especialmente quando um burro velho feito Frank Tremont estava no comando.
Tara O’Neill, a legista, aproximou-se da cena e despachou os dois policiais.
– Minha nossa – sussurrou.
– Bela reação, doutora – disse Tremont. – Preciso de impressões digitais imediatamente, para checá-las no sistema.
A legista fez que sim com a cabeça.
– Vou ajudar a interrogar as putas, ver se encontro alguns dos miseráveis que fizeram isso – disse Tremont. – Se a chefa não se opuser, é claro.
Muse não respondeu.
– Puta morta, Muse. Isso aqui não vai render nenhuma manchete para você. Não é uma prioridade.

– Por que não?
– Hein?
– Você disse que isso aqui não vai render manchete. Até aí tudo bem. Mas depois falou que não é prioridade. Por que não?
Tremont deu um sorriso debochado.
– O.k., me desculpe. Uma puta morta é prioridade número um. Vai ser tratada do mesmo jeito que a mulher do governador seria.
– Esse tipo de atitude, Frank. É por isso que estou aqui.
– Ah, está certo. Deixe eu lhe dizer o que as pessoas acham das putas mortas.
– Não precisa. Acham que a culpa foi delas, certo?
– Errado. Preste atenção e aprenda: quem não quer acabar morta num depósito de lixo não vem rodar bolsinha no Fifth Ward.
– Você devia guardar isso para pôr no seu epitáfio, Frank.
– Não me leve a mal. Vou pegar o psicopata que fez isso. Mas sem essa babaquice de manchetes e prioridades. – Tremont deu um passo adiante e sua barriga quase esbarrou nela. Muse não recuou. – Esse caso é meu. Volte para sua mesa e deixe que os adultos façam o trabalho.
– Ou?
Tremont sorriu.
– A madame não vai querer saber, pode acreditar.
Ele saiu pisando duro. Muse virou-se para o outro lado. A legista concentrava toda sua atenção na maleta de trabalho, fingindo não ter ouvido nada.
Muse deixou Frank de lado e observou o cadáver, tentando voltar à postura profissional que se espera de uma investigadora. Os fatos: a vítima era uma mulher branca. A julgar pela pele e pela estrutura geral, devia ter cerca de 40 anos, embora a natureza de seu trabalho envelhecesse precocemente as mulheres. Nenhuma tatuagem visível.
Nenhum rosto.
Muse só vira estrago semelhante uma única vez. Aos 23 anos, passara seis semanas com a polícia estadual patrulhando a auto-estrada de Nova Jersey. Um caminhão ultrapassara a divisória das pistas e batera de frente com um Toyota Celica. Ao volante do carro estava uma garota de 19 anos, voltando para casa durante as férias da universidade.
A destruição havia sido espantosa.
Quando enfim foram retiradas as ferragens, a motorista não tinha rosto. Como a moça do depósito de lixo.
– *Causa mortis?* – perguntou Muse.
– Ainda não dá para saber. Mas vou lhe dizer uma coisa: quem fez isso é um doente mental. Os ossos não foram simplesmente quebrados, mas triturados em pequenos pedacinhos.
– Há quanto tempo?
– Eu diria umas 10, 12 horas. Ela não foi morta aqui. Não há sangue suficiente. Muse já sabia disso. Ela examinou as roupas da vítima: o top rosa, a minissaia de couro, os sapatos de salto fino.
Balançou a cabeça.
– O que foi?

– As coisas não batem – disse Muse.
– Como assim?
Seu celular vibrou. Era o número do promotor do condado, Paul Copeland, seu chefe. Ela olhou para Frank Tremont, que acenou de longe, rindo de orelha a orelha.
Muse atendeu.
– Oi, Cope.
– O que você está fazendo?
– Investigando a cena do crime.
– E pisando nos calos de um colega.
– Um subordinado.
– Um subordinado muito chato.
– Mas sou eu quem manda nele, certo?
– Frank Tremont vai arrumar uma baita confusão. Botar a imprensa na nossa cola e infernizar um monte de outros investigadores. Será que a gente precisa dessa amolação toda?
– Acho que sim, Cope.
– Por quê?
– Frank está completamente equivocado neste caso.

8

DANTE LORIMAN FOI O PRIMEIRO A ENTRAR no consultório de Ilene Goldfarb. Apertou a mão de Mike com uma força um tanto exagerada. Susan entrou atrás dele. Ilene Goldfarb ficou de pé e esperou do outro lado da mesa. Já havia colocado os óculos outra vez. Estendeu o braço e cumprimentou o casal. Então sentou-se e abriu a pasta suspensa que estava sobre a mesa à sua frente.

Dante sentou-se em seguida. Em nenhum momento olhou para a mulher. Susan se acomodou na cadeira ao lado dele. Mike permaneceu fora de vista no fundo da sala, recostado na parede e de braços cruzados. Lentamente, Dante enrolou as mangas da camisa; primeiro a direita, depois a esquerda. Então, apoiou os cotovelos nas coxas e olhou para a médica, preparado para o pior.

– Então? – perguntou.

Mike observou Susan Loriman. Imóvel como uma estátua, a cabeça erguida, ela mal conseguia respirar. Talvez sentindo-se observada, ela virou o rosto adorável na direção dele. Mike tentou permanecer o mais neutro possível. O espetáculo era de Ilene; ele não passava de um mero espectador.

A médica prosseguiu na leitura do relatório, mais por protocolo. Assim que terminou, cruzou as mãos sobre a mesa e, olhando para algum ponto entre os dois pais, disse:

– Fizemos os testes de compatibilidade necessários e…

– Quero que seja eu – interrompeu Dante.

– Perdão?

– Quero ser o doador.

– O senhor não é compatível, Sr. Loriman.

Assim, à queima-roupa.

Mike não tirava os olhos de Susan Loriman. Agora era ela que tentava parecer natural.

– Ah – disse Dante. – Pensei que o pai fosse…

– Depende – disse Ilene. – Há muitos fatores, como expliquei à Sra. Loriman na nossa última consulta. O ideal é que o exame de HLA dê uma compatibilidade de seis antígenos. Com base nos exames, Sr. Loriman, o senhor não seria um bom candidato.

– E eu? – perguntou Susan.

– É uma opção melhor, mas não a ideal. Na maioria das vezes o doador ideal é um irmão. Os filhos herdam metade de seus antígenos de cada um dos pais, portanto há quatro combinações possíveis de antígenos herdados. Em termos mais simples, as chances de um irmão ter uma compatibilidade de seis antígenos com o receptor são de 25 por cento; para uma compatibilidade de três antígenos, 50 por cento; e para a total incompatibilidade, 25 por cento.

– E Tom, qual é a compatibilidade dele? – perguntou Dante.

Tom era o irmão mais novo de Lucas.

– Infelizmente as notícias não são boas. Por enquanto sua esposa é a melhor opção. De qualquer modo, colocaremos o Lucas na lista de espera de doações. Talvez encontremos um doador compatível, mas não devemos contar com isso. A Sra. Loriman poderia ser uma doadora

adequada, mas, sinceramente, não é a ideal.
– Por que não?
– A compatibilidade dela é de dois antígenos. Quanto mais perto chegarmos de seis, menores serão as chances de rejeição do novo rim. Em outras palavras, quanto maior for a compatibilidade, menores serão as chances de que seu filho tenha de passar o resto da vida tomando remédios e fazendo diálise.
Dante passou a mão pelos cabelos.
– Então, o que vamos fazer agora?
– Talvez ainda tenhamos algum tempo. Como eu disse, podemos colocar o nome dele na lista de espera. Continuaremos procurando e fazendo o tratamento. Se não encontrarmos doador mais compatível, usaremos a Sra. Loriman.
– Mas o ideal seria encontrar outro rim – disse Dante.
– Exatamente.
– Temos alguns parentes que também se ofereceram para doar. Talvez a senhora possa testá-los.
– Faça uma lista com nomes, endereços e o grau exato de parentesco de cada um.
Seguiu-se um silêncio.
– Doutora, como ele está? – Dante se virou para trás e disse: – Mike, seja sincero: qual é a gravidade do caso de Lucas?
Mike olhou para Ilene, que assentiu com a cabeça.
– O caso é muito grave – respondeu ele. E olhou para Susan Loriman, que desviou o olhar.
Eles conversaram por mais uns 10 minutos, procurando alternativas, e então os Loriman saíram. Quando ficou sozinho com Ilene, Mike ocupou a cadeira em que estivera Dante e estirou os braços num gesto de perplexidade. Ilene fingiu estar ocupada guardando pastas.
– O que houve? – perguntou ele.
– Você acha que eu devia ter contado?
Mike não respondeu.
– Meu trabalho é cuidar do menino – disse Ilene. – Meu paciente é o Lucas, não o pai.
– Quer dizer então que o pai não tem o direito de saber?
– Não foi isso que eu disse.
– Você fez os exames. Descobriu algo e não informou ao paciente.
– Meu paciente é Lucas Loriman, o filho.
– Então vamos fingir que não sabemos de nada?
– Suponha que eu fizesse um exame qualquer e descobrisse que a Sra. Loriman andava traindo o marido. Eu teria a obrigação de contar para ele?
– Não.
– E se eu descobrisse que ela vende drogas ou rouba?
– Você está viajando, Ilene.
– Estou?
– Esse caso não tem nada a ver com drogas ou dinheiro.
– Sim, eu sei. Mas, em ambas as hipóteses, as descobertas são irrelevantes para a saúde do meu paciente, concorda comigo?
Mike refletiu um instante.

– E se você descobrisse um problema de saúde no exame de Dante Loriman? – perguntou. – Um linfoma, por exemplo. Você diria a ele?

– Mas é claro.

– Por quê? Como você mesma disse, ele não é seu paciente. Não é problema seu.

– Ora, Mike. Aí é diferente. Meu dever é ajudar na recuperação do meu paciente, Lucas Loriman. E você sabe que a saúde mental também é importante nessa recuperação. Sempre submetemos nossos pacientes a um aconselhamento psiquiátrico antes de realizarmos o transplante, não é? Por quê? Porque nos preocupamos com a saúde mental deles. Soltar uma bomba dessas na família dificilmente traria algum benefício para o meu paciente. E fim de papo.

Ambos se calaram por alguns segundos.

– Não é tão simples assim – disse Mike.

– Eu sei.

– Esse segredo vai pesar nos nossos ombros.

– Foi por isso que quis dividi-lo com você. – Ilene abriu os braços e sorriu. – Ou você achou que eu seria a única a perder minhas noites de sono?

– Você é uma excelente parceira.

– Mike, me responda uma coisa.

– Sim?

– Se você estivesse no lugar dele, se, nas mesmas circunstâncias, eu descobrisse que Adam não era seu filho biológico, você gostaria de saber?

– Adam não ser meu filho? Você já viu o tamanho das orelhas dele?

– É apenas uma suposição, Mike. Você gostaria de saber?

– Gostaria.

– Assim, sem mais nem menos?

– Você sabe que gosto de ter o controle da situação. Preciso saber de tudo.

Mike parou um instante, pensativo.

– Que foi? – perguntou Ilene.

Ele se recostou na cadeira e cruzou as pernas.

– Vamos continuar fingindo que não estamos vendo o elefante na sala?

– Meu plano era exatamente esse.

Mike esperou.

Ilene Goldfarb suspirou e disse:

– Vá em frente, fale.

– *Primum non nocere*. Não é o que aprendemos na faculdade? “Primeiro de tudo, não provoque nenhum dano.”

– Eu sei, eu sei – disse Ilene, fechando os olhos.

– Não temos um bom doador para Lucas Loriman – disse Mike. – Ainda estamos procurando.

– Sei aonde você quer chegar – disse ela, novamente fechando os olhos. – O candidato mais provável seria o pai biológico.

– Exatamente. Ele é a nossa melhor chance de uma compatibilidade perfeita.

– Precisamos testá-lo. Isso é a prioridade número um.

– Não podemos fingir que não sabemos – disse Mike. – Mesmo que quiséssemos. Eles digeriram o fato.

– Então, o que faremos agora? – perguntou Ilene.
– Acho que não temos muita escolha.

Betsy Hill esperava para abordar Adam no estacionamento da escola.
Olhando para trás, deparou com a "plantação de mães", o trecho da avenida Maple onde as mães – sim, havia uma meia dúzia de pais que eram a exceção confirmadora da regra – se aglomeravam à espera de seus respectivos pimpolhos para levá-los ao ortodontista, à aula de violino ou de caratê. Umas esperavam dentro do carro, outras conversavam na calçada.
Betsy Hill já estivera entre elas.
Começara no jardim-de-infância da Hillside Elementary, passara à escola fundamental da Mount Pleasure e agora lá estava ela, a uns 20 metros da saída da última escola freqüentada por Spencer. Lembrava-se de esperar por ele pacientemente, da sirene tocando, da meninada que transbordava dos portões feito formigas afugentadas de um formigueiro. Sempre abria um sorriso quando localizava o filho na multidão, e ele quase sempre, especialmente nos primeiros tempos, sorria de volta.
Betsy sentia falta da jovem mãe que fora um dia, da ingenuidade reservada exclusivamente às marinheiras de primeira viagem. Com os gêmeos tudo era diferente, mesmo antes da morte de Spencer. Olhando para aquelas mães na calçada, para a total despreocupação que elas aparentavam, Betsy quis odiá-las.
O sinal tocou. Os portões se abriram. Os alunos saíram em grandes grupos.
E Betsy quase começou a procurar Spencer.
Foi um daqueles breves momentos em que nosso cérebro não agüenta mais, nos esquecemos de todo o horror pelo qual estamos passando e por uma fração de segundo chegamos a pensar que tudo não passou de um pesadelo. Spencer cruzaria os portões, a mochila pendurada em um ombro só, a postura relaxada de sempre, e Betsy o veria, acharia que o filho estava pálido demais e precisava cortar os cabelos.
As pessoas falam sobre os estágios do luto (negação, raiva, barganha, depressão, aceitação), mas essas fases tendem a se mesclar na tragédia. Nunca paramos de negar. Uma parte da nossa alma está sempre com raiva. E a simples idéia da "aceitação" chega a ser uma obscenidade. Certos terapeutas preferem o termo "resolução". O que é semanticamente melhor, mas não para Betsy, que só faltava gritar ao ouvi-lo.
O que exatamente ela estava fazendo ali?
O filho estava morto. Interpelar os amigos dele não mudaria nada.
Mas por algum motivo ela tinha a impressão de que mudaria, sim.
Talvez Spencer não tivesse ficado sozinho a noite toda. Mas o que isso poderia mudar? Sim, é clichê, mas nada traria seu filho de volta. Então, o que ela esperava encontrar?
Aceitação?
E de repente ela avistou Adam.
Ele caminhava sozinho, sobrecarregado pela mochila. Ele e todos os demais, pensou Betsy. Ela se adiantou, posicionando-se no caminho do garoto. Como a maioria dos adolescentes, Adam andava com os olhos voltados para o chão. Betsy ia ajustando suas coordenadas, ora para

a direita, ora para a esquerda, de modo que eles se encontrassem.
Por fim, quando já estavam próximos o bastante, ela disse:
– Oi, Adam.
Ele parou e levantou o rosto. Um garoto bonito, ela pensou. Todos eram lindos nessa idade. Todos haviam cruzado alguma espécie de fronteira. Adam também havia mudado: tinha crescido, criado músculos, era mais um homem que um menino. Betsy ainda via traços infantis no rosto dele, mas também percebia algo próximo à petulância.
– Ah – disse ele. – Oi, Sra. Hill.
Adam continuou andando, desviando-se pela esquerda.
– Posso falar com você um minuto? – pediu Betsy.
Adam parou.
– Claro – disse e voltou trotando com a graciosidade dos atletas.
Adam sempre fora um bom atleta. Spencer, não. Seria esse mais um motivo? Em buracos como aquele, a vida era bem mais fácil para os que se sobressaíam no esporte.
Adam parou a uns dois metros de distância. Não ergueu a cabeça para olhar Betsy nos olhos. Por outro lado, poucos adolescentes tinham o hábito de encarar seus interlocutores. Betsy não disse nada por alguns segundos, apenas ficou ali, contemplando o garoto.
– A senhora queria falar comigo?
– Queria.
Mais silêncio. Mais contemplação. Adam já estava constrangido.
– Sinto muito – falou ele.
– Por quê?
A pergunta o pegou de surpresa.
– Por Spencer.
– E por que você sente muito pelo Spencer?
Adam não respondeu. Olhava para todos os lados, menos para Betsy.
– Adam, olhe para mim.
Ela ainda era o adulto; ele, a criança. Adam obedeceu.
– O que aconteceu naquela noite?
Adam engoliu em seco.
– O que aconteceu? – repetiu ele.
– Você estava com Spencer.
Ele fez que não com a cabeça, imediatamente perdendo a cor.
– O que aconteceu, Adam?
– Eu não estava lá.
Betsy ergueu a foto retirada da página do MySpace, mas Adam ainda olhava para o chão.
– Adam?
Ele levantou o rosto e ela agitou a foto no ar.
– É você, não é?
– Não sei, pode ser.
– Essa foto foi tirada na noite em que ele morreu.
Mais uma vez ele fez que não com a cabeça.
– Adam?

– Não sei do que a senhora está falando, Sra. Hill. Não vi Spencer naquela noite.
– Olhe de novo…
– Preciso ir.
– Adam, por favor…
– Sinto muito, Sra. Hill.
E então ele se foi. Correu de volta ao prédio da escola, contornou-o pela direita e sumiu.

9

A CHEFE DE INVESTIGAÇÕES LOREN MUSE olhou para o relógio. Hora da reunião.

– Pegou minha tralha? – perguntou.

Sua assistente era uma jovem chamada Chamique Johnson. Muse a havia conhecido durante um julgamento por estupro que tivera certa repercussão. Depois de um difícil começo no cargo, Chamique se tornara praticamente indispensável.

– Aqui está – respondeu.

– Isso aí é muito importante.

– Eu sei.

Muse pegou o envelope.

– Está tudo aqui? – perguntou.

– Vou fingir que não ouvi – protestou Chamique.

Muse se desculpou e seguiu para o gabinete do promotor público de Essex, ou seja, a sala de seu chefe, Paul Copeland.

A recepcionista (ela era nova no cargo e Muse era péssima com nomes) cumprimentou-a com um sorriso.

– Todos já estão esperando pela senhora.

– Quem está esperando por mim?

– O promotor Copeland.

– Você disse "todos".

– Como?

– Você disse que "todos" já estão esperando por mim. "Todos" sugere mais de uma pessoa. Provavelmente mais de duas.

A recepcionista parecia confusa.

– Ah, claro. Deve haver umas quatro ou cinco pessoas lá dentro.

– Com o promotor Copeland?

– Sim.

– Quem são essas pessoas?

Ela encolheu os ombros.

– Outros investigadores, acho.

Muse não sabia ao certo o que pensar daquilo. Ela havia solicitado uma reunião particular para discutir a situação delicada com Frank Tremont. Não havia contado com a presença de outros investigadores.

Ouviu as risadas mesmo antes de entrar. Havia seis pessoas na sala, incluindo Paul Copeland. Todos homens. Frank Tremont também estava lá, além de três outros investigadores subordinados a ela. O sexto homem era remotamente familiar. Estava munido de um bloquinho e uma caneta e, sobre a mesa, diante dele, havia um gravador.

Cope, como o promotor público era chamado por todos, encontrava-se do outro lado de sua mesa, gargalhando de alguma coisa que Tremont acabara de sussurrar.

Muse sentiu as bochechas queimarem.

– Oi, Muse – disse o promotor.

– Cope – devolveu ela, e acenou a cabeça para os demais.

– Entre e feche a porta.

Muse entrou. Parada no meio da sala, sentiu todos os olhares se voltarem para ela. Mais fogo nas bochechas. Achando que aquilo era uma cilada, fuzilou o chefe com o olhar. Mas Cope fingiu não perceber: simplesmente sorriu como o paler-ma bonitão que sabia ser. Muse tentou sinalizar com os olhos que queria falar com ele a sós, que aquilo parecia uma emboscada, mas novamente não obteve a atenção do chefe.

– Vamos começar? – disse ele.

– Tudo bem – respondeu Muse.

– Espere aí. Você já conhece todo mundo?

Cope já havia causado certo rebuliço ao ser nomeado promotor do condado de Essex e surpreender todo mundo promovendo Loren Muse a chefe de investigações. O cargo geralmente era ocupado por algum membro da velha guarda, sempre um homem, cuja missão era apresentar o promotor recém-empossado, afilhado político de alguém, aos meandros do sistema. Loren Muse era um dos membros mais jovens do departamento. Quando perguntado que critérios ele havia usado para escolher uma jovem mulher em detrimento de tantos veteranos do sexo masculino, Paul Copeland invariavelmente respondia: “Mérito.”

Agora lá estava ela, diante de quatro desses veteranos preteridos.

– Não conheço este senhor – disse Muse, indicando o homem com o bloquinho e a caneta.

– Ah, desculpe. – Como se fosse um apresentador de TV, Cope esticou o braço e abriu seu melhor sorriso. – Este é Tom Gaughan, repórter do *Star-Ledger*.

Muse não disse nada. O filho-da-mãe do cunhado de Tremont. As coisas estavam ficando cada vez melhores.

– Você se importa se a gente começar agora? – perguntou Cope a ela.

– Por mim, tudo bem – disse ela.

– Ótimo. Bem, Frank tem uma reclamação. Pode falar, Frank.

Paul Copeland estava perto dos 40 anos. Sua esposa havia morrido de câncer logo depois do nascimento da filha deles, Cara, agora com 7 anos. Ele a havia criado sozinho. Pelo menos até então. Já não se viam mais fotos da menina sobre a mesa dele. Antes elas estavam lá. Muse lembrava que, logo no início, Cope colocara uma foto de Cara na prateleira de livros bem atrás de sua cadeira. Certo dia, depois de eles terem acabado com um pedófilo nos tribunais, Cope retirara a foto. Muse jamais tocara no assunto, mas achava que havia alguma relação.

Também não se via nenhuma foto da atual noiva, mas um smoking embrulhado numa capa de plástico estava pendurado no cabideiro de Cope. O casamento seria no sábado. Muse estaria lá. Na verdade, seria uma das madrinhas.

Cope sentou-se à sua mesa, passando a palavra a Tremont. Na ausência de uma cadeira disponível, Muse permaneceu de pé. Vulnerável e furiosa. Um subordinado estava prestes a atacá-la e Cope, que deveria defendê-la, assistia a tudo de braços cruzados. Muse precisou se controlar para não acusá-los de sexismo; sabia que, se fosse homem, dificilmente teria de engolir os disparates de Tremont. Teria poder suficiente para colocá-lo na rua sem se preocupar com repercussões políticas e na imprensa.

Frank Tremont puxou as calças pelo cinto, embora continuasse sentado.
– Olhe, sem querer faltar ao respeito com a nossa Muse aqui…
– Chefe de investigações Muse – corrigiu ela.
– Como é que é?
– Não sou "a nossa Muse". Tenho um cargo. Chefe de investigações. A *sua* chefe. Tremont sorriu. Lentamente correu os olhos pelos colegas investigadores e pelo cunhado repórter, a expressão querendo dizer: "Eu não falei?"
– Você é bastante sensível, não é, chefe de investigações Muse? – disse ele, cheio de sarcasmo.
Muse olhou de relance para Cope, que se manteve impassível. Não exibia no rosto nenhuma expressão de consolo. Simplesmente falou:
– Desculpe a interrupção, Frank. Continue.
Muse sentiu as mãos se fecharem num punho.
– Pois bem, como eu ia dizendo, tenho 28 anos de corporação. Estou nesse caso da puta encontrada no lixão do Fifth Ward. E ela aparece por lá sem ser chamada. Não gostei, nem é ético. Mas, se ela acha que pode ser útil, tudo bem. Agora, não vou aceitar que comece a me dar ordens, como se o caso fosse dela, tirando minha autoridade na frente dos policiais. – Ele abriu os braços. – Isso não está certo.
– É, foi você quem encontrou esse caso – concordou Cope.
– Certo.
– Fale mais.
– Hein?
– Sobre o caso.
– Não sabemos muita coisa ainda. Puta encontrada morta. Alguém destruiu a cara dela. *Eu* acho que ela foi espancada até a morte. Nada de identidade por enquanto. Interrogamos algumas das outras putas, mas ninguém a conhecia.
– Elas nunca viram a vítima ou simplesmente não sabem o nome dela? – perguntou Cope.
– Elas não quiseram falar muito, mas você sabe como é. Ninguém viu nada, ninguém sabe de nada. Mas vamos puxar a língua delas, pode deixar.
– Mais alguma coisa?
– Encontramos uma bandana verde. A cor de uma gangue nova, embora não seja exatamente do mesmo tom. Estou à procura de uns membros dessa tal gangue. Vamos dar um aperto neles, ver o que conseguimos arrancar. Também estamos dando uma olhada nos computadores, para ver se alguém anda matando putas com o mesmo *modus operandi* naquela região.
– E?
– Até agora, nada. Quer dizer, tem um monte de putas assassinadas. O chefe sabe disso, claro. Essa foi a sétima este ano.
– Impressões digitais?
– Pesquisamos nos arquivos locais. Nada. Vamos procurar no sistema do FBI também, mas isso vai levar um tempo.
– Sei – disse Cope. – Então. Qual é exatamente o seu problema com Loren?
– Veja bem, não quero pisar nos calos de ninguém, mas verdade seja dita: ela nem devia estar nesse cargo. Foi escolhida só porque é mulher. Até entendo isso. Hoje em dia é assim: o sujeito

rala durante anos, mas perde a promoção para outra pessoa só porque ela tem a pele escura ou não tem um pau entre as pernas. Eu entendo. Mas isso também é discriminação. Quer dizer, só porque sou homem e ela é mulher, isso não significa que ela possa fazer o que bem entender, certo? Se eu fosse chefe dela e ficasse questionando tudo o que ela fizesse, bem… Ela provavelmente iria botar a boca no trombone, me acusando de assédio sexual, estupro e ainda iria me processar.

– Faz sentido – disse Cope. E virando-se para Loren: – Muse?

– Sim?

– Algum comentário?

– Para início de conversa – disse Muse –, não tenho certeza se sou a única nesta sala que não tem um pau entre as pernas. – Ela olhou para Tremont.

– Mais alguma coisa? – disse Cope.

– Estou me sentindo coagida.

– De modo algum – disse Cope. – Você é a chefe dele, mas isso não significa que precisa ficar pajeando-o, feito uma babá, certo? Sou seu chefe, mas não faço isso com você, faço?

Muse estava furiosa.

– O investigador Tremont tem muitos anos de casa. Tem amigos e é bastante respeitado. Por isso resolvi dar a ele essa oportunidade. Tremont queria fazer um estardalhaço na imprensa com esta história. Uma reclamação formal. Pedi a ele que fosse razoável e concordasse com esta reunião. Permiti que convidasse o Sr. Gaughan para que ele visse de perto como é o nosso trabalho. Numa boa, sem nenhuma hostilidade.

Todos se viraram para ela.

– Agora vou perguntar de novo – disse Cope, encarando-a. – Você tem algum comentário a fazer sobre tudo o que o investigador Tremont acabou de dizer?

Agora Cope estava sorrindo. Não era um sorriso largo. Apenas um leve tremor nos cantos da boca. E foi então que ela entendeu.

– Tenho, sim – disse Muse.

– A palavra é sua.

Cope recostou-se na cadeira e cruzou as mãos na nuca.

– Vamos começar pelo fato de que não acho que a vítima seja uma prostituta.

Cope arqueou as sobrancelhas como se tivesse ouvido a mais surpreendente revelação de todos os tempos.

– Não acha?

– Não.

– Mas eu vi as roupas dela – disse Cope. – E acabei de ouvir o relato de Frank. Além disso, o local onde o corpo foi encontrado… Todo mundo sabe que aquilo ali é um antro de prostituição.

– Inclusive o assassino – disse Muse. – Foi por isso que desovou o corpo lá.

Frank Tremont irrompeu numa gargalhada.

– Isso só pode ser uma piada. Muse, meu bem, você precisa de provas e não de palpites.

– Você quer provas, Frank?

– Claro. O que você tem para mostrar? Nada, aposto.

– Em primeiro lugar, a cor da pele.

– Como assim, a cor da pele?
– A vítima era branca.
– Ah, mas isso é muito bom – disse Tremont, aplaudindo. – Isso é excelente! – Ele olhou para Gaughan e perguntou: – Anotou, Tom? Porque isso é uma pérola. Eu sugiro que a morte de uma prostituta não devia ser prioridade e isso faz de mim um homem das cavernas, um monstro preconceituoso. Mas quando a nossa Muse afirma que a vítima não pode ser prostituta porque é branca, ah, isso é um exemplo de investigação policial. – Ele apontou o indicador na direção de Muse e disse: – Você está precisando passar mais tempo nas ruas.
– Você disse que este ano outras seis prostitutas foram assassinadas, não disse?
– E daí?
– Sabia que todas elas eram afro-americanas?
– Isso não quer dizer nada. Talvez essas outras seis fossem… sei lá, altas. E a nossa vítima era baixa. Quer dizer então que ela não era puta?
Muse se aproximou do quadro de avisos na parede da sala. Retirou uma fotografia do envelope que tinha trazido e pregou-a no quadro com uma tachinha.
– Foi tirada na cena do crime.
Todos olharam.
– Aquelas ali são as outras putas – disse Tremont –, do outro lado do cordão de isolamento.
– Ótimo, Frank. Mas da próxima vez levante a mão e espere até que eu lhe dê a palavra.
Tremont cruzou os braços.
– E o que tem essa foto?
– O que é que você está vendo? – perguntou Muse.
– Putas – respondeu Tremont.
– Exatamente. Quantas?
– Sei lá. Quer que eu conte?
– Chute.
– Umas 20.
– Vinte e três. Muito bem, Frank.
– E daí?
– Agora conte quantas são brancas.
Ninguém precisava contar nada para saber a resposta: nenhuma.
– Então agora você está dizendo, Muse, que não existem prostitutas brancas? É isso?
– Claro que existem. Mas poucas naquela área. Pesquisei os registros dos últimos três meses. Segundo os relatórios de carceragem, nenhuma mulher branca foi presa por prostituição num raio de três quarteirões durante esse período. E como você mesmo disse, as impressões digitais dela não constam do sistema. De quantas prostitutas locais você acha que poderia dizer o mesmo?
– De muitas – disse Tremont. – Elas vêm de outros estados, ficam um tempo e, se não morrem assassinadas, seguem para Atlantic City. – Espalmando as mãos para o alto, ele emendou: – Puxa, Muse, você é ótima. Acho que vou pedir as minhas contas agora mesmo.
Tremont deu um risinho. Muse continuou séria.
Em seguida, ela pegou outras fotos e as prendeu no quadro.
– Reparem nos braços da vítima.

– O que têm os braços dela?

– Nenhuma marca de agulha. Os exames preliminares não apontam a presença de nenhuma substância ilegal no sangue dela. Portanto, Frank, mais uma vez eu pergunto: quantas prostitutas brancas na região do Fifth Ward não são viciadas?

Dessa vez ele não soube o que dizer.

– Além disso, ela é bem nutrida – prosseguiu Muse –, mas isso não significa grande coisa hoje em dia. Muitas prostitutas são bem nutridas. Nenhuma escoriação ou fratura importante anteriores ao incidente: isto, sim, é pouco comum para uma prostituta que trabalha por ali. Quanto à arcada dentária, não podemos inferir muita coisa, já que quase todos os dentes foram destruídos. Mas os poucos que sobraram… eram muito bem cuidados. Olhem só para isso.

Muse pregou mais uma fotografia sobre o quadro.

– Sapatos? – espantou-se Tremont.

– Muito bem, Flipper – provocou Muse.

Cope lançou um olhar para ela que deixava claro que a chefe de investigações deveria diminuir o tom sarcástico.

– Salto-agulha, sapatos de puta. Olhe só para essas botinas que você está usando, Muse. Por acaso nunca usa um sapato de mulher? Nem de vez em quando?

– Eu não, Frank, e você?

Risinhos se espalharam na sala. Cope balançou a cabeça.

– Aonde você quer chegar, afinal? – perguntou Tremont. – Esses sapatos aí saíram direto do catálogo das putas.

– Dê uma olhada nas solas. – Muse usou uma caneta para apontar.

– O que eu teria de ver?

– Nada. Esse é o problema. Nenhum sinal de uso. Nem um simples risquinho.

– Os sapatos são novos, e daí?

– Novos demais. Mandei fazer uma ampliação. – Muse pregou a foto ampliada. – Ninguém nunca usou estes sapatos. Nem uma única vez.

Silêncio na sala.

– E daí?

– Ótima pergunta, Frank.

– Vá à merda, Muse, isso não quer dizer que…

– Ah, e nenhuma amostra de sêmen foi encontrada nela.

– Talvez o assassino fosse o primeiro cliente do dia, ora.

– Pode ser. Eu também gostaria ainda que vocês examinassem o bronzeado da vítima.

– Bronzeado?

– Isso mesmo.

Tremont fez uma careta de espanto, mas sua platéia já estava minguando.

– Não é à toa, Muse. Essas putas trabalham na rua, e as ruas, como você sabe, ficam do lado de fora. As moças ficam do lado de fora, Muse. Quase o tempo todo.

– Tirando o fato de que temos tido pouco sol ultimamente, as marcas do bronzeado não batem. Elas param por aqui – ela apontou para os ombros –, e a barriga é completamente branca. Em resumo: essa mulher usava camisetas, e não biquíni. Quanto à tal bandana verde, encontrada na mão dela…

– Arrancada do agressor durante o ataque – interrompeu Tremont.
– Não, não foi arrancada de ninguém. É óbvio que foi plantada. O corpo foi deslocado, Frank. Não dá para acreditar que essa mulher tenha arrancado uma bandana da cabeça de seu agressor enquanto lutava com ele, muito menos que o assassino tenha deixado essa mesma bandana na mão dela ao desovar o corpo.
– Sei lá, de repente era um recado da gangue.
– Pode ser. Mas e o espancamento?
– O que é que tem?
– Exagerado demais. Ninguém espanca uma pessoa com tamanha precisão.
– Você tem alguma teoria?
– Uma bastante óbvia. O agressor não queria que a vítima fosse reconhecida. E tem mais. Pense bem, onde é que ela foi desovada?
– Num antro bastante conhecido de prostituição.
– Exatamente. Sabemos que ela não foi assassinada ali. Foi desovada. Mas por que *ali?* Se ela era uma prostituta, por que o agressor ia querer que soubéssemos disso? Por que desovar uma prostituta num antro de prostituição? Vou lhe dizer por quê. Porque se logo no início das investigações ela fosse tomada por uma prostituta e um investigador gordo e preguiçoso assumisse o caso e optasse pelo caminho mais fácil…
– Quem é gordo e preguiçoso aqui?
Frank Tremont ficou de pé. E Cope disse com tranqüilidade:
– Sente-se, Frank.
– Você vai deixar que essa aí…
– Shhh – disse Cope. – Está ouvindo esse barulhinho?
Todos se espantaram.
– Que barulhinho?
Cope colocou a mão em concha em volta da orelha.
– Escute, Frank. Está ouvindo? – sussurrou ele. – É o barulhinho da sua incompetência sendo revelada para as massas. Não só sua incompetência como também sua burrice suicida ao investir contra sua chefe sem ter fatos para apresentar a seu favor.
– Não tenho de engol…
– Shhh, ouça. Apenas ouça.
Muse se segurava para não rir.
– Estava ouvindo, Sr. Gaughan? – perguntou Cope.
Gaughan pigarreou.
– Ouvi o que foi preciso ouvir.
– Ótimo, porque eu também. E já que o senhor pediu permissão para gravar nossa conversa, achei que era meu dever fazer o mesmo. – Cope retirou um pequeno gravador de trás de um livro sobre a mesa. – Só por precaução, sabe. Caso seu chefe pedisse para ouvir exatamente o que foi dito aqui e seu gravador desse um defeito qualquer. Não seria nada bom se alguém pensasse que o senhor deturpou sua história para favorecer seu cunhado, não é?
Cope sorriu para Tremont e Gaughan. Nenhum dos dois sorriu de volta.
– Senhores, mais algum comentário? Não? Ótimo. Então, de volta ao trabalho. Frank, você pode tirar o resto do dia de folga. Para pensar direito nas suas opções, talvez até dar uma

olhada nos excelentes planos de aposentadoria que oferecemos.

10

ASSIM QUE ESTACIONOU, MIKE OLHOU para a casa dos Loriman. Nenhum movimento. Ele sabia que tinha de dar o próximo passo.

Primum non nocere. Este era o lema. Primeiro de tudo, não cause nenhum dano.

E depois?

Depois seria mais complicado.

Ele jogou as chaves e a carteira na pequena caixa que Tia reservara para esse fim, já que ele vivia perdendo uma coisa ou outra. O truque, na verdade, havia funcionado. Tia telefonara ao chegar a Boston. Estava se preparando para o depoimento que tomaria logo mais à tarde. Talvez se demorasse um pouco, mas pegaria a ponte aérea assim que possível. Não havia pressa, Mike lhe dissera.

– Oi, pai!

Jill surgiu no hall. Assim que Mike viu o sorriso dela, os Loriman e todos os outros problemas sumiram como num passe de mágica.

– Olá, meu amor. Seu irmão está no quarto?

– Não – respondeu Jill.

E lá se foi a mágica.

– Onde ele está?

– Sei lá. Achei que estivesse aqui embaixo.

Eles começaram a chamar por Adam. Nenhuma resposta.

– Seu irmão devia estar tomando conta de você – disse Mike.

– Ele estava aqui há 10 minutos – disse Jill.

– E agora?

Jill franziu as sobrancelhas, preocupada. Quando fazia isso, dava a impressão de que encolhia o corpo inteiro.

– Achei que vocês fossem ao jogo de hóquei hoje.

– E vamos.

Jill parecia agitada.

– O que foi, meu amor?

– Nada.

– Quando você viu seu irmão pela última vez?

– Sei lá. Alguns minutos atrás. – Ela começou a roer uma unha. – Ele não devia estar com você?

– Com certeza já deve estar voltando – disse Mike.

Jill não tinha tanta certeza assim. Nem Mike.

– Você ainda vai me deixar na casa da Yasmin? – perguntou Jill.

– Claro que vou.

– Então eu vou buscar minha mochila.

– O.k.

Jill subiu as escadas. Mike conferiu as horas no relógio. Ele e Adam haviam combinado de sair dali a meia hora, deixar Jill na casa da amiga e seguir para o jogo dos Rangers em Manhattan.

Adam deveria estar em casa tomando conta da irmã.

Mike respirou fundo. Ainda era cedo para entrar em pânico. Decidiu esperar pelo filho mais 10 minutos. Passou os olhos pela correspondência e novamente se lembrou dos Loriman. Era inútil postergar. Ele e Ilene haviam tomado uma decisão. Ele tinha de cumpri-la.

Ele ligou o computador, abriu a lista de telefones e clicou nos Loriman. O celular de Susan constava da lista. Ele e Tia jamais haviam ligado para ele, mas com os vizinhos era assim: todos trocavam números para o caso de uma emergência.

E era exatamente isto: uma emergência.

Ele discou. Susan atendeu logo na segunda chamada.

– Alô?

Ela tinha uma voz doce, suave, quase um sussurro. Mike limpou a garganta.

– Olá, Sra. Loriman. Aqui é Mike Baye.

– Está tudo bem?

– Está. Quer dizer, não temos nenhuma novidade. Você está sozinha agora? Silêncio.

– Já devolvemos esse DVD – disse Susan afinal.

Mike ouviu outra voz, provavelmente de Dante, perguntando:

– Quem é?

– Locadora – respondeu Susan.

Pois bem. Ela não estava sozinha.

– Você tem meu número? – perguntou Mike.

– Muito em breve. Obrigada.

Clique.

Mike esfregou o rosto com as mãos. Era só o que lhe faltava.

– Jill! – berrou.

Ela apareceu no topo da escada.

– Oi.

– Adam disse alguma coisa quando chegou em casa?

– “E aí, pirralha” – respondeu ela e sorriu.

Mike podia até ouvir a voz do filho. Adam adorava a irmã e ela o adorava na mesma medida. Irmãos quase sempre brigam, mas eles, não. Ou raramente. Por mais distante e carrancudo que Adam estivesse, jamais descontava em Jill.

– Você tem idéia de aonde ele possa ter ido?

Jill fez que não com a cabeça.

– Algum problema com o Adam? – perguntou.

– Não, problema nenhum. Não se preocupe. Daqui a pouco a gente sai, o.k.?

Mike subiu as escadas saltando os degraus de dois em dois. Sentiu uma ligeira dor no joelho, uma antiga contusão dos tempos de hóquei. Ele havia sido operado alguns meses antes pelo amigo ortopedista David Gold. Dissera a David que não queria abandonar o hóquei e perguntou se os jogos tinham sido os responsáveis pela lesão. David receitou um analgésico e retrucou: “Sei lá. Não tenho muita prática com enxadristas aposentados.”

Ele abriu a porta do quarto de Adam. O cômodo estava vazio. Mike procurou por pistas que lhe indicassem para onde o filho poderia ter ido. Não encontrou nenhuma.

– Não, ele não faria isso…

Olhou para o relógio. Adam definitivamente já deveria estar em casa. Na verdade, não deveria sequer ter saído. Como ele pôde deixar a irmã sozinha? Sabia que não podia fazer isso. Mike pegou o celular e apertou o número de discagem rápida. Ouviu o toque de chamada e depois a voz de Adam pedindo que ele deixasse um recado.

– Onde é que você se meteu? Temos de sair daqui a pouco para o jogo. E você deixou sua irmã sozinha! Ligue para mim imediatamente.

Desligou o telefone.

Dez minutos se passaram. Nenhum sinal de Adam. Mike ligou de novo. E rosnou mais um recado.

– Pai? – disse Jill.

– Oi, meu amor.

– Cadê o Adam?

– Acho que ele já deve estar chegando. Vou deixar você na casa da Yasmin e depois volto para buscar seu irmão, o.k.?

Mike deixou um terceiro recado para Adam, dizendo que estaria em casa dali a pouco. Lembrou-se da última vez que havia feito isto: deixado inúmeros recados no telefone do filho, quando Adam fugira de casa e ficara sem dar notícias por dois dias inteiros. Mike e Tia quase enlouqueceram tentando encontrá-lo, e no fim das contas não havia sido nada.

Tomara que ele não tenha resolvido fazer isso outra vez, pensou Mike. E imediatamente se corrigiu: meu Deus, tomara que seja exatamente isso que ele esteja fazendo.

Buscou uma folha de papel, rabiscou um bilhete e deixou-o sobre a mesa da cozinha:

> ADAM,
> SAÍ PARA LEVAR A JILL. ESTEJA PRONTO QUANDO EU VOLTAR.

A mochila de Jill tinha um escudo dos New York Rangers na parte de trás. Não que ela se interessasse por hóquei, mas a mochila havia sido do irmão mais velho. Jill adorava todas as coisas que herdava de Adam. Ultimamente não tirava uma jaqueta de náilon verde, grande demais para ela, dos tempos em que o irmão participava dos campeonatos infantis de hóquei. O nome dele havia sido bordado no peito, do lado direito.

– Pai?

– Que foi, meu amor?

– Estou preocupada com o Adam.

Ela não disse isso como uma menininha bancando a adulta, mas como uma garota madura demais para sua idade.

– Preocupada por quê?

Ela deu de ombros.

– Ele lhe disse alguma coisa?

– Não.

Mike dobrou uma esquina e entrou na rua de Yasmin, esperando que a filha falasse mais alguma coisa sobre o irmão. Mas ela não disse nada.

Nos velhos tempos, quando Mike era jovem, os pais simplesmente deixavam os filhos na casa dos amigos e iam embora; no máximo, esperavam até que alguém abrisse a porta. Agora, os pais descem do carro e escoltam os filhos até a porta. Mike geralmente se aborrecia com isso, mas quando se tratava de um pernoite, especialmente na idade de Jill, ele gostava de dar uma conferida. Tocou a campainha e Guy Novak, o pai de Yasmin, atendeu.

– Oi, Mike.

– Oi, Guy.

Guy ainda vestia o terno de trabalho, mas já tinha afrouxado a gravata. Usava um par de óculos de aro de tartaruga, talvez um tanto *fashion* demais, e os cabelos pareciam cuidadosamente desalinhados. Guy era mais um pai que trabalhava em Wall Street e, não importa quanto tentasse, Mike nunca conseguia entender exatamente o que ele fazia. Fundos fiduciários, fundos de *hedging*, linhas de crédito, ofertas públicas, pregão, ações, debêntures… Para Mike, tudo isso não passava de uma grande salada financeira.

Guy se divorciara havia muitos anos e, pelo que Jill contava, namorava muito.

– As namoradas sempre ficam puxando o saco de Yasmin – Jill dissera. – É até engraçado.

Jill abriu caminho entre eles e entrou.

– Tchau, pai.

– Tchau, meu amor.

Mike esperou até que a filha sumisse no interior da casa e só então se virou para Guy Novak. Sabia que era preconceito, mas preferia deixá-la com uma mãe divorciada. Por algum motivo lhe incomodava a idéia de deixar a filha pré-adolescente passar a noite na casa de um homem separado. Isso não deveria fazer diferença nenhuma. Quando Tia não estava, era ele próprio quem recebia em casa as amiguinhas de Jill. Mesmo assim.

Foi Mike quem quebrou o silêncio.

– Então, o que vocês programaram para a noite?

– Talvez um cineminha – disse Guy. – Com sorvete depois, na Cold Stone Creamery. Espero que você não se importe, mas minha namorada deve estar chegando. Ela vai com a gente.

– Claro que não me importo – disse Mike, pensando: “Melhor ainda.”

Guy olhou de relance para trás. Constatando que as meninas já tinham entrado, voltou-se para Mike e disse:

– Você tem um segundinho?

– Claro. O que foi?

Guy deu um passo à frente e deixou a porta fechar atrás de si. Passeou os olhos pela rua e enterrou as mãos nos bolsos do paletó. Mike o via de perfil.

– Está tudo bem? – perguntou.

– Jill tem sido ótima – disse Guy.

Sem saber ao certo o que dizer, Mike permaneceu calado.

– Ando meio confuso, sabe? Quer dizer, como pais, fazemos tudo o que está ao nosso alcance, certo? Damos nosso melhor para criar os filhos, alimentá-los, educá-los, etc. Yasmin teve de lidar com o nosso divórcio quando era muito nova. Mas acabou se acostumando. Era uma garota feliz, extrovertida, tinha amigos… E depois, bem, depois aconteceu aquilo.

– O problema com o Sr. Lewiston?

Guy fez que sim com a cabeça. Mordeu o lábio inferior e seu queixo começou a tremer.

– Você notou as mudanças nela, não notou?

Mike achou melhor dizer a verdade.

– Parece mais fechada.

– Você sabe exatamente o que Lewiston disse?

– Não, não sei.

Guy fechou os olhos, respirou fundo e contou:

– Yasmin estava fazendo bagunça na aula, sem prestar atenção, sei lá. Quando fui falar com Lewiston, ele disse que já a tinha advertido duas vezes. O problema é que minha filha tem um pouquinho de pêlos no rosto, sabe? Uma bobagem, um pequeno buço, nada que um pai pudesse notar. Quanto à mãe… bem, ela nunca está por perto. Eu nunca tinha ouvido falar de eletrólise, depilação definitiva, essas coisas. Então, um dia, o professor estava falando sobre cromossomos, e Yasmin, conversando no fundo da sala. Aí o professor perdeu a paciência e disse: "Certas mulheres têm traços masculinos, como pêlos no rosto. Está ouvindo, Yasmin?" Foi algo assim.

– Terrível – disse Mike.

– Inadmissível, certo? Ele não quis se desculpar imediatamente, achou que isso só ia chamar mais atenção para o ocorrido. E a turma inteira, claro, passou a zombar da minha filha, que ficou arrasada. Começaram a chamá-la de Mulher Barbada, ou de XY, por causa do cromossomo masculino. No dia seguinte, Lewiston se desculpou, implorou para que as crianças parassem com as piadinhas. Também fui lá e até briguei com o diretor. Mas o estrago já tinha sido feito. Entende o que estou dizendo?

– Entendo.

– Crianças…

– É.

– Jill ficou do lado da Yasmin. Foi a única. Impressionante para uma garota de 11 anos. Com certeza está pagando um preço alto por isso.

– Ela agüenta o tranco – disse Mike.

– É uma ótima menina.

– Yasmin também.

– Você devia se orgulhar. É só isso que estou dizendo.

– Obrigado – disse Mike. – Isso vai passar, Guy. É só uma questão de tempo.

Guy desviou o olhar.

– Quando eu estava na terceira série, tinha um garoto chamado Eric Hellinger na minha turma. Ele sempre andava com um sorrisão estampado no rosto. Se vestia como um mauricinho, mas parecia meio bobo, sabe? Sempre sorrindo. Até que um dia vomitou no meio da sala. Uma coisa horrível. O cheiro foi tão forte que todo mundo teve de sair para o corredor. Bem, os garotos começaram a pegar no pé dele, o chamando de Eric Fedorento. Uma implicância sem fim. A vida dele mudou. Nunca mais vi Eric sorrindo, nem mesmo anos depois, quando a gente já estava no ginásio.

Mike não disse nada, mas conhecia uma história semelhante. Toda infância tem um caso assim, um Eric Hellinger ou uma Yasmin Novak.

– Não tenho visto sinais de melhora, Mike. Então, coloquei a casa à venda. Não quero me mudar, mas não estou vendo outro jeito.

– Se tiver algo que eu ou Tia possamos fazer… – ofereceu Mike.
– Obrigado. E obrigado por deixarem a Jill dormir aqui hoje. É muito importante para Yasmin. E para mim também. Mais uma vez, muito obrigado.
– Que isso.
– Jill falou que você vai levar Adam a um jogo de hóquei hoje à noite.
– O plano é esse.
– Então não vou tomar mais seu tempo. Obrigado por me ouvir.
– Não foi nada. Você tem meu celular, não tem?
Guy fez que sim com a cabeça. Mike deu um tapinha no ombro dele e voltou para o carro.
A vida é assim: um professor perde a paciência por 10 segundos e muda completamente a vida de uma garota. Um absurdo.
Mike pensou em Adam. Será que algo parecido acontecera a ele também? Um incidente qualquer, talvez ínfimo, que o obrigara a mudar de rota?
Ele se lembrou daqueles filmes de viagem no tempo, em que o protagonista volta ao passado, muda uma única coisa e todo o resto muda em seguida, numa espécie de efeito dominó. Quem sabe, se Guy pudesse voltar no tempo e evitar que Yasmin fosse à aula naquele dia, talvez hoje ela não fosse mais feliz? Ou quem sabe realmente não é melhor ela enfrentar tudo isso e aprender como as pessoas podem ser cruéis?
Quem pode dizer?
A casa ainda estava vazia quando Mike voltou. Nenhum sinal de Adam. Nenhum recado.
Ainda pensando em Yasmin, Mike foi até a cozinha. O bilhete que ele deixara continuava sobre a mesa, intocado. Dezenas de fotografias, criteriosamente dispostas em molduras imantadas, decoravam a geladeira. Mike localizou uma delas: ele e Adam, numa viagem a Six Flags Great Adventure. Geralmente tinha pavor dos brinquedos radicais, mas o filho o convencera a experimentar uma montanha-russa que, pelo frio na barriga que causava, tinha o merecidíssimo nome de The Chiller, “Calafrios”. Mike adorou.
Quando saíram, pai e filho posaram para uma foto estúpida ao lado de um sujeito vestido de Batman. Ambos abraçavam o tal Batman com um sorriso idiota no rosto, os cabelos desgrenhados por causa da montanha-russa.
Isso fora no verão anterior.
Parado ali, diante da geladeira, Mike se lembrava de quando eles se sentaram no carrinho, seu coração acelerado enquanto esperava a aventura começar. Ele olhou para o filho, que abriu um sorriso maroto e disse: “Segure firme.” Então, no mesmo instante, Mike voltou mais de uma década no tempo, quando Adam tinha 4 anos. Eles estavam naquele mesmo parque e uma multidão se espremia para ver o espetáculo dos dublês. Em meio à massa compacta de gente, Mike segurou a mão do filho e disse: “Segure firme.” Então sentiu a mãozinha de Adam agarrar a sua, mas o empurra-empurra fez com que eles se separassem. Mike sentiu um pânico horrível, como se ambos estivessem na praia e uma onda tivesse levado seu filho, a correnteza o arrastando. A separação não durou mais que alguns segundos, 10 no máximo, porém Mike jamais se esqueceria do frio na espinha, do terror daquele breve instante.
Mike permaneceu um bom tempo com os olhos grudados na fotografia. Depois pegou o celular e ligou mais uma vez para o filho.
– Por favor, filho, ligue assim que puder. Estou preocupado com você. Sempre vou estar ao

seu lado para o que der e vier. Amo você. Me ligue, está bem?
Ele desligou e esperou.

Ao ouvir a última mensagem do pai, Adam quase começou a chorar.
Considerou ligar de volta. Pensou em discar o número do pai e pedir que ele fosse buscá-lo. Então, eles iriam com o tio Mo ao jogo dos Rangers e talvez ele se abrisse e contasse tudo. Ele olhava para o celular na mão. O número do pai era o primeiro da lista de discagem rápida. Tudo o que precisava fazer era apertar uma tecla.
Atrás dele, alguém chamou:
– Adam?
Ele afastou o dedo.
– Vamos lá.

11

BETSY HILL VIU QUANDO O MARIDO entrou com o Audi na garagem. Ele ainda era um homem muito bonito. Os cabelos grisalhos agora tinham muito mais fios brancos que pretos, mas os olhos azuis, tão parecidos com os do filho morto, ainda brilhavam no rosto sem rugas. Ao contrário da maioria de seus colegas, não tinha barriga: malhava o suficiente e se alimentava bem.

A foto que ela havia imprimido no MySpace encontrava-se à sua frente sobre a mesa. Betsy havia passado a última hora ali, pensando no que fazer. Os gêmeos estavam com sua irmã. Não queria que eles estivessem em casa naquele momento.

Ela ouviu a porta da garagem se abrir, e então Ron chamou:

– Betsy?

– Na cozinha, querido.

Ron entrou na cozinha com um sorriso no rosto. Fazia tempos que ela não o via sorrir; portanto, quando viu, sorrateiramente escondeu a foto sob uma revista. Queria proteger aquele sorriso, ainda que apenas por alguns minutos.

– Oi – disse ele.

– Olá, como foi no trabalho?

– Ótimo. – Ele ainda sorria. – Tenho uma surpresa.

– Ah, é?

Ron se aproximou, beijou-a na bochecha e jogou um panfleto sobre a mesa. Betsy o pegou para ler.

– Um cruzeiro de uma semana – disse ele. – Dê uma olhada no roteiro, Betsy. Marquei a página com um Post-it.

Ela abriu a página e olhou. O cruzeiro saía de Miami Beach e seguia rumo às Bahamas, St. Thomas e uma ilha particular, de propriedade do navio.

– É exatamente o mesmo roteiro da nossa lua-de-mel – disse Ron. – O navio é outro, claro. Aquela banheirona velha já não circula mais. Este aí é novinho em folha. Consegui uma cabine no deck superior, com varandinha e tudo. Até já providenciei alguém para ficar com o Bobby e a Kari.

– Não podemos ficar longe dos gêmeos uma semana inteira, Ron.

– Claro que podemos.

– Eles ainda são muito vulneráveis.

O sorriso começou a se dissipar.

– Eles vão ficar bem, Betsy.

Ele queria virar aquela página, ela pensou. O que não estava errado, claro. A vida tinha de continuar. Era esse o jeito que ele havia encontrado para enfrentar a dor: virar a página. E, cedo ou tarde, ela sabia, também viraria a página do casamento. Talvez ainda esperasse um tempo por causa dos gêmeos, mas todas as boas recordações – o primeiro beijo na frente da biblioteca, a noite passada na praia, a lua-de-mel ensolarada no cruzeiro, o papel de parede horrível que eles

arrancaram juntos da primeira casa, aquele dia no mercado em que, por uma bobagem qualquer, eles choraram de tanto rir –, tudo isso já havia sido enterrado no passado.

Quando Ron olhava para ela, via a imagem do filho morto.

– Então, Betsy?

– É. Talvez você tenha razão.

Ele se sentou ao lado dela e pegou sua mão.

– Conversei com o Sy hoje. Eles precisam de um gerente novo no escritório de Atlanta. Pode ser uma excelente oportunidade.

Ele quer fugir, pensou Betsy novamente. Por enquanto a queria ao seu lado, mas ela sempre o lembraria da dor.

– Eu te amo, Ron.

– Também te amo, querida.

Betsy queria a felicidade do marido. Teria de deixá-lo ir porque Ron tinha essa necessidade. Fugir. Não conseguia encarar o problema. Não poderia fugir com Betsy. Ela sempre o lembraria de Spencer, daquela noite pavorosa no telhado da escola. Mas Betsy o amava e tinha pavor de perdê-lo, mesmo que isso fosse egoísmo.

– O que você acha de Atlanta? – perguntou ele.

– Não sei…

– Você vai adorar.

Betsy já havia considerado a possibilidade de se mudar, mas Atlanta era um pouco longe demais. Ela passara a vida inteira em Nova Jersey.

– É muita coisa para digerir, né? – disse Ron. – Vamos com calma. Uma coisa de cada vez. Primeiro o cruzeiro, o.k.?

– O.k.

Ron queria estar em qualquer lugar, menos ali. Queria voltar no tempo. Ela poderia tentar, mas sabia que não daria certo. Não era possível voltar. Nunca é. Especialmente quando se tem um casal de gêmeos para criar.

– Vou subir para me trocar e já volto – disse ele.

Novamente a beijou no rosto. Os lábios estavam frios, como se ele já tivesse partido. Ela o perderia. Poderia levar três meses ou dois anos, mas o único homem que ela amara na vida acabaria indo embora. Ela já podia senti-lo se afastando, mesmo ao beijá-la.

– Ron?

Ele parou, já com uma das mãos no corrimão da escada. Quando se virou, foi como se tivesse sido flagrado em plena fuga, como se *quase* tivesse conseguido escapar. Deixou cair os ombros, conformado.

– Preciso lhe mostrar uma coisa – disse Betsy.

♦♦♦

Tia estava na sala de reuniões do Four Seasons de Boston quando o telefone tocou. Brett, o cara dos computadores, brincava com o laptop. Ela conferiu o identificador de chamadas e viu que era Mike.

– Já estão indo para o jogo?

– Não – respondeu ele.
– O que houve?
– Adam não está em casa.
– Não voltou da escola?
– Voltou. Ficou um tempo no quarto e depois saiu.
– Ele deixou Jill sozinha?
– Deixou.
– Estranho. Ele não é disso.
– Eu sei.
– Quer dizer, ele é bastante inconseqüente, mas abandonar a irmã desse jeito…
– É, eu sei.
Tia pensou por um momento.
– Você já ligou para o celular dele?
– Claro que liguei! Você acha que sou tão burro assim?
– Ei, não precisa descontar em mim – disse Tia.
– Então não fale comigo como se eu fosse um idiota. Claro que liguei para ele. Um milhão de vezes. Deixei não sei quantos recados para ele me ligar de volta – disse Mike com um nó na garganta.
Tia percebeu que Brett fingia não ouvir sua conversa. Afastou-se dele.
– Sinto muito – disse ela. – Eu não queria…
– Eu também não. Nós dois estamos nervosos.
– Então, o que vamos fazer?
– O que podemos fazer? – devolveu Mike. – Vou esperar aqui.
– E se ele não aparecer em casa?
Seguiu-se um instante de silêncio.
– Não quero que ele vá àquela festa – disse Mike.
– Eu também não.
– Mas se eu aparecer por lá para impedi-lo…
– É, isso seria estranho.
– O que você acha?
– Acho que você deveria ir lá e tentar buscá-lo de qualquer forma. Tente fazer as coisas com jeitinho.
– E que jeitinho seria esse?
– Não sei. A festa só deve começar daqui a algumas horas. Ainda temos um tempo para pensar.
– Tudo bem. Talvez eu tenha a sorte de encontrá-lo antes disso.
– Você já tentou ligar para o Clark e a Olivia?
– Tia.
– Desculpe. Claro que já ligou. Quer que eu volte para casa?
– Para quê?
– Sei lá.
– Não há nada que você possa fazer aqui. Está tudo sob controle. Eu nem devia ter ligado.
– Devia, sim. Não tente me poupar desse tipo de coisa. Quero saber de tudo.

– Pode deixar, não se preocupe.
– Me ligue assim que tiver alguma notícia.
– Está bem.
Ela desligou.
Brett levantou o rosto do computador.
– Problemas?
– Você estava ouvindo?
Brett deu de ombros.
– Por que você não dá uma olhada no relatório do E-SpyRight?
– Talvez eu peça ao Mike para fazer isso mais tarde.
– Você pode fazer daqui, se quiser.
– Achei que só pudesse acessar do meu próprio computador.
– Não. Você pode acessar de qualquer lugar que tenha uma conexão de internet.
– Isso não me parece nada seguro – disse Tia, preocupada.
– Você precisa de sua identificação e senha. É só entrar na página do E-SpyRight e logar. De repente seu filho recebeu um e-mail ou qualquer coisa assim.
Tia pensou no assunto.
Brett foi até o laptop, digitou alguma coisa e virou a tela para Tia. A página do E-SpyRight estava aberta.
– Vou dar um pulo lá embaixo para tomar um refrigerante – disse ele. – Quer que eu traga alguma coisa para você?
Tia fez que não com a cabeça.
– É todo seu – disse Brett.
Ele saiu da sala. Tia sentou-se na cadeira e começou a digitar. Abriu a página do relatório e procurou pelas informações do dia. Não havia quase nada, apenas uma rápida conversa com o misterioso CeeJay8115.

CeeJay8115: Q foi?
HockeyAdam1117: A mae dele me procurou na escola.
CeeJay8115: O q ela disse?
HockeyAdam1117: Sabe de alguma coisa.
CeeJay8115: O q vc falou pra ela?
HockeyAdam1117: Nada. Eu sai correndo.
CeeJay8115: A gente se fala de noite.

Tia releu o diálogo. E imediatamente ligou para o marido.
– Mike?
– Oi.
– Encontre o Adam. Faça qualquer coisa, mas encontre nosso filho.

Ron segurou a fotografia.
Olhava fixamente para ela, mas Betsy sabia que ele já não a enxergava mais. A linguagem corporal era para lá de preocupante. Ron sacudiu o corpo num espasmo, depois enrijeceu.

Colocou novamente a foto na mesa e cruzou os braços, depois a pegou de novo.

– O que isso muda? – perguntou.

Ele começou a piscar freneticamente, do mesmo modo que faz um gago ao tentar falar uma palavra especialmente difícil. Betsy ficou horrorizada com o que viu. Fazia anos que Ron não piscava daquele jeito. Sua sogra lhe dissera que ele havia apanhado muito na segunda série, mas que nunca tinha dito nada. Foi nessa época que o tique começou. Melhorara com o passar dos anos e, nos últimos tempos, raramente aparecia. Nem mesmo com a notícia da morte de Spencer.

A vontade de Betsy era voltar atrás e recolher aquela fotografia. Ron havia chegado em casa, estendido a mão num gesto conciliatório, e ela o repelira com a maldita foto.

– Ele não estava sozinho naquela noite – disse ela.

– E daí?

– Você não ouviu o que acabei de dizer?

– Talvez ele tenha saído com os amigos antes, e daí?

– Por que eles não disseram nada?

– Sei lá. Talvez estivessem com medo, talvez Spencer tenha pedido a eles… Pode ser que ele os tenha visto rapidamente e saído depois. Talvez essa foto tenha sido tirada mais cedo naquele dia. Mas o mais provável é que você tenha se confundido com as datas.

– Não. Fui falar com Adam na escola…

– Você o quê?

– Esperei por ele na saída e mostrei a foto.

Ron simplesmente balançou a cabeça.

– Ele fugiu de mim. Tem alguma coisa errada aí.

– Como o quê, por exemplo?

– Sei lá. Mas lembro que Spencer tinha um olho roxo quando foi encontrado pela polícia.

– Eles explicaram isso. Provavelmente ele desmaiou e bateu o rosto no chão.

– Ou talvez alguém tenha batido nele.

– Ninguém bateu nele, Betsy – disse Ron, cheio de doçura na voz.

Ela permaneceu calada. Ron piscava mais do que nunca. As lágrimas começaram a rolar no rosto dele. Betsy se aproximou para reconfortá-lo, mas Ron se esquivou.

– Spencer misturou comprimidos com álcool. Vê se entende isso de uma vez por todas, Betsy.

Ela não disse nada.

– Ninguém o obrigou a roubar aquela garrafa de vodca do nosso armário. Ninguém o obrigou a pegar aquele frasco de comprimidos no meu banheiro. Eu os deixei lá, à mostra. Sabemos disso, não é? Era um medicamento controlado e eu o deixei do lado de fora. O mesmo remédio que continuei tomando depois, quando devia ter parado e seguido em frente, não é?

– Ron, você não…

– Eu não o quê? Você acha que não enxergo as coisas?

– Não enxerga o quê? – perguntou ela, embora já soubesse a resposta. – Eu não culpo você de nada, meu amor.

– Culpa, sim.

Ela balançou a cabeça. Mas ele não viu. Já havia se levantado e saído porta afora.

12

NASH ESTAVA PRONTO para atacar.

Esperava no estacionamento do Palisades Mall, em Nyack. O shopping era mais um exemplo da megalomania americana. Tudo bem, o Mall of America, nas imediações de Minneapolis, era maior, mas esse era mais novo, um mega-shopping recheado de megalojas, sem nenhuma daquelas butiques pequenininhas e charmosas que fizeram tanto sucesso na década de 1980. Ali havia lojas de atacado, gigantescas livrarias, um complexo de 15 salas de cinema com tela IMAX, uma Best Buy para os eletrônicos, uma Staples para os suprimentos de escritório, além de uma enorme roda-gigante. Os corredores eram amplos. Tudo era grande.

Reba Cordova entrara na Target.

Estacionara o Acura MDX verde bem longe da entrada. Isso ajudaria, mas ainda seria arriscado. Eles pararam a van junto do Acura, pelo lado do motorista. Nash havia arquitetado todo o plano. Naquele momento, Pietra estava dentro do shopping, seguindo Reba Cordova. Nash também havia entrado um instante na Target, para fazer uma comprinha rápida.

Agora esperava no carro pelo torpedo de Pietra.

Ele havia cogitado usar o bigode, mas esse recurso não funcionaria ali. Nash precisava transmitir confiança, sinceridade. Bigodes não faziam isso. Bigodes, especialmente os mais encorpados, como o que ele havia usado com Marianne, dominam o rosto da pessoa. Quando solicitadas a fazer uma descrição, poucas testemunhas vão além do bigode. Nesse sentido, eram bastante úteis.

Mas não neste caso.

Nash se preparou para entrar em ação. Olhando-se no espelho retrovisor, arrumou os cabelos e fez a barba com um aparelho elétrico.

Cassandra sempre gostara de vê-lo assim, devidamente barbeado. Os pêlos de Nash eram espessos e cresciam rápido: por volta das 17h, já machucavam o rosto dela. "Faça a barba, tigrão", ela costumava dizer, com aquele sorrisinho malicioso que fazia Nash retorcer os dedos do pé. "E depois vou cobrir você de beijos."

Era nisso que ele pensava agora, naquela voz. Ainda sentia um aperto no peito. Desde muito já havia se conformado com o fato de que aquela dor jamais iria embora. O buraco estaria sempre ali.

Sentado no banco do motorista da van, Nash observava o vaivém das pessoas pelo estacionamento do shopping. Todas elas vivas, respirando, enquanto sua Cassandra estava morta. Àquela altura, toda a beleza dela já devia estar decomposta. Era difícil de imaginar.

O celular apitou. Uma mensagem de Pietra:

> "Estou no caixa. Saindo agora."

Nash rapidamente espremeu os olhos com o polegar e o indicador e saiu do carro. Abriu a porta traseira da van. Sua compra, uma cadeirinha de bebê, a mais barata que ele havia

encontrado na loja, já estava fora da caixa.

Nash olhou de relance para trás.

Reba Cordova empurrava um carrinho de compras com diversas sacolas de plástico. Parecia ao mesmo tempo preocupada e feliz, como tantas pessoas do rebanho suburbano. Nash refletiu um instante sobre essa felicidade, cogitando se era real ou simulada. Essas mulheres tinham tudo o que queriam: uma bela casa, dois carros na garagem, segurança financeira, filhos. Seria possível que se contentassem apenas com isso? Nash também pensou nos maridos no escritório, os que pagavam as contas, e se perguntou se eles eram igualmente felizes.

Ele via Pietra caminhando atrás de Reba Cordova, a alguns passos de distância. Olhando rapidamente à sua volta, viu um sujeito gordo, com cabelos e barba de hippie e camiseta *tie-dye*, suspender as calças surradas e seguir na direção da entrada. Um horror. Nash já o tinha visto dando voltas pelo estacionamento em seu Chevy Caprice surrado, à procura de uma vaga próxima o bastante da entrada para lhe poupar uns 10 segundos de caminhada. América, a gorda.

Nash havia estacionado a van de modo que a porta lateral ficasse de frente para a porta do motorista do Acura de Reba Cordova. Debruçado sobre o banco traseiro, ele começou a fingir que instalava a cadeirinha de bebê. Posicionara o retrovisor externo de forma que pudesse ver Reba se aproximando. Ela acionou o controle remoto e o porta-malas do Acura se abriu. Nash esperou até que ela estivesse mais perto.

– Puxa vida! – disse alto o bastante para que Reba ouvisse, mas de um jeito que denotava bom humor em vez de aborrecimento. Ergueu o tronco e coçou a cabeça como se estivesse confuso. Olhou para Reba Cordova e sorriu do modo menos ameaçador possível. – Cadeirinha de bebê – disse a ela.

Reba Cordova era uma mulher bonita, de feições delicadas como as de uma boneca. Ela levantou o rosto e abriu um sorriso de comiseração.

– Quem será que escreve esses manuais de instalação? – continuou ele. – Engenheiros da Nasa?

Reba sorriu novamente.

– É ridículo, não é?

– Totalmente. Outro dia eu estava montando o cercadinho da Pack'n Play do Roger… Roger é meu filho de dois anos. Você também tem um? Quer dizer, um Pack'n Play?

– Tenho.

– Devia ser facílimo montar e desmontar aquilo, mas, como disse Cassandra, minha mulher, eu não levo o menor jeito para a coisa.

– Meu marido também não.

Ele riu. Ela riu. Nash achou a risada dela adorável e se perguntou se o marido dela achava a mesma coisa, se era um homem divertido, se gostava de fazer sua esposa com traços de boneca rir, se ainda se sentia maravilhado com aquele som.

– Detesto incomodá-la – disse ele, ainda no papel de paizão gente boa –, mas preciso buscar o Roger na aula de natação e… bem, é que Cassandra e eu somos meio paranóicos com essa história de segurança, sabe?

– Claro. Também sou.

– Eu jamais dirigiria por aí com meu filho sem a cadeirinha e, como esqueci de transferir a que estava no outro carro, parei aqui para comprar uma nova e… bem, você sabe como é.

– É, sei.
Nash ergueu o manual e balançou a cabeça.
– Acha que pode me dar uma mãozinha? – perguntou.
Ele percebeu a hesitação de Reba. Uma reação instintiva, um reflexo. Afinal, ele era um estranho. Somos todos treinados, tanto pela biologia quanto pela cultura, a temer os estranhos. Mas a evolução também nos dotou de certa etiqueta social. Eles estavam num estacionamento de shopping e ele parecia uma boa pessoa, um pai que havia comprado uma cadeirinha para o filho. Portanto, não seria educado recusar, seria?
Todos esses cálculos não duraram mais que alguns segundos, dois ou três no máximo, e, por fim, a educação venceu o instinto de sobrevivência.
Quase sempre era assim.
– Claro que posso.
Ela guardou as sacolas no carro e se aproximou. Nash novamente se debruçou sobre o banco traseiro da van.
– Acho que o problema é só essa correia aqui…
Reba se adiantou para ver. Nash cedeu-lhe o espaço e olhou ao redor. O gordo de aspecto hippie ainda se arrastava na direção da entrada, mas seguramente não prestaria atenção a nada que não envolvesse uma rosquinha. Além disso, às vezes o mais recomendável era mesmo se esconder à vista de todos. Bastava manter a calma, não se apressar, evitar o escândalo.
Reba Cordova se debruçou sobre o banco da van e ali selou seu destino.
Nash observou a nuca exposta. Numa questão de segundos, jogou-se sobre Reba, pressionou o ponto certo atrás da orelha dela e com a mão livre tapou sua boca. Com isso, interrompeu o fluxo de sangue para o cérebro.
Reba ainda tentou se debater, mas sem ímpeto e apenas por alguns segundos. Nash pressionou com mais força, até imobilizá-la. Empurrou o corpo para dentro da van, entrou em seguida e fechou a porta. Pietra se aproximou e fechou o porta-malas do carro de Reba. Nash pegou o controle remoto da mão da vítima e trancou o Acura. Pietra se acomodou ao volante da van.
Ela deu a partida.
– Espere – disse Nash.
Pietra se virou para trás.
– Não é melhor a gente dar o fora logo?
– Calma.
Ele pensou um instante.
– Que foi?
– Deixe que eu levo a van – disse Nash. – Você vai levar o Acura.
– Levar o Acura? Para quê?
– Porque, se o deixarmos aqui, eles vão saber onde a pegamos. Se levarmos o carro para outro lugar, talvez possamos confundi-los.
Ele jogou as chaves do Acura para Pietra. Depois amarrou Reba. Embolou um lenço e forçou-o em sua boca. Reba tentou reagir.
Nash segurou seu rosto delicado com as duas mãos, como se estivesse prestes a beijá-la.
– Se você escapar – disse, encarando os olhos de boneca –, vou pegar Jamie. E aí vai ser pior. Muito pior. Entendeu?

Reba tremeu ao ouvir o nome da filha.

Nash passou para o banco do motorista.

– Venha atrás de mim. Dirija normalmente – disse para Pietra.

♦♦♦

Mike tentou relaxar um pouco com o iPod. Além do hóquei, ele não tinha nenhuma outra válvula de escape. Nada o relaxava de verdade. Gostava de estar com a família, de trabalhar e de jogar hóquei. Só. Mas o hóquei não duraria muito mais tempo. A idade começava a pesar. O que não era fácil de admitir. No trabalho, ele passava horas de pé numa sala de cirurgia e até então vinha contando com o hóquei para se manter em forma. O esporte também fazia bem ao coração, mas para os ossos e músculos era um massacre. As juntas doíam. Os estiramentos e torções eram cada vez mais freqüentes, e o tempo de recuperação, cada vez maior.

Pela primeira vez Mike se sentia na parte baixa da montanha-russa da vida – ou nos "últimos nove", como diziam os amigos golfistas. É assim com todo mundo: lá pelos 35 ou 40 anos, sabemos com maior ou menor grau de consciência que fisicamente já não somos mais o que éramos antes. Mas a negação tem seu poder, e só agora, aos 46 anos, Mike percebeu a descida. Uma descida sem volta e cada vez mais íngreme, apesar de todos os esforços no sentido contrário.

Um pensamento bastante animador.

Os minutos se arrastavam. Ele não se deu o trabalho de ligar novamente para o filho. Adam receberia os recados, ou não. No iPod, Mat Kearney cantava a pergunta mais adequada para aquele momento: "E agora, para onde vamos?" Mike tentou fechar os olhos e se deixar levar pela música, mas não conseguiu. Começou a andar de um lado para outro, mas isso também não o acalmou. Pensou em pegar o carro e dar uma volta pela vizinhança à procura do filho, mas logo se deu conta de que era uma idéia estúpida. Olhou para o taco de hóquei. Talvez fosse o caso de brincar um pouquinho do lado de fora.

Foi então que o celular tocou. Ele atendeu sem sequer olhar para o identificador de chamadas.

– Alô?

– Alguma novidade?

Era Mo.

– Não.

– Vou dar uma passada aí.

– Não precisa. Vá ao jogo.

– Imagina.

– Mo…

– Vou dar os ingressos para outro amigo.

– Você não tem outro amigo.

– Bem, isso é verdade – disse Mo.

– Olhe, vamos dar mais meia hora para ele. Deixe nossos ingressos no guichê de pré-vendidos.

Mo não respondeu.

– Mo?
– Você quer mesmo encontrar seu filho?
– Claro que quero!
– Lembra-se de quando pedi para dar uma olhada no seu celular?
– Lembro.
– Pois é. Seu modelo vem com GPS.
– Não estou entendendo.
– GPS. Global Positioning System.
– Eu sei o que é GPS, Mo. Mas que história é essa com o meu celular?
– Muitos desses aparelhos novos vêm com um chip de GPS embutido.
– Como aquela triangulação que eles fazem na TV com as torres de celular?
– Não. Isso é televisão. Também já está obsoleto. Tudo começou uns anos atrás, com um troço chamado SIDSA Personal Locator. Geralmente era usado pelos portadores de Alzheimer. Era só jogar o aparelho no bolso da pessoa, uma caixinha mais ou menos do tamanho de um baralho e, se ela se perdesse, os responsáveis tinham como localizá-la. Depois a uFindKid começou a fazer a mesma coisa com os celulares para crianças. Hoje esse chip está em quase todos os aparelhos de quase todos os fabricantes.
– Você está dizendo que o telefone do Adam tem GPS?
– O dele e o seu. Posso lhe dar o endereço do site, se você quiser. É só entrar e pagar uma taxa com o cartão de crédito. Você clica lá e aparece um mapa, igualzinho ao de qualquer outro GPS, ao do MapQuest, por exemplo, com os nomes das ruas e tudo mais. Você fica sabendo exatamente onde está o telefone.
Mike não disse nada.
– Você ouviu o que acabei de dizer?
– Ouvi.
– E então?
– Então é isso mesmo que eu vou fazer.
Mike desligou. Foi direto para o computador, abriu o navegador e digitou o endereço da operadora. Informou o número de seu telefone, forneceu uma senha. Encontrou o programa de GPS, clicou no link e diversas opções surgiram na tela. Era possível comprar um mês de GPS por US$ 49,99; seis meses por US$ 129,99; ou um ano inteiro por US$ 199,99. Num momento de desatino, ele se deteve para analisar as três opções e calcular qual delas seria a mais vantajosa. Mas assim que recobrou o juízo, clicou sobre a opção mensal, recusando-se a achar que dali a um ano ainda precisaria daquele serviço, por mais vantajosa que fosse a opção de longo prazo.
Demorou alguns minutos para a transação ser aprovada e então surgiu mais uma lista de opções. Mike clicou sobre o link "Mapa", trazendo à tona um mapa de todos os Estados Unidos com um pontinho sobre o estado de Nova Jersey. Grande ajuda. Ele clicou sobre o ícone do zoom, uma lente de aumento, e aos poucos, quase dramaticamente, o mapa começou a ficar mais restrito: primeiro a região, depois o estado, depois a cidade e, por fim, a rua.
A bolinha vermelha do GPS indicava uma rua não muito distante de onde o próprio Mike estava. Numa caixa estava escrito: ENDEREÇO MAIS PRÓXIMO. Muito embora já previsse o resultado, Mike clicou nela.

Adam estava na casa dos Huff.

13

NOVE DA NOITE. A escuridão encobria a casa dos Huff.

Mike parou o carro do outro lado da rua. As luzes estavam acesas no interior da casa. Havia dois carros na porta da garagem. Ele ficou pensando no que poderia dizer. Sem sair do carro, ligou mais uma vez para Adam. Nenhuma resposta. O número dos Huff não constava da lista, provavelmente porque Daniel Huff era da polícia. Mike também não tinha o número do celular do filho dele, DJ.

Na verdade, ele não tinha alternativa.

Tentou encontrar algum pretexto para estar ali, algo que não revelasse o que ele de fato havia feito, mas não conseguiu pensar em nada.

E agora? Mike cogitou voltar para casa. O garoto era menor de idade. Beber era perigoso, claro, mas a verdade era que, na juventude, Mike fizera exatamente a mesma coisa. Ele e os amigos bebiam algumas cervejas escondidos no mato. Festinhas de arromba na casa de Pepe Feldman. Não eram lá muito chegados às drogas, mas viviam na casa do amigo Erva (uma dica para os pais: se o apelido do seu filho for "Erva", é pouco provável que isso tenha alguma coisa a ver com jardinagem) quando os pais dele viajavam.

Mike jamais se perdera no caminho. Teria sido uma pessoa melhor se os pais tivessem invadido sua privacidade dessa forma?

Ele olhou para a porta da casa. Talvez devesse apenas esperar. Deixar que Adam bebesse e se divertisse e, mais tarde, quando o filho saísse, verificar se estava tudo bem com ele. Assim, não provocaria uma situação embaraçosa nem perderia a confiança do filho.

Que confiança?

Adam tinha deixado a irmã sozinha e não retornara nenhuma das ligações do pai. E o que era ainda pior: Mike já estava espionando o filho. Ele e Tia controlavam o computador do garoto. Tinham invadido completamente a privacidade de Adam.

Ele se lembrou de uma canção de Ben Folds que dizia: "Quem não confia não merece confiança."

Mike ainda pensava nessas coisas quando a porta dos Huff se abriu. Obedecendo a um impulso, escorregou no banco do carro e, por causa disso, sentiu-se um idiota. No entanto, não era nenhum dos garotos que estava saindo: era o capitão Daniel Huff, da força policial de Livingston.

O pai que em tese estaria viajando.

Mike não sabia ao certo o que fazer. Na verdade, isso não tinha importância. Daniel Huff caminhava com passos firmes na direção de Mike. Sem nenhuma hesitação. Sabia exatamente qual era seu destino.

O carro de Mike.

Mike se endireitou no banco. Ele e Daniel Huff se encararam. Daniel não sorriu, tampouco demonstrou qualquer apreensão. Mike, talvez porque soubesse a profissão do homem, teve a sensação de que havia sido parado numa blitz por um policial que tentava manter a expressão

neutra na esperança de que o próprio motorista confessasse sua infração, fosse o excesso de velocidade ou o papelote escondido no porta-malas.

Assim que Huff se aproximou o suficiente, Mike baixou a janela e forçou um sorriso.

– Olá, Dan – falou.

– Mike.

– Eu estava correndo demais?

Huff abriu um sorriso amarelo para a piada sem graça.

– Documentos, por favor – devolveu.

Ambos riram sem o menor entusiasmo. Huff colocou as mãos no quadril. Mike tentou dizer alguma coisa. Sabia que Huff esperava uma explicação, mas não estava disposto a dar nenhuma.

Após alguns segundos de constrangimento, Daniel Huff foi direto ao assunto.

– Vi quando você estacionou, Mike.

– Ahã.

– Algum problema?

– Não, nenhum.

Mike fez um esforço para não se irritar. O homem era da polícia, grande coisa. Quem sairia à rua para interpelar um amigo daquela forma senão um policial com o rei na barriga? Por outro lado, não deixava de ser estranho que alguém rondasse a casa de um conhecido como se estivesse vigiando.

– Quer entrar?

– Estou procurando Adam.

– Foi por isso que estacionou aqui?

– Foi.

– Então por que não desceu?

– Queria dar um telefonema antes.

– Não vi você falando no celular.

– Há quanto tempo você estava me vigiando, Dan?

– Alguns minutos.

– O carro tem viva-voz. Você sabe… mãos livres, como manda a lei.

– Só se você estiver dirigindo. Se estiver parado, pode segurar o telefone.

Mike já estava se cansando daquele jogo.

– Adam está aí com DJ?

– Não.

– Tem certeza?

Huff franziu as sobrancelhas. Mike sucumbiu ao silêncio.

– Achei que os meninos tinham combinado de se encontrar aqui hoje.

– Achou por quê?

– Foi o que entendi de um recado, dizendo que você e a Marge iriam viajar e que eles se encontrariam aqui.

Huff franziu as sobrancelhas novamente.

– Eu ia viajar?

– No fim de semana. Acho que foi isso.

– E por acaso você achou que eu permitiria que um grupo de adolescentes se encontrasse na

minha casa, sem nenhum adulto por perto?
A conversa ia de mal a pior.
– Por que você simplesmente não liga para o Adam?
– Já liguei. O telefone dele não estava recebendo chamadas. Adam vive se esquecendo de recarregar a bateria.
– Então você veio até aqui?
– É.
– E resolveu ficar no carro em vez de bater à porta.
– Dan, sei que você é policial, mas dá um tempo, vai. Só estou procurando meu filho, o.k.?
– Ele não está aqui.
– E DJ? Talvez ele saiba do Adam.
– Também não está.
Mike esperou que Huff se oferecesse para ligar para o filho. Ele não se ofereceu e Mike não se sentiu à vontade para pedir. Aquela conversa já tinha ido longe demais. Se uma festinha na casa dos Huff tivesse sido planejada, fora cancelada em algum momento. Mike não queria esticar o assunto com aquele homem antes de obter mais informações. Nunca tivera simpatia pelo policial, muito menos agora.
Por outro lado, como explicar o GPS?
– Foi um prazer ver você, Dan.
– Igualmente.
– Se tiver alguma notícia do Adam…
– Pode deixar que mando ele ligar para você. Tenha uma boa noite. E dirija com cuidado.

♦♦♦

– Bigode de gatinho – disse Nash.
Pietra já havia voltado para o volante. Nash fizera com que ela o seguisse durante cerca de 45 minutos. Eles deixaram o Acura no estacionamento de um Ramada Inn, na East Hanover. Quando ele fosse encontrado, a primeira hipótese seria a de que Reba havia desaparecido no hotel. A polícia ficaria se perguntando por que uma mulher casada estivera num hotel tão perto de casa. Provavelmente pensariam que ela tinha um amante. O marido negaria com veemência.
Por fim, tal como havia acontecido com Marianne, a verdade viria à tona. Mas levaria algum tempo.
Eles haviam recolhido as compras que Reba fizera na Target. Deixá-las no porta-malas facilitaria o trabalho da polícia. Nash vasculhou as sacolas. Reba tinha comprado roupas íntimas, livros e até alguns DVDs para a família.
– Você ouviu o que eu disse, Reba? – Ele ergueu a caixinha de um dos filmes. – Bigode de gatinho.
Reba estava com as pernas e os braços amarrados com uma única corda. Suas
feições de boneca pareciam frágeis como porcelana. Nash havia retirado o lenço de sua boca. Reba levantou o rosto e gemeu.
– Não tente se soltar – disse ele. – Assim você só vai se machucar. E daqui a pouco já vou ferir você o suficiente.

Reba engoliu em seco.
– O que… vocês querem? – conseguiu dizer.
– Estou falando desse filme que você comprou. – Nash ergueu a caixinha. – *A noviça rebelde*, um clássico.
– Quem são vocês?
– Se fizer mais uma pergunta, vai começar a apanhar agora mesmo. Ou seja, você vai sofrer bastante e morrer mais cedo. E, se me encher muito o saco, vou pegar a Jamie e fazer a mesma coisa com ela. Está entendendo?
Os olhinhos de Reba piscaram como se ela tivesse levado um tapa na cara. As lágrimas começaram a rolar.
– Por favor…
– Você se lembra de *A noviça rebelde*, sim ou não?
Ela tentou parar de chorar, engolir as lágrimas.
– Reba?
– Sim.
– Sim o quê?
– Sim, eu me lembro.
Nash sorriu para ela.
– E desse verso, "bigode de gatinho", você se lembra também?
– Lembro.
– É de que canção?
– O quê?
– A canção. Você se lembra do nome da canção?
– Acho que não.
– Claro que lembra, Reba. É só pensar um pouco.
Ela tentou, mas o medo tinha um efeito paralisante e Nash sabia bem disso.
– Você está confusa – disse ele. – Normal. O nome da canção é "Minhas coisas favoritas". Está lembrando agora?
Depois de um esforço, ela disse:
– Lembro. Lembro, sim.
Nash sorriu satisfeito.
– Campainhas – falou em seguida.
Reba estava completamente perdida.
– Você também se lembra dessa parte? Julie Andrews está com as crianças, elas tinham pesadelos, ou medo de trovão, uma coisa assim, e, para acalmá-las, ela pede que comecem a pensar em suas coisas favoritas. Para espantar o medo. Você se lembra, não lembra?
Reba voltou a chorar e só conseguiu assentir com a cabeça.
– Aí eles começam a cantar. Sobre campainhas! Dá para acreditar nisso? Se você perguntar a um milhão de pessoas quais são suas cinco coisas favoritas, aposto que nenhuma delas, *nem umazinha só*, vai dizer "campainha". Imagine só: "Minha coisa favorita? Campainha, claro! Sim, senhor, não tem nada melhor na vida que uma boa campainha! Se estou triste e quero me animar, toco uma campainha. Esse é o segredo. Se estou brocha? Toco uma campainha. Sabe o que realmente me deixa louco? São aquelas que fazem barulho de sininho. Ah, não resisto."

Nash se calou um instante. Depois deu um risinho, balançou a cabeça e prosseguiu:
– Lembra daquele jogo das famílias na televisão? *Family Feud*, era assim que se chamava, não era? – E parodiando o apresentador Richard Dawson, emendou: – Vamos lá, as 10 respostas mais citadas nas pesquisas! Você disse "campainha"? *Péééééém!* Não, infelizmente não tem campainha.
Ele riu. Pietra riu também.
– Por favor – suplicou Reba –, o que vocês querem de mim?
– Já vamos chegar lá, Reba. Mas posso dar uma dica.
Ela esperou.
– O nome Marianne lhe diz alguma coisa?
– O quê?
– Marianne.
– O que tem ela?
– Ela mandou uma coisinha para você.
Reba ficou ainda mais apavorada.
– Por favor, não me machuquem.
– Sinto muito, Reba. Não vai dar. Vou ter de machucar você. E muito.
Então, Nash passou para o banco traseiro da van e provou que não estava mentindo.

14

MIKE ENTROU EM CASA, BATEU A PORTA e foi direto para o computador. Queria consultar a página do GPS e ver exatamente onde Adam estava. Ficou pensando nisso. O GPS não era um instrumento absolutamente preciso, tinha uma pequena margem de erro. Seria possível que Adam estivesse na vizinhança da casa dos Huff? A um quarteirão de distância, talvez? Na mata próxima ao quintal deles?

Ele estava prestes a abrir a página quando ouviu alguém bater à porta da frente. Suspirou e foi ver quem era pela janela. Susan Loriman.

Mike abriu a porta. Susan estava com os cabelos soltos, sem maquiagem, e ele mais uma vez se repreendeu por achá-la uma mulher muito atraente. Certas mulheres têm essa coisa. Não dá para dizer ao certo o que é. O rosto e o corpo são bonitos, às vezes mais que isso, mas também tem aquela qualidade intangível que deixa os homens de queixo caído. Mike jamais iria além da admiração, mas sabia que ignorar esse tipo de atração era ainda mais perigoso.

– Oi – disse Susan.

– Oi.

Ela não entrou. Não queria dar margem a fofocas caso houvesse alguém os observando e, numa vizinhança daquelas, certamente haveria. Susan ficou à porta, os braços cruzados, como uma vizinha pedindo uma xícara de açúcar.

– Você sabe por que eu liguei? – perguntou Mike.

Ela fez que não com a cabeça.

Mike procurou as palavras certas.

– Como você sabe, precisamos testar os parentes mais próximos de seu filho.

– Sim, eu sei.

Ele se lembrou da atitude arredia de Daniel Huff, do computador ligado no escritório, do GPS no telefone de Adam. Sua vontade era falar com Susan com tato, mas aquele não era um momento para meias-palavras.

– Isso significa que precisamos testar o pai biológico do Lucas.

Susan piscou os olhos como se tivesse acabado de levar um tapa.

– Eu não queria ser tão direto, mas…

– Mas você já testou o pai dele. Falou que não era compatível.

Mike olhou para ela.

– O pai *biológico* – repetiu.

Ela deu um passo atrás, perplexa.

– Susan?

– Não é o Dante?

– Não. Não é o Dante.

Susan Loriman fechou os olhos.

– Meu Deus! – exclamou. – Não pode ser.

– Mas é.

– Tem certeza?
– Tenho. Você não sabia?
Ela não disse nada.
– Susan?
– Você vai contar para o Dante?
Mike não sabia como responder.
– Acho que não.
– Você *acha?*
– Ainda estamos avaliando todas as implicações éticas e legais deste caso e…
– Você não pode contar. Ele vai perder a cabeça!
Mike não sabia o que dizer. Simplesmente esperou.
– Ele adora aquele menino. Você não pode tirar isso dele.
– Nossa principal preocupação é com o bem-estar do Lucas.
– E você acha que contar ao Dante que ele não é o pai verdadeiro vai ajudar o Lucas de alguma forma?
– Não, mas preste atenção, Susan. A saúde do Lucas está acima de qualquer coisa. Essa é a nossa prioridade número um, dois e três. Neste momento, isso significa encontrar o melhor doador possível para o transplante. Portanto, não estou fazendo isso só para me meter na sua vida ou destruir sua família. Trata-se exclusivamente de um cuidado médico. Precisamos testar o pai biológico.
Com os olhos marejados, ela baixou a cabeça e mordeu o lábio inferior.
– Susan?
– Preciso pensar – disse ela.
Em outras circunstâncias, Mike iria pressioná-la, mas não havia motivo para fazer isso agora. Nada aconteceria durante a noite e ele tinha suas próprias preocupações.
– Vamos ter de testar o pai.
– Só me dê um tempo, está bem?
– Claro.
Ela o encarou com tristeza.
– Não conte ao Dante – suplicou. – Por favor, Mike.
Não esperou que ele respondesse, simplesmente se virou e foi embora. Mike fechou a porta e voltou ao escritório. Susan Loriman teria semanas difíceis pela frente. "Susan Loriman, seu filho pode morrer a qualquer momento e precisa de um transplante. Ah, e seu marido está prestes a descobrir que o garoto não é filho dele! Sabe o que mais? Vamos para a Disneylândia!"
A casa estava silenciosa, o que não era comum. Mike tentou se lembrar da última vez que ficara sozinho ali, sem filhos, sem Tia, mas não conseguiu. Gostava desses períodos de tranqüilidade. Tia era o contrário. Gostava de gente ao seu redor o tempo todo. Crescera numa família grande e detestava ficar sozinha. Mike, por sua vez, não tinha nada contra a solidão.
Voltando ao computador, ele abriu a lista de favoritos e clicou sobre o link do GPS. Um *cookie* já havia salvado o nome do usuário, portanto só foi preciso digitar a senha. Uma voz em sua cabeça berrava para que ele deixasse aquilo tudo de lado. Adam precisava conduzir sua própria vida sozinho e aprender com seus próprios erros.
Será que essa superproteção era uma forma de compensar sua própria infância?

O pai de Mike fora ausente. Não por culpa sua, claro. Emigrara da Hungria pouco depois da queda de Budapeste, em 1956. Antal Baye (o nome tinha origem francesa, embora não fosse possível traçar a árvore genealógica até tão longe) não falava uma única palavra de inglês ao desembarcar em Ellis Island. Começou a vida como lavador de pratos e economizou o suficiente para mais tarde abrir uma lanchonete à beira da McCarter Highway, em Newark. Trabalhava sete dias por semana, mas conseguiu construir uma vida para sua família.

A lanchonete servia três refeições diárias, vendia revistas em quadrinhos e álbuns de figurinha, jornais e revistas, charutos e cigarros. Os bilhetes de loteria faziam enorme sucesso, embora Antal não gostasse de vendê-los. Ele achava que era um desserviço encorajar seus clientes, honestos e trabalhadores, a jogar dinheiro fora com sonhos impossíveis. Não via problema algum na venda de cigarros, pois fumar era uma escolha e as pessoas sabiam o que estavam fazendo. Mas vender a ilusão de dinheiro fácil o aborrecia.

Antal Baye nunca tinha tempo para assistir aos jogos de hóquei de Mike na liga infantil. Mas não se culpava por isso. Homens como ele jamais assistiam aos jogos dos filhos. Ele se interessava por tudo o que Mike fazia, vivia fazendo perguntas, queria saber de todos os detalhes, mas o trabalho não deixava tempo livre para nenhuma espécie de lazer, muito menos para ficar sentado assistindo ao que quer que fosse. No único jogo ao qual comparecera (Mike tinha 9 anos e a partida era ao ar livre), ele havia caído no sono, recostado numa árvore, exausto de tanto trabalhar. Nem sequer tirara o avental da lanchonete, salpicado com as manchas de gordura dos sanduíches de bacon servidos pela manhã.

Era assim que Mike sempre via o pai, com aquele avental branco, atrás de um balcão, vendendo balas à criançada, vigiando os larápios, preparando às pressas hambúrgueres e café da manhã.

Mike estava com 12 anos quando o pai tentou deter um ladrão. O sujeito sacou uma arma e atirou. E foi assim, de forma tão estúpida, que Antal morreu.

A lanchonete foi à falência. A mãe de Mike começou a beber e não parou mais, até que o Alzheimer a devorasse precocemente e tornasse o artifício da bebida inútil. Ela agora vivia num asilo em Caldwell. Mike a visitava uma vez por mês, embora ela não tivesse a menor idéia de quem ele era. Por vezes o chamava de Antal e perguntava se ele queria que ela preparasse uma salada de batatas para os clientes que iam almoçar.

Coisas da vida. Fazer escolhas difíceis, sair de casa e deixar para trás tudo o que se ama, tudo o que se tem, viajar para o outro lado do mundo, para um país desconhecido, construir uma vida nova… E um vagabundo miserável simplesmente puxa o gatilho e acaba com tudo.

A revolta do jovem Mike aos poucos foi se transformando em determinação. Ele se tornou um jogador melhor. Um aluno melhor. Matava-se de estudar e de trabalhar porque, ao se manter ocupado, não ficava pensando em como as coisas poderiam ter sido.

O mapa apareceu na tela do computador. Dessa vez o pontinho vermelho estava piscando. De acordo com o que Mike havia lido no tutorial, isso indicava que a pessoa estava em movimento, provavelmente dentro de um carro. Ele também lera que os localizadores GPS consumiam muita bateria. Portanto, para economizar energia, os sinais eram emitidos a cada três minutos. Se a pessoa parasse de se mover por mais de cinco minutos, o sistema era desligado automaticamente e reiniciado depois, diante de qualquer indício de movimento.

Adam estava atravessando a ponte George Washington.

Mas por quê?

Mike esperou. Era evidente que Adam estava num carro. De quem seria? O pontinho vermelho seguiu piscando pela Cross Bronx Expressway, pela Major Deegan, até chegar ao Bronx. Para onde ele estava indo? Aquilo não fazia o menor sentido. Vinte minutos depois, o pontinho parou na Tower Street. Mike não conhecia nada daquela região.

E agora?

Ficar ali, acompanhando o pontinho vermelho? Não parecia uma boa idéia. Por outro lado, se saísse atrás do filho, era bem possível que Adam se deslocasse novamente.

Mike encarou o pontinho vermelho.

Clicou no ícone que lhe daria o endereço. Tower Street, 128. Em seguida clicou no link do endereço. Era uma residência. Ele pediu uma visão de satélite e foi nesse momento que o mapa se transformou naquilo que de fato era: uma imagem obtida e transmitida por satélite. Não dava para ver muita coisa, apenas os topos dos prédios numa rua da cidade. Mike foi passando o cursor pelo quarteirão e solicitando novos endereços. Não encontrou nada de muito útil.

Quem Adam poderia estar visitando?

Mike solicitou um número de telefone para o endereço da Tower Street. Não conseguiu, pois se tratava de um prédio e ele não tinha como informar o número do apartamento.

E agora?

Ele abriu o MapQuest. Segundo informou o relatório, levaria 49 minutos para chegar ao seu destino.

Mike resolveu ir até lá e pagar para ver.

Foi ao quarto e buscou o laptop, que tinha conexão *wireless*. Seu plano, se é que isso podia ser chamado de plano, era: se chegasse ao Bronx e não encontrasse Adam, procuraria algum lugar onde pudesse acessar a internet e novamente pesquisaria a localização do filho pelo GPS.

Dois minutos depois, entrou no carro e saiu.

15

ASSIM QUE ENTROU NA TOWER STREET, não muito longe do local indicado pelo GPS, Mike começou a esquadrinhar a rua à procura de Adam, de um rosto ou de um carro conhecido. Qual deles já teria habilitação para dirigir? Olivia Burchell, talvez. Ela já teria completado 17? Mike não tinha certeza. Decidiu checar mais uma vez o GPS para ver se Adam ainda estava por ali. Ele encostou o carro e ligou o laptop. Nenhuma rede *wireless* foi localizada.

A multidão que circulava pelas calçadas era de jovens, quase todos vestidos de preto, com os rostos pálidos pintados de batom e rímel também pretos. Usavam correntes e tinham estranhos piercings no rosto (e provavelmente pelo resto do corpo), além das típicas tatuagens. Esta era a melhor maneira de chocar e demonstrar independência: fazer exatamente o que todos os amigos faziam. Ninguém se sente à vontade na própria pele. Os garotos pobres queriam aparentar riqueza, usando tênis caros, jóias, etc. Os ricos, por sua vez, queriam aparentar pobreza, vestindo-se como *rappers*, quase pedindo desculpas pelos modos gentis que eles consideravam "excessos dos pais", os mesmos pais que sem dúvida eles tentariam imitar muito em breve. Ou quem sabe o que se via ali não era tão dramático assim? Será que a grama do vizinho é sempre mais verde mesmo? Mike não sabia dizer.

De qualquer modo, sentia-se aliviado por Adam ter aderido somente às roupas pretas. Até então, nada de piercings, tatuagens ou maquiagem. Pelo menos por enquanto.

Os emos (segundo Jill, eles já não eram mais chamados de góticos, mas sua amiga Yasmin insistia que eram duas coisas completamente diferentes, o que rendia muita discussão) dominavam aquele trecho em particular. Andavam de um lado para outro com um olhar vago, a boca entreaberta e uma postura indolente. Alguns faziam fila diante de uma casa noturna, outros se apinhavam num bar do outro lado da rua. Outra boate anunciava "strip 24 horas por dia" e Mike ficou se perguntando se aquilo podia ser verdade, se todos os dias, a qualquer hora, mesmo às duas da tarde, haveria ali uma dançarina tirando a roupa. E nas manhãs de Natal? E no feriado da independência? E quem seriam as pessoas tristes que estariam ali, ou trabalhariam ali, àquela hora da noite?

Será que Adam estava entre elas?

Não era possível saber. Havia diversos lugares como aquele pela rua. Seguranças enormes, com aqueles fones de ouvido geralmente associados aos agentes do Serviço Secreto, montavam guarda diante das portas. No passado, apenas algumas boates tinham porteiros daquele tamanho. Agora, ao que tudo indicava, todas tinham pelo menos dois "armários" à porta, sempre com a mesma camiseta preta e justa, os mesmos bíceps inchados, a mesma cabeça raspada (como se cabelos fossem sinal de fraqueza).

Em tese, ninguém com menos de 21 anos poderia entrar num lugar desses. Adam tinha 16. Mesmo com uma identidade falsa, era pouco provável que ele conseguisse entrar. Mas quem poderia saber? Talvez houvesse por ali algum estabelecimento que fazia vista grossa para a idade mínima. Talvez isso explicasse por que Adam e seus amigos se despencavam para tão longe em busca de diversão. A boate Satin Dolls, que servira de inspiração para o Bada Bing!

de *Os sopranos*, ficava a apenas alguns quilômetros de casa, mas Adam jamais conseguiria entrar ali.

Só podia ser isso.

Mike seguiu dirigindo pela rua com o laptop aberto no banco do passageiro. Parou numa esquina e clicou sobre LOCALIZAR REDES WIRELESS. Duas redes foram encontradas, mas ambas contavam com mecanismos de segurança. Mike não poderia acessá-las. Andou mais uns 100 metros e tentou de novo. Da terceira vez, conseguiu. Uma rede Netgear estava disponível, sem nenhuma espécie de bloqueio. Mike rapidamente clicou no botão CONECTAR e entrou na internet.

Abriu a página do GPS, digitou a senha (ADAM) e esperou.

O pontinho vermelho continuava no mesmo lugar do mapa. De acordo com os termos de serviço, o GPS trabalhava dentro de um raio de aproximadamente 12 metros. Portanto, era difícil saber com precisão onde Adam se encontrava. Mas seguramente estava por perto. Mike desligou o computador.

Muito bem, e agora?

Ele encontrou uma vaga mais adiante e estacionou. Com boa vontade, aquela área poderia ser descrita como “decadente”. Havia muito mais janelas lacradas com tapumes do que com os tradicionais vidros. As fachadas de tijolo aparente, quando não eram cobertas de mofo, davam a impressão de que estavam podres e poderiam ruir a qualquer momento. O ar era empesteado com um cheiro forte de suor, misturado a outro, difícil de definir. Todas as lojas haviam baixado as grades de metal, grafitadas de cima a baixo, para proteger as vitrines. Mike tinha a impressão de que o próprio hálito lhe queimava a garganta. Todo mundo parecia transpirar.

As mulheres usavam blusas de alças e shorts curtíssimos, e Mike, mesmo correndo o risco de parecer antiquado ou politicamente incorreto, ficou na dúvida se elas eram adolescentes querendo se divertir ou garotas vestidas para trabalhar.

Ele saiu do carro. Uma mulher negra e muito alta se aproximou e disse:

– E aí, tio, quer brincar um pouquinho com a Latisha?

A voz era grave. As mãos eram enormes. E Mike já não tinha certeza se “mulher” era a palavra certa.

– Não, obrigado – respondeu.

– Tem certeza? Você poderia ampliar um pouquinho seus horizontes.

– Não. Meus horizontes já são amplos o suficiente.

Cartazes anunciando bandas das quais ninguém tinha ouvido falar, com nomes do tipo Papanicolaou e Pus de Gonorréia, recobriam quase todos os espaços livres. À porta de um prédio, uma mãe carregava o filho encaixado no quadril, o rosto empapado de suor; uma lâmpada solitária balançava no hall atrás dela. Mike avistou um estacionamento improvisado numa ruela deserta. Uma placa informava: PERNOITE, US$10. Um homem de aspecto latinoamericano, usando uma camiseta regata e calças cortadas à altura dos joelhos, contava dinheiro à entrada.

– O que você quer, meu chapa? – perguntou assim que viu Mike.

– Nada.

Mike seguiu em frente. Logo encontrou o endereço indicado pelo GPS. Tratava-se de um prédio residencial, sem elevador, espremido entre duas boates barulhentas. O quadro de

campainhas à porta não mostrava o nome dos moradores, somente os números dos apartamentos.
O que fazer então?
Mike não tinha a menor idéia.
Poderia ficar ali, esperando pelo filho. Mas de que isso adiantaria? Ainda eram 22 horas. Os lugares apenas começavam a encher. Se Adam realmente estivesse por ali, na farra, demoraria horas para aparecer na rua outra vez. E aí? O que Mike faria? Pularia na frente de Adam e seus amigos, gritando: “Ahá, te peguei”? Isso ajudaria em alguma coisa? Além do mais, como ele explicaria sua presença ali?
O que ele e Tia esperavam de todo aquele circo, afinal?
Este era mais um dos problemas com a espionagem. Vamos esquecer por um instante a questão da violação de privacidade. Havia ainda a dificuldade de colocar em prática qualquer tipo de punição. O que os pais poderiam fazer ao descobrirem algo suspeito? Não seria razoável supor que interferir, e por conseguinte perder a confiança do filho, causaria um estrago tão grande ou até maior que uma noitada de farra juvenil?
Depende.
Mike queria se certificar de que seu filho estava bem. Só isso. Ele se lembrava do que Tia dissera, que a missão dos pais era escoltar os filhos com segurança até a vida adulta. Era verdade até certo ponto. A adolescência era um período recheado de angústias, turbinado por hormônios, um vendaval de emoções ressentidas ao extremo. E tudo passava tão rápido. Mas não se podia dizer isso a um adolescente. Se fosse possível fazer um adolescente ouvir uma única pérola de sabedoria dos pais, seria bastante simples: “Isto também passará”, e depressa. Eles não ouviriam, claro, pois é justamente aí que residem a graça e a desgraça da juventude.
Mike se lembrou das mensagens trocadas entre Adam e CeeJay8115. Lembrou-se da reação de Tia e de sua própria intuição. Não era um homem religioso, nem acreditava em poderes sobrenaturais ou coisa parecida, mas, tanto na vida pessoal quanto na profissional, preferia não contrariar os pressentimentos que costumava descrever como “algo no ar”. Às vezes as coisas simplesmente pareciam erradas, fosse um diagnóstico médico ou o itinerário para uma longa viagem de carro. Algo no ar: um mero estalo, uma quietude inusitada. Quando ignorava sua intuição, Mike o fazia de forma consciente, sabendo que poderia pagar um preço alto mais adiante.
Naquele momento, um turbilhão parecia avisar que Adam corria sérios riscos.
Então, era preciso encontrá-lo.
Mas como?
Mike não tinha a menor idéia. Ele voltou pela mesma rua. Diversas prostitutas o abordaram. Quase todas pareciam travestis. Um sujeito de terno, apresentando-se como “representante” de um “plantel de gostosas”, disse que providenciaria a Mike o que ele desejasse: bastaria dar uma lista de atributos físicos e fantasias. Mike ouviu todo o pregão antes de recusar a oferta.
Durante todo o tempo ele esquadrinhava a rua. Algumas das garotas mais jovens olhavam torto ao se sentirem observadas. Olhando à sua volta, Mike se deu conta de que provavelmente era uns 20 anos mais velho do que qualquer outra pessoa naquela multidão. Notou que todas as boates faziam a clientela esperar pelo menos alguns minutos. Uma delas tinha uma ridícula corda de veludo, de mais ou menos um metro de comprimento, e o porteiro obrigava os que queriam entrar a esperar do outro lado dessa corda por uns 10 segundos antes de finalmente

abrir a porta.

Mike já ia dobrando uma esquina quando algo chamou sua atenção.

Um casaco esportivo. Desses que usam os atletas das equipes colegiais e universitárias.

Ele se virou rapidamente e viu o filho de Daniel Huff caminhando na direção contrária.

Ou pelo menos parecia DJ Huff. O garoto nunca tirava aquele casaco. Talvez, muito provavelmente, fosse ele.

Não, pensou Mike. *Com certeza*, era ele. DJ Huff.

O garoto havia dobrado uma esquina. Sem hesitar, Mike apertou o passo e o seguiu. Quando o perdeu de vista, começou a correr.

– Ei! Vá com calma, vovô!

Ele havia atropelado um garoto de cabeça raspada e uma corrente pendurada no lábio inferior. Os amigos do garoto se dobraram de rir do “vovô”. Mike simplesmente franziu as sobrancelhas e seguiu adiante. As calçadas transbordavam de gente, a multidão parecia crescer a cada passo. No quarteirão seguinte, os corvos góticos, ou emos, pareciam dar lugar a outra tribo: a dos latinos. Mike podia ouvi-los falando espanhol. Os rostos pálidos eram ultrapassados em número por outros de tonalidades mais morenas. Os homens usavam camisas sociais abertas sobre camisetas brancas muito justas. As mulheres, tão sensuais quanto a salsa, chamavam seus homens de *coños* e usavam roupas tão transparentes que pareciam embrulhadas em papel celofane.

Mais adiante, DJ Huff dobrou outra esquina à direita. Parecia estar falando ao celular. Mike se apressou para alcançá-lo. Mas o que faria então? O mesmo problema de sempre. Talvez o mais sensato fosse continuar seguindo o garoto para ver aonde ele iria. Mike não sabia ao certo o que estava acontecendo, mas não gostava nem um pouco daquela situação. O medo já começava a se insinuar.

Ele dobrou à direita.

E DJ Huff havia desaparecido.

Mike parou. Tentou estimar a velocidade de DJ e quanto tempo tinha passado. Havia uma boate mais ou menos no centro do quarteirão. Era a única porta visível. DJ Huff só podia ter entrado ali. A fila diante da boate era a mais longa que Mike tinha visto até então. Devia haver uns 100 garotos ali, uma mistura de emos, latinos, negros e até mesmo alguns representantes dos chamados *yuppies*.

Huff não teria que esperar na fila?

Talvez não. Um segurança enorme postava-se do outro lado de uma corda de veludo. Uma limusine parou na rua e duas garotas de pernas longas saltaram. Um homem, provavelmente uns 30 centímetros mais baixo que elas, ocupou seu lugar de direito entre as duas. O segurança abriu a corda e os deixou passar.

Mike correu até a entrada. O porteiro, um negro com bíceps tão largos quanto troncos de árvores, olhou para Mike como se estivesse diante de um objeto inanimado. Uma cadeira. Uma lâmina de barbear descartável.

– Eu preciso entrar – disse Mike.

– Nome.

– Não estou em nenhuma lista.

O homem o encarou novamente.

– Acho que meu filho está aí dentro. É menor de idade.
O porteiro não disse nada.
– Veja bem – disse Mike –, não quero criar problemas…
– Então vá para o fim da fila. Mas acho que nem assim vai conseguir entrar.
– É uma emergência. O amigo dele, DJ Huff, entrou uns dois segundos atrás.
O homem deu um passo à frente. Primeiro o peitoral, tão largo que seria possível jogar squash nele, depois o resto do corpo.
– Infelizmente vou ter de pedir para você dar o fora já.
– Meu filho é menor de idade.
– Você já disse.
– Se eu não tirá-lo daí, vocês poderão ter sérios problemas.
O segurança passou a mão – tão grande que parecia uma luva de beisebol – na cabeça recém-raspada.
– Sérios problemas, é?
– Isso mesmo.
– Puxa vida, agora fiquei preocupado.
Mike pegou a carteira e tirou uma nota.
– Nem se dê o trabalho – disse o homem. – Você não vai entrar.
– Mas você não está entendendo…
O segurança deu mais um passo à frente. Seu peito agora estava quase encostando no rosto de Mike, que fechou os olhos, mas não recuou. Jogadores de hóquei jamais recuam. Ele abriu os olhos e encarou o gigante.
– Saia da minha frente – ordenou.
– Você vai dar o fora agora mesmo.
– Eu disse para sair da minha frente!
– Não vou a lugar nenhum.
– Preciso encontrar meu filho.
– Não tem nenhum menor de idade aqui dentro.
– Eu quero entrar.
– Então vá para o fim da fila.
Mike em nenhum momento havia desviado o olhar. Ambos fincavam o pé onde estavam. Pareciam dois lutadores, mas de pesos diferentes, recebendo instruções no centro do ringue. Mike podia sentir a eletricidade no ar, um ligeiro formigamento nos braços e nas pernas. Sabia lutar. Ninguém chegava tão longe no hóquei sem saber fazer bom uso dos punhos. Ficou se perguntando se o segurança era mesmo tão forte quanto parecia.
– Eu vou entrar – disse.
– Vai mesmo?
– Tenho amigos na polícia – blefou Mike. – Se tiver algum menor aí dentro, vocês vão se ferrar.
– Estou morrendo de medo.
– Saia da minha frente.
Mike deu um passo para a direita. O gigante bloqueou seu caminho.
– Falta pouco para sairmos na porrada – disse o segurança. – Você sabe disso, não sabe?

Mike conhecia a regra principal para situações como essa: jamais demonstrar medo.
– Pois é, eu sei.
– Você é durão, hein?
– E aí, vai encarar?
O segurança sorriu. Tinha dentes perfeitos, pérolas brancas contrastando com a pele negra.
– Não. Sabe por quê? Porque mesmo que você seja mais valente do que eu imagino, o que é pouco provável, tenho Reggie e Tyrone aqui do meu lado para ajudar. – Ele apontou para os outros dois gigantes vestidos de preto. – Não estamos aqui para provar que somos machos batendo num imbecil, então não precisamos jogar limpo. Se você "encarar" – ameaçou o homem, imitando Mike –, eles vão participar também. E o Reggie tem um Taser, sacou?
O segurança cruzou os braços diante do peito e só então Mike viu a tatuagem.
Um grande D verde no antebraço.
– Como você se chama? – perguntou Mike.
– O quê?
– Seu nome.
– Anthony.
– E o sobrenome?
– Não é da sua conta.
Mike apontou para o braço de Anthony.
– Esse D aí, da tatuagem.
– Não tem nada a ver com meu nome.
– Dartmouth?
Anthony encarou Mike. E lentamente fez que sim com a cabeça.
– Você também? – disse.
– *Vox clamantis in deserto* – disse Mike, recitando o lema da universidade. Anthony se encarregou de traduzir:
– Uma voz clamando no deserto. – Ele sorriu. – Nunca entendi isso direito.
– Nem eu – disse Mike. – Você jogava bola?
– Rúgbi. Liga universitária. E você?
– Hóquei.
– Liga universitária também?
– Universitária e nacional – disse Mike.
Anthony arqueou as sobrancelhas, impressionado.
– Você tem filhos, Anthony?
– Um menino de três anos.
– E se achasse que ele estava correndo perigo, três homens como você, Reggie e Tyrone conseguiriam impedi-lo de socorrer seu filho?
Anthony deu um longo suspiro.
– Por que você tem tanta certeza de que seu filho está lá dentro?
Mike contou sobre DJ Huff e o casaco esportivo.
– Aquele garoto? – Anthony balançou a cabeça. – Não entrou aqui. Você acha que eu ia deixar um pirralho daqueles passar? Ele foi por ali.
Anthony apontou para um beco a uns 10 metros de distância.

– Sabe aonde vai dar?
– Sem saída, eu acho. Nunca entrei ali. Nunca precisei. É lá que fica a turma do pico. Agora vou precisar de um favor seu.
Mike esperou.
– Está todo mundo olhando. Se eu deixar você ir, vou perder a moral. E moral por aqui é tudo.
– Entendo.
– Então vou fazer o seguinte: vou ameaçar lhe dar um soco e você sai correndo feito uma mocinha assustada. Pode fugir para o tal beco se quiser. Entendeu?
– Posso perguntar uma coisa antes?
– Que foi?
Mike abriu a carteira.
– Já disse – protestou Anthony. – Não quero…
Mike lhe mostrou uma foto de Adam.
– Já viu esse garoto por aqui?
Anthony engoliu em seco.
– É meu filho. Você já o viu por aqui?
– Ele não está lá dentro.
– Não foi isso que perguntei.
– Nunca o vi. E agora…
Anthony pegou Mike pela gola da camisa e brandiu um punho diante dele.
– Não, por favor! – berrou Mike, demonstrando pavor. – Tudo bem, tudo bem. Já estou indo. Calma. Calma.
Anthony o largou e Mike saiu correndo rua afora.
– É isso aí, bundão, pode correr! – Anthony berrou atrás dele. Alguns dos clientes na fila aplaudiram.
Mike entrou no tal beco e quase atropelou uma fileira de latões de lixo. Viu que estava pisando num tapete de cacos de vidro. Parou de correr, olhou adiante e avistou mais uma prostituta. Ou pelo menos achou que fosse uma. Ela se recostava contra uma caçamba de lixo como se fosse parte dela, como se corresse o risco de cair e nunca mais se levantar. Usava uma peruca roxa, muito provavelmente roubada do armário – ou da lata de lixo – de David Bowie lá pelos idos de 1974. Parecia infestada de piolhos.
A mulher abriu um sorriso banguela para Mike.
– E aí, gato.
– Você viu um rapaz correndo por aqui?
– Muita gente passa correndo por aqui, bonitão.
Se falasse um pouquinho mais depressa, talvez pudéssemos dizer que sua voz era arrastada. Ela era magra e pálida, só faltava ter tatuado a palavra “viciada” na testa, o que seria uma redundância.
Mike procurou por uma saída. Não havia nenhuma. Sequer uma porta. Avistou diversas escadas de incêndio, mas todas pareciam bastante enferrujadas. Portanto, se DJ Huff tivesse mesmo entrado ali, por onde teria saído? Para onde teria ido? Talvez tivesse escapulido enquanto Mike discutia com Anthony. Ou talvez Anthony tivesse mentido para se livrar dele.

– Está procurando pelo frangote, é?
Mike parou e se virou para a moça.
– O que estava com o casaco do colégio? – prosseguiu ela. – O garoto bonitinho e gostosinho, é? Humm… Fico excitada só de falar.
Mike deu um passo hesitante na direção dela, quase temendo que um passo ousado demais pudesse causar vibrações suficientes para reduzir a moça a pó.
– Esse mesmo – falou.
– Bem, venha aqui, querido, vou lhe dizer onde ele está.
Ele deu outro passo.
– Mais perto, bonitão. Eu não mordo. Só se você pedir.
Ela riu, um cacarejo medonho, e uma das próteses dentárias caiu no chão quando ela abriu a boca. Apesar do chiclete, seu hálito rescendia a podridão dos dentes que ainda lhe restavam.
– Onde ele está? – perguntou Mike.
– E a grana?
– Você vai receber se me disser onde ele está.
– Deixe eu ver o que você tem aí.
Mike não estava gostando nada daquilo, mas não sabia o que fazer, então sacou uma nota de 20 dólares. Ela estendeu a mão esquelética. Vendo aqueles dedos compridos e finos, Mike se lembrou dos quadrinhos que costumava ler na juventude, os *Contos da cripta*, nos quais sempre havia um esqueleto saindo de um caixão.
– Primeiro você me diz – falou ele.
– O bonitão não confia em mim?
Mike não tinha tempo a perder. Rasgou a nota em duas e entregou uma das metades. Ela suspirou e recebeu o adiantamento.
– A outra metade, só quando você falar. Onde está o garoto?
– Ué, bonitão – ela disse. – Bem atrás de você.
Mike estava prestes a se virar quando alguém o golpeou na altura dos rins.
Um belo murro nos rins é o bastante para tirar o fôlego de qualquer pessoa e paralisá-la momentaneamente. Mike sabia disso. Não foi paralisado, mas chegou muito perto. A dor era lancinante. Ele abriu a boca, mas não conseguiu emitir nenhum som. Então caiu de joelhos e novamente foi golpeado, dessa vez na orelha. Sentiu um zunido na cabeça. Tentou se recuperar da pancada e raciocinar, mas um terceiro golpe, um chute, acertou-o logo abaixo das costelas. Ele caiu para trás.
Os instintos assumiram o comando.
Era preciso sair dali.
Mike rolou no chão e sentiu algo pontiagudo cravar em seu braço. Um caco de vidro, provavelmente. Tentou se arrastar para a rua, mas levou um golpe forte na cabeça. Quase pôde sentir o cérebro se deslocar para a esquerda. Alguém o segurou pelo tornozelo.
Mike chutou. Sentiu o calcanhar acertar algo mole e cartilaginoso.
– Merda! – gritou uma voz.
Alguém se jogou sobre ele. Mike já havia sido subjugado daquela forma diversas vezes, mas sempre num rinque de hóquei. Por isso tinha aprendido algumas coisas. Por exemplo, que não era prudente partir para a agressão sem necessidade. Socos quebravam mãos. A certa distância,

talvez. Mas não quando se está atracado com alguém. Ele fez um ângulo com o braço e desferiu uma cotovelada às cegas. Mas foi com o antebraço que acertou algo. Ouviu uma espécie de estalo e sentiu sangue escorrer.

Então se deu conta de que tinha quebrado um nariz.

Mike desferiu outra cotovelada e tentou rolar o corpo simultaneamente. Chutava freneticamente. O beco estava escuro e os grunhidos da luta reverberavam no breu. Ele jogava a cabeça para trás, tentando acertar seu agressor.

– Socorro! – berrou Mike. – Polícia!

De algum modo conseguiu se levantar. Não viu rostos, mas percebeu que havia mais de duas pessoas. Todos investiram contra ele ao mesmo tempo e Mike se esborrachou contra a caçamba. Corpos, incluindo o dele, rolaram pelo chão. Mike se defendia com brio, mas não havia muito o que fazer naquelas circunstâncias. Arranhou um rosto. E alguém rasgou sua camisa.

Foi então que Mike viu uma lâmina.

Ficou imóvel. Por um longo tempo, embora não soubesse exatamente quanto. Até que sentiu um baque surdo na lateral da cabeça e caiu para trás, batendo o crânio no pavimento. Um dos agressores prendeu seus braços ao chão. Outro segurou suas pernas. Mike sentiu algo tombar em seu peito, em seguida, os golpes vieram de todos os lados. Ele tentou se desvencilhar, fugir, mas as pernas e os braços não o obedeceram.

Aos poucos foi perdendo a consciência, entregando-se.

Os golpes cessaram. Mike sentiu o peso ceder em seu peito. Alguém havia se levantado, ou sido arrancado à força de cima dele. As pernas já estavam livres.

Ele abriu os olhos, mas só enxergou vultos. Um último chute o acertou direto numa das têmporas. O que veio depois foi a total escuridão e, por fim, nada.

16

ÀS TRÊS DA MANHÃ, Tia ligou para o celular de Mike mais uma vez.

Ninguém atendeu.

O Four Seasons de Boston era um belo hotel e seu quarto era ótimo. Tia, como todos os mortais, adorava se hospedar em hotéis sofisticados: gostava dos lençóis, do serviço de quarto, da oportunidade de zapear sozinha pelos canais de TV. Trabalhara com afinco até a meia-noite, preparando-se para o depoimento do dia seguinte. Passara o tempo todo com o celular no bolso, com o *vibracall* ativado. Como ele não tocava, Tia o pegava com freqüência, conferindo o sinal e a lista de chamadas não atendidas, para o caso de ela ter se distraído e não sentido o aparelho vibrar.

Mas ninguém havia ligado.

Onde Mike podia ter se metido?

Ela já havia ligado para ele, claro. Telefonara para casa. Para o celular de Adam. O pânico começava a rondá-la e Tia fazia o possível para evitar que ele se instalasse por completo. Adam era uma coisa. Mike era outra bem diferente: além de adulto, era um homem absolutamente capaz. Essa era uma das qualidades que tanto haviam seduzido Tia no início. Por mais que isso não fosse muito feminista, ao lado de Mike Baye ela se sentia segura, protegida, acalentada. Mike era uma rocha.

Tia ficou pensando no que poderia fazer.

Poderia alugar um carro e voltar para casa. Uma viagem de quatro, cinco horas. Chegaria pela manhã. Mas o que faria então? Ligar para a polícia era outra opção. Mas dificilmente eles lhe dariam ouvidos, ainda era cedo para qualquer tipo de investigação. Além do mais, o que poderiam fazer àquela hora?

Três da manhã. Só havia uma pessoa para quem ela poderia ligar.

O número dele estava armazenado no BlackBerry, embora ela nunca o tivesse usado. Tia e Mike compartilhavam um Microsoft Outlook que fornecia para os dois uma única lista de endereços e telefones, além de uma agenda. Eles sincronizavam seus aparelhos de modo que pudessem, em tese, saber de todos os compromissos um do outro. Isso significava que ambos também sabiam de todos os contatos pessoais e profissionais um do outro.

Prova de que eles não guardavam nenhum segredo, certo?

Tia ficou pensando nisso: nos segredos, nos pensamentos mais íntimos que todos têm, na necessidade desses segredos e pensamentos, bem como no medo que eles implicavam para uma mãe e mulher. Mas agora não era hora para isso. Ela encontrou o número e apertou o SEND.

Pela voz, Mo não estava dormindo.

– Alô?

– Oi, é a Tia.

– O que houve?

Ela percebeu a aflição na voz dele. Mo não tinha mulher nem filhos e, em muitos aspectos, tinha apenas a Mike.

– Você teve notícias do Mike?
– Falei com ele mais ou menos às 20h30 – respondeu Mo. Depois repetiu: – O que houve?
– Ele estava tentando encontrar o Adam.
– Eu sei.
– Nos falamos por volta das 21h, eu acho. E desde então não tive mais notícias.
– Já ligou para o celular dele?
Tia agora sabia como Mike se sentira quando ela fez a mesma pergunta idiota.
– Claro que já.
– Já estou me vestindo – disse Mo. – Vou até lá, dar uma olhada na casa. Você ainda esconde a chave debaixo daquela pedra falsa perto da cerca?
– Lá mesmo.
– Então já estou indo.
– Você acha que eu deveria chamar a polícia?
– Melhor esperar até eu chegar lá. Daqui a uns 20 minutos, 30 no máximo. Talvez ele tenha pegado no sono diante da TV, ou algo assim.
– Você realmente acredita nisso, Mo?
– Não. Eu ligo assim que chegar.
Ele desligou. Tia levantou-se da cama. De repente aquele quarto de hotel havia perdido toda a graça. Detestava dormir sozinha, mesmo nos hotéis de luxo com seus lençóis de um milhão de fios. Tia precisava do marido a seu lado. Sempre. Raramente dormiam separados e ela sentia a falta dele mais do que se dispunha a admitir. Mike não era exatamente um homem grande, mas era forte. Tia gostava do calor do corpo dele ao lado do seu, dos beijinhos que Mike dava em sua testa sempre que se levantava, da mão forte que ele pousava nas suas costas enquanto ela dormia.
Ela se lembrou de uma noite em que Mike estava com um pouco de falta de ar. Depois de muita insistência, ele havia confessado que vinha sentindo um aperto no peito. Tia, que queria se mostrar forte para o marido, quase desmaiou ao ouvir a notícia. No fim das contas tratava-se apenas de uma indigestão, mas ela já havia chorado desesperadamente só de pensar no que poderia ser. Imaginara o marido apertando o peito e caindo no chão. Dera-se conta de que, um dia, aquilo ou qualquer outra coisa igualmente terrível poderia acontecer. Podia levar 30, 40 ou 50 anos, mas era isso que acontecia aos casais, fossem eles felizes ou não, e ela simplesmente não sobreviveria caso isso acontecesse a Mike. Às vezes, tarde da noite, Tia ficava olhando para o marido que dormia a seu lado e, dirigindo-se tanto a ele quanto aos poderes superiores, sussurrava: "Prometa que eu irei primeiro, por favor?"
Chamar a polícia.
Mas o que eles poderiam fazer? Nada ainda. Nos filmes, o FBI sempre tomava uma providência imediata. Por causa de um curso de reciclagem sobre direito criminal que fizera recentemente, Tia sabia que uma pessoa maior de 18 anos só poderia ser dada como desaparecida em prazo tão curto se houvesse provas concretas de que ela havia sido seqüestrada ou corria graves riscos de natureza física.
Ela não tinha provas de nada.
Além disso, se ligasse agora, na melhor das hipóteses eles mandariam um policial até a casa deles. Mo estaria lá. E isso poderia criar algum mal-entendido.

Então só lhe restava esperar 20 ou 30 minutos.

Tia cogitou ligar para a casa de Guy Novak e pedir para falar com Jill, apenas para ouvir a voz da filha. Algo para reconfortá-la. Droga. Havia ficado tão feliz com aquela viagem, com a oportunidade de se refestelar naquele quarto luxuoso, de se embrulhar num roupão felpudo e pedir comida no quarto, e agora tudo o que ela queria era a velha rotina de volta. Aquele quarto não tinha sombra de vida, nenhum aconchego. A solidão fez Tia sentir um frio na espinha. Ela se levantou e aumentou a temperatura do ar-condicionado.

Tudo era tão frágil, esse era o problema. Nenhuma novidade, claro, mas de modo geral o que fazemos é bloquear a verdade: nos recusamos a admitir que nossas vidas podem ser destruídas tão facilmente, de outro modo, entraríamos em parafuso. Todas aquelas pessoas que vivem com medo e precisam de remédios… Elas são assim porque têm consciência das coisas, da linha tênue que nos separa do desastre. Não é que não aceitem a verdade: simplesmente não conseguem bloqueá-la.

Tia podia ser como elas. Sabia disso e fazia o possível para se controlar. De repente se pegou invejando Hester Crimstein, sua chefe, por ser sozinha no mundo. Talvez fosse melhor assim. Claro, num plano mais amplo, era saudável ter ao nosso redor pessoas a quem pudéssemos amar mais do que a nós mesmos. Ela sabia disso. Por outro lado, havia o medo, ou o pavor, de perder essas pessoas. Dizem que somos possuídos pelo que possuímos. Não é bem assim. Somos possuídos por aqueles que amamos. Somos reféns eternos desse amor.

O relógio não andava.

Tia esperou; zapeou pelos canais de televisão. Os “infomerciais” dominavam a programação da madrugada. Comerciais extensos, ensinando às pessoas o que fazer em determinados empregos, em determinados cursos: ora, ela pensou, quem via televisão num horário maluco daqueles seguramente não trabalhava nem estudava.

O telefone finalmente tocou às quatro da madrugada. Mo. Tia atendeu imediatamente.

– Alô?

– Nenhum sinal do Mike – disse ele. – Nem do Adam.

♦♦♦

A placa na porta da sala de Loren Muse informava: CHEFE DE INVESTIGAÇÕES DO CONDADO DE ESSEX. Sempre que voltava à sala, ela parava diante dessa placa e saboreava as palavras. Seu gabinete ficava num canto à direita do corredor. Os investigadores sob seu comando tinham mesas no mesmo andar. A sala de Loren tinha janelas e a porta permanecia sempre aberta. Muse gostava de se sentir parte de uma equipe, tanto quanto gostava de se sentir superior a ela. Quando precisava de privacidade, recorria a uma das salas de interrogatório que também margeavam o corredor.

Apenas dois outros investigadores se encontravam na delegacia quando ela chegou, às 6h30, e ambos sairiam dali a meia hora para a mudança de turno. Loren conferiu o quadro negro para ver se não havia ocorrido nenhum homicídio durante a noite. Nada. Ela esperava que o FBI já tivesse enviado os resultados do teste de impressões digitais realizados na mulher que jazia no necrotério e que, definitivamente, não era uma prostituta. Conferiu o computador. Também nada.

A polícia de Newark havia localizado uma câmera de vigilância não muito distante do lixão

onde ela fora encontrada. Caso o corpo tivesse sido transportado de carro até ali, e nada levava a crer que ele havia sido carregado, era bem possível que o veículo aparecesse na gravação. É claro que não seria nada fácil identificar entre as centenas de veículos filmados qual deles levava a morta: dificilmente o assassino teria colado um adesivo no vidro traseiro dizendo: CADÁVER A BORDO.

Loren conferiu o computador e, sim, o arquivo com a gravação já havia sido baixado. A delegacia estava tranqüila, então ela pensou: por que não? Estava prestes a apertar o PLAY, quando alguém bateu de leve à sua porta.

– Tem um segundinho, chefe?

Clarence Morrow colocara a cabeça no vão da porta. Era um negro de bigodes fartos e grisalhos, próximo dos 60 anos, dono de um rosto onde tudo parecia ligeiramente inchado, como se tivesse acabado de sair de uma briga. Tinha modos gentis e, ao contrário dos colegas de divisão, jamais bebia ou falava palavrão.

– Claro, Clarence. O que foi?

– Quase liguei para sua casa ontem à noite.

– É?

– Achei que tinha descoberto o nome da sua vítima.

Isso fez com que Loren se endireitasse na cadeira.

– Mas?

– Recebemos um telefonema da polícia de Livingston, sobre um tal de Neil Cordova. Ele mora na cidade e tem uma rede de barbearias. Casado, dois filhos, ficha limpa. Bem, ele disse que a mulher dele, Reba, tinha desaparecido e a descrição que ele deu bate com as características da sua vítima.

– Mas? – repetiu Muse.

– Mas ela desapareceu ontem. Depois que encontramos o corpo.

– Tem certeza?

– Absoluta. O marido disse que a tinha visto pela manhã, antes de sair para o trabalho.

– Ele poderia estar mentindo.

– Acho que não.

– Alguém já deu uma olhada no caso?

– De início não. Mas o interessante é o seguinte: Cordova conhecia alguém na polícia de Livingston. Você sabe como são as coisas por lá. Todo mundo conhece alguém. Encontraram o carro dela no estacionamento do Ramada da East Hanover.

– Ah – disse Muse. – Um hotel.

– Certo.

– Então a Sra. Cordova não estava exatamente desaparecida.

– Bem – disse Clarence, passando a mão pelo queixo –, isso é que é estranho.

– O quê?

– Claro que o policial de Livingston achou a mesma coisa que você. Que a Sra. Cordova estava se divertindo com o amante, que se atrasou para voltar para casa, etc. Foi por isso que ele me ligou. Não queria dar a notícia ao amigo. Então pediu que eu fizesse isso por ele. Um favorzinho, sabe?

– Continue.

– Pois bem. Liguei para o Sr. Cordova e falei que tínhamos encontrado o carro da mulher dele no estacionamento do hotel. Ele me disse que isso era impossível. Falei que o carro ainda estava lá, que ele podia ir ver se quisesse. – Clarence se calou um instante. – Caramba!

– Que foi?

– Será que eu devia ter dito isso? Quer dizer, só agora me dei conta. Talvez eu tenha invadido a privacidade dela contando isso ao marido. Imagina se ele aparece lá com uma arma ou algo assim? Puxa, eu devia ter pensado melhor. – Clarence franziu as sobrancelhas, preocupado. – Acha que eu agi mal, chefe?

– Não se preocupe com isso, Clarence.

– De qualquer modo, o Sr. Cordova continuou se recusando a acreditar no que eu estava sugerindo.

– Como a maioria dos homens.

– Certo, mas depois ele disse algo interessante. Falou que tinha começado a se preocupar quando a mulher não apareceu para buscar a filha de nove anos numa aula de patinação em Airmont, uma aula especial, sei lá. Ela jamais faria uma coisa dessas. Segundo informou o Sr. Cordova, ela planejara dar uma passada na Target do shopping de Nyack, o Palisades Mall, para depois buscar a menina.

– Mas ela não apareceu?

– Certo. O pessoal do rinque de patinação ligou para o celular do Sr. Cordova, porque não tinham conseguido falar com a mãe. Ele foi lá e apanhou a filha. Achou que a mulher tinha se atrasado no trânsito, talvez por causa daquele acidente na 287 ontem de manhã. Como Reba sempre se esquecia de recarregar o celular, ele não se preocupou muito de início. Só depois, quando o tempo foi passando e ela não apareceu.

Muse refletiu um instante.

– Se ela estava num hotel com amante, é possível que tenha se esquecido de ir buscar a filha.

– Concordo. Mas tem uma coisa. O Sr. Cordova já tinha entrado na internet para checar se havia algum débito no cartão de crédito da mulher. Ela tinha passado no Palisades Mall durante a tarde e de fato fizera compras na Target. No valor de US$ 47,18.

– Hmm. – Muse sinalizou para que Clarence se sentasse. – Quer dizer então que ela foi fazer compras no Palisades Mall, depois fez todo o caminho de volta para se encontrar com o amante e acabou se esquecendo de buscar a filha, que estava tendo uma aula de patinação bem ao lado do shopping. – Ela olhou para Clarence. – É, muito estranho.

– Você tinha de ouvir a voz do marido, chefe. Ele estava arrasado.

– Talvez você possa falar com o pessoal do hotel, ver se alguém a reconhece.

– Já falei. Pedi ao Sr. Cordova para escanear uma foto da esposa e me mandar por e-mail. Ninguém no Ramada se lembra dela.

– O que não quer dizer muita coisa. Pode ser que o pessoal da recepção tenha trocado de turno, sei lá, ou então que ela tenha entrado na surdina e que o amante tenha feito o check-in. Mas o carro ainda está lá, não está?

– Está. Isso é estranho, não acha? Que o carro ainda esteja lá? Quem vai se encontrar com o amante não esquece o carro no hotel. Partindo do pressuposto que ela tenha ido mesmo se encontrar com um amante, você acha possível que eles tenham tido uma discussão, uma briga, que ele tenha batido nela ou algo nessa linha?

– Também é possível que tenham fugido juntos.

– É verdade. Mas o carro é um Acura MDX, só com quatro meses de uso. Você não acha que ela ia querer levar um carrão desses?

Muse simplesmente deu de ombros

– Quero investigar esse caso, pode ser? – disse Clarence.

– Tudo bem. – Muse refletiu um pouco, depois disse: – Faça um favor para mim: veja se outras mulheres desapareceram na região de Livingston. Mesmo que por pouco tempo. Mesmo que o pessoal da polícia de lá não tenha levado a queixa muito a sério.

– Já conferi.

– E?

– Nenhuma outra mulher desaparecida. Ah, mas uma senhora ligou dizendo que o marido e o filho tinham sumido. – Clarence consultou suas anotações. – O nome dela é Tia Baye. O marido se chama Mike, e o filho, Adam.

– O pessoal de Livingston está investigando?

– Acho que sim. Não sei direito.

– Se não fosse pelo garoto que também sumiu – disse Muse –, era bem possível que esse tal de Baye tivesse fugido com a Sra. Cordova.

– Quer que eu veja se há alguma conexão?

– Se você quiser… De qualquer modo, se for esse o caso, não temos um crime nas mãos. Dois adultos, cada um dono do próprio nariz, resolvem sumir juntos por um tempo. Só isso.

– Certo, chefe. Mas…

Muse adorava quando ele fazia isso. Chamá-la de chefe.

– Mas o quê?

– Algo me diz que tem alguma coisa aí.

– Então siga seu instinto, Clarence. E me mantenha informada.

17

NO SONHO, MIKE OUVIU UM BIPE seguido das palavras: “Desculpe, pai…”

Na realidade, ouviu uma mulher falando em espanhol na escuridão.

Ele conhecia a língua o bastante (ninguém trabalhava num hospital da rua 168 sem saber pelo menos alguma coisa de espanhol) para se dar conta de que a tal mulher rezava fervorosamente. Tentou virar a cabeça, mas não encontrou forças. Paciência. Tudo estava escuro. Suas têmporas latejavam enquanto a mulher repetia sua oração um milhão de vezes.

Enquanto isso, Mike repetia mentalmente seu próprio mantra: *Adam. Onde você está, Adam?*

Aos poucos ele percebeu que estava de olhos fechados. Tentou abri-los, mas não conseguiu. Ouviu um pouco mais a ladainha da mulher, depois se concentrou nas próprias pálpebras, no esforço para abri-las. Demorou um pouco, mas enfim elas começaram a piscar. As têmporas, que antes latejavam, agora pareciam estar sendo golpeadas por um martelo. Mike ergueu uma das mãos e pressionou a lateral da cabeça como se isso fosse estancar a dor. Mal conseguia olhar para a lâmpada fluorescente do teto.

A reza em espanhol prosseguia. O cheiro ao redor era familiar: uma mistura de desinfetantes fortes com urina, fezes e flores murchas. Nenhuma corrente de ar. Mike deixou a cabeça tombar para a esquerda. Viu as costas da mulher vergadas sobre uma cama. Os dedos debulhavam um terço. A cabeça parecia repousar sobre o peito de um homem. Ora ela rezava, ora chorava, ora fazia as duas coisas ao mesmo tempo.

Mike tentou estender-lhe a mão e dizer algo que pudesse consolá-la. Sempre o médico. Mas viu que estava com um cateter intravenoso e só então se deu conta de que também era um paciente. Tentou lembrar o que acontecera, como ele tinha ido parar ali. Não conseguiu. Seu cérebro estava lento e a memória, turva.

Lembrou-se, no entanto, da aflição que havia sentido ao acordar. Tentara afastá-la naquele momento, mas agora, para reavivar a memória, deixou que ela se instalasse outra vez. Então, o mantra de antes lhe ocorreu imediatamente, porém numa única palavra: *Adam*.

O resto veio em seguida. Ele havia saído à procura do filho. Conversara com o segurança daquela boate, Anthony. Entrara naquele beco. Encontrara uma mulher pavorosa com uma peruca…

A lâmina.

Ele fora esfaqueado?

Provavelmente não, pensou. Virando a cabeça para a direita, ele deparou com outro paciente, um negro de olhos fechados. Procurou por alguém de sua própria família, mas não viu ninguém. Não ficou surpreso. Não fazia tanto tempo assim que ele havia se ausentado. Alguém deve ter entrado em contato com Tia, mas ela estava em Boston, demoraria a chegar. Jill estava na casa dos Novak. E Adam…

No cinema, sempre que um paciente recobra os sentidos, encontra um médico e uma enfermeira ao seu lado, sorrindo e cheios de respostas para oferecer como se eles tivessem passado a noite inteira ali. No entanto, não havia nenhum funcionário do hospital ao lado dele.

Mike sabia como as coisas de fato funcionavam. Procurou pela campainha de socorro, encontrou-a enroscada nas grades da cama e chamou pela enfermeira.

Levaria um tempo até alguém aparecer. Quanto exatamente, Mike não saberia dizer. Os minutos pareciam se arrastar. A mulher que rezava em espanhol se calou de repente, ficou de pé e enxugou os olhos. Só então Mike pôde ver o rosto do homem no leito. Bem mais jovem que ela. Mãe e filho, ele deduziu. Cogitou o que teria acontecido ao rapaz.

Olhou para a janela atrás da mulher. As cortinas estavam abertas e o dia, claro.

Ele havia perdido a consciência durante a noite. Horas atrás. Ou, quem sabe, dias. Mike apertou a campainha freneticamente, mesmo sabendo que não adiantaria nada. Começou a entrar em pânico. A dor na cabeça piorava: as marteladas agora eram bem mais fortes.

– Ora, ora, ora – resmungou alguém.

Mike virou o rosto na direção da porta. A enfermeira, uma mulher corpulenta, com os óculos pendurados sobre os peitos enormes, entrou no quarto. Segundo informava o crachá, seu nome era Bertha Bondy. Ela olhou para Mike, franziu o cenho e disse:

– Bem-vindo ao mundo dos vivos, dorminhoco. Como está se sentindo?

Mike demorou alguns segundos para encontrar a própria voz.

– Como se eu tivesse beijado uma jamanta – disse.

– Se tivesse beijado uma jamanta talvez você estivesse em melhor estado – devolveu Bertha. – Está com sede?

– Morrendo.

Bertha pegou um copo com gelo triturado e o levou à boca de Mike. Apesar do gosto de remédio, a sensação foi ótima.

– Você está no Bronx-Lebanon Hospital – informou Bertha. – Lembra-se do que aconteceu?

– Alguém me atacou. Dois ou três caras, acho.

– Humm. Como você se chama?

– Mike Baye.

– Pode soletrar o sobrenome para mim?

Pensando tratar-se de um teste cognitivo, ele não só soletrou o sobrenome como também ofereceu algumas informações adicionais:

– Sou médico – disse. – Faço transplantes no New York-Presbyterian.

Ela franziu o cenho novamente, como se ele tivesse dado a resposta errada.

– Verdade?

– Verdade.

Mais desconfiança.

– Então, passei? – perguntou Mike.

– Passou no quê?

– No teste cognitivo?

– Sou apenas uma enfermeira. Seu médico já deve estar chegando. Perguntei seu nome porque não sabemos quem você é. Chegou aqui sem carteira, sem celular, sem chaves, sem nada. Você foi depenado, meu amigo.

Mike estava prestes a dizer mais alguma coisa quando sentiu uma pontada na cabeça. Mordeu os lábios, contou até 10 e esperou que ela passasse. Então disse:

– Quanto tempo fiquei fora do ar?

– A noite toda. Seis, sete horas.
– Que horas são agora?
– Oito da manhã.
– Ninguém avisou minha família?
– Como acabei de dizer, não sabíamos quem você era.
– Preciso de um telefone. Preciso ligar para minha mulher.
– Sua mulher? Tem certeza?
Mike não conseguia raciocinar direito. Decerto estava sob o efeito de algum medicamento. Talvez por isso não entendia o motivo daquela pergunta tão estúpida.
– Claro que tenho.
Bertha deu de ombros.
– O telefone está aí, ao lado da cama. Vou pedir para ligarem a linha. Provavelmente você vai precisar de ajuda para discar, não vai?
– Acho que sim.
– Ah, você tem seguro? Vai precisar preencher alguns formulários.
Mike tentou sorrir. Claro, o seguro era mais importante.
– Tenho.
– Vou pedir que alguém da internação suba para pegar seus dados. Daqui a pouco seu médico vem falar dos ferimentos.
– São graves?
– Você levou uma boa surra e, como ficou apagado por tanto tempo, com certeza teve uma concussão, algum traumatismo na cabeça. Mas prefiro que o médico lhe dê os detalhes se você não se importar. Vou ver se dou uma apressada nele.
Mike não se opôs. Sabia que não cabia às enfermeiras fazer diagnósticos.
– E a dor, está muito forte? – perguntou Bertha.
– Mais ou menos.
– Você tomou analgésicos, portanto a dor vai piorar antes de começar a melhorar. Vou providenciar uma bomba de morfina para você.
– Obrigado.
– Volto em dois minutos.
Ela caminhou na direção da porta. Mike se lembrou de uma coisa.
– Enfermeira?
A mulher se virou para ele.
– Não tem nenhum policial aí querendo falar comigo?
– Como?
– Fui agredido e, como você mesma disse, roubado. A polícia não deveria estar interessada em saber o que houve?
Bertha cruzou os braços e disse:
– E você achou que um policial ia simplesmente ficar sentado aqui esperando você acordar?
Ela estava certa. Mais uma vez, o cinema.
– Além disso – acrescentou Bertha –, a maioria das pessoas nem se dão o trabalho de apresentar queixa nesse tipo de caso.
– Que tipo de caso?

Bertha torceu o nariz e disse:
– Você quer que eu chame a polícia?
– Melhor ligar para minha mulher primeiro.
– É – disse Bertha. – Também acho.
Mike tentou alcançar o controle de regulagem da cama, porém quase perdeu o fôlego com a dor que sentiu nas costelas. Tateando, encontrou o controle e apertou o botão de cima. Erguendo o tronco junto com a cama, sentou o mais reto que pôde e, muito lentamente, pegou o telefone a seu lado. A linha ainda não havia sido ligada.
Tia já devia estar apavorada.
E Adam? Já teria chegado em casa?
Quem seriam aqueles gorilas do beco?
– Sr. Baye?
Era a enfermeira Bertha, ressurgindo à porta.
– Dr. Baye – corrigiu Mike.
– Ah, que boba que eu sou. Tinha esquecido.
Mike não queria ser chato, mas era prudente deixar claro que ele também era médico. Quando um policial é parado no trânsito, a primeira coisa que faz é mostrar ao colega sua carteira da polícia. Esse tipo de coisa que "mal não faz".
– Encontrei um policial que está aqui por causa de outro caso – prosseguiu Bertha. – Quer falar com ele?
– Quero, sim, obrigado. Mas você pode mandar ligar o telefone também, por favor?
– Claro. Daqui a pouco já vai estar funcionando.
O policial uniformizado entrou no quarto. Era um homem baixo, de feições latinas, com um bigodinho fino. Devia ter cerca de 30 anos, Mike deduziu. Apresentou-se como oficial Gutierrez.
– Quer mesmo registrar queixa? – perguntou ele.
– Claro que sim.
Assim como a enfermeira Bertha, ele também se surpreendeu.
– Que foi? – perguntou Mike.
– Fui eu quem trouxe o senhor para cá.
– Muito obrigado.
– De nada. Quer saber onde foi encontrado?
Mike refletiu um instante.
– Provavelmente naquele beco perto da boate. Não me lembro o nome da rua.
– Exatamente.
Ele olhou para Mike e esperou. Só então Mike compreendeu.
– Não é o que o senhor está pensando – falou ele.
– E o que estou pensando?
– Que eu fui enrolado por uma prostituta.
– Enrolado?
Mike tentou dar de ombros.
– É que eu assisto muito à TV.
– Bem, não sou muito bom com suposições. O que sei é o seguinte: você foi encontrado num

beco freqüentado por prostitutas. Deve ser uns 20 ou 30 anos mais velho que o pessoal que costuma ir àquelas boates. É casado. Foi agredido e roubado, ou melhor, “enrolado” – ele fez o gesto de aspas com o dedo –, do mesmo jeito que a maioria dos clientes daquelas moças.

– Eu não estava ali para me divertir – disse Mike.

– Não, não, claro que não. Tenho certeza de que o senhor foi ali para apreciar a vista, que é muito bonita. Sem falar no cheirinho. Amigo, você não precisa explicar nada. Sei como são as coisas.

– Eu estava procurando meu filho.

– Naquele beco?

– Exatamente. Vi um amigo dele… – A dor voltou a atacar de repente. Mike sabia que a explicação seria longa. Além do mais, o que aquele policial conseguiria descobrir?

Ele precisava falar com Tia.

– Estou com muita dor agora – disse Mike.

Gutierrez fez que sim com a cabeça.

– Compreendo – disse. – Olhe, aqui está meu número. Pode ligar, se quiser falar mais ou dar queixa, está bem?

Ele deixou um cartão de visitas sobre a mesinha-de-cabeceira e saiu. Mike não se deu o trabalho de pegá-lo. Lutando contra a dor, tirou o fone do gancho e discou o número do celular de Tia.

18

Loren Muse assistia à gravação de vigilância feita próximo ao local onde o cadáver fora encontrado. Ainda não havia detectado nada de especial, mas também, o que poderia esperar? Centenas de veículos circulavam por ali àquela hora. Não dava para eliminar nenhum deles, nem mesmo os menores. O cadáver poderia estar no porta-malas de qualquer um.

Ainda assim ela continuava assistindo. Mas, quando a fita acabou, ela percebeu que seu empenho tinha sido em vão.

Clarence bateu à porta e, como antes, colocou a cabeça para dentro.

– Chefe, você não vai acreditar.

– Sou toda ouvidos.

– Em primeiro lugar, esqueça aquele homem desaparecido, o tal de Baye. Sabe onde ele foi encontrado?

– Onde?

– Num hospital do Bronx. A mulher viajou a trabalho, ele resolveu pular a cerca e acabou agredido por uma prostituta.

Muse fez uma careta, cética.

– Um cara de Livingston se envolvendo com uma prostituta naquela região?

– O que eu posso dizer? Tem gente que gosta dessas coisas. Mas a novidade não é essa. – Clarence sentou-se sem ser convidado, o que não era típico dele. As mangas da camisa estavam enroladas, e um sorriso se insinuava no rosto rechonchudo. – O Acura dos Cordova ainda está no estacionamento do Ramada – disse ele. – A polícia de Livingston investigou e a Sra. Cordova não está no hotel. Então andei para trás.

– Andou para trás?

– Pensei no último lugar por onde ela tinha passado. O Palisades Mall. É um shopping imenso, e eles têm um sistema de segurança bastante eficaz. Então liguei para lá.

– Para o departamento de segurança?

– É. E descobri que ontem, por volta das 17 horas, um sujeito apareceu para informar que tinha visto uma mulher andar até o carro dela, um Acura verde, guardar algumas coisas no porta-malas e depois se aproximar de um homem, o motorista da van estacionada ao lado dela. Entrou na van de livre e espontânea vontade, e dali a pouco a porta do veículo se fechou. Até então ele não tinha achado nada de mais. Mas depois outra mulher apareceu e entrou no Acura e, em seguida, os dois carros saíram juntos.

– A van e o Acura? – perguntou Muse, recostando-se na cadeira.

– Isso mesmo.

– E outra mulher estava dirigindo o Acura?

– Exatamente. Ele relatou tudo isso ao departamento de segurança e o que os caras fizeram? Não deram a mínima. Afinal de contas, o que eles poderiam fazer? Simplesmente tomaram o depoimento e o arquivaram. Mas, quando liguei, se lembraram do caso e foram buscar o arquivo. Em primeiro lugar, tudo isso aconteceu bem em frente à Target. O sujeito apareceu para

fazer a denúncia às 17h15. Sabemos que Reba Cordova fez suas compras na Target às 16h52. A fatura do cartão de crédito tem um registro de data e hora.

Loren Muse sentiu cheiro de fumaça, sem saber ao certo de onde vinha.

– Ligue para a Target – ordenou ela. – Aposto que eles têm câmeras de segurança.

– Nesse exato momento estamos falando com a matriz da Target. Deve levar umas duas ou três horas, não mais que isso. Ah, tem mais uma coisa. Talvez seja importante, talvez não. Conseguimos descobrir o que ela comprou na Target. DVDs, calcinhas e roupas, tudo para crianças.

– Uma mulher que planejasse fugir com o amante dificilmente compraria isso.

– Certo, a não ser que ela planejasse levar as filhas junto, o que Reba Cordova não fez. Além disso, abrimos o Acura e não encontramos nenhuma sacola da Target. O marido olhou em casa, na hipótese de que ela tivesse passado por lá. Também não encontrou nada.

Muse sentiu um calafrio na nuca.

– Que foi? – perguntou Clarence.

– Quero um relatório do departamento de segurança do shopping. Tente conseguir o telefone do homem que viu Reba Cordova entrar na van. Veja se ele se lembra de mais alguma coisa: carros, descrições de passageiros, tudo. Aposto que o pessoal do shopping não perguntou nada disso.

– Tudo bem.

Eles conversaram por mais alguns minutos, mas a cabeça de Loren já estava em outro lugar. Assim que Clarence saiu, ela pegou o telefone e discou para o celular do chefe, Paul Copeland.

– Alô?

– Onde você está? – perguntou Muse.

– Acabei de deixar Cara na escola.

– Preciso trocar uma idéia com você, Cope.

– Quando?

– O mais rápido possível.

– Fiquei de encontrar Lucy num restaurante para definir os lugares.

– Definir os lugares?

– É, Muse. Quem senta onde e ao lado de quem.

– E você se importa com isso?

– Nem um pouco.

– Então deixe Lucy resolver.

– Certo, como se ela já não tivesse feito isso. Lucy me arrasta para essas coisas, mas não deixa que eu dê um pio. Diz que é só para marcar presença.

– Uma presença e tanto, Cope.

– Verdade, mas também tenho um cérebro, sabia?

– E é dele que estou precisando agora – disse Muse.

– Por quê? O que houve?

– Estou tendo uma daquelas intuições malucas e preciso que você me diga se estou no caminho certo ou se estou batendo pino.

– É mais importante do que decidir quem vai sentar na mesma mesa da tia Carol e do tio Jerry?

– Claro que não. É só um homicídio.
– Vou quebrar seu galho dessa vez. Daqui a pouco estarei aí.

Jill acordou com a campainha do telefone.
Ela estava no quarto de Yasmin. Os esforços da amiga para voltar a se enturmar com as meninas haviam resultado num interesse quase obsessivo pelos ídolos teen. Nas paredes de seu quarto havia pôsteres de Zac Efron, do *High school musical*, dos gêmeos Sprouse, de *The suite life*, e de Miley Cyrus, de *Hannah Montana* – o.k. para uma menina, mas mesmo assim aquilo demonstrava uma pontinha de desespero.
A cama de Yasmin ficava junto da porta, e a de Jill, paralela à janela. As duas camas estavam repletas de bichinhos de pelúcia. Certa vez, Yasmin comentara com Jill que a melhor parte do divórcio era a rivalidade entre os pais na hora de subornar os filhos com todo tipo de presentes. Yasmin via a mãe não mais que quatro ou cinco vezes por ano, mas recebia presentes dela com muita freqüência. Havia pelo menos duas dúzias de pelúcias, incluindo uma ursinha com roupa de líder de torcida e outra, empoleirada junto do travesseiro de Yasmin, vestida de *popstar*, com short de lantejoula, bustiê e um microfone pendurado no pescoço felpudo. Uma tonelada de animaizinhos da Webkinz (só de hipopótamos havia três) esparramava-se pelo chão. Pilhas e mais pilhas de revistas para adolescentes estavam sobre a mesinha-de-cabeceira. O carpete era daqueles de fios bem grossos e compridos, algo que, segundo seus pais, havia sido moda lá pelos anos 1970, mas que aparentemente estava voltando com força total junto aos adolescentes. Havia também um iMac novinho em folha sobre a escrivaninha.
Yasmin era ótima com os computadores. Jill também.
Jill sentou-se na cama. Yasmin virou-se para ela, piscando. Ao longe, Jill podia ouvir uma voz cavernosa ao telefone. O Sr. Novak. Na mesinha-de-cabeceira entre elas, um relógio com a figura de Homer Simpson indicava 7h15.
Muito cedo para um telefonema, pensou Jill, sobretudo num fim de semana.
As meninas tinham ido dormir tarde na véspera. A noite havia começado com jantar e sorvete na companhia do Sr. Novak e sua nova namorada, a irritante Beth. A mulher tinha uns 40 anos e ria de tudo o que o Sr. Novak dizia – igualzinho às bobocas da escola quando queriam jogar charme para os garotos. Jill achava que isso era uma fase que passava com a idade. Agora já não tinha tanta certeza.
Yasmin tinha uma televisão de plasma no quarto. O Sr. Novak tinha permitido que elas vissem quantos filmes quisessem. "É fim de semana", ele dissera com um largo sorriso. "Aproveitem." Portanto, elas prepararam uma tigela de pipoca de microondas e se plantaram diante da TV, inclusive para assistir a um filme para adultos que decerto teria deixado os pais de Jill de cabelo em pé.
Jill levantou-se da cama. Precisava ir ao banheiro, mas antes de qualquer outra coisa, se lembrou dos acontecimentos da véspera e cogitou se o pai havia conseguido encontrar Adam. Estava preocupada. Ela também tinha ligado para o celular do irmão. Tudo bem que ele não quisesse atender às chamadas dos pais, mas para Jill, era impensável que ele não retornasse as ligações e mensagens da irmã caçula. Adam sempre a atendia.

Mas não dessa vez.

E isso deixou Jill ainda mais preocupada.

Ela conferiu o celular.

– O que você está fazendo? – perguntou Yasmin.

– Vendo se o Adam ligou.

– E aí?

– Não, não ligou.

Yasmin não disse nada.

Alguém bateu de leve e, então, a porta foi entreaberta. O Sr. Novak sussurrou:

– Meninas, o que vocês estão fazendo acordadas a essa hora?

– O telefone acordou a gente – disse Yasmin.

– Quem era? – perguntou Jill.

– Era a sua mãe – respondeu o Sr. Novak.

– Minha mãe? O que aconteceu? – devolveu Jill, assustada.

– Não aconteceu nada, meu anjo – disse o Sr. Novak e Jill logo viu que era uma grande mentira. – Ela só queria saber se você podia passar mais um dia aqui. Pensei em irmos ao shopping mais tarde, ver um filme, sei lá. O que vocês acham?

– Por que ela pediu para eu ficar mais um dia? – perguntou Jill.

– Não sei, meu amor. Ela só disse que teve um imprevisto. Mas pediu para eu lhe dizer que ela te ama muito e que não é para você se preocupar.

Jill não disse mais nada. Sabia que ele estava mentindo. Yasmin também sabia. Elas se entreolharam. Não adiantava insistir. O Sr. Novak não contaria nada. Certamente achava que precisava protegê-las, já que duas garotas de 11 anos não seriam capazes de lidar com a verdade. Ou qualquer outra dessas bobagens que os adultos usam como pretexto para mentir.

– Vou ter de dar uma saída – disse o Sr. Novak.

– Aonde você vai? – perguntou Yasmin.

– Ao escritório. Preciso pegar umas coisas. Mas a Beth passou por aqui e está lá embaixo, vendo TV. Se vocês precisarem de alguma coisa, é só…

– Ela passou por aqui – repetiu Yasmin com um sorriso de ironia.

– É, passou.

– Ela não dormiu aqui? Está bem, pai. Quantos anos você acha que nós temos?

– Já chega, mocinha… – retrucou o Sr. Novak.

– Humm.

Ele fechou a porta. Jill sentou-se na cama e Yasmin se aproximou.

– O que você acha que aconteceu? – perguntou.

Jill não respondeu. Não gostava nem um pouco do rumo que seus pensamentos estavam tomando.

Paul Copeland entrou na sala de Loren Muse. Ela o achou muito elegante no novo terno azul.

– Entrevista coletiva hoje, é? – perguntou ela.

– Como adivinhou?

– O terno. Muito alinhado.
– As pessoas ainda dizem “alinhado”?
– Deviam.
– Concordo. Porque sou alinhado mesmo. Alinhadíssimo.
Muse ergueu uma folha de papel.
– Veja o que acabei de receber.
– O que é isso?
– O pedido de demissão de Frank Tremont. Vai se aposentar.
– Uma grande perda.
– É verdade.
Muse o encarou por um instante.
– Que foi?
– Seu número de ontem. Com aquele repórter.
– O que é que tem?
– Achei um tanto condescendente da sua parte – disse Muse. – Não preciso de ninguém para me salvar.
– Eu não estava salvando você. Pelo contrário, aquilo foi uma armadilha.
– Como assim?
– Ou você tinha munição para liquidar Tremont, ou não tinha. Um dos dois ia se enforcar.
– Então era ele ou eu?
– Exatamente. Na verdade, esse Tremont era um estorvo, vivia criando caso. Era em mim que eu estava pensando quando resolvi me livrar dele.
– E se eu não tivesse munição?
Cope deu de ombros.
– Nesse caso – disse –, era bem possível que esse pedido de demissão fosse seu.
– Você estava disposto a correr o risco?
– Que risco? Tremont é um idiota preguiçoso. Se você não fosse capaz de passar a perna nele, não mereceria ser chefe de investigações.
– *Touché*.
– Agora chega de conversa. Você não me chamou aqui para falar de Frank Tremont. O que houve?
Muse contou tudo sobre o desaparecimento de Reba Cordova: a testemunha da Target, a van, o estacionamento do Ramada da East Hanover. Cope se acomodou numa das cadeiras e plantou seus olhos cinza em Muse. Tinha belos olhos, desses que mudam de tom de acordo com a luminosidade. Loren Muse arrastava uma asa para ele, mas, pensando bem, também arrastava asa para o antecessor dele, um sujeito bem mais velho e de aspecto totalmente diferente. Talvez tivesse uma queda por chefes.
Tratava-se, no entanto, de uma quedinha à toa, mais uma admiração que um desejo real ou qualquer outra coisa. Não provocava insônia, não machucava, tampouco invadia as fantasias de Muse, nem as sexuais nem quaisquer outras. Ela adorava o charme de Paul Copeland, mas não o cobiçava. Desejava encontrar alguém que tivesse aquelas mesmas qualidades, mas essa pessoa, Deus era testemunha, estava demorando a chegar.
Muse sabia do passado de Copeland, do sofrimento que ele havia vivido, do inferno causado

pelas revelações recentes. Inclusive o tinha ajudado a atravessar a tempestade. Como tantos outros que ela conhecia, Paul Copeland era um homem ferido, mas, no caso dele, as feridas tinham um aspecto benéfico. Muitos dos homens envolvidos na política (e o cargo dele era isto: uma nomeação política) são ambiciosos, mas sem jamais terem experimentado o sofrimento. Cope o conhecia de perto. O que fazia dele um promotor ao mesmo tempo mais compreensivo e mais impermeável às artimanhas da defesa.

Muse já havia passado a Copeland todos os fatos sobre o desaparecimento de Reba Cordova, mas nenhuma de suas teorias. O promotor a ouvira com atenção, e a certa altura disse:

– Deixe-me adivinhar. Você acha que de algum modo essa Reba Cordova está relacionada com a mulher que foi encontrada morta.

– Acho.

– Acha que pode ser um *serial killer?*

– Talvez, mas os *serial killers* geralmente agem sozinhos. Neste caso houve a participação de uma mulher.

– Então, vamos lá. Por que você acha que os dois casos têm alguma relação?

– Em primeiro lugar, o *modus operandi*.

– Duas mulheres brancas, mais ou menos da mesma idade – disse Cope.

– Uma delas é encontrada em Newark, vestida como uma prostituta. A outra, bem, ainda não sabemos onde está.

– Isso é parte da história, mas foi outra coisa que me chamou a atenção. A tentativa de nos despistar.

– Como assim?

– Temos duas mulheres brancas, ricas, com cerca de 40 anos, sumindo num intervalo de… o quê? Umas 24 horas, mais ou menos. Só aí já temos uma coincidência interessante. Mas, além disso, no primeiro caso, o da falsa prostituta, sabemos que o assassino se deu o trabalho de preparar um elaborado artifício para nos enganar, certo?

– Certo.

– Ele fez a mesma coisa com Reba Cordova.

– Abandonando o carro no estacionamento de um hotel?

Muse fez que sim com a cabeça.

– Em ambos os casos – disse –, ele se desdobrou para deixar pistas falsas e nos tirar de seu encalço. No primeiro, queria que pensássemos que a mulher era uma prostituta. Com Reba Cordova, queria nos fazer acreditar que ela havia fugido com o amante.

– Hmm… – resmungou Copeland. – Isso é meio fraco.

– Mas já é alguma coisa. Não quero ser preconceituosa, mas quantos casos você conhece em que uma mãe de família de um subúrbio feito Livingston simplesmente foge com o amante?

– Acontece.

– Pode ser. Mas o mais lógico seria que ela tivesse tudo mais bem planejado, certo? Reba Cordova não iria até um shopping perto de onde a filha tinha aulas de patinação para comprar roupinhas infantis e depois fazer o quê? Jogar tudo fora e dar no pé com o amante? Além disso, temos uma testemunha, um sujeito chamado Stephen Errico, que a viu entrar numa van no estacionamento da Target. E viu outra mulher levar o carro dela.

– Se é que isso aconteceu mesmo.

– Aconteceu.
– Tudo bem, mas mesmo assim. O que mais liga Reba Cordova à outra mulher?
Muse arqueou uma sobrancelha.
– Guardei o melhor para o fim.
– Tomara.
– Voltemos ao tal de Stephen Errico.
– A testemunha do shopping.
– Errico procurou o pessoal do shopping e relatou o que viu. Por conta própria. Não culpo os seguranças. Podia ser uma bobagem qualquer. Fiz uma pesquisa sobre Errico na internet. Ele tem um blog onde aparece uma foto dele: um gordão de barba desgrenhada e camiseta do Grateful Dead. Quando fui falar com ele, logo vi que se tratava de um desses malucos que estão sempre vendo chifre em cabeça de cavalo. Sabe esse tipo de gente que vai ao shopping só para ver se flagra alguém roubando uma loja?
– Sei.
– Mas isso também faz com que ele seja bastante específico. Errico disse que viu uma mulher com o mesmo perfil de Reba Cordova entrar numa van branca da Chevrolet. Mais que isso, anotou o número da placa da van.
– E?
– Investiguei a placa. Pertence a uma mulher chamada Helen Kasner, de Scarsdale, Nova York.
– Ela tem uma van branca?
– Tem, e estava no Palisades Mall ontem.
Cope meneou a cabeça, já antevendo aonde ela queria chegar.
– Então, você acha que alguém trocou de placa com Helen Kasner.
– Exatamente. O truque mais velho do mundo, mas que ainda funciona. Você rouba um carro para cometer um crime e depois troca as placas, caso haja alguma testemunha. Mais uma pista falsa. No entanto, o que a maioria dos criminosos não sabe é que trocar de placas com um veículo da mesma marca é ainda mais eficaz. Confunde muito mais.
– Então você está convencida de que a van no estacionamento da Target era roubada.
– Você não acha?
– Acho, sim – disse Copeland. – Isso seguramente dá mais crédito à história do Sr. Errico. Já entendi por que você está preocupada com Reba Cordova. O que ainda não entendi direito é o que isso tem a ver com a outra vítima.
– Dê uma olhada nisso.
Ela virou a tela do computador para Copeland.
– O que temos aqui? – perguntou ele.
– Isso é a gravação de uma câmera de segurança. De um prédio próximo ao local onde o corpo da mulher foi encontrado. Eu estava assistindo hoje de manhã, achando que seria uma total perda de tempo. Mas agora… – Muse, que já estava com a gravação no ponto, apertou o PLAY. Uma van branca surgiu à tela. Ela apertou o PAUSE e a imagem congelou.
Cope se aproximou para ver melhor.
– Uma van branca – disse.
– Uma Chevrolet.

– Seguramente tem mais de um milhão de vans como esta registradas em Nova York e Nova Jersey. Você conseguiu a placa?

– Consegui.

– Já sei. É a mesma de Helen Kasner.

– Não, não é.

– Não? – surpreendeu-se Copeland.

– Um número totalmente diferente.

– Então, não estou entendendo nada.

Muse apontou para a tela.

– Esta placa, JYL 419, pertence a um tal de David Pulkingham, de Armonk, Nova York.

– E esse Sr. Pulkingham também tem uma van branca?

– Tem.

– Será que ele é o assassino?

– Tem 73 anos de idade e nenhuma passagem pela polícia.

– Então você acha que foi mais uma troca de placas?

– Acho.

Clarence Morrow entreabriu a porta e disse:

– Chefe?

– Pois não?

Constatando a presença do promotor, Clarence empertigou o tronco como se fosse bater continência.

– Bom dia, Sr. Promotor.

– Olá, Clarence.

Ele esperou.

– Pode falar, Clarence – disse Muse. – Alguma novidade?

– Acabei de falar por telefone com Helen Kasner.

– E?

– Pedi que ela desse uma olhada nas placas da van. Você tem razão. A placa foi trocada e ela nem notou.

– Mais alguma coisa?

– O melhor de tudo. Sabe qual é a placa que está na van da Sra. Kasner agora? – Clarence apontou para a van na tela do computador. – A de David Pulkingham.

Muse sorriu para Cope e, de braços abertos, disse:

– Satisfeito agora?

– Muito – concedeu o promotor.

19

— VAMOS LÁ – sussurrou Yasmin.

Jill olhou para ela. Ainda podia ver no rosto da amiga o pequeno buço que tanto sofrimento havia causado, embora ele já não estivesse mais lá. A mãe de Yasmin tinha saído do buraco onde se escondia, algum lugar no Sul, talvez na Flórida, e levara a filha para fazer uma eletrólise no consultório de um médico badalado qualquer. Isso resolvera o problema da aparência, mas não tornara a escola um lugar melhor para Yasmin.

Elas estavam sentadas à mesa da cozinha. Beth, a "namorada da semana" segundo Yasmin, tentara impressioná-las com um banquete completo no café da manhã, incluindo omeletes com salsicha e suas "lendárias" panquecas, mas as meninas haviam dado preferência, para grande decepção de Beth, a um prato de waffles congelados e biscoitos de chocolate.

– Tudo bem, façam bom proveito – dissera Beth entre os dentes. – Vou tomar um pouquinho de sol lá fora.

Assim que ela saiu, Yasmin se levantou da mesa e foi espreitar na janela. Beth não estava no quintal. Yasmin olhou para a esquerda, depois para a direita, e então sorriu.

– Que foi? – perguntou Jill.

– Venha ver – disse Yasmin.

Jill foi ao encontro da amiga.

– Olhe ali. Naquele canto, atrás da árvore grande.

– Não estou vendo nada.

– Preste atenção – disse Yasmin.

Só então Jill percebeu a fumaça.

– Ela está fumando?

– Fumando escondida atrás da árvore.

– Escondida por quê?

– Talvez porque não queira dar mau exemplo para duas menininhas – ironizou Yasmin. – Ou talvez porque não queira que meu pai saiba. Ele detesta fumantes.

– Você vai contar para ele?

Yasmin sorriu e deu de ombros.

– Quem sabe? Nós deduramos todo mundo, não é? – Ela começou a bisbilhotar o conteúdo de uma bolsa.

– É da Beth? – perguntou Jill, assustada.

– É.

– Você não devia fazer isso.

Yasmin simplesmente fez uma careta e continuou bisbilhotando.

Jill se aproximou e espiou também.

– Alguma coisa interessante?

– Não. – Yasmin largou a bolsa na bancada. – Venha, quero lhe mostrar uma coisa.

Ela saiu da cozinha e tomou a direção da escada. Jill foi atrás. As duas subiram correndo. No

banheiro do andar de cima havia uma janela. De lá, elas puderam ver claramente Beth fumando atrás da árvore, tirando baforadas como se precisasse delas para sobreviver. Fechava os olhos ao tragar e isso fazia as rugas de sua testa sumirem.

Yasmin se afastou da janela sem dizer nada. Simplesmente sinalizou para que Jill a seguisse. Elas entraram no quarto do Sr. Novak. Yasmin foi direto para a mesinha-de-cabeceira e abriu a primeira gaveta.

Jill não se mostrou nem um pouco surpresa. Na verdade, isso era uma das coisas que elas tinham em comum. Ambas gostavam de explorar. Em maior ou menor grau, todas as crianças tinham a mesma mania, pensava Jill. Por causa disso, seu pai a chamava de Harriet, como a personagem do filme *A pequena espiã.* Ela estava sempre mexendo onde não devia. Aos 8 anos, encontrara algumas fotos na gaveta da mãe, escondidas bem no fundo, em meio a cartões-postais antigos e caixinhas que ela havia comprado em Florença durante umas férias de verão na universidade.

Numa dessas fotos via-se um garoto também com uns 8 anos de idade, no máximo nove. Ao lado dele, uma menina uns dois anos mais nova. Jill imediatamente reconheceu a própria mãe no rosto dela. No verso, em letra caprichada, estava escrito: “Tia e Davey”, e o ano em que a foto havia sido tirada.

Ela nunca tinha ouvido falar de nenhum Davey. Mas foi ali que aprendeu uma importante lição: os adultos também guardavam seus segredos.

– Olhe isto aqui – disse Yasmin.

Jill examinou a gaveta do Sr. Novak, onde se viam algumas embalagens de preservativos.

– Eca, que nojo.

– Você acha que ele usou com a Beth? – perguntou Yasmin.

– Não quero nem pensar.

– Muito menos eu. Ele é meu pai! – Yasmin fechou a gaveta da mesinha-de-cabeceira e se dirigiu para o armário. Abriu a primeira gaveta e, quase sussurrando, chamou: – Jill.

– Que foi?

– Venha ver.

Vasculhando entre alguns suéteres velhos, meias enroladas e uma caixinha de metal, Yasmin encontrou o que procurava e, então, sorriu.

Jill levou um susto.

– Que diabos é…

– É uma arma, ora.

– Eu sei que é uma arma.

– E está carregada.

– Largue isso, Yasmin! Não acredito que seu pai guarda uma arma carregada no armário.

– Muitos pais fazem a mesma coisa. Quer que eu te mostre como destravar o pino de segurança?

– Não.

Mas Yasmin mostrou assim mesmo. Ambas ficaram encarando a arma com um misto de admiração e medo. Yasmin entregou-a a Jill. De início, a menina se recusou a pegá-la, mas depois cedeu, vencida pela curiosidade. Segurando-a com a palma da mão estendida, maravilhou-se com a leveza, o friozinho do metal, a simplicidade do design.

– Posso contar um segredo? – perguntou Yasmin.
– Claro.
– Promete que não vai contar para ninguém?
– Claro que prometo.
– Quando vi essa arma pela primeira vez, fiquei imaginando como seria usá-la contra o Sr. Lewiston.
Jill cautelosamente largou a arma.
– Eu quase podia ver a cena, sabe? – prosseguiu Yasmin. – Eu chegaria na aula com ela escondida na mochila. Às vezes, na minha imaginação, eu esperava a aula acabar e então, quando não tinha ninguém olhando, atirava nele; depois limpava as impressões digitais e ninguém ficava sabendo de nada. Ou eu iria até a casa dele, sei que ele mora na West Orange, e o mataria lá. Ninguém suspeitaria de mim. Mas outras vezes eu pensava em matá-lo bem no meio da aula, com todo mundo lá, vendo tudo; cheguei até a pensar em matar mais uns dois ou três, mas depois mudei de idéia. Ia ser Columbine demais e eu não sou nenhuma esquisitona gótica, né?
– Yasmin?
– O quê?
– Você está me assustando.
Yasmin sorriu.
– Foi só uma fantasia, sua boba. Claro que eu nunca vou matar ninguém. Silêncio.
– Ele vai pagar pelo que fez – disse Jill. – Você sabe disso, não sabe? O Sr. Lewiston?
– Ah, se vai – disse Yasmin.
Elas ouviram um carro estacionar à entrada da casa. Sem nenhuma pressa, Yasmin recolheu a arma, guardou-a no fundo da gaveta e deixou tudo como estava antes. Em nenhum momento perdeu a calma, nem mesmo quando Beth abriu a porta e gritou para elas:
– Yasmin? Meninas?
Ela fechou a gaveta, abriu um sorriso e saiu para o corredor.
– Já estamos descendo!

Tia não se deu o trabalho de fazer a mala.
Imediatamente após o telefonema de Mike, desceu correndo ao saguão do hotel. Brett ainda esfregava os olhos de sono e seus cabelos desgrenhados pareciam uma porção de mata virgem. Ele havia se oferecido para levá-la de carro até o Bronx. A van de Brett estava repleta de equipamentos de computação e recendia a maconha, mas ele era ótimo motorista e pisava fundo sempre que possível. Tia sentou-se ao lado dele e deu alguns telefonemas. Acordou Guy Novak, explicou sucintamente que Mike sofrera um acidente e perguntou se ele podia ficar com Jill por mais algumas horas. Novak havia sido gentil e concordara imediatamente.
– O que devo dizer a Jill? – perguntou.
– Diga apenas que surgiu um imprevisto. Não quero que ela se preocupe.
– Claro.
– Obrigada, Guy.

Empertigada no banco da van, Tia olhava fixamente para a estrada, como se isso pudesse encurtar a viagem. Tentou juntar as peças do que havia acontecido. Mike disse que tinha usado o GPS do celular e localizado Adam num estranhíssimo endereço do Bronx; foi de carro até lá, pensou ter visto o filho de Daniel Huff e depois foi atacado.

Adam ainda estava desaparecido. Ou então, como da última vez, simplesmente resolvera sair de circulação por um ou dois dias.

Tia ligou para a casa de Clark. Também falou com Olivia. Nenhum dos dois sabia de Adam. Na casa dos Huff ninguém atendeu. Durante boa parte da noite anterior e daquela manhã, os preparativos para o depoimento haviam ajudado a evitar que ela entrasse em pânico – pelo menos até Mike ligar do hospital. Depois disso, a agonia se instalou por completo. Percebendo que ela estava inquieta, Brett perguntou:

– Tudo bem com você?

– Tudo.

Mas Tia não estava nada bem. Volta e meia se lembrava da noite em que Spencer Hill havia sumido e se matado. Quase podia ouvir a voz de Betsy ao telefone: "Será que o Adam sabe do Spencer?"

O pânico naquela voz. O medo em estado bruto. E, no fim, cada segundo de preocupação provara que tinha um mórbido fundamento.

Tia fechou os olhos. Subitamente começou a ter dificuldade para respirar. Sentia o peito palpitar. Respirando fundo, tentava sorver uma grande quantidade de ar.

– Quer que eu abra uma janela? – ofereceu Brett.

– Não precisa.

Tia se recompôs e ligou para o hospital. Conseguiu falar com o médico de Mike, mas ele não tinha nenhuma novidade. Mike havia sido agredido e assaltado. Pelo que ela conseguira entender, um grupo de homens o atacara de surpresa num beco escuro. Ele tinha sofrido uma concussão grave e ficara inconsciente por muitas horas, mas agora descansava confortavelmente no quarto e não corria nenhum risco.

Tia conseguiu falar com Hester Crimstein em casa. Hester mostrou-se um pouco preocupada com Mike e Adam, mas quase arrancou os cabelos ao cogitar um possível atraso no depoimento.

– Seu filho já fugiu de casa, não é? – perguntou.

– Só uma vez.

– Então, essa deve ser a segunda.

– Talvez haja mais alguma coisa.

– Como o quê, por exemplo? – perguntou Hester. – Olhe, a que horas é mesmo o depoimento?

– Às três da tarde.

– Vou pleitear um adiamento. Se não for concedido, você terá de voltar para Boston.

– Você só pode estar brincando.

– Pelo que entendi, não há nada que você possa fazer no Bronx. Mas pode se manter informada o tempo todo por telefone. Além disso, posso conseguir um jatinho para levar você do aeroporto de Teterboro.

– Estamos falando da minha família.

– Certo, e eu estou sugerindo que você fique apenas algumas horas longe dela. Não há nada que você possa fazer para ajudá-los. Por outro lado, um homem inocente corre o risco de mofar

25 anos na cadeia se não fizermos nosso trabalho direito.

Tia por pouco não pediu demissão imediatamente, mas uma calma súbita fez com que ela dissesse:

– Vamos ver se conseguimos o adiamento.

– Eu ligarei de volta.

Tia desligou o telefone e olhou para ele como se tivesse na mão um estranho tumor. Chegou a se perguntar se aquela conversa de fato havia ocorrido.

Quando enfim entrou no quarto de Mike, Mo já estava lá. Ele atravessou o quarto correndo, tenso, as mãos fechadas em punho, e disse:

– Ele está bem. Acabou de pegar no sono, só isso.

Tia foi até o marido. Havia outros dois leitos ocupados cercando Mike. Nenhum deles recebia visitas naquele momento. Quando viu o rosto dele, Tia teve a sensação de ter sido atingida no estômago por um bloco de cimento.

– Meu Deus… – exclamou.

Mo se aproximou e colocou as mãos nos ombros dela.

– Ele não está tão mal quanto parece – disse.

Ela esperava que fosse verdade. Não sabia o que ia encontrar, mas aquilo? O olho direito de Mike fechava-se numa bola inchada. Um corte, aparentemente produzido por uma lâmina, rasgava uma das faces, enquanto um hematoma salientava-se na outra. Seus lábios estavam feridos. Um braço se escondia sob as cobertas, no outro, viam-se dois enormes hematomas na parte inferior.

– O que fizeram com ele? – sussurrou ela.

– Essa gente pode se dar por morta – disse Mo. – Está me ouvindo? Quando encontrar esses vagabundos, não vou dar uma sova neles. Vou matar um por um.

Tia pousou a mão no antebraço de Mike. Seu marido. Sempre tão lindo, tão forte. Ela se apaixonara por ele em Dartmouth. Dormira com ele, tivera filhos com ele, elegera-o como companheiro. Como era terrível pensar que a qualquer instante podíamos perder a pessoa que havíamos escolhido para dividir toda uma vida. Tia se recriminou por não ter cuidado daquela relação com o devido afinco, por ter deixado que a rotina se instalasse, por não ter feito tudo a seu alcance para transformar aquele casamento num exercício diário de paixão.

– Eu te amo tanto… – sussurrou ela.

Mike abriu ligeiramente os olhos. Tia pôde ver o medo neles também e talvez isso fosse o pior de tudo. Desde que o conhecera, ela nunca vira Mike com medo de nada. Nunca o vira chorar. Provavelmente ele chorava, mas era o tipo de coisa que preferia fazer às escondidas. Mike queria ser o braço forte do casal e, por mais antiquado que isso pudesse parecer, Tia queria a mesma coisa.

Ele arregalou os olhos para o alto como se visse acima dele algum agressor imaginário.

– Mike – disse Tia. – Estou aqui.

Mike virou os olhos para ela, mas o medo continuava ali. Se era um alívio ver a mulher, ele não demonstrou. Tia pegou a mão dele.

– Você vai ficar bom – disse.

Mike ainda a encarava e só então ela se deu conta. Soube o que ele iria dizer antes mesmo que as palavras saíssem de sua boca.

– E Adam? Onde está o Adam?

20

DOLLY LEWISTON VIU O CARRO rondar sua casa novamente.

Como nas duas vezes anteriores, o motorista reduziu a velocidade ao passar.

– É ele de novo – disse Dolly.

Seu marido, Joe Lewiston, professor da quinta série, nem sequer levantou o rosto. Corrigia provas com uma atenção um tanto exagerada.

– Joe?

– Já ouvi, Dolly – rugiu ele. – O que você quer que eu faça?

– Ele não tem o direito de fazer isso. – Dolly viu o carro se afastar até sumir no horizonte. – Talvez devêssemos chamar a polícia.

– E dizer o quê?

– Que ele está rondando a nossa casa.

– Ele está passando de carro na nossa rua. Isso não é crime.

– Mas ele reduz quando passa na frente da nossa casa.

– Reduzir também não é crime.

– Podemos contar a eles o que aconteceu.

Joe Lewiston bufou e, sem tirar os olhos do trabalho, disse:

– Aposto que a polícia vai ser muito compreensiva.

– Também temos uma criança em casa – argumentou Dolly.

Ela acompanhava a pequena Allie, de três anos, pelo computador. Por meio de uma webcam, o site da K-Little Gym permitia que os pais acompanhassem tudo o que os filhos estavam fazendo na creche: comendo, brincando, cantando, o que fosse. Por isso ela havia escolhido a K-Little.

Tanto Joe quanto Dolly eram professores do ensino fundamental. Joe dava aulas para a quinta série na Hillside, e Dolly, para a segunda na Paramus. Ela tinha vontade de largar o emprego, mas eles precisavam dos dois salários. Joe ainda amava o que fazia, mas em algum momento seu amor por Dolly tinha murchado. Se parássemos para pensar, perceberíamos que Dolly havia perdido o entusiasmo pelo ensino mais ou menos na época que Allie nasceu, mas ela própria achava que era mais que isso. Apesar de tudo, fazia seu trabalho e conseguia driblar com relativa facilidade os pais rabugentos. Seu maior prazer, no entanto, era ficar diante do site da K-Little e verificar se seu tesouro estava bem.

Guy Novak, o homem que rondava a casa deles, não tivera esse privilégio, o de saber o que faziam com sua filha na escola. Portanto, de certa maneira, Dolly compreendia sua raiva e até se solidarizava com ele. Mas isso não significava que estava disposta a deixar que ele fizesse alguma coisa contra sua família. O mundo havia chegado a tal ponto que muitas vezes as coisas se resumiam a um simples "ou nós ou eles" e ela faria o que fosse preciso para defender sua família.

Ela se virou da janela e olhou para o marido. Joe estava de olhos fechados, a cabeça baixa.

Dolly se aproximou por trás e pousou as mãos nos ombros dele. Joe repeliu o toque dela com

um discretíssimo tremor que não durou mais que um segundo, mas Dolly pôde senti-lo reverberando em seu próprio corpo. Joe estava tenso havia semanas. Dolly manteve as mãos onde estavam, não recuou, e Joe acabou cedendo. Ela começou a massageá-lo, lembrando-se de como ele gostava disso. Demorou alguns minutos, mas enfim conseguiu relaxar os músculos do marido.

– Está tudo bem – disse.

– Eu perdi a cabeça, só isso.

– Eu sei.

– Saí um pouco da linha, como sempre faço, mas dessa vez…

– Eu sei.

Dolly de fato sabia. Era isso que fazia de Joe Lewiston um bom professor. Ele tinha paixão. Prendia a atenção dos alunos, contava piadas. Às vezes exagerava um pouco, mas era exatamente disso que os garotos gostavam. Quanto mais ele brincava, mais eles prestavam atenção e mais aprendiam. Alguns pais já haviam reclamado do comportamento dele no passado, mas Joe contava com um número considerável de defensores. A maioria dos pais insistia para que seus filhos ficassem na turma do Sr. Lewiston. Eles apreciavam o entusiasmo que o professor conseguia incutir na garotada, o entusiasmo que ele próprio demonstrava pelo trabalho. Ao contrário de Dolly, que apenas cumpria sua obrigação.

– Realmente magoei aquela garota.

– Foi sem querer. As crianças e os pais ainda são loucos por você.

Joe não disse nada.

– Ela vai superar. Tudo isso vai passar um dia, Joe. Tudo vai acabar bem.

Joe se continha para não chorar. Estava prestes a desabar. Por mais que amasse o marido, por mais que soubesse que ele era um professor e um ser humano infinitamente melhor que ela, Dolly tinha consciência de que Joe não era o mais forte dos homens, tal como muitos pensavam. Joe vinha de uma família numerosa, era o caçula de seis irmãos, mas sofrera nas mãos de um pai exageradamente severo. Ele humilhava o filho mais novo e mais delicado e por isso, numa espécie de válvula de escape, Joe se transformara num garoto divertido e engraçado. Para Dolly, Joe Lewiston era o homem mais digno que ela conhecia, mas também o mais fraco.

Não chegava a se incomodar com isso. Aceitara ser o lado mais forte do casal. Cabia a ela proteger a família e mantê-la unida.

– Sinto muito por ter falado com você daquele jeito – desculpou-se Joe.

– Não foi nada.

– Você tem razão. Tudo isso vai passar um dia.

– Claro que vai. – Ela o beijou no pescoço e depois usou a língua para massagear aquele pontinho atrás do lóbulo da orelha. Ele adorava isso. Esperou pelo gemido de costume, mas ele não veio. Então sussurrou: – Que tal deixar essas provas de lado só um pouquinho, hein?

Joe tentou se desvencilhar.

– É que… realmente preciso terminar isto aqui.

Dolly ergueu o tronco e deu um passo atrás. Joe Lewiston viu o que tinha feito e tentou se emendar.

– Mas vou querer um vale-brinde – disse.

Era isso que *ela* costumava dizer quando não estava a fim. Afinal, essa fala costumava ser

das esposas, não é? Na cama, Joe sempre tomara a iniciativa – nenhuma fraqueza nesse departamento –, mas ao longo dos últimos meses, desde seu lamentável descuido na escola, ele vinha se comportando de um jeito estranho, até mesmo sexualmente.

– Claro – respondeu Dolly. E se virou para sair.

– Aonde você vai? – perguntou Joe.

– Vou dar uma saída, mas não demoro. Preciso fazer umas comprinhas e depois vou buscar a Allie. Pode ficar aí, corrigindo suas provas.

Dolly Lewiston correu escada acima, ligou o computador e pesquisou o endereço de Guy Novak. Também conferiu a caixa de entrada de seu e-mail da escola (sempre havia algum pai reclamando de alguma coisa), mas já fazia dois dias que o programa não funcionava direito. Portanto, nenhuma mensagem nova.

– Meu e-mail ainda está com problemas! – ela berrou para Joe.

– Depois eu dou uma olhada! – berrou ele de volta.

Dolly imprimiu o caminho que deveria tomar para chegar ao endereço de Guy Novak, dobrou o papel em quatro e o guardou na bolsa. Antes de sair, beijou o marido na testa. Ambos trocaram o protocolar “Eu te amo”.

Dolly pegou as chaves do carro e saiu para encontrar Guy Novak.

Tia podia ler na testa deles: os policiais não estavam acreditando na história do desaparecimento de Adam.

– Achei que vocês pudessem pelo menos emitir um alerta – disse ela.

Os dois policiais que tinham vindo ao hospital, quando juntos, tinham um aspecto quase cômico. Um deles, uniformizado, era um latino baixote chamado Gutierrez. A outra era uma negra alta que se apresentou como investigadora Clare Schlich.

Foi Schlich quem respondeu:

– O caso do seu filho ainda não justifica um alerta.

– Por que não?

– Porque é preciso alguma prova de que ele foi seqüestrado.

– Mas Adam é menor de idade e está desaparecido!

– Eu sei.

– Então de que tipo de provas vocês precisam?

Schlich deu de ombros.

– Uma testemunha ajudaria bastante – disse.

– Nem todo seqüestro tem testemunhas.

– É verdade. Ainda assim é necessário alguma evidência de seqüestro ou risco de danos físicos. A senhora tem alguma?

Tia não chamaria de “má vontade” a atitude dos dois policiais; “condescendência” talvez fosse a palavra correta. Eles estavam anotando todas as informações como deviam. Não faziam pouco caso da queixa deles, mas também não se mostraram dispostos a fazer tudo o que podiam nem a colocar toda a equipe à procura de Adam. Clare Schlich deixava bem claro seu ceticismo mediante as perguntas e réplicas com que entremeava o relato de Mike e Tia.

“Vocês estão espionando o computador do seu filho?”
“O senhor ativou o GPS do celular dele?”
“O senhor ficou tão preocupado que resolveu ir atrás dele no Bronx?”
“Ele já fugiu uma vez?”
Assim. Até certo ponto, Tia não culpava a dupla, mas para ela só o que importava era que Adam havia sumido.
Gutierrez, que já conversara com Mike, acrescentou:
– O senhor disse que viu Daniel Huff Junior, o DJ, na rua, certo? Que talvez ele e seu filho estivessem juntos, não é isso?
– Sim.
– Conversei com o pai do garoto. Ele também é da polícia, o senhor sabia?
– Sabia.
– Ele falou que o filho passou a noite inteira em casa.
Tia virou-se para Mike. Viu algo explodir em seus olhos. As pupilas eram dois pontinhos miúdos. Ela já conhecia aquela expressão. Colocou a mão no braço do marido, mas isso não o acalmou.
– Ele está mentindo – disse Mike.
Gutierrez simplesmente deu de ombros.
Tia viu uma sombra cobrir o rosto inchado de Mike, que olhou para ela, depois para Mo, e disse:
– Vamos sair daqui. Agora mesmo.
O médico queria que Mike ficasse mais um dia, mas isso estava fora de questão. Tia conhecia o marido o bastante para saber que seria perda de tempo bancar a esposa zelosa. Mike seguramente se recuperaria dos ferimentos. Era forte como um touro. Aquela era sua terceira concussão (as duas primeiras haviam acontecido num rinque de hóquei). Ele já havia quebrado dentes e levado pontos no rosto muito mais vezes do que seria recomendável para qualquer mortal; como se isso não bastasse, quebrara o nariz duas vezes, o queixo, uma, e nunca, nem uma única vez, deixara de jogar uma partida para a qual havia sido escalado e quase sempre voltava ao rinque mesmo depois de machucado.
Tia sabia ainda que não adiantaria argumentar com o marido – na verdade, também não estava com vontade de fazer isso. Ela queria vê-lo fora daquele hospital, fazendo todo o possível para encontrar o filho. Se eles não fizessem nada, as coisas poderiam ficar muito piores.
Mo ajudou Mike a se sentar na cama. Tia ajudou-o a se vestir. As roupas estavam manchadas de sangue. Mike não se importou com isso. Levantou-se. Eles já estavam quase à porta quando Tia sentiu o celular vibrar. Rezou para que fosse Adam. Não era.
Hester Crimstein não se importou em dizer oi nem em se identificar. Foi logo dizendo:
– Alguma notícia do garoto?
– Ainda não. A polícia está agindo como se fosse um caso de fuga.
– Mas não é exatamente isso?
Tia surpreendeu-se com a pergunta.
– Creio que não.
– Soube pelo Brett que vocês estão espionando seu filho – disse Hester.
Brett e sua língua comprida, pensou Tia. Era só o que faltava.

– Eu monitoro a atividade dele no computador.
– Dá no mesmo.
– Adam não fugiria dessa maneira.
– É. Nenhum pai disse isso antes.
– Conheço meu filho.
– Isso também não – acrescentou Hester. – Más notícias: não conseguimos o adiamento.
– Hester…
– Antes de dizer que não vai voltar para Boston, ouça o que tenho a falar. Já providenciei uma limusine para ir buscá-la. Está na porta do hospital à sua espera.
– Não posso…
– Escute, Tia. Você me deve pelo menos isso. O motorista vai levá-la ao aeroporto de Teterboro, que não é muito longe da sua casa. Tem um jatinho particular à sua espera. Você tem um celular. No caso de alguma notícia, o motorista pode levá-la aonde for preciso. Tem telefone no avião também. Se você ficar sabendo de alguma coisa durante o vôo, o piloto pode levar você aonde quiser em tempo recorde. Talvez Adam seja encontrado, sei lá, na Filadélfia. Estou pagando para que você tenha um jatinho à sua disposição.
Mike lançou um olhar de interrogação para a esposa. Ela balançou a cabeça e sinalizou para que eles seguissem adiante. E assim eles fizeram.
– Chegando a Boston – prosseguiu Hester –, você toma o depoimento. Se alguma coisa acontecer enquanto isso, você poderá parar imediatamente e tomar o jatinho de volta para casa. O vôo de Boston para Teterboro leva apenas 40 minutos. O mais provável, no entanto, é que o garoto dê as caras com uma desculpa esfarrapada porque estava bebendo com os amigos. Seja como for, você estará de volta a Nova Jersey em questão de horas.
Com o polegar e o indicador, Tia apertou o osso do nariz entre os olhos.
– Não estou propondo nenhum absurdo, estou? – disse Hester.
– Não, não está.
– Ótimo.
– Mas não posso.
– Por que não?
– Não vou conseguir me concentrar.
– Bobagem. Você sabe muito bem o que eu quero com esse depoimento.
– Você quer que eu flerte com o homem. Meu marido está no hospital…
– Ele já teve alta, Tia. Eu sei de tudo.
– Mesmo assim. Meu marido foi agredido e meu filho ainda não apareceu. Você acha que estou com cabeça para flertar com alguém?
– Com cabeça? E quem se importa se você está com cabeça ou não? Você simplesmente vai lá e faz o que tem de ser feito, só isso. É a liberdade de um homem que está em jogo, Tia.
– É melhor você convocar outra pessoa.
Silêncio.
– É sua última palavra? – perguntou Hester.
– É – respondeu Tia. – Isso vai custar meu emprego?
– Hoje não – disse Hester. – Mas muito em breve, sim. Porque agora sei que não posso contar com você.

– Vou me desdobrar para reconquistar sua confiança.

– Não vai conseguir. Não sou muito boa com segundas chances. Tem um monte de advogados trabalhando para mim que jamais precisarão de uma segunda chance. Então é isso: você vai voltar para os pequenos serviços e vai ficar de molho lá até desistir e pedir as contas. Uma pena. Achei que você tinha potencial.

Hester Crimstein desligou o telefone sem falar mais nada.

Já fora do hospital, Mike ainda observava a mulher.

– Tia?

– Não quero falar sobre isso agora.

Mo os levou para casa.

– O que vamos fazer agora? – perguntou Tia.

Mike engoliu um analgésico.

– Talvez você devesse ir buscar a Jill.

– Tudo bem. Mas e você, vai fazer o quê?

– Para começar – disse Mike –, vou ter uma conversinha com o capitão Daniel Huff. Quero saber por que ele mentiu. E depois vou comprar outro celular para reativar a minha linha.

21

– ESSE TAL DE HUFF É POLICIAL, NÃO É? – perguntou Mo.

– É, sim.

– Então não vai se intimidar facilmente.

Eles já haviam estacionado diante da casa dos Huff, quase no mesmo lugar onde Mike estivera na véspera, antes que o mundo desabasse sobre sua cabeça. Ele não deu ouvidos a Mo e saiu em disparada rumo à porta. Mo foi atrás dele. Mike bateu e esperou. Tocou a campainha e esperou mais um pouco.

Ninguém atendeu.

Mike foi para a porta dos fundos e bateu novamente. Nada. Cobrindo os olhos com as mãos para evitar a luminosidade, espiou através da janela. Nenhum movimento. Testou a maçaneta. A porta estava trancada.

– Mike?

– Ele está mentindo, Mo.

Eles voltaram ao carro.

– Para onde? – perguntou Mo.

– Deixe eu dirigir.

– Não. Para onde vamos?

– Para a delegacia. Onde o Huff trabalha.

O trajeto era curto, pouco mais de um quilômetro. Mike chegou a pensar na sorte de Daniel Huff, por trabalhar tão perto de casa, enquanto ele perdia tantas horas no congestionamento na ponte para chegar a Manhattan. Estranhou que estivesse pensando em algo tão sem propósito num momento daqueles e de repente se deu conta de que estava ofegando e que Mo o espiava pelo canto dos olhos.

– Mike?

– Que foi?

– Você tem de manter a cabeça fria, cara.

– Olha só quem está falando – devolveu Mike.

– Para você ver. De duas uma: ou você fica aí, se deleitando com a ironia de me ver pedindo calma, ou põe a cabeça para funcionar e se toca que, se um pavio curto feito eu está aconselhando prudência, é porque deve haver um bom motivo para isso. Você não pode entrar numa delegacia e interpelar um policial com a cabeça quente desse jeito.

Mike não disse nada. A delegacia ficava no prédio de uma antiga biblioteca, no alto de uma colina, um lugar dificílimo para estacionar. Mo começou a circular à procura de uma vaga.

– Você ouviu o que eu disse?

– Ouvi, Mo. Fique tranqüilo.

Não havia vagas na frente do prédio.

– Vou dar uma olhada no estacionamento dos fundos – disse Mo.

– Não tenho tempo – disse Mike. – Vou na frente enquanto você estaciona.

– De jeito nenhum.
Mike se virou para o amigo.
– Caramba – exclamou Mo. – Você está com um aspecto terrível.
– Se você quer dar uma de motorista, tudo bem. Mas não é minha babá. Então pare logo esse carro que eu vou descer. Quero conversar com o Huff sozinho. Você vai fazer com que ele fique desconfiado. Sozinho, posso falar com ele de pai para pai.
Mo encostou o carro.
– Lembre-se do que você acabou de dizer – aconselhou.
– O quê?
– De pai para pai. O cara também tem um filho.
– E daí?
– Pense nisso.
Mike sentiu uma pontada nas costelas ao descer do carro. O que era estranho, pois ele tinha uma grande resistência à dor. Às vezes até gostava dela. Gostava, por exemplo, de sentir os músculos queimando na academia. Gostava das dores musculares. No gelo, os adversários tentavam intimidá-lo com pancadas fortes, mas o efeito produzido era justamente o oposto: quando Mike levava uma pancada no rinque, redobrava a gana de bater também.
Esperava encontrar a delegacia deserta. Tinha entrado ali apenas uma vez, em busca de uma licença para deixar seu carro pernoitar na rua durante uma semana. Um decreto municipal proibia que os carros ficassem na rua depois das duas da madrugada, mas a garagem de Mike estava em obra e por isso ele precisava da tal licença. À época, havia apenas um policial ao balcão e todas as mesas atrás dele estavam vazias.
Mas agora havia pelo menos uns 15 policiais e todos pareciam ocupados.
– Em que posso ajudá-lo?
O policial uniformizado parecia jovem demais para estar atendendo ao balcão. Talvez isso também fosse influência da TV, mas Mike sempre achou que, ao entrar numa delegacia, encontraria um veterano grisalho naquele posto. O garoto que estava ali aparentava ter uns 12 anos e olhava para os hematomas de Mike sem a menor cerimônia. Apontando para eles, disse:
– É por isso que o senhor está aqui?
– Não – disse Mike. Os outros oficiais se moviam apressados, despachando papéis, chamando uns aos outros, segurando fones com o ombro. – Vim falar com Daniel Huff.
– O capitão Huff?
– Ele mesmo.
– E o senhor pode adiantar o assunto?
– Diga a ele que Mike Baye está aqui.
– Como o senhor pode ver, estamos bastante ocupados no momento.
– É, estou vendo – disse Mike. – Alguma coisa importante?
O jovem policial lançou para Mike um olhar que deixava claro que aquilo não era da conta dele. Mike pôde ouvir pequenos trechos de conversa, segundo os quais um carro havia sido encontrado no estacionamento de um hotel. Não mais que isso.
– O senhor se importa de esperar ali enquanto tento falar com o capitão?
– Tudo bem.
Mike sentou-se num dos bancos da sala de espera. Ao lado dele, um homem de terno

preenchia um formulário. Do outro lado do balcão, um dos policiais berrou:
– Já checamos com todo mundo na delegacia. Ninguém viu a tal mulher.
Mike ficou imaginando o que estaria causando tamanha agitação, mas apenas para esfriar a cabeça.
Huff havia mentido.
Mike não tirava os olhos do jovem policial. A julgar pela expressão dele ao desligar o telefone, as notícias não seriam boas.
– Sr. Baye?
– Dr. Baye – corrigiu Mike, talvez com uma ponta de arrogância, mas às vezes as pessoas tratavam os médicos com certa deferência. Não muito freqüentemente. Só às vezes.
– Dr. Baye. Sinto muito, mas estamos meio enrolados no momento. O capitão mandou dizer que ligará para o senhor assim que puder.
– Não vai dar.
– Como?
O lugar era bastante devassado. Como quase todas as delegacias, dispunha de uma divisória de mais ou menos um metro de altura com uma portinha de acesso. Aquilo não deteria ninguém. Lá no fundo, atrás do balcão, Mike pôde ler com toda clareza a plaquinha de CAPITÃO em uma das portas. Agindo com rapidez e provocando um sem-número de novas dores nas costelas e no rosto, passou para o outro lado do balcão.
– Senhor?
– Não se preocupe. Conheço o caminho.
Mike apertou o passo rumo à sala do capitão.
– Parado aí!
Convencido de que o garoto não atiraria, Mike seguiu em frente. Chegou à sala de Huff antes que qualquer um pudesse alcançá-lo. Girou a maçaneta. A porta estava destrancada, então ele a abriu com violência.
Daniel Huff falava ao telefone do outro lado de sua mesa.
– Que diabos…?
O jovem policial do balcão entrou logo em seguida, pronto para derrubar Mike, mas foi detido pelo capitão.
– Pode deixar – disse Huff.
– Sinto muito, capitão. Mas ele invadiu o recinto.
– Não se preocupe. E, por favor, feche a porta quando sair.
O garoto obedeceu a contragosto. Em uma das paredes havia um janelão. Ele parou do outro lado do vidro e ficou espiando. Mike olhou para ele rapidamente e depois voltou a atenção para Huff.
– Você mentiu – disse.
– Estou muito ocupado, Mike.
– Vi seu filho antes de eu ser atacado.
– Não, não viu. Meu filho estava em casa.
– Mentira.
Huff não se levantou. Tampouco convidou Mike a se sentar. Cruzou as mãos atrás da cabeça e se recostou na cadeira.

– Realmente não tenho tempo para conversar agora.
– Meu filho estava na sua casa. Depois foi de carro para o Bronx.
– E como é que você sabe disso, Mike?
– Tem um GPS no celular do Adam.
– Uau! – exclamou Huff, arqueando as sobrancelhas.
Na certa ele já sabia disso. Seus colegas de Nova York já o teriam informado.
– Por que você está mentindo, Huff?
– Esse seu GPS, qual é a precisão dele?
– O quê?
– Talvez Adam não estivesse com DJ. Pode ser que estivesse na casa de algum vizinho. O filho dos Lubetkin mora duas casas depois da minha. Ou talvez ele tenha passado lá em casa e saído antes de eu chegar. Ou de repente estava por perto, pensou em entrar e mudou de idéia depois.
– Você só pode estar brincando.
Um policial deu uma batida na porta e depois colocou a cabeça para dentro:
– O Sr. Cordova está aí.
– Leve-o para a sala A – disse Huff. – Estarei lá em um segundo.
O policial fez que sim com a cabeça e deixou a porta se fechar sozinha. Huff ficou de pé. Era um homem alto, sempre com os cabelos engomados para trás. Geralmente exibia a frieza típica dos policiais, como fizera durante a conversa que tiveram na véspera. Ainda se mostrava frio, claro, mas agora parecia cansado pelo esforço. Ele encarou Mike, que não desviou o olhar.
– Meu filho passou a noite inteira em casa.
– Mentira.
– Agora preciso ir. Não quero mais falar sobre isso com você.
Huff se adiantou na direção da porta. Mike se colocou no caminho.
– Preciso falar com seu filho.
– Saia da minha frente, Mike.
– Não.
– Seu rosto.
– O que é que tem meu rosto?
– Parece que você já apanhou o suficiente – disse Huff.
– Vai querer pagar para ver?
Huff não disse nada.
– Pode vir, Huff. Já estou machucado mesmo. Não vai querer repetir a dose?
– Repetir a dose?
– É bem possível que você estivesse lá também.
– O quê?
– Seu filho estava. Disso eu tenho certeza. Então vamos lá. Mas dessa vez vai ser só nós dois. Homem a homem. Cara a cara. Sem aquela covardia de três contra um, atacando pelas costas. Anda, venha. Largue a arma e tranque a porta. Mande os seus capangas nos deixarem em paz. Vamos ver se você é macho mesmo.
Huff abriu um meio-sorriso.
– Você acha que isso vai ajudar a encontrar seu filho?

Só então Mike entendeu o que Mo dissera antes. Em vez de homem a homem, cara a cara, ele deveria ter seguido o conselho de Mo. De pai para pai. Não que Huff fosse gostar de ser lembrado disso. Pelo contrário. Mike estava tentando salvar seu filho, e Huff, o dele. Mike estava pouco se lixando para DJ Huff, e Daniel Huff, para Adam Baye.

Ambos tinham um único interesse: proteger seus respectivos filhos. Huff faria o que fosse preciso. Como qualquer outro pai – o de Clark ou o de Olivia. Esse havia sido o erro de Mike. Ele e Tia estavam lidando com adultos que seriam capazes de pular sobre uma granada para proteger suas crianças. O que eles precisavam fazer era atravessar a barreira dos pais.

– Adam está desaparecido – disse Mike.

– Eu sei.

– Falei com a polícia de Nova York. Mas a quem devo pedir ajuda aqui para encontrar meu filho?

♦♦♦

– Diga a Cassandra que estou com saudades – sussurrou Nash.

Por fim, depois de muito sofrimento, Reba Cordova pôde descansar.

Nash foi até um guarda-móveis no condado de Sussex. Deu ré na van e subiu na pequena plataforma de descarga de sua unidade. A noite já tinha caído. Não havia ninguém por perto. Ele colocara o corpo num latão de lixo onde as chances de alguém vê-lo eram remotas. Os guarda-móveis eram ótimos para essas coisas. Nash tinha lido sobre um caso em que os seqüestradores haviam usado um cubículo semelhante para trancar sua vítima, que depois de alguns dias morrera sufocada. Mas ele também conhecia outras histórias capazes de tirar o fôlego de qualquer um. Muitas vezes nos vemos diante desses cartazes que divulgam as fotos de pessoas desaparecidas e ficamos imaginando o que poderia ter acontecido àqueles tantos homens, mulheres e crianças que um dia saíram de casa e nunca mais voltaram. Pois muito bem: com uma freqüência muito maior do que gostaríamos de saber, essas pessoas foram amarradas, amordaçadas e trancafiadas num guarda-móveis.

A polícia, Nash sabia, acreditava que os criminosos repetiam determinados padrões. Talvez, já que a maioria não passava de idiotas, mas Nash fazia justamente o contrário. Ele havia desfigurado Marianne com uma bela surra, mas dessa vez nem sequer tocara no rosto de Reba. Em parte por uma questão de logística. Ele sabia que podia esconder a verdadeira identidade de Marianne, mas não a de Reba. Àquela altura, o marido certamente já teria dado queixa do desaparecimento dela. Se um cadáver "fresco" fosse encontrado, ainda que ensangüentado e desfigurado, a polícia não teria dificuldade nenhuma para associá-lo ao sumiço de Reba Cordova.

Portanto era o caso de mudar de *modus operandi:* dessa vez o corpo não seria encontrado.

Isso seria fundamental. Nash havia abandonado o corpo de Marianne num lugar onde ele pudesse ser encontrado, mas Reba simplesmente sumiria do mapa. Nash havia deixado o carro dela no estacionamento de um hotel. Os investigadores da polícia deduziriam que ela tinha ido até ali para um encontro extraconjugal. Eles se concentrariam nisso, seguiriam essa pista e investigariam o passado dela à procura de um possível amante. E, se Nash tivesse sorte, acabariam encontrando um. E partiriam para cima dele, claro. De qualquer forma, se nenhum

corpo fosse encontrado, eles não teriam nenhuma base para suspeitar de assassinato e provavelmente assumiriam que a mulher havia fugido com o amante. Não haveria nenhuma ligação entre Reba e Marianne.

Portanto, ele a manteria naquele depósito. Pelo menos por um tempo.

Pietra trazia a morte estampada nos olhos. Anos atrás, fora uma jovem e bela atriz no que então se chamava Iugoslávia. Na lavagem étnica que se seguiu, viu o marido e o filho serem mortos na sua frente, de um modo inconcebivelmente estúpido. Pietra não teve a mesma sorte: sobreviveu. À época, Nash trabalhava como mercenário militar. Foi ele quem a resgatou. Ou o que havia sobrado dela. Desde então, Pietra só voltava à vida quando precisava entrar em ação, como naquele bar em que eles haviam capturado Marianne. No resto do tempo, era um invólucro oco. Aqueles soldados sérvios tinham destruído tudo o que havia dentro dela.

– Prometi a Cassandra – disse Nash. – Você entende, não é?

Pietra desviou o olhar. Nash admirou o perfil dela.

– Você ficou com pena dessa aí, não ficou? – perguntou ele.

Pietra não respondeu. Eles cobriram o corpo de Reba com uma mistura de serragem e esterco, o que resolveria o problema do cheiro por um tempo. Nash não queria correr o risco de roubar mais uma placa. Com o auxílio de uma fita isolante, mudou o F para E – isso bastaria. Num dos cantos do guarda-móveis, ele tinha outros disfarces para a van. Uma placa imantada anunciava uma marca de tintas, em outra lia-se CAMBRIDGE INSTITUTE. Em vez delas, ele optou por um adesivo de pára-choque que havia comprado no último mês de outubro numa conferência religiosa chamada "O amor do Senhor". No adesivo estava escrito:

DEUS NÃO ACREDITA EM ATEUS

Nash sorriu. Quanta carolice. Mas um adesivo daqueles dificilmente passaria despercebido. Ele o colou, não com a cola auto-adesiva, mas com fita dupla-face, de modo que pudesse retirá-lo com facilidade quando quisesse. As pessoas leriam a mensagem e ficariam ofendidas ou impressionadas. De um modo ou de outro, notariam o adesivo. E dificilmente prestariam atenção ao número da placa.

Eles entraram novamente na van.

Até conhecer Pietra, Nash nunca acreditara que os olhos são as janelas da alma. Mas no caso dela isso era evidente. Seus olhos eram lindos, azuis com centelhas amareladas, no entanto não havia nada por trás deles; via-se claramente que algo havia apagado as chamas daquele olhar e que nada as faria arder outra vez.

– Tinha de ser feito, Pietra. Você sabe.

Ela finalmente abriu a boca para dizer alguma coisa.

– Você gostou.

O comentário não denotava nenhum julgamento. Ela conhecia Nash havia tempo suficiente para que ele não mentisse.

– E daí?

Pietra virou o rosto.

– O que houve com você, Pietra?

– Vi o que aconteceu à minha família – respondeu ela.

Nash ficou mudo.

– Vi meu filho e meu marido sofrerem de um jeito horrível. E eles também me viram sofrer. Foi a última coisa que viram na vida: eu, sofrendo junto com eles.

– Eu sei. E você diz que gostei do que fiz. Mas geralmente você também gosta, não é?

– Gosto – respondeu ela sem titubear.

A maioria das pessoas pensaria justamente o contrário, que as vítimas da violência teriam aversão a qualquer espécie de agressão. Mas a verdade é que o mundo não funciona assim. Violência gera violência, e não só pela via mais óbvia, a da retaliação. Uma criança violentada tem grandes chances de um dia vir a violentar crianças também. O filho que vê o pai espancando a mãe tem grandes chances de um dia vir a espancar a própria mulher.

Por quê?

Por que nós, humanos, nunca aprendemos as lições que deveríamos aprender? O que haverá na nossa índole que, na verdade, nos empurra para aquilo que deveríamos repelir?

Depois de ser resgatada por Nash, durante todo o período que passou no hospital, Pietra não conseguiu pensar em outra coisa a não ser em vingança. Três semanas depois de receber alta, ela e Nash localizaram um dos soldados que haviam torturado sua família. Conseguiram capturá-lo num momento em que ele estava sozinho. Nash o amarrou e o amordaçou. Deu uma foice a Pietra e saiu, deixando-a a sós com o sérvio. O soldado levou três dias para morrer. Ao fim do primeiro, já estava implorando a Pietra que o matasse. Mas ela não matou.

E adorou cada segundo da tortura.

Ao fim de uma vingança, muitas pessoas se sentem frustradas, vazias por terem feito algo tão horrível a outro ser humano, por mais que acreditassem que o castigo fosse merecido. Mas não Pietra. O episódio com o soldado servira apenas para atiçar sua sede de sangue. E isso explicava em grande parte o motivo de sua presença ali, naquele guarda-móveis com Nash.

– Então o que mudou dessa vez? – perguntou ele.

Nash esperou pela resposta. Ela não se apressou, mas por fim disse:

– Não saber – disse ela, quase sussurrando. – O fato de passar o *resto da vida* sem saber. Castigar alguém fisicamente, isso a gente faz sem problema nenhum. – E olhando de volta para o guarda-móveis, acrescentou: – Mas fazer um homem passar o resto da vida se perguntando o que aconteceu com a mulher que ele amava… – Pietra balançou a cabeça. – Na minha opinião, isso é muito, muito pior.

Nash pousou uma das mãos no ombro dela.

– Não tem nada que possamos fazer agora. Você entende isso, não entende?

Ela fez que sim com a cabeça. Olhou para frente e disse:

– Entendo. Mas… quem sabe um dia?

– Claro, Pietra. Um dia. Quando tudo isso chegar ao fim, contaremos a verdade para ele.

22

QUANDO GUY NOVAK VOLTOU PARA CASA e parou diante da garagem, apertava o volante com tanta força que os nós dos dedos já estavam esbranquiçados. Ficou ali, parado, o pé pousado no freio. Daria tudo para estar sentindo qualquer outra coisa que não fosse aquela terrível sensação de impotência.

Olhou para seu reflexo no retrovisor. Notou que seus cabelos estavam rareando. Começava a reparti-los cada vez mais próximo à orelha. Ainda não era daqueles que tentavam esconder a calvície com meia dúzia de fios longuíssimos penteados para o lado. Pelo menos ainda não se via assim, como a maioria dos calvos. Acontece que a linha divisória vai se deslocando tão sorrateiramente para baixo que fica difícil notar qualquer diferença de um dia para o outro, ou de uma semana para a outra e, de repente, sem nos darmos conta, as pessoas já estão rindo de nós pelas costas.

Guy encarou o homem no espelho e não acreditou que era ele mesmo. A linha divisória dos cabelos continuaria a descer. Ele sabia disso. Antes a meia dúzia de fios longuíssimos penteados para o lado do que uma careca reluzente.

Patético.

Nem mesmo era um homem de verdade. Que coisa mais ridícula: ficar rondando uma casa de carro. Quanta valentia. Cadê sua coragem, Guy? Ou será que você não é macho o bastante para encarar o filho-da-mãe que arruinou a vida de sua filha?

Que espécie de pai é esse? Que espécie de homem?

Um pai ou um homem patético.

Ah, claro, Guy havia reclamado com o diretor da escola feito um bebê-chorão. O diretor pediu todas as desculpas de praxe, ofereceu apoio, mas não fez absolutamente nada. Lewiston ainda trabalhava lá. Ainda voltava para casa no fim do dia, beijava sua linda mulher e provavelmente levantava a filhinha no ar e se deliciava com os risinhos dela. A ex-mulher de Guy, mãe de Yasmin, tinha ido embora quando a menina não havia sequer completado 2 anos. A maioria das pessoas a culpava por ter abandonado a família, mas a verdade era que Guy não havia sido homem o bastante. A ex-mulher começara a traí-lo e, depois de um tempo, deixara de se importar com a discrição.

Essa havia sido sua mulher. Ele a deixara escapar. Tudo bem, isso era uma coisa.

Mas com Yasmin era completamente diferente.

Ela era sua filha. Sua adorável filhinha. Este havia sido o único ato de virilidade do qual ele fora capaz em toda a vida. Ter uma filha. Criá-la. Cuidar dela.

No entanto, sua principal tarefa de pai não seria justamente protegê-la?

Belo trabalho, Guy.

E agora ele nem sequer era homem o bastante para lutar por ela. O que o pai dele diria de uma coisa dessas? Daria um risinho irônico, seguido daquele olhar que fazia Guy se sentir o pior dos mortais. E seguramente o chamaria de banana, pois, no lugar dele, George Novak teria mandado para o inferno qualquer um que levantasse um dedo sequer para machucar alguém de

sua família.

Era isso que Guy gostaria de fazer.

Ele saiu do carro e foi caminhando rumo à porta. Já fazia 12 anos que morava ali. Ainda se lembrava do dia em que ele e a ex-mulher, de mãos dadas, tinham visto aquela casa pela primeira vez. Lembrava-se do sorriso no rosto dela. Será que ela já o traía naquela época? Provavelmente. Durante anos após a separação, Guy se perguntara se Yasmin era mesmo sua filha. Tentava bloquear esse pensamento, ignorar essa dúvida que o corroía por dentro; dizia a si mesmo que isso não tinha a menor importância. Mas depois de um tempo não agüentou mais. Yasmin já estava com 9 anos quando Guy, sorrateiramente, providenciou um teste de paternidade. Os resultados levaram três dolorosas semanas para chegar, mas, no fim, a espera valeu a pena.

Yasmin era filha dele.

E por mais patético que isso pudesse parecer, saber da verdade fez de Guy um pai melhor. Ele não media esforços para que a filha fosse feliz. Colocava as necessidades dela à frente das suas. Amava Yasmin, cuidava dela e jamais a humilhava como seu próprio pai fizera tantas vezes com ele.

Mas não fora capaz de protegê-la.

Guy parou um instante e admirou sua casa. Se fosse colocá-la à venda, teria de, pelo menos, providenciar uma pintura. O jardim também precisaria de uma limpeza.

– Ei! – chamou uma mulher.

Guy não reconheceu a voz. Virou-se para trás e apertou as pálpebras contra a luz do sol. Levou um susto ao ver a esposa de Lewiston descer do carro. Parecia furiosa. Ela veio se aproximando.

Guy ficou parado onde estava.

– Que diabos você acha que está fazendo – perguntou ela, ainda no meio do caminho –, rondando nossa casa daquela maneira?

Guy, que nunca fora bom com respostas rápidas, disse apenas:

– Estamos num país livre.

Dolly Lewiston não se deteve. Seguia na direção de Guy tão rapidamente que parecia determinada a atropelá-lo. Ele chegou a levantar as mãos e dar um passo atrás. O covarde patético de sempre. Com medo não só de defender a filha como também de enfrentar a esposa do homem que lhe causara tanto sofrimento.

Enfim Dolly parou e, dedo em riste, ameaçou:

– Fique longe da minha família, ouviu bem?

Guy levou um tempo para organizar as idéias.

– Você sabe o que seu marido fez com minha filha?

– Ele cometeu um erro.

– Não. Ele zombou de uma menina de 11 anos.

– Sei o que ele fez. Uma grande besteira. Ele está arrependido. Você nem imagina como.

– Ele transformou a vida da minha filha num inferno.

– E por isso você pretende fazer a mesma coisa com a gente?

– Seu marido deveria ter pedido demissão – disse Guy.

– Por causa de um único descuido?

– Ele acabou com a infância dela.
– Não seja dramático.
– Aposto que você ainda se lembra de como eram as coisas na sua infância, quando uma criança era escolhida como saco de pancadas do colégio inteiro. Lembra ou não lembra? Minha filha era uma criança feliz. Não era perfeita. Mas feliz. E agora…
– Olhe, eu sinto muito. De coração. Mas exijo que você fique longe da minha família.
– Se ele tivesse agredido Yasmin fisicamente, com um tapa, sei lá, seu marido já estaria na rua há muito tempo, não estaria? Mas o que ele fez foi muito pior.
Dolly Lewiston fez uma careta de incredulidade.
– Você está falando sério?
– Não vou deixar barato.
Ela deu um passo na direção dele. Dessa vez Guy não recuou. O espaço entre eles não passava de uns 30 centímetros. Quase sussurrando, Dolly falou:
– Você realmente acha que ser ridicularizada é a pior coisa que pode acontecer à sua filha?
Guy abriu a boca, mas não encontrou as palavras.
– O senhor está mexendo com a minha família, Sr. Novak. Minha família. As pessoas que mais amo no mundo. Meu marido cometeu um erro. Já se desculpou. Mas o senhor ainda quer nos prejudicar. Nesse caso, vamos ter de nos defender.
– Se você estiver falando de um processo…
Ela deu um risinho.
– Ah, não… – disse, ainda sussurrando. – Não é nada disso.
– Então o que é?
Dolly Lewiston inclinou a cabeça para a direita.
– Por acaso o senhor já foi agredido fisicamente, Sr. Novak?
– Isso é uma ameaça?
– É uma pergunta. O senhor disse que o descuido do meu marido foi pior que uma agressão física. Pois vou lhe dizer uma coisa, Sr. Novak. Uma surra é muito pior. Conheço algumas pessoas… Se eu *desconfiar* que minha família está correndo algum tipo de risco, basta estalar os dedos e eles vão aparecer por aqui qualquer noite dessas, quando o senhor estiver dormindo. Quando sua filha estiver dormindo.
Guy sentiu a boca secar. Fez o que pôde para que os joelhos não fraquejassem.
– Isso definitivamente soa como uma ameaça, Sra. Lewiston.
– Não é ameaça. É um fato. Se você nos importunar, não vamos ficar esperando sentados. Vou partir para briga com todas as armas de que disponho. Está entendendo?
Guy não respondeu.
– Faça um favor a si mesmo, Sr. Novak. Cuide da sua filha e deixe meu marido em paz. Esqueça esse assunto.
– Não vou esquecer.
– Então seus problemas só começaram.
Dolly Lewiston deu meia-volta e saiu sem dizer mais nada. Guy Novak sentiu as pernas tremerem. Esperou Dolly entrar no carro e partir. Embora não pudesse ver, tinha certeza de que ela estava sorrindo.
Ela é louca, pensou.

Mas isso significava que ele deveria recuar? Guy já havia recuado o suficiente na vida. Aliás, não seria este o problema desde o início? Guy Novak recuava e todo mundo se via no direito de atropelá-lo.

Ele abriu a porta e entrou em casa.

– Tudo bem com você?

Era Beth, a namorada mais recente. Ela se esforçava demais para agradar. Todas agiam da mesma forma. A escassez de homens naquela faixa etária era tão grande que as mulheres se esforçavam não só para agradar como também para não parecerem desesperadas. Poucas davam conta do recado. Porque o desespero é assim: por mais que se tente escondê-lo, sempre é possível sentir seu cheiro.

Guy adoraria pular esse estágio de modo que as mulheres pudessem vê-lo como ele de fato era. Mas infelizmente as coisas não eram assim, e a maioria de seus relacionamentos acabava morrendo nesse nível superficial. As mulheres sempre queriam mais. Tentavam não pressionar, mas só isso já era pressão suficiente. As mulheres queriam ninho. Queriam intimidade. Ele, não. Mas elas insistiam em continuar, até que ele tomava a iniciativa de terminar.

– Tudo ótimo – respondeu Guy. – Desculpe a demora.

– Que nada.

– Tudo bem com as meninas?

– Tudo. A mãe de Jill passou aqui para buscá-la. Yasmin está no quarto.

– Ótimo, ótimo.

– Você está com fome? Quer que eu prepare alguma coisa para você comer?

– Só se você for comer junto comigo…

Notando o brilho no olhar de Beth, Guy sentiu uma ponta de culpa. As mulheres que ele namorava faziam com que ele se sentisse ao mesmo tempo inferior e superior. Mais uma vez ele se deixou levar pela enxurrada da auto-recriminação.

Beth se aproximou e o beijou na bochecha.

– Descanse um pouquinho – disse –, enquanto preparo o almoço.

– Só vou dar uma olhada rápida nos e-mails.

Mas quando abriu a caixa de correio, Guy encontrou apenas uma única mensagem. Uma conta anônima de Hotmail. O texto curto era de causar arrepios.

> Por favor, preste atenção. Você precisa esconder melhor sua arma.

Por pouco Tia não se arrependeu de ter recusado a oferta de Hester Crimstein. Presa em casa, refletiu se alguma vez na vida se sentira tão inútil. Já havia ligado para os amigos de Adam, mas ninguém sabia de nada. O medo começava a dominá-la. Jill, que conhecia muito bem as variações de humor dos pais, sabia que algo muito grave estava acontecendo.

– Onde está o Adam, mãe?

– Não sei, meu amor.

– Liguei para o celular dele – disse Jill. – Mas ele não atendeu.

– Eu sei – devolveu Tia. – Estamos tentando encontrá-lo.

Ela olhou para a filha. Tão madura… De modo geral, o segundo filho se revela bem diferente

do primeiro. Os pais sempre exageram na proteção dos primogênitos. Vigiam cada passo deles. Acham que cada espirro faz parte de algum plano secreto de Deus. A Terra, o sol, a lua, as estrelas: tudo gira em torno do primeiro filho.

Pensando nos segredos que todos nós guardamos, em nossos pensamentos e medos mais íntimos, Tia refletiu sobre as tentativas que vinha fazendo para descobrir o que se passava na mente de seu filho. Agora ela se perguntava se o desaparecimento dele era prova de que ela agira certo ou errado. Tia sabia que todo mundo tinha seus problemas. Ela própria era ansiosa demais. Obrigava os filhos a usarem boné ou chapéu quando praticavam esportes ao ar livre – e, às vezes, óculos escuros também. Sempre esperava no ponto do ônibus até que eles entrassem. Mesmo agora, que Adam crescera e detestava quando a mãe fazia isso, ela se escondia e o observava. Não gostava que os filhos tivessem de atravessar ruas movimentadas ou que fossem para o centro de bicicleta. Não gostava que pegassem carona com colegas para a escola, receando que a outra mãe não fosse tão cuidadosa ao volante quanto deveria. Acompanhava de perto todas as tragédias que envolviam crianças: acidentes de avião, batidas de carro, afogamentos, seqüestros, tudo. Ouvia as notícias na rua e assim que chegava em casa corria para o computador e lia tudo o que estivesse disponível na internet sobre o assunto. Mike tentava acalmá-la, dizendo que era pouco provável que os filhos estivessem envolvidos nesta ou naquela história, tentando mostrar que os temores dela eram infundados, que tanta aflição não servia para nada.

Mas o improvável sempre acontecia a alguém. E agora estava acontecendo com ela.

Excesso de ansiedade? Ou ela estaria certa desde o início?

Mais uma vez o celular de Tia vibrou e ela atendeu prontamente, esperando com todas as forças que fosse Adam. Não era. Era um número confidencial.

– Alô?

– Sra. Baye? Aqui é a investigadora Schlich.

A mulher alta do hospital. Tia teve ainda mais medo. Achamos que em determinado momento essa sensação vai passar e ficaremos anestesiados, mas isso não acontece.

– Sim?

– O celular do seu filho foi encontrado numa lata de lixo não muito longe de onde seu marido foi atacado.

– Quer dizer então que ele estava mesmo lá?

– Bem, pelo menos é isso que podemos supor.

– E provavelmente alguém roubou o telefone dele.

– Isso não podemos afirmar. Também é possível que o próprio Adam tenha jogado o aparelho no lixo depois de ver o pai e deduzir o que ele tinha feito para encontrá-lo.

– Mas isso vocês também não podem afirmar.

– Não, Sra. Baye, não podemos.

– Esse fato novo vai fazer com que vocês levem o caso do meu filho mais a sério?

– Sempre levamos o caso do seu filho a sério – disse Schlich.

– A senhora entende o que eu quis dizer, não entende?

– Entendo. Chamamos aquele lugar de “Rua dos Vampiros” porque não tem ninguém por ali durante o dia. Absolutamente ninguém. Portanto, hoje à noite, depois que os bares e as boates abrirem, vamos até lá fazer algumas perguntas. – Ainda faltavam horas para o anoitecer. – Se

tivermos mais alguma novidade, volto a ligar.

– Obrigada.

Tia estava desligando o telefone quando viu o carro estacionar diante da garagem de sua casa. Ela foi até a janela e viu Betsy Hill, a mãe de Spencer, descer e caminhar em direção à porta.

♦♦♦

Ilene Goldfarb acordou cedo e ligou a cafeteira. Vestiu o robe, calçou os chinelos e foi buscar o jornal à soleira da porta. O marido, Herschel, ainda estava na cama. O filho, Hal, chegara tarde em casa, tal como convinha a um adolescente no último ano de escola. Já havia sido aceito em Princeton, a mesma universidade em que ela tinha estudado. Ele se esforçara muito para conseguir isso. Agora se divertia para relaxar e Ilene não via nenhum problema nisso.

O sol da manhã invadia a cozinha. Ilene sentou-se em sua cadeira predileta, cruzou as pernas sob a mesa e afastou todos os periódicos de medicina. Havia muitos deles. Além de ser uma renomada cirurgiã de transplantes, seu marido, que atendia no Valley Hospital de Ridgewood, era o mais conceituado cardiologista do norte de Nova Jersey.

Ilene tomou um gole de café, leu alguma coisa do jornal e depois ficou pensando nos simples prazeres da vida e nas raras oportunidades que tinha para desfrutá-los. Também pensou em Herschel e se lembrou de como ele era bonito nos tempos da faculdade. A relação deles tinha resistido aos horários malucos e a outras tantas dificuldades do curso de medicina, dos estágios e das residências. Então pensou em seus sentimentos por ele, em como haviam se transformado ao longo dos anos em algo que ela julgava reconfortante e, sobretudo, pensou na recente proposta do marido, que a fizera se sentir tão mal: uma “separação provisória”, agora que Hal estava abandonando o ninho.

“O que foi que sobrou?”, ele lhe perguntara na ocasião. “Depois de 24 anos de casamento, Ilene, o que foi que sobrou?”

Na tranqüilidade daquela cozinha vazia, a poucos metros de onde Herschel havia feito a tal pergunta, ela ainda podia ouvir o eco das palavras dele.

Ilene havia se desdobrado em muitas para conquistar tudo o que tinha: uma carreira de sucesso, uma família maravilhosa, a casa dos seus sonhos, o respeito dos amigos e colegas de trabalho. E agora Herschel queria saber o que havia sobrado. Boa pergunta. A transformação de seus sentimentos fora tão lenta que ela nem sequer havia notado. Ou não tinha se importado. Também não sentira falta deles. Quem poderia dizer?

Ela olhou na direção da escada. Pensou em subir ao quarto naquele exato momento, pular na cama com o marido e fazer amor durante horas, como eles faziam anos antes, até que aquela pergunta ridícula não tivesse mais sentido. Mas Ilene não conseguiu sair de onde estava. Simplesmente não encontrou forças. Então voltou a ler o jornal, tomou mais um gole de café e secou as lágrimas.

– Bom dia, mãe.

Hal abriu a geladeira e tomou um pouco de suco de laranja diretamente da caixinha. Houve um tempo em que Ilene se dava o trabalho de tentar corrigir esse mau hábito do filho – e foram anos de tentativas –, mas Hal era o único que bebia suco de laranja e muitas horas tinham sido desperdiçadas com coisas assim. Em breve ele partiria para a universidade. O tempo que eles

tinham para ficar juntos estava se esgotando. Por que gastá-lo com bobagens dessa natureza?

– Oi, querido. Chegou tarde ontem?

Ele bebeu mais um pouco de suco e deu de ombros. Usava bermudas e uma camiseta cinza e tinha uma bola de basquete debaixo do braço.

– Vai jogar no ginásio da escola? – perguntou Ilene.

– Não, no Heritage. – E depois de um terceiro gole, Hal perguntou à mãe: – Está tudo bem com você?

– Comigo? Claro. Por que não estaria?

– Seus olhos estão vermelhos.

– Estou bem, não se preocupe.

– E vi aqueles caras que apareceram por aqui.

Ele se referia aos agentes do FBI, que tinham vindo interrogá-la sobre seu trabalho, sobre Mike e outras coisas que aparentemente não faziam o menor sentido. Normalmente, Ilene teria conversado com o marido sobre o assunto, mas, ao que parecia, Herschel estava ocupado demais pensando no que faria durante o resto da vida sem ela.

– Pensei que você tivesse saído – disse Ilene.

– Parei para pegar o Ricky e acabei voltando pela rua. Eles pareciam da polícia, sei lá.

Ilene Goldfarb não disse nada.

– Então, eles eram da polícia?

– Não era nada importante. Não precisa se preocupar.

Hal se deu por satisfeito e saiu quicando a bola porta afora. Vinte minutos depois, o telefone tocou. Ilene olhou para o relógio. Oito da manhã. Àquela hora só podia ser alguém chamando do hospital, embora ela não estivesse de plantão naquele dia. As telefonistas sempre cometiam esse tipo de engano e encaminhavam os recados para o médico errado.

O identificador de chamadas do celular informava: LORIMAN.

Ilene atendeu.

– Aqui é Susan Loriman.

– Pois não. Bom dia.

– Não quero conversar com o Mike sobre… – Susan Loriman parou em busca das palavras certas. – Sobre essa situação. Essa história de encontrar um doador para o Lucas.

– Entendo – disse Ilene. – Na terça-feira vou estar no consultório, se você quiser…

– Você não pode me receber hoje?

Ilene estava prestes a dizer não. A última coisa que ela queria naquele momento era encobrir ou até mesmo ajudar uma mulher que havia se metido naquele tipo de encrenca. Mas não se tratava apenas de Susan Loriman, ela lembrou a si mesma. Tratava-se, sobretudo, de Lucas, seu paciente.

– Acho que posso – disse. – Posso, sim.

23

ANTES MESMO QUE BETSY HILL TIVESSE a chance de bater, Tia abriu a porta e sem nenhum rodeio perguntou:

– Você sabe onde está o Adam?

A pergunta assustou Betsy, que arregalou os olhos ao ouvi-la. Notando a aflição de Tia, ela balançou a cabeça rapidamente, dizendo:

– Não, não tenho a menor idéia.

– Então por que você está aqui?

Betsy Hill perguntou, preocupada:

– Adam sumiu?

– Sumiu.

Betsy ficou lívida. Tia podia muito bem imaginar que tipo de lembranças horríveis aquela conversa lhe trazia. Afinal, quantas vezes ela já não havia encontrado semelhanças entre o comportamento de Adam e a morte de Spencer?

– Tia?

– Sim.

– Você já foi procurar no telhado da escola?

Onde Spencer havia sido encontrado.

Sem um segundo sequer de hesitação, Tia gritou para Jill que estava saindo mas que voltaria logo (Jill em breve teria idade suficiente para ficar sozinha durante alguns minutos, isso era inevitável). Então, as duas mulheres correram para o carro de Betsy Hill.

Betsy dirigia. Tia sentava-se imóvel no banco do passageiro. Elas já haviam atravessado dois quarteirões quando Betsy disse:

– Falei com Adam ontem.

Tia ouviu as palavras, mas não as entendeu bem.

– O quê?

– Sabe aquele memorial que os meninos fizeram para o Spencer no MySpace?

Tia tentou se concentrar no que Betsy estava dizendo. O site que os colegas de Spencer tinham feito em homenagem a ele. Sim, ela se lembrava de ter ouvido algo a respeito alguns meses atrás.

– Sei.

– Tinha uma foto nova lá.

– Não estou entendendo.

– Foi tirada pouco antes de Spencer morrer.

– Achei que ele estivesse sozinho naquela noite – disse Tia.

– Eu também.

– Ainda não entendo.

– Tenho a impressão – disse Betsy – de que Adam estava com Spencer naquela noite.

Tia virou-se para Betsy Hill, que olhava atentamente para a rua.

– E você falou com ele sobre isso ontem? – perguntou.
– Falei.
– Onde?
– No estacionamento da escola.
Tia lembrou-se da mensagem trocada com CeeJay8115: "*A mãe dele me procurou na escola.*"
– Por que você não veio falar comigo? – questionou Tia.
– Porque eu não queria ouvir a sua explicação, Tia – respondeu Betsy, com certa rispidez. – Queria ouvir a do Adam.
O prédio da escola, uma grande construção de tijolos claros, surgiu ao longe. Quando elas enfim chegaram, Tia mal esperou que Betsy estacionasse o carro: saltou e saiu correndo rumo ao prédio. Lembrava-se de que o corpo de Spencer havia sido encontrado num dos telhados mais baixos, um conhecido refúgio para os garotos que queriam fumar escondidos. Havia uma saliência na fachada, perto de uma janela. Os garotos costumavam subir por ali e escalar uma calha.
– Espere! – berrou Betsy.
Mas Tia já estava quase lá. Era sábado, mas o estacionamento estava relativamente cheio, só de utilitários e minivans, em razão dos jogos de beisebol e dos treinos de futebol que se realizavam naquele momento. Os pais se aglomeravam em todos os campos e quadras, bebendo café, pendurados nos celulares, teclando no BlackBerry, tirando fotos com suas lentes de longo alcance. Tia jamais gostara de assistir aos jogos de Adam, pois sempre acabava se envolvendo demais. Detestava aqueles pais paranóicos que só sabiam falar dos pendores atléticos dos filhos, achava-os pobres de espírito, quase dignos de pena, e não queria se transformar num deles. Mas quando via o próprio filho competir, ficava tão emocionada, preocupava-se tanto com a felicidade de Adam que os altos e baixos dele a deixavam exaurida.
Tia afastou as lágrimas, continuou correndo e parou a poucos metros de seu destino.
A saliência na parede não estava mais lá.
– Destruíram depois que encontraram o Spencer – explicou Betsy, chegando em seguida. – Não queriam que os garotos continuassem subindo aí. Eu já tinha esquecido.
Tia olhou para o alto.
– Eles sempre dão um jeito – disse.
– Eu sei.
Tia e Betsy avaliaram a fachada, mas não encontraram nenhuma outra maneira de subir. Então, contornaram o prédio e seguiram para a porta de entrada, que estava trancada. Elas bateram até que um zelador chamado Karl, segundo informava o uniforme, surgiu à janela.
– Estamos fechados – disse o homem do outro lado da vidraça.
– Precisamos subir no telhado! – berrou Tia.
– No telhado? – repetiu Karl, surpreso. – Para quê?
– Por favor – suplicou Tia. – O senhor tem de nos deixar entrar!
Olhando para a direita, o zelador deparou com Betsy Hill e sentiu um frio na espinha. Ele a reconheceu de imediato. Não restava a menor dúvida. Sem dizer mais nada, tirou o molho de chaves do bolso e abriu a porta.
– Por aqui – disse.

Eles foram correndo. O coração de Tia batia tão forte que ameaçava sair do peito e seus olhos ainda estavam cheios de lágrimas. Karl abriu uma segunda porta e apontou para uma escada afixada a uma das paredes, dessas que geralmente vemos nos submarinos do cinema. Tia não hesitou. Correu para a escada e começou a subir. Betsy ia logo atrás dela.

Quando chegaram ao telhado, viram que estavam no lado oposto de onde precisavam estar. Tia começou a correr sobre o telhado de piche e cascalho, com Betsy no seu encalço. O telhado não tinha uma superfície regular: a certa altura elas tiveram de se jogar de um degrau de mais de um metro, o que fizeram sem titubear.

– É por ali – disse Betsy.

Enfim chegaram aonde queriam.

Não encontram nenhum corpo esparramado no chão.

Felizmente. Adam não estava ali. Mas alguém estivera.

Havia cacos de garrafas de cerveja, guimbas de cigarro e o que pareciam ser restos de maconha. Como era mesmo que chamavam isso? Baganas. Mas não foi nada disso que deixou Tia assustada.

Foram as velas.

Dúzias delas. A maioria já havia se reduzido a um volume disforme de cera. Tia se aproximou e examinou-as com a ponta dos dedos. A cera já havia endurecido em quase todas, mas uma ou duas ainda estavam maleáveis, o que dava a impressão de que tinham sido queimadas recentemente.

Tia se virou para trás. Betsy ainda estava lá. Imóvel. Não estava chorando. Simplesmente encarava as velas.

– Betsy?

– Foi aqui que encontraram o corpo de Spencer – disse.

Tia voltou os olhos para as velas, sabia que já tinha visto aquela imagem antes.

– Exatamente onde estão essas velas – continuou Betsy. – No mesmíssimo lugar. Subi aqui antes que eles retirassem o corpo. Insisti. Queriam descer com ele, mas eu disse que não. Queria ver meu filho primeiro. Queria ver onde ele tinha morrido.

Betsy deu um passo adiante. Tia ficou onde estava.

– Subi por aquela saliência que eles arrancaram. Um dos policiais quis me ajudar. Mandei ele à merda. Falei que queria ficar sozinha, que ninguém ia subir comigo. Ron achou que eu tinha enlouquecido. Tentou me fazer desistir. Mas subi assim mesmo. E Spencer estava bem aí, onde você está agora, deitado de lado, as pernas dobradas em posição fetal. Era assim que ele costumava dormir. E só parou de chupar dedo quando já tinha uns 9 ou 10 anos. Você costuma ver seus filhos dormindo, Tia?

Tia fez que sim com a cabeça e disse:

– Acho que todos os pais fazem isso.

– Por que será?

– Eles parecem tão inocentes quando estão dormindo… Talvez seja por isso.

– Pode ser. – Betsy sorriu. – Mas acho que é porque podemos simplesmente ficar olhando para eles, maravilhadas, sem nenhum constrangimento. Se olharmos para eles assim durante o dia, vão achar que estamos loucas. Mas quando eles estão dormindo… – Betsy não terminou o que ia dizendo. Olhou vagamente a seu redor e comentou: – Esse telhado é bem grande.

Tia ficou confusa com a súbita mudança de assunto.
– É verdade.
– Tem garrafas de cerveja para todo lado.
Betsy olhou para Tia, que, sem saber o que responder, disse apenas:
– É.
– Não sei quem acendeu essas velas – prosseguiu Betsy. – Mas quem quer que tenha sido, escolheu o lugar exato em que Spencer morreu. Os jornais da época não publicaram nenhuma foto. E então, como eles descobriram? Se Spencer estava sozinho naquela noite, como eles poderiam ter acendido essas velas exatamente onde meu filho morreu?

Mike bateu à porta e esperou.
Mo ficara no carro. Eles estavam a pouco mais de um quilômetro de onde Mike fora agredido na véspera. Ele queria voltar ao beco, ver o que conseguia lembrar ou descobrir ou… o que fosse. Na verdade, não sabia direito o que fazia ali. Estava tateando, cutucando, esperando que algo lhe desse uma pista sobre o paradeiro do filho.
Sabia que essa última parada era sua melhor chance.
Mike já havia ligado para Tia, dizendo que não tinha descoberto nada com Huff. Tia contara sobre sua visita à escola na companhia de Betsy Hill, que ainda estava na casa deles.
– Adam ficou bem mais distante depois do suicídio – disse Tia.
– Eu sei – disse Mike.
– Pode ser que tenha acontecido mais alguma coisa naquela noite.
– Como o quê, por exemplo?
Silêncio.
– Betsy e eu ainda precisamos conversar – disse Tia.
– Tome cuidado, o.k.?
– Como assim?
Mike não respondeu, mas ambos sabiam do que ele estava falando. A verdade, por pior que fosse, era que seus interesses e os dos Hill talvez não fossem mais os mesmos. Nenhum dos dois se sentia à vontade para dizê-lo. Mas ambos sabiam.
– Primeiro vamos encontrá-lo – disse Tia.
– É isso que estou tentando fazer. Você cuida das coisas por aí, e eu faço o que tenho de fazer aqui.
– Mike, eu amo você.
– Eu também amo você, Tia.
Mike bateu à porta novamente. Ninguém atendeu. Ele já estava levantando a mão pela terceira vez quando a porta enfim se abriu. Anthony, o segurança, ocupava todo o espaço entre os batentes. Cruzou os braços fortes e disse:
– Você está horrível.
– Puxa, muito obrigado.
– Como me encontrou?
– Entrei na internet e dei uma olhada numas fotos recentes do time de rúgbi. Você só se

formou no ano passado. Seu endereço está listado na página de ex-alunos.
– Muito esperto – disse Anthony com um sorriso. – Nós, de Dartmouth, somos muito espertos.
– Fui atacado naquele beco.
– É, eu sei. Quem você acha que chamou a polícia?
– Você?
Anthony deu de ombros.
– Venha, vamos dar uma volta. – Ele disse e fechou a porta. Usava roupas de ginástica: bermudas e uma dessas regatas justinhas que de uma hora para outra todo mundo estava usando, não só os caras como Anthony, que tinham corpo para isso, mas também muitos marmanjos da idade de Mike, que não tinham corpo nenhum. – É só um bico de verão. O trabalho na boate. Mas eu gosto. No outono vou para Columbia, para a faculdade de direito.
– Minha mulher é advogada.
– Eu sei. E você é médico.
– Como é que você sabe?
Anthony sorriu e disse:
– Também tenho os meus contatos.
– Pesquisou na internet?
– Não. Liguei para o técnico do atual time de hóquei, um cara chamado Ken Karl, que antes também treinava a defesa das equipes de rúgbi. Falei mais ou menos como você era, disse que supostamente você tinha jogado na liga na cional. "Mike Baye", ele falou na mesma hora. Disse que você foi um dos melhores jogadores daquela escola. Parece que você ainda tem um recorde de pontuação.
– Isso significa que somos amigos, não é?
O gigante não respondeu.
Eles seguiram pela calçada. Anthony dobrou uma esquina à direita. Um homem, vindo na direção oposta, cumprimentou-o.
– *Yo*, Ant! – Os dois apertaram as mãos numa elaborada coreografia e seguiram adiante em seus respectivos caminhos.
– Então – disse Mike –, o que aconteceu ontem à noite?
– Três caras, talvez quatro, cobriram você de porrada. Ouvi a confusão. Quando cheguei lá, eles estavam fugindo. Um deles segurava uma faca. Achei que você tivesse morrido.
– Foi você que os colocou para correr?
Anthony encolheu os ombros num gesto de modéstia.
– Obrigado – agradeceu Mike.
O segurança repetiu o gesto anterior.
– Conseguiu ver o rosto deles? – quis saber Mike.
– O rosto, não. Mas vi que todos eram brancos. Cheios de tatuagens. Estavam vestidos de preto. Uns magricelas ensebados. E drogados até a medula também, aposto. Revoltados com alguma coisa. Um deles protegia o nariz e xingava. – Anthony sorriu de novo. – Só pode ter sido você que quebrou.
– E, então, você chamou a polícia?
– Foi. Mal posso acreditar que você já está de pé outra vez. Achei que ia ficar fora de circulação pelo menos por uma semana.

Eles continuaram andando.
– Ontem à noite – disse Mike. – O garoto com o casaco esportivo. Você já o tinha visto antes?
Anthony não disse nada.
– Você também reconheceu meu filho na foto, não foi?
Anthony parou. Pegou os óculos pendurados na gola da camisa e os colocou no rosto, cobrindo os olhos. Mike esperou.
– Nossa conexão universitária só vai até certo ponto, Mike.
– Você disse que não acredita que eu já esteja de pé.
– É verdade.
– Quer saber por quê?
Anthony deu de ombros.
– Meu filho ainda está desaparecido. O nome dele é Adam. Tem 16 anos e provavelmente está correndo perigo.
Anthony não parou de andar.
– Sinto muito em saber.
– Preciso de algumas informações.
– E por acaso tenho cara de Páginas Amarelas? Vivo nas ruas. Não falo do que vejo.
– Ora, por favor. Não me venha com esse papo de "código das ruas".
– E você não me venha com esse papo de amizade só porque estudamos na mesma faculdade.
Mike apertou o braço do gigante.
– Preciso da sua ajuda.
Anthony se desvencilhou e apertou o passo. Mike correu para alcançá-lo.
– Não vou desistir, Anthony.
– Claro que não – disse ele e parou. – Você gostava de lá?
– De onde?
– Dartmouth.
– Gostava – respondeu Mike. – Gostava muito.
– Eu também. Para mim era outro mundo. Você sabe do que estou falando?
– Sei.
– Ninguém daqui nunca sequer ouviu falar de Dartmouth.
– Como você foi parar lá?
Anthony sorriu e ajeitou os óculos.
– Você quer saber como um negão das ruas foi parar na alvíssima Dartmouth, é isso?
– Exatamente – respondeu Mike.
– Eu era um bom atleta. Talvez fosse ótimo. Cheguei a ser recrutado pela Divisão 1A. Com chances de chegar ao Big Ten.
– E por que não foi?
– Porque conhecia meus limites. Não era bom o suficiente para me profissionalizar. Então, para quê? Eu tinha uma educação precária, meu diploma do ensino médio era uma piada. Mas acabei ganhando uma bolsa em Dartmouth por causa do rúgbi. E foi assim que me formei numa das melhores universidades do país. Meu diploma é em Artes Liberais.
– E agora vai estudar direito em Columbia.
– Vou.

– E depois? Quer dizer, depois que se formar em direito?
– Vou continuar neste bairro. Não estou fazendo nada disso para sair daqui. Gosto deste lugar. Só quero contribuir para que ele melhore.
– Um benemérito do bairro. Muito bom.
– Mas não sou nenhum dedo-duro.
– Você não pode simplesmente dar as costas para essa história, Anthony.
– É, eu sei.
– Em outras circunstâncias, eu adoraria ficar batendo papo com você sobre Dartmouth.
– Mas você tem um filho para salvar.
– Exatamente.
– Já vi seu filho antes, acho. Quer dizer, para mim todos eles se parecem, com aquelas roupas pretas, aquelas caras fechadas, como se estivessem putos só porque têm tudo na vida. Fica difícil ser solidário. Por aqui, as pessoas se drogam para fugir da realidade em que vivem. Mas esses garotos estão fugindo de quê? Da casa maravilhosa em que moram? Dos pais que tanto os amam?
– Não é tão simples assim – disse Mike.
– Suponho que não.
– Também vim do nada, Anthony. Às vezes acho que assim é mais fácil. A ambição é um estímulo natural para quem não tem nada. Sabemos aonde que remos chegar.
Anthony não respondeu.
– Meu filho é um bom garoto. Está passando por um momento difícil, só isso. E o meu dever é protegê-lo até ele encontrar o caminho de volta.
– O dever é seu. Não meu.
– Anthony, você o viu ontem à noite?
– É possível. Não sei direito. Realmente não sei.
Mike simplesmente olhou para ele.
– Tem uma boate só para menores de idade – cedeu Anthony. – Em tese é um lugar seguro para eles se divertirem. Eles têm conselheiros, terapeutas, coisas assim. Mas é tudo fachada.
– Onde fica?
– A uns dois ou três quarteirões de onde eu trabalho.
– Você falou que o lugar é uma fachada. E o que acontece exatamente ali?
– O que você acha? Drogas, bebida, essas coisas. Alguns boatos falam de lavagem cerebral. Não acredito. Mas tem uma coisa. As pessoas que não são daquela tribo nem passam perto.
– E por que não?
– Porque, ao que parece, o pessoal de lá é barra pesada. Ligados à Máfia, sei lá. Por isso ninguém mexe com eles. É só isso que estou dizendo.
– E você acha que era lá que meu filho estava ontem à noite?
– Se ele tem 16 anos e estava pelas redondezas… O mais provável é que tenha ido para lá, sim.
– Esse lugar tem um nome?
– Club Jaguar, eu acho. Tenho o endereço.
Anthony deu o endereço a Mike, que lhe entregou um cartão de visitas e disse:
– Todos os meus telefones estão aí.

– O.k.
– Se você vir meu filho…
– Não sou babá de ninguém, Mike.
– Tudo bem. Meu filho também não é nenhum bebê.

Tia segurava a foto de Spencer Hill.
– Como você pode ter certeza de que é o Adam?
– Eu não tinha certeza de nada – disse Betsy Hill. – Até o momento em que fui falar com ele.
– É possível que ele tenha reagido daquela forma porque viu a foto de um amigo morto.
– Pode ser – retrucou Betsy, mas de um modo que significava claramente: “De jeito nenhum.”
– E você tem certeza de que esta foto foi tirada na noite em que Spencer morreu?
– Tenho.
Seguiu-se um momento de silêncio. Jill estava assistindo à TV no andar de cima. Os ruídos do seriado *Hannah Montana* vazavam para a sala. Tia não sabia o que dizer. Betsy tampouco.
– Então, Betsy, o que você acha que isso significa?
– Todo mundo disse que não tinha visto Spencer naquela noite, que ele estava sozinho.
– E por causa desta foto você acha que eles viram seu filho?
– Acho.
Tia pressionou mais um pouco.
– E caso ele não estivesse mesmo sozinho, o que isso poderia significar?
Betsy refletiu um pouco.
– Não sei – respondeu.
– Mas você recebeu um bilhete de suicídio, não recebeu?
– Um torpedo. Qualquer um pode ter mandado.
Tia mais uma vez se deu conta de que as duas estavam em posições antagônicas. Se as suposições de Betsy Hill estivessem certas, Adam havia mentido. E se Adam tivesse mentido, quem poderia saber o que realmente acontecera?
Por isso, Tia achou melhor não contar sobre a troca de mensagens com CeeJay8115, aquela que fazia menção a certa mãe que havia procurado Adam. Pelo menos por enquanto. Ou até que ela tivesse mais informações.
– Eu não percebi certos sinais – disse Betsy.
– Que sinais?
Betsy Hill fechou os olhos.
– Betsy?
– Certa vez bisbilhotei as coisas dele. “Bisbilhotar” talvez não seja a palavra certa, mas… Spencer estava no computador e, quando ele saiu do quarto, eu simplesmente entrei para ver o que ele estava fazendo, sabe? Eu não devia ter feito isso. Foi errado. Invadir a privacidade dele daquela forma.
Tia não disse nada.
– Bem, de qualquer modo, cliquei naquela setinha de voltar a página, sabe? No topo do navegador?

Tia fez que sim com a cabeça.

– E… bem, ele estava vendo alguns sites sobre suicídio. Histórias de garotos que tinham se matado, eu acho. Coisas assim. Não fiquei olhando muito. Não tomei nenhuma providência. Apaguei aquilo da minha cabeça.

Tia voltou os olhos para a fotografia de Spencer. Procurou por algum sinal de que o garoto estava prestes a se matar, como se de algum modo seu rosto mostrasse suas intenções. Não encontrou nada, mas e daí?

– Você mostrou esta foto para o Ron?

– Mostrei.

– E o que ele disse?

– Falou que não fazia diferença. Que nosso filho tinha cometido suicídio e que eu estava inventando coisas para conseguir virar a página.

– E não está?

– Virar a página… – repetiu Betsy, cuspindo as palavras como se elas lhe amargassem a boca. – O que isso significa, afinal? Como se eu pudesse simplesmente atravessar uma porta e deixar Spencer para trás. Eu não quero isso, Tia. Você pode imaginar algo mais obsceno que uma mãe esquecer o filho morto?

Elas se calaram novamente. O único som era as irritantes risadas que vinham da televisão de Jill.

– A polícia acha que seu filho fugiu – disse Betsy depois de um tempo. – E que meu filho se matou.

Tia assentiu com a cabeça.

– Mas e se eles estiverem errados? Tanto no caso do Spencer quanto no do Adam?

24

SENTADO NA VAN, Nash pensava no passo que daria a seguir.

Ele tivera uma criação normal. Sabia que os psiquiatras sempre tentariam contradizê-lo, vasculhando sua vida à procura de algum abuso sexual ou excesso religioso. Nash tinha certeza de que eles não encontrariam nada. Fora agraciado com pais e irmãos bons. Talvez até bons demais. Recebera deles o mesmo tipo de suporte que qualquer outro receberia da família. Em retrospecto, alguns veriam nisso um erro, mas, de modo geral, é difícil para os parentes aceitar a verdade.

Nash era inteligente, por isso soubera desde cedo que era o que muitos chamavam de “desajustado”. Há quem diga que, por força de sua própria condição, os loucos não têm como saber que são loucos. Mas não é bem assim. Eles podem, e têm, consciência da própria loucura. Nash, por exemplo, sabia muito bem que tinha um parafuso a menos ou algum defeito de fábrica. Sabia que era diferente, que não fazia parte da norma. Mas nem por isso se sentia inferior ou superior aos demais. Sabia que sua mente freqüentava lugares bem sombrios e gostava disso. Nash não sentia as coisas da mesma forma que os outros, não se condoía do sofrimento alheio como as pessoas fingiam fazer.

Fingiam, essa era a verdade.

Pietra estava sentada ao lado dele.

– Por que será que o homem se dá tanta importância? – perguntou Nash. Pietra não disse nada.

– Esqueça o fato de que este planeta, aliás, o sistema solar, é tão ridiculamente pequeno que a gente nem consegue entender direito. Tente imaginar que você está numa praia enorme. Então você pega um único grão de areia. Um só. Depois olha para os dois lados e a praia se estende até perder de vista. Você acha que o sistema solar é tão pequeno em relação ao universo quanto esse grão de areia é em relação à praia?

– Sei lá.

– Bem, se achasse, estaria errada. Porque é muito, muito menor. Imagine que você ainda está segurando o grãozinho de areia, só que agora vai compará-lo não apenas à praia em que está, mas a todas as praias do planeta, as da costa da Califórnia e as da costa Leste, desde o Maine até a Flórida; as do Índico e da África. Todas as praias do mundo mesmo. Pois bem. Comparativamente, nosso sistema solar ainda é muito, muito menor em relação ao universo. Dá para entender como somos insignificantes?

Pietra ficou em silêncio.

– Mas esqueça isso por um instante – prosseguiu Nash –, porque nem é preciso ir além do nosso planeta para constatar a insignificância do homem. Vamos pensar agora só no contexto da Terra, o.k.?

Pietra fez que sim com a cabeça.

– Você sabia que os dinossauros habitaram este planeta durante muito mais tempo que o homem até agora?

– Sim, eu sei.
– Mas a coisa não pára aí. Só isso bastaria para comprovar que o homem não é nada especial, o fato de que mesmo neste planeta infinitesimalmente pequeno nosso reinado não é o mais duradouro. Mas vamos dar um passo adiante: você saberia me dizer quantas vezes a era dos dinossauros durou mais que a nossa até agora? Duas, cinco, dez?
Pietra olhou para ele.
– Não tenho a menor idéia.
– Quarenta e quatro mil! – A esta altura, Nash gesticulava dramaticamente, movido pelo brilhantismo de seu próprio argumento. – Pense nisso! Quarenta e quatro mil vezes mais longevos! Isso equivale a mais de 120 anos para cada dia! Você consegue imaginar uma coisa dessas? Acha que vamos durar 44 mil vezes mais do que já duramos?
– Não – respondeu Pietra.
Nash recostou-se no banco.
– Não somos nada. O homem. Nada. Mas ainda assim nos consideramos especiais. Achamos que temos alguma importância, que somos os prediletos de Deus. Uma piada.
Na universidade, Nash havia lido sobre o Estado Natural de John Locke: a idéia de que o melhor governo é o não-governo, pois, resumindo, o não-governo é o que há de mais parecido com o estado natural, com o plano original de Deus. Mas nesse estado não passamos de animais. Besteira pensar que sejamos algo mais do que isso. Quanta estupidez achar que o homem seja algo mais que um animal, que o amor e a amizade sejam outra coisa senão as divagações de uma mente um pouquinho mais sofisticada, uma mente que consegue enxergar a futilidade da condição humana e que, por causa disso, precisa inventar meios para se consolar, para esquecer essa futilidade ainda que momentaneamente.
Será que Nash era a única pessoa sã que enxergava isso? Ou todas as outras estariam apenas se iludindo? E mesmo assim…
E mesmo assim, Nash sempre quisera ser normal.
Olhava para as pessoas despreocupadas e as invejava. Tinha consciência de que era bem mais inteligente que a média. Só tirava notas máximas no colégio e por pouco não havia gabaritado o SAT, o exame para entrar na universidade. Matriculara-se no Williams College, onde se formou em filosofia. E durante todo esse tempo tentara manter o louco na gaiola. Mas ele queria sair.
Por que não soltá-lo?
Havia em Nash algum instinto primitivo que o levava a querer proteger os pais e os irmãos, mas o resto do mundo não tinha a menor importância para ele. Fora do âmbito de sua família, as pessoas não passavam de figurantes, de objetos de cena. A verdade, da qual Nash se dera conta muito cedo, era que ele tinha imenso prazer em machucar os outros. Sempre tivera. Não sabia por quê. Algumas pessoas encontram prazer na suavidade de uma brisa, no calor de um abraço, na emoção de marcar o ponto da vitória numa partida de basquete. O prazer de Nash era livrar o planeta de mais um habitante. Não havia pedido para ser assim, mas tinha consciência desse desejo. Às vezes conseguia reprimi-lo, outras, não.
Então ele conheceu Cassandra.
Foi como uma dessas experiências científicas em que alguém pinga uma gotinha de catalisador numa solução pura e límpida. A partir daí, tudo muda: a cor, o cheiro, a textura. Por

mais brega que isso possa parecer, Cassandra foi uma espécie de agente catalisador para Nash.
Ele a viu, ela o tocou, e Nash se transformou.
De repente ele se deu conta. Recebera o amor, a esperança, os sonhos, a vontade de passar o resto da vida na companhia de outra pessoa. Eles se conheceram no segundo ano de faculdade. Cassandra era linda, mas havia algo mais ali. Todos os rapazes arrastavam uma asa para ela, mas não com o desejo sexual característico da juventude. Com seu jeitinho peculiar de andar, seu sorriso reconfortante, Cassandra era a garota que todos queriam levar para casa e apresentar aos pais. Era quem fazia os rapazes pensarem em comprar uma casa, passar os sábados aparando a grama do jardim e os domingos preparando um churrasco no quintal. Era a testa de Cassandra que eles sonhavam um dia enxugar na sala de parto, enquanto ela dava à luz seus filhos. Os homens se encantavam com a beleza dela e mais ainda com sua bondade inata. Cassandra era especial, incapaz de fazer mal a ninguém e as pessoas instintivamente sabiam disso.
Nash havia enxergado um pouco disso em Reba Cordova e chegou a sentir uma pontinha de angústia ao matá-la. Pensou no marido dela e no sofrimento que ele enfrentaria agora. Embora não se importasse nem um pouco com ele, conhecia bem aquela dor.
Cassandra.
Ela tinha cinco irmãos que a adoravam, pais que a amavam, e quando sorria, não havia quem não sentisse um aconchego no coração. Os parentes a chamavam de Cassie. Nash não gostava disso. Para ele, ela era Cassandra. No dia em que se casaram, ele compreendeu o que significava a palavra “bênção”.
Sempre que voltavam ao Williams College para as reuniões de ex-alunos, hospedavam-se no Porches Inn de North Adams. Nash ainda via Cassandra na casinha cinzenta daquela pousada, descansando a cabeça no colo dele, olhando vagamente para o teto, enquanto ele acariciava seus cabelos e eles conversavam sobre nada e sobre tudo. Pois era assim que a via quando olhava para trás: tal como ela era antes de adoecer, antes de os médicos diagnosticarem o câncer e retalharem sua linda Cassandra, antes de sua amada morrer como qualquer outro organismo deste mundinho insignificante.
Sim, Cassandra havia morrido e só então ele teve absoluta certeza de que tudo não passava de um grande engodo, de uma piada de mau gosto. A partir daí não teve mais forças, nem estímulo, para controlar o louco. Simplesmente o deixou sair, dando início a um caminho sem volta.
Os familiares tentaram consolá-lo. Tinham “fé” e repetiam que ele havia sido “abençoado” por ter tido uma mulher como Cassandra, que ela estava esperando por ele num lugar muito lindo, onde viveriam juntos por toda a eternidade. Na opinião de Nash, eles tinham necessidade de acreditar naquilo. A família de Cassandra já havia passado por outra grande tragédia: o irmão mais velho, Curtis, tinha sido assassinado três anos antes durante uma tentativa de assalto. Mas ele fizera por merecer. Sempre fora problemático. Cassandra ficara arrasada com a morte do irmão, chorara durante dias. Nash chegara a pensar em libertar o louco só para livrá-la de tanto sofrimento. No entanto, foi com a fé que ela e seus familiares conseguiram racionalizar a morte de Curtis. Com a fé, acabaram explicando a tragédia como parte de um grande plano de Deus.
Mas como explicar a morte de uma pessoa tão adorável e pura como Cassandra?

Sua morte não tinha explicação. Era por isso que os pais dela viviam falando de vida eterna, embora não acreditassem nisso de verdade. Ninguém acredita. Ora, por que chorar uma morte se a pessoa passará a eternidade em estado de êxtase? Por que chorar por um ente querido que se foi para um lugar melhor? Não seria o mais absurdo egoísmo querer privar quem amamos desse lugar melhor? Se de fato acreditássemos nessa história de que voltaremos a encontrar a pessoa amada no Paraíso, então não teríamos nada a temer, já que a vida não passa de um átimo quando comparada à eternidade.

Nós choramos e ficamos de luto, Nash sabia, porque no fundo temos consciência de que tudo isso não passa de uma grande fantasia.

Cassandra não estava junto do irmão Curtis, banhada em luz branca. O que sobrara dela, o que não havia sido comido pelo câncer e pela quimioterapia, agora apodrecia no solo de um cemitério.

No enterro, os parentes dela tinham falado de destino, do plano de Deus, essa baboseira toda. Para eles, esse havia sido o destino de sua amada: ter uma vida curta, tocar o coração de todos que a conheceram, alçá-lo nas alturas para depois deixá-lo despencar no chão. Esse também fora o destino dele, Nash pensou. Mesmo quando estava com ela, houve momentos em que encontrara muita dificuldade para refrear sua verdadeira natureza, suas mais íntimas inclinações. Será que, se ela não tivesse morrido, ele teria sido capaz de continuar mantendo sua paz interior? Ou desde o início estivera programado para voltar às sombras e promover a destruição?

Impossível dizer. Mas, mesmo assim, esse era seu destino.

– Ela nunca teria contado nada – disse Pietra.

Nash sabia que ela estava se referindo a Reba Cordova.

– Não podemos ter certeza disso – falou.

Pietra olhou pela janela.

– Cedo ou tarde, a polícia conseguirá identificar Marianne – prosseguiu Nash. – Ou alguém vai dar pela falta dela. Eles vão investigar, falar com os amigos dela. Reba certamente ia dar com a língua nos dentes.

– Você está sacrificando muitas vidas.

– Só duas por enquanto.

– E a dos sobreviventes. A vida deles também foi arruinada.

– É verdade.

– Por quê?

– Você sabe por quê.

– Você vai dizer que foi a Marianne que provocou tudo?

– “Provocar” talvez não seja a palavra certa. Ela simplesmente alterou a dinâmica das coisas.

– E por isso teve de morrer?

– Ela tomou uma decisão que alterou e poderia ter destruído outras vidas.

– E por isso teve de morrer? – repetiu Pietra.

– Todas as nossas decisões têm conseqüências, Pietra. Todos nós brincamos de Deus todos os dias. Quando uma mulher compra um par de sapatos caros, poderia ter gasto a mesma quantia alimentando uma pessoa faminta. De certo modo, aqueles sapatos são mais importantes para ela do que a vida de alguém. Todos nós matamos para tornar nossas vidas mais confortáveis. Não

colocamos as coisas nessas palavras, mas é isso que fazemos.

Ela não discutiu.

– O que está acontecendo com você? – perguntou Nash.

– Nada. Deixe para lá.

– Eu prometi a Cassandra.

– Eu sei. Você já disse.

– Precisamos manter as coisas sob controle, Pietra.

– Acha que vai ser possível?

– Acho.

– Então, quantas pessoas você ainda vai matar?

Nash se surpreendeu com a pergunta.

– Você quer mesmo saber? Já não se deu por satisfeita?

– Estou falando de agora. De hoje. Quantos mais a gente vai matar?

Nash pensou no assunto. Deu-se conta de que Marianne talvez tivesse dito a verdade desde o início. Nesse caso, seria preciso voltar à estaca zero e eliminar o problema na fonte.

– Se tivermos sorte – respondeu –, só mais um.

♦♦♦

– Uau – exclamou Loren Muse. – Acho que nunca vi uma mulher mais sem graça que essa.

Clarence sorriu. Eles estavam examinando os extratos do cartão de crédito de Reba Cordova. Absolutamente nenhuma surpresa. Ela comprava mantimentos, material escolar e roupas de criança. Recentemente havia adquirido um aspirador de pó na Sears e devolvido em seguida. Comprara um microondas na P.C. Richard. O número do cartão estava arquivado no computador de um restaurante chinês chamado Baumgarts, onde ela fazia um pedido de entrega todas as terças-feiras.

Os e-mails eram igualmente bobos. Ela escrevia para outros pais, marcando encontros para os filhos. Mantinha contato com o professor de dança de uma das filhas e com o técnico de futebol da outra. Recebia mensagens da Willard School. Com as amigas do tênis, marcava partidas ou se oferecia para jogar no lugar de alguém quando necessário. Fazia parte do mailing da Williams-Sonoma, da Pottery-Barn e da PetSmart. Tinha escrito para a irmã pedindo que ela recomendasse um especialista para sua filha Sarah, que estava tendo dificuldades para ler.

– Pensei que pessoas assim não existissem – disse Muse.

Mas ela sabia que existiam, sim. Costumava vê-las nas Starbucks, aquelas mulheres com olhos de gazela, sempre atarefadas, que viam uma cafeteria como o lugar ideal para um momento de lazer com os filhos; era sempre a mesma coisa: um pequeno exército de Britanies, Madisons e Kyles correndo pelo salão enquanto suas respectivas mamães, ex-intelectuais com diploma universitário pendurado na parede, tagarelavam sobre suas proles como se não existisse nenhuma outra criança no mundo. Também falavam do cocô delas (por mais incrível que isso possa parecer), das primeiras palavras, das primeiras gracinhas, da escola Montessoriana, das aulinhas de natação, do DVD do *Baby Einstein*, e todas apresentavam no rosto o mesmo sorriso debilóide, como se algum alienígena tivesse sugado toda a massa cinzenta da cabeça delas. Por um lado, Muse desprezava e tinha pena dessas mulheres; por

outro, fazia de tudo para não invejá-las.

Naturalmente, Loren Muse havia jurado que jamais seria como aquelas mães se um dia tivesse filhos. Mas como ela poderia saber? Juramentos dessa natureza sempre a lembravam daquelas pessoas que afirmavam preferir morrer cedo a vegetar num asilo ou se tornar um fardo para os filhos. Agora, os pais de quase todo mundo que ela conhecia viviam num asilo ou eram um estorvo para os filhos, e nenhum deles queria morrer.

Sempre que vemos uma situação de fora, corremos o risco de fazer julgamentos precipitados e tendenciosos.

– E o álibi do marido? – perguntou Muse.

– Cordova foi interrogado pela polícia de Livingston. Pareceu bem coerente. Muse apontou para a papelada à sua frente com o queixo.

– Ele é tão sem graça quanto a mulher?

– Ainda estou examinando os e-mails dele, bem como os telefonemas e os lançamentos no cartão de crédito. Mas, até agora, nada fora do comum.

– O que mais?

– Bem, partindo do pressuposto de que Reba Cordova e a falsa prostituta foram assassinadas pela mesma pessoa, ou pessoas, despachei diversas patrulhas para dar uma olhada nos pontos de prostituição mais manjados e ver se mais algum corpo foi desovado.

Loren Muse não acreditava que eles encontrassem alguma coisa, embora achasse que não custava nada investigar. Uma das hipóteses com as quais vinha trabalhando era a de que um *serial killer*, com a ajuda voluntária ou involuntária de uma cúmplice, andava seqüestrando mulheres nos subúrbios, matando-as e tentando fazê-las passar por prostitutas. Naquele exato momento alguém pesquisava os bancos de dados da polícia à procura de outras vítimas nas cidades vizinhas que se encaixavam nessa descrição. Mas, até agora, nada.

De qualquer modo, Muse não levava muita fé nessa hipótese. Os psicólogos de plantão teriam orgasmos múltiplos só de imaginar um *serial killer* com semelhante *modus operandi:* não pensariam duas vezes antes de sacar o célebre vínculo entre mães e prostitutas. Muse, no entanto, não acreditava em nada disso. Havia uma peça que não se encaixava de jeito nenhum naquele quebra-cabeça, uma peça que a vinha intrigando desde o momento em que descobrira que a primeira vítima não era uma prostituta: por que ninguém dera queixa do desaparecimento dela?

Só havia duas explicações possíveis. A primeira era que ninguém sabia que ela havia desaparecido. Talvez ela estivesse numa viagem de férias ou a trabalho, ou algo parecido. A segunda era que ela tinha sido assassinada por algum conhecido, e que essa pessoa, obviamente, não pretendia dar queixa.

– Onde está o marido agora?

– Cordova? Ainda está com a polícia de Livingston. Eles vão interrogar a vizinhança, tentar descobrir se alguém viu uma van branca. O procedimento de sempre, você sabe.

Muse pegou um lápis e mordeu a borracha da ponta.

Alguém bateu à porta. Levantando os olhos, Muse deparou com o vulto volumoso de Frank Tremont.

Terceiro dia seguido com o mesmo terno marrom, ela pensou. Inacreditável.

Tremont não disse nada, simplesmente ficou à espera de uma permissão para entrar. Apesar

de atarefada, Muse preferiu livrar-se logo dele.
– Clarence, você se importa de nos deixar a sós um instante?
– Claro que não, chefe.
Antes de sair, Clarence cumprimentou Tremont com um rápido meneio da cabeça. Tremont, por sua vez, ignorou a cortesia. Assim que se viu sozinho com Muse, balançou a cabeça e disse:
– Ele chamou você de chefe?
– Estou meio ocupada, Frank.
– Recebeu minha carta?
O pedido de demissão.
– Recebi.
Silêncio.
– Tenho uma novidade para você – disse Tremont.
– O que é?
– Só vou embora no fim do mês que vem – respondeu ele. – Então preciso trabalhar, certo?
– Certo.
– Pois então. Descobri uma coisa.
Muse recostou-se na cadeira, esperando que Tremont fosse breve.
– Dei uma investigada na tal van branca. A que aparece nos dois casos.
– E aí?
– Não foi roubada, pelo menos não nesta área. Não temos nenhuma ocorrência de roubo de van. Então comecei a pesquisar as empresas de locação para saber se alguém tinha alugado uma van com a descrição que dei.
– E?
– Algumas foram alugadas, sim, mas consegui localizar todas elas e não encontrei nenhum problema. Todas as locações são legítimas.
– Então é o fim da linha.
Frank Tremont sorriu.
– Se importa se eu me sentar um pouquinho? – perguntou.
Muse apontou para uma cadeira.
– Tentei mais uma coisa – prosseguiu Tremont. – Sabe, esse cara tem sido bastante esperto, como você mesma disse. Primeiro, fantasiou seu cadáver de puta. Depois, largou o carro da outra vítima no estacionamento de um hotel. Trocou as placas e tudo mais. Ele não age como os outros. Então fiquei pensando. O que seria melhor e mais difícil de investigar do que roubar ou alugar um carro?
– Sou toda ouvidos.
– Comprar um carro usado pela internet. Conhece esses sites?
– Não, não conheço.
– Eles vendem zilhões de carros. Ano passado eu mesmo comprei um. Através de um site chamado Autoused.com. Tem umas pechinchas bem interessantes. E como tudo é negociado diretamente entre o vendedor e o comprador, a papelada é bastante irregular. Quer dizer, dá para investigar uma concessionária, mas quem é que vai conseguir localizar um carro comprado on-line?
– Então?

– Então liguei para as duas maiores empresas desse tipo. Pedi que eles tentassem descobrir se alguma van branca da Chevrolet tinha sido vendida nesta área ao longo do último mês. Encontrei seis. Liguei para todos os vendedores. Quatro dessas vans foram pagas com cheque, então consegui o endereço dos compradores. Duas foram pagas com dinheiro vivo.

Muse mais uma vez se recostou na cadeira. Ainda mordia o lápis.

– Muito esperto. Você compra um carro usado. Paga em espécie. Dá um nome falso, ou não dá nome nenhum. Recebe os documentos, mas não faz nenhum registro da troca de proprietários, nem contrata um seguro. Depois rouba a placa de outro carro do mesmo modelo e está pronto para entrar em ação.

– Exatamente – disse Tremont. Abriu um sorriso e acrescentou: – A não ser por uma coisa.

– O quê?

– O sujeito que vendeu o carro para eles…

– Eles?

– É. Um homem e uma mulher. Na casa dos 30 anos, segundo informou o vendedor. Vou pedir a ele uma descrição completa, mas é bem possível que a gente consiga algo melhor. O tal vendedor, Scott Parsons, de Kasselton, trabalha na Best Buy. Eles têm um sistema de segurança bastante sofisticado por lá. Tudo digitalizado. Portanto guardam todas as filmagens. Parsons acha que pode localizar alguma imagem do casal de compradores. Falou que ia mandar um cara da técnica fazer isso imediatamente. Mandei uma viatura buscá-lo. Quero que o cara dê uma olhada em algumas das nossas fotos de arquivo, que faça a descrição mais detalhada que puder.

– Temos algum retratista de plantão?

Tremont fez que sim com a cabeça.

– Já cuidei disso também.

Tratava-se de uma pista legítima, a melhor que eles tinham até o momento. Muse não sabia ao certo o que dizer.

– O que mais descobrimos até agora? – perguntou Tremont.

Muse falou sobre a total ausência de pistas nos cartões de crédito, nos telefonemas e nos e-mails. Tremont recostou-se na cadeira e cruzou as mãos sobre a barriga.

– Quando entrei aqui – falou –, você estava roendo este lápis. No que estava pensando?

– Na hipótese de estarmos lidando com um *serial killer*.

– Você não leva muita fé nela, leva?

– Não, não levo.

– Nem eu – disse Tremont. – Então, que tal repassarmos tudo o que temos até agora?

Muse se levantou e começou a caminhar de um lado para outro.

– Duas vítimas. Até agora, só isso. Pelo menos nesta área. Nosso pessoal já está investigando se há outras, mas vamos considerar apenas as duas: Reba Cordova, que pode até estar viva, e a falsa prostituta.

– O.k. – disse Tremont.

– Digamos que haja um motivo para que essas duas mulheres tenham sido assassinadas.

– Como o quê, por exemplo?

– Não sei ainda, mas preste atenção. Se houver um motivo… Ou melhor: mesmo que não haja motivo nenhum, e partindo do pressuposto de que não estamos lidando com um *serial killer*, tem de haver alguma ligação entre as duas vítimas.

Tremont fez que sim com a cabeça, percebendo claramente aonde Muse queria chegar.
– E se isso for verdade, é bem possível que elas se conhecessem – disse ele.
– Exatamente – devolveu Muse.
– E se Reba Cordova conhecia a outra vítima… – Tremont sorriu de novo.
– Talvez Neil Cordova também a conheça. Ligue para a polícia de Livingston. Diga para eles mandarem Cordova para cá. Quem sabe ele não possa identificá-la?
– É para já – disse Tremont, e se levantou para sair.
– Frank?
Ele se virou para Muse.
– Bom trabalho – disse ela.
– Sou um bom policial – disse ele.
Muse não respondeu.
– Você também é uma boa policial, Muse. Talvez uma excelente policial. Mas não é uma boa chefe. Um bom chefe é aquele que sabe tirar proveito dos seus bons colaboradores. Não foi isso que você fez. Você precisa aprender a administrar pessoas.
Muse balançou a cabeça e disse:
– Está bem, Frank. Foi o meu despreparo como chefe que fez você acreditar que a vítima era uma prostituta. A culpa foi minha.
Tremont sorriu.
– Fui eu que peguei esse caso – replicou.
– E meteu os pés pelas mãos.
– Posso ter me enganado no começo, mas ainda estou aqui. Não importa o que penso de você. Também não importa o que você pensa de mim. Só o que interessa é fazer justiça para a minha vítima.

25

MO DIRIGIU ATÉ O BRONX. ESTACIONOU diante do endereço que Anthony dera a Mike.

– Você não vai acreditar – disse.

– Que foi?

– Estamos sendo seguidos.

Mike era esperto o bastante para não se virar imediatamente.

– Chevrolet azul, quatro portas, estacionado em fila dupla no fim do quarteirão. Dois caras, ambos com boné dos Yankees e óculos escuros.

Na noite anterior, aquela rua transbordava de gente. Agora estava praticamente vazia. As pessoas que se encontravam por lá dormiam diante de uma porta qualquer ou se deslocavam com impressionante letargia, pernas arrastadas, braços largados ao longo do corpo. Mike tinha a impressão de que a qualquer instante veria um novelo de capim seco soprado pelo vento, como nos filmes de bangue-bangue.

– Você entra lá – disse Mo. – Tenho um amigo que talvez possa descobrir alguma coisa sobre a placa do Chevrolet. Vou ligar para ele.

Mike concordou com um gesto de cabeça. Saiu do carro, tentando ser discreto ao olhar para o Chevrolet azul. Quase não o viu, mas não quis correr o risco de olhar outra vez. Seguiu na direção da porta de ferro. Uma placa informava: CLUB JAGUAR. Mike apertou o botão e a porta se destravou com um zumbido.

No interior da boate, as paredes eram daquele amarelo geralmente associado ao McDonald's ou à ala infantil de um hospital cheio de boas intenções. À direita, havia um quadro de avisos repleto de listas de adesão para sessões de consultoria, aulas de música, grupos de leitura e diversos tipos de terapia para drogados, alcoólatras e vítimas de abuso físico ou mental. Vários folhetos recrutavam pessoas para dividir o aluguel de um apartamento, com abas destacáveis informando o número de telefone. Alguém estava vendendo um sofá por 100 dólares. Outro tentava repassar alguns amplificadores de guitarra.

Mike passou pelo quadro de avisos e se aproximou da recepção. Uma moça com piercing no nariz levantou o rosto e disse:

– Em que posso ajudá-lo?

Mike segurava uma foto de Adam.

– Por acaso você viu este garoto por aqui? – perguntou.

– Sou apenas a recepcionista – disse a moça.

– Recepcionistas também têm olhos. Perguntei se você viu este garoto.

– Não posso falar sobre nossos clientes.

– Não pedi nada disso. Só quero saber se você o viu.

A moça crispou os lábios. Só então Mike percebeu que ela também tinha piercings na boca. Ela ficou olhando para ele, imóvel. Mike viu que não chegaria a lugar nenhum com a recepcionista.

– Posso falar com o chefe da casa?

– Rosemary. É com ela que o senhor deve falar.
– Ótimo. Você pode chamá-la para mim?
A garota cheia de piercings pegou o telefone e, tapando o bocal, resmungou alguma coisa. Dez segundos depois, abriu um sorriso e disse:
– A Srta. McDevitt vai recebê-lo agora mesmo. Terceira porta à direita.
Mike não sabia ao certo o que esperava, mas Rosemary McDevitt revelou-se uma surpresa. Era jovem, miúda, e tinha aquele tipo de sensualidade natural que fazia lembrar um felino qualquer, talvez um puma. Exibia uma mecha roxa misturada aos cabelos muito pretos e uma tatuagem que subia do ombro até o pescoço. Vestia um colete de couro preto sem mangas, sem nada por baixo. Os braços eram fortes e braçadeiras de couro cingiam os bíceps.
Ela ficou de pé, sorriu e estendeu a mão.
– Seja bem-vindo.
Mike a cumprimentou.
– Em que posso ajudá-lo?
– Meu nome é Mike Baye.
– Oi, Mike.
– Hmm, oi. Estou procurando meu filho.
Mike não era exatamente um homem alto, mas ainda assim era uns 15 centímetros maior que ela. Rosemary McDevitt examinou a foto de Adam, impassível.
– Você o conhece? – perguntou Mike.
– Você sabe que não posso responder isso.
Rosemary tentou devolver a foto, porém Mike não a aceitou de volta. Percebendo que a agressividade não levaria a lugar nenhum, ele preferiu se controlar e respirou fundo.
– Não estou pedindo que você traia a confiança de ninguém…
– Está, sim, Mike. – Ela abriu um sorriso doce. – É exatamente isso que você está pedindo.
– Quero encontrar meu filho, só isso.
Ela abriu os braços e disse:
– Por acaso isto aqui parece um balcão de achados e perdidos?
– Ele está desaparecido.
– Este lugar é um santuário, Mike. Entende o que estou dizendo? Os garotos vêm para cá quando precisam descansar dos pais.
– É possível que meu filho esteja correndo perigo. Ele saiu sem avisar ninguém. Ontem à noite ele esteve aqui e…
– Espere aí, Mike! – disse Rosemary, erguendo a mão.
– O que foi?
– Ele esteve aqui ontem à noite. Foi isso que você disse, Mike?
– Foi.
– E como é que você sabe disso, Mike? – perguntou ela, os olhos apertados.
Ele começava a se irritar com a repetição desnecessária do seu nome.
– Como é que eu sei?
– Exatamente.
– Isso não tem a menor importância.
Rosemary sorriu e recuou um pouco.

– Claro que tem – insistiu.
Mike precisava mudar de assunto. Correu os olhos pela sala.
– Que lugar é este afinal? – perguntou.
– Um lugar híbrido, digamos assim. – A expressão de Rosemary deixava claro que sabia muito bem o que estava por trás daquela pergunta. – Um centro comunitário para adolescentes, mas com um toque de modernidade.
– Como assim?
– Você se lembra daqueles programas assistenciais que promoviam jogos de basquete à meia-noite?
– Nos anos 1990, não foi? Para manter a garotada fora das ruas.
– Isso mesmo. Não interessa se eles deram certo ou não, mas o negócio é o seguinte: esses programas eram destinados exclusivamente aos garotos dos bairros mais pobres e para muita gente isso era um tipo de racismo. Basquete à meia-noite no interior da cidade?
– E vocês são diferentes?
– Em primeiro lugar, não atendemos apenas aos pobres. Isto que vou dizer pode parecer um tanto fascista, mas talvez não sejamos a melhor fonte de ajuda para os afro-americanos ou para os pobres. A ajuda para essas pessoas tem de vir de dentro da comunidade delas. E, a longo prazo, não sei se é possível afastar as tentações com um programa dessa natureza. Esses meninos têm de ver que a saída para eles não está nas drogas ou no crime, e duvido que um jogo de basquete possa fazer isso.
Um grupo de garotos-quase-homens invadiu a sala de Rosemary, todos devidamente vestidos de preto e paramentados com uma ampla gama de correntes e argolas. As calças tinham bocas tão largas que chegavam a esconder os sapatos.
– E aí, Rosemary?
– Oi, galera.
Eles se aproximaram. Rosemary virou-se para Mike e disse:
– Onde você mora?
– Nova Jersey.
– Subúrbios, certo?
– Certo.
– Os adolescentes da sua vizinhança. Em que tipo de encrenca eles se metem?
– Sei lá. Drogas, bebida.
– Claro! Eles querem se divertir. Sentem-se entediados. E talvez estejam mesmo, vai saber. Eles querem ir para a rua, enlouquecer, azarar nas boates, esse tipo de coisa. Não querem jogar basquete. Então, é isso que a gente faz aqui.
– Vocês deixam que eles enlouqueçam?
– Não do modo que você está pensando. Vem, vou lhe mostrar.
Com Mike a seu lado, Rosemary saiu na direção do corredor de paredes amarelas. Caminhava com os ombros empertigados, a cabeça erguida. Levava uma chave na mão. Ao fim do corredor, destrancou uma porta, e eles desceram um lanço de escada.
Embaixo havia uma boate, ou uma discoteca, ou fosse lá o nome que a garotada andava dando àquilo. Havia sofás acolchoados, mesas que se acendiam, bancos baixos, assoalho de madeira. Também havia uma cabine de DJ, mas no lugar do tradicional globo de espelhos, luzes coloridas

que piscavam e giravam numa espécie de coreografia. As palavras CLUB JAGUAR haviam sido grafitadas com estilo na parede dos fundos.

– É isso que os adolescentes querem – disse Rosemary McDevitt. – Um lugar para descontrair. Para se divertirem com os amigos. Não servimos álcool, mas drinques que se parecem com álcool. Os bartenders e as garçonetes são bonitos. Fazemos tudo o que as melhores boates fazem. Só que aqui eles não correm nenhum risco, entende? Muitos garotos como seu filho vêm para essa parte da cidade e tentam entrar nas boates com uma identidade falsa. Querem comprar drogas, fazem de tudo para conseguir uma bebida, apesar de serem menores de idade. O que fazemos é tentar canalizar essa energia de forma mais saudável.

– Você quer dizer para essa boate.

– É. Mas aqui também oferecemos aconselhamento, clubes de leitura, terapias de grupo, uma sala com Xbox e Playstation 3… Enfim, tudo o que você encontraria num centro comunitário normal. Mas é esta pista de dança que faz a diferença. Ela torna este lugar descolado, para usar uma gíria dos jovens.

– Ouvi dizer que servem álcool aqui.

– Não é verdade. A maioria dos boatos vem da concorrência, que está perdendo clientes para a gente.

Mike não disse nada.

– Digamos que seu filho tenha vindo ao Bronx ontem à noite. Ele pode ter ido para a Third Avenue e comprado cocaína num beco qualquer. A uns 50 metros daqui tem um cara que vende heroína. Hoje em dia a garotada vem para cá e compra o que bem entende nessas ruas. Ou então eles dão um jeito de entrar numa boate e enchem a cara, se não fizerem coisa pior. Aqui eles estão protegidos. Podem extravasar em total segurança.

– Vocês deixam entrar os meninos de rua também?

– Não barraríamos a entrada deles, mas outras organizações estão mais bem equipadas para ajudá-los. Não tentamos mudar a vida das pessoas dessa maneira, porque, para falar a verdade, acho que isso não funciona. Um garoto problemático, ou que tem uma família problemática, precisa de muito mais do que temos a oferecer aqui. Nosso objetivo é evitar que os garotos essencialmente bons sigam pelo caminho errado. O problema deles é quase o oposto do dos garotos de rua. Normalmente seus pais os superprotegem. Eles ficam em cima dos filhos 24 horas por dia. A garotada não tem nem espaço para se rebelar.

Ele mesmo usara esse argumento com Tia durante anos. Os pais realmente andavam exagerando na proteção dos filhos. Na idade de Adam, Mike tinha permissão para andar sozinho na rua. Aos sábados, ia para o Branch Brook Park e passava o dia inteiro lá, jogando, e só voltava para casa tarde da noite. Já os filhos dele, Adam e Jill, não podiam sequer atravessar uma rua sem que ele ou Tia estivessem vigiando, receosos de que… de que mesmo?

– Então vocês dão a eles esse espaço.

– Certo.

Mike refletiu um instante, balançando a cabeça.

– E quem dirige este lugar?

– Eu mesma. Fundei isto aqui há três anos, depois que meu irmão morreu de overdose. Greg era um cara legal. Tinha 16 anos. Não praticava nenhum esporte, não era popular na escola, nada disso. Nossos pais, bem como a sociedade em geral, eram muito controladores. Greg teve

essa overdose, sei lá, na segunda vez que se drogou.
– Sinto muito.
Rosemary deu de ombros e voltou para a escada. Mike foi atrás dela.
– Srta. McDevitt? – disse.
– Pode me chamar de Rosemary.
– Rosemary. Não quero que meu filho se torne mais um número de estatística. Ele esteve aqui ontem à noite. E agora não sei onde ele está.
– Não posso fazer nada.
– Já viu meu filho antes?
Ela ainda seguia à frente dele.
– Minha missão aqui é bem mais ampla, Mike.
– Quer dizer então que meu filho é descartável?
– Não foi isso que eu disse. Mas nunca converso com os pais. Nunca. Este lugar é para os adolescentes. Se alguém souber que…
– Não vou dizer nada a ninguém.
– Como qualquer empresa, também tenho a minha declaração de missão. E não falar com os pais faz parte dela.
– E se Adam estiver em perigo?
– Se fosse esse o caso, eu faria o que pudesse para ajudar. Mas não é.
Mike estava prestes a protestar quando viu um bando de góticos mais adiante no corredor.
– Esses garotos são seus clientes? – perguntou, já entrando na sala de Rosemary.
– Clientes e facilitadores – disse ela.
– Facilitadores?
– Fazem de tudo um pouco. Ajudam na limpeza. Se divertem à noite. E também vigiam o clube.
– Como seguranças?
– A palavra talvez seja um pouco forte – retrucou Rosemary, comedidamente. – Eles ajudam na adaptação dos novatos. A manter as coisas sob controle. Ficam de olho no lugar, impedindo que os garotos fumem ou se droguem nos banheiros, esse tipo de coisa.
Mike fez uma careta e disse:
– Os encarcerados que mandam na prisão.
– São bons garotos.
Mike olhou para eles. E depois para Rosemary. Observou-a por um segundo e gostou do que viu. Rosemary tinha um belo rosto, de modelo, com maçãs salientes que por pouco não pediam para serem mordidas. Mike olhou de volta para os góticos no corredor, os quatro ou cinco que se misturavam numa única mancha negra. Eles faziam de tudo para intimidá-lo com um ar afetado de valentia; não conseguiam.
– Rosemary?
– Sim?
– Tem alguma coisa nesse seu discurso que não me convence – disse Mike.
– Meu discurso?
– O texto que você usa para vender este lugar. Por um lado, tudo faz sentido.
– E por outro?

Mike a encarou.
– Acho que tudo isso não passa de conversa fiada. Onde está meu filho?
– Acho melhor você ir embora agora.
– Se meu filho estiver escondido aqui, vou jogar esta espelunca no chão, tijolo por tijolo, até encontrá-lo.
– O senhor está passando dos limites, Dr. Baye. – Ela olhou para os góticos do corredor e fez um discreto sinal. Eles entraram na sala e cercaram Mike. – Por favor, vá embora já.
– Você vai mandar os seus – ele fez o sinal de aspas com os dedos – "facilitadores" me jogarem na rua?
O mais alto dos góticos sorriu com sarcasmo e disse:
– Pelo visto, já andaram jogando o senhor na rua outras vezes.
Os outros riram também. Apesar das roupas pretas e do rímel, a pele muito clara conferia a todos um aspecto frágil que sabotava toda e qualquer careta de valentia. Talvez fosse isto o mais assustador: o desespero daqueles garotos. A vontade de ser algo que simplesmente não eram.
Mike considerou as possibilidades. O gótico mais alto tinha cerca de 20 anos, era ossudo e exibia um pomo-de-adão saliente. Mike pensou em surpreendê-lo com um soco no estômago, só para deixar o filho-da-mãe sem fôlego, eliminar o chefe da gangue e mostrar que não estava de brincadeira. Depois pensou em usar o antebraço para golpeá-lo na garganta, deixá-lo pelo menos umas duas semanas sem conseguir falar. Mas isso serviria apenas para atiçar os demais. Mike achou que seria capaz de encarar uns dois ou três, mas não o grupo inteiro.
Ele ainda refletia sobre o que fazer quando algo chamou sua atenção. A pesada porta de metal da boate zumbiu e foi aberta por mais um gótico. Mas não foram as roupas pretas que o surpreenderam.
Foram os olhos, também pretos.
Além disso, o gótico recém-chegado exibia um esparadrapo sobre o nariz. Que, Mike deduziu, devia ter sido quebrado recentemente.
Alguns dos góticos foram ao encontro do garoto de nariz quebrado e se cumprimentaram batendo as mãos espalmadas. Moviam-se como se chapinhassem num chão coberto de mel, quase em câmera lenta. Também falavam devagar, arrastando as palavras como se estivessem sob o efeito de algum ansiolítico.
– *Yo*, Carson – um deles conseguiu dizer.
– Carson, *my man* – cantarolou outro.
Como se tivessem chumbo nas mãos, ergueram os braços para cumprimentar o amigo com tapinhas nas costas. Carson aceitou a bajulação como se já estivesse acostumado a ela ou como se julgasse merecê-la.
– Rosemary? – disse Mike.
– Sim.
– Você não só conhece meu filho como me conhece também.
– Como assim?
– Você me chamou de Dr. Baye – disse Mike. E sem tirar os olhos do gótico de nariz quebrado, perguntou: – Como soube que eu era médico?
Mas não esperou pela resposta. Não precisava dela. Em vez disso, arremeteu na direção da porta da boate, atropelando o gótico alto no meio do caminho. O de nariz quebrado, Carson, o

viu se aproximando, arregalou os olhos pretos e recuou para a calçada. Mike apertou o passo e alcançou a porta antes que ela se fechasse.

Na calçada, Carson já estava a uns três metros de distância.

– Ei, você! – berrou Mike.

O garoto se virou para trás. A franja cor de piche se esparramou sobre um dos olhos feito uma cortina.

– O que houve com o seu nariz?

Carson tentou desconversar e perguntou, com sarcasmo.

– O que houve com a sua cara?

Mike correu ao encontro dele. Sabia que os outros góticos também tinham saído. Seis contra um. Com a visão periférica, viu Mo sair do carro e vir na direção deles. Seis contra dois. Mas um desses dois era o gigante Mo: o páreo já não seria tão duro assim.

Mike já estava cara a cara com Carson quando respondeu:

– Um bando de filhos-da-puta covardes me atacou pelas costas. Foi isso que aconteceu com a minha cara.

– Que pena – disse Carson, tentando não perder a marra.

– Não se preocupe. Porque um dos covardes que me atacou saiu com o nariz quebrado. Dá para imaginar alguém mais idiota?

Carson deu de ombros.

– Talvez o coroa estivesse num dia de sorte.

– Pode ser. E talvez o idiota queira uma chance para revidar. Homem a homem. Cara a cara.

O líder dos góticos agora olhou ao redor para ver se seu séqüito estava a postos. Os outros garotos sinalizaram de volta, ajustando os socos-ingleses, flexionando os dedos, mais uma vez exagerando no papel de valentões.

Antes que um deles pudesse fazer qualquer coisa, Mo irrompeu contra o gótico alto e o imobilizou com uma chave de braço. O garoto tentou dizer algo, mas não encontrou a voz, sufocada pelo garrote de Mo.

– Se alguém der um passo – Mo disse a ele –, vou cobri-lo de porrada. Não o cara que deu o passo. Mas *você*, entendeu bem?

O garoto tentou fazer que sim com a cabeça.

Mike olhou de volta para Carson.

– Então, vai encarar?

– Não tenho nada contra o coroa.

– Mas eu tenho contra o idiota.

Como se estivesse no pátio da escola, Mike provocou o garoto com um empurrão. Os outros góticos olhavam perplexos, sem saber o que fazer. Mike empurrou Carson outra vez.

– Epa! – exclamou o garoto.

– O que vocês fizeram com meu filho?

– Hein? Com quem?

– Meu filho. Adam Baye. Onde ele está?

– E como é que eu vou saber?

– Foi você que me atacou ontem à noite, não foi? Se não quiser levar a maior surra da sua vida, é melhor abrir o bico.

Foi então que alguém berrou:
– Todo mundo parado! FBI!
Virando-se para trás, Mike deparou com os dois homens de boné que os haviam seguido. Cada um deles tinha uma arma em uma das mãos e as credenciais na outra. Um deles falou:
– Michael Baye?
– Sim?
– Darryl LeCrue, do FBI. O senhor vai ter de vir conosco.

26

DEPOIS DE SE DESPEDIR DE BETSY HILL, Tia foi ao segundo andar, passou direto pelo quarto de Jill e entrou no de Adam. Abriu a gaveta da escrivaninha e começou a vasculhá-la. Instalar aquele programa de espionagem tinha lhe parecido a coisa certa a fazer. Então, por que tantas dúvidas agora? Tia viu-se tomada por uma súbita crise de consciência. Tudo lhe parecia errado, toda aquela invasão.

O que não a impediu de continuar vasculhando.

Adam era um garoto. Ainda. A tal gaveta nunca havia sido arrumada e, como num sítio arqueológico, abrigava resquícios de todas as "eras" de Adam: figurinhas de beisebol, de Pokémon, de Yu-Gi-Oh!; vários bonequinhos da série Crazy Bones; um Tamagochi há muito tempo sem bateria – enfim, toda aquela tralha que os garotos suplicavam para ter e deixavam de lado uma semana depois. Adam, até certo ponto, contrariava a regra: não chegava a ser inconveniente ao pedir este ou aquele brinquedinho da moda e tampouco os descartava em tempo recorde.

Tia se espantou que tudo aquilo ainda estivesse ali.

Também havia uma miríade de lápis e canetas, o surrado estojo do aparelho ortodôntico do qual ele tanto reclamava, alfinetes e *bottons* colecionados numa viagem à Disney quatro anos antes, canhotos de ingressos de uma dezena de jogos dos Rangers. Pegando os canhotos, Tia se lembrou da mistura de alegria e concentração que Adam estampava no rosto ao assistir aos jogos de hóquei, de como ele e o pai comemoravam quando os Rangers pontuavam: batiam as mãos espalmadas no alto e cantavam uma musiquinha ridícula que eles tinham inventado, um reles "oh, oh, oh" acompanhado de palmas.

Tia começou a chorar.

Controle-se, pensou.

Então deixou a gaveta e passou ao computador. Este era o mundo de Adam agora. O quarto de um adolescente praticamente se resumia a isto: um computador. Era ali que Adam passava tantas horas jogando on-line a última versão do Halo ou conversando com amigos reais e virtuais pelo Facebook ou pelo MySpace. Durante um tempo jogou um pouquinho de pôquer, mas logo se cansou, para alívio de Mike e Tia. Na pasta de downloads havia coisas engraçadas tiradas do YouTube, trailers de filme, clipes de música e, claro, fotos e vídeos mais apimentados. Havia também outros jogos de aventura e aqueles simuladores de realidade que os jovens – para o bem ou para o mal, difícil saber – usavam para escapar de suas próprias vidas, o que não era muito diferente do que Tia buscava nos livros.

Quanto ao sexo, Tia muitas vezes se atrapalhava, sem saber como agir. Queria fazer a coisa certa e controlar o fluxo de informações que chegava aos filhos, mas isso era impossível. Bastava ligar o rádio de manhã para ouvir um marmanjo qualquer do esporte falando de peitos, infidelidade e orgasmos. Bastava abrir uma revista ou ligar a televisão para… bem, reclamar do conteúdo da mídia já era coisa do passado. Então, o que os pais podiam ou deviam fazer? Dizer aos filhos que aquilo tudo era errado? E o que exatamente *era* errado?

Talvez por isso as pessoas recorressem a atitudes radicais como a abstinência, o que não dá certo. Além do mais, você não quer passar a seus filhos a idéia de que sexo é uma coisa ruim ou errada, ou ainda tratar o assunto como tabu. Por outro lado, nenhum pai quer que seus filhos façam sexo antes da hora. Portanto, a questão é: como dizer a eles que sexo é uma coisa boa e saudável, mas que não devem praticá-lo? Como encontrar esse equilíbrio? É estranho, mas todos queremos que nossos filhos concordem com nossos pontos de vista, como se eles fossem melhores e mais saudáveis que os dos nossos próprios pais. Mas por que seriam? Porque fomos criados da maneira certa ou porque descobrimos por nós mesmos? E nossos filhos, poderão fazer suas próprias descobertas?

– Mãe?

Jill surgira à porta e agora olhava para Tia com uma expressão estranha, talvez surpresa por vê-la no quarto de Adam. Seguiu-se um breve instante de constrangimento, não mais que um segundo, mas o suficiente para que Tia sentisse um aperto no peito.

– Oi, meu amor.

Jill segurava o BlackBerry de Tia.

– Posso jogar BrickBreaker?

Ela adorava os joguinhos do BlackBerry da mãe. Normalmente, Tia teria chamado a atenção da filha por ter pegado o aparelho sem consultá-la. Como a maioria das crianças, Jill sempre fazia esse tipo de coisa: quando não pegava o BlackBerry ou o iPod de Tia, usava o computador dela só porque o seu não era tão rápido, ou então esquecia o telefone sem fio no quarto, deixando a mãe louca atrás dele.

Mas aquele não era o momento adequado para o recorrente sermão sobre responsabilidade.

– Claro. Mas se ele vibrar, traga correndo para mim, está bem?

– Pode deixar. – Jill varreu o quarto com os olhos. – O que você está fazendo aqui?

– Dando uma olhada.

– Para quê?

– Sei lá. Talvez tentando encontrar uma pista de onde seu irmão possa estar.

– Ele vai ficar bem, não vai?

– Claro que vai, meu anjo, não se preocupe. – Então, lembrando que a vida não pára e ansiando por um pouco de normalidade, Tia perguntou: – Você não tem dever de casa para fazer?

– Já fiz tudo.

– Ótimo. E no mais, tudo bem?

Jill deu de ombros.

– Quer falar sobre alguma coisa?

– Não. Está tudo bem comigo. Só estou um pouco preocupada com Adam.

– Eu sei, meu bem. E na escola, como vão as coisas?

Aquela era uma pergunta idiota. Tia já a fizera um milhão de vezes para seus dois filhos e nunca, nem uma única vez, recebera uma resposta diferente de “tudo bem” ou “do mesmo jeito de sempre”.

Tia enfim saiu do quarto de Adam. Não havia nada para ser encontrado ali. O relatório impresso do E-SpyRight estava à sua espera. Ela foi para o próprio quarto, fechou a porta e deu uma rápida olhada nas páginas. Clark e Olivia, os amigos de Adam, haviam mandado e-mails

pela manhã, mas as mensagens haviam sido um tanto cifradas. Ambos queriam saber onde ele estava e mencionavam o fato de que Mike e Tia haviam ligado à sua procura.

Nenhum e-mail de DJ Huff.

Estranho. DJ e Adam sempre se falavam. E, de repente, nenhuma mensagem – como se talvez ele soubesse que Adam não estaria em casa para responder.

Alguém bateu de leve à porta.

– Mãe?

– Entre, filha.

Jill entreabriu a porta e disse:

– Esqueci de falar. Ligaram do consultório do dentista. Minha consulta com o Dr. Forte é na próxima terça.

– Ótimo.

– Mas por que eu tenho de ir lá? Acabei de fazer uma limpeza!

O trivial. Novamente Tia o recebeu de bom grado.

– É possível que você tenha de usar aparelhos – falou ela.

– Já?

– Já. Adam era o seu… – Ela interrompeu a frase.

– Meu o quê?

Tia olhou de relance para o relatório jogado sobre a cama, o mais recente, mas se deu conta de que ele não serviria. Ela precisava do outro, mais antigo, com o e-mail falando sobre a festa na casa dos Huff.

– Ei, mãe? O que está acontecendo?

Tia e Mike haviam combinado de eliminar os relatórios antigos com a fragmentadora de papéis, mas ela havia guardado aquele e-mail específico para mostrar ao marido. Procurou na mesinha-de-cabeceira. Havia uma pilha de papéis ali. Ela começou a examiná-los.

– Posso ajudar com alguma coisa? – ofereceu Jill.

– Não, meu amor, pode deixar. Obrigada.

Tia não encontrou o que estava procurando. Mas não se deu por vencida. Levantou-se da cama e foi para o computador.

O site da E-SpyRight já constava de sua lista de favoritos. Ela se logou e clicou sobre o link de arquivos. Encontrou a data que queria e baixou o relatório correspondente.

Não seria necessário imprimir nada. Assim que o relatório surgiu à tela, Tia foi rolando a página até encontrar a mensagem sobre a festa na casa dos Huff. Não estava interessada na mensagem em si: no texto que falava sobre a ausência dos pais de DJ, na noite que eles passariam "chapando". Mas, pensando bem, o que havia acontecido naquela noite afinal? Mike havia passado por lá e constatado não só que não havia festa nenhuma, mas também que Daniel Huff estava em casa.

Será que os Huff tinham mudado os planos?

Mas agora a questão não era essa. Tia queria ver o que a maioria das pessoas considera o menos relevante de tudo.

As colunas de data e hora.

O programa dava as informações de envio da mensagem, mas também indicava a data e a hora em que ela havia sido aberta pelo destinatário.

– Mãe, o que está acontecendo? – repetiu Jill.
– Só um segundo, querida.
Tia pegou o telefone e ligou para o consultório do Dr. Forte. Embora fosse sábado, ela sabia que, em razão das diversas atividades extra-escolares da garotada, os dentistas da região costumavam trabalhar em determinados horários do fim de semana. Conferiu as horas no relógio e, aflita, ficou ouvindo o telefone chamar. A salvação veio apenas no quinto sinal:
– Consultório do Dr. Forte.
– Oi, bom dia. Aqui é Tia Baye, mãe do Adam e da Jill.
– Sim, Sra. Baye, em que posso ajudá-la?
Tia tentou se lembrar do nome da secretária, que trabalhava ali desde sempre e conhecia todo mundo. Na verdade, era ela quem administrava o consultório, como uma espécie de síndica. Tia finalmente se lembrou.
– É Caroline que está falando?
– Ela mesma.
– Oi, Caroline. Talvez você vá estranhar meu pedido, mas preciso desesperadamente de um favor seu.
– Bem, vamos ver. A agenda está lotada na semana que vem.
– Não, não é isso. Adam teve uma consulta no dia 18, às 15h45. Silêncio do outro lado da linha.
– Preciso saber se ele compareceu a essa consulta.
– Claro que compareceu – disse a secretária de pronto. – Caso contrário eu teria ligado para a senhora.
– Você sabe dizer se ele chegou na hora?
– Posso olhar o horário exato, se isso ajudar em alguma coisa. Está tudo registrado no meu livro de protocolo.
– Isso seria ótimo, obrigada.
Tia podia ouvir o ruído das teclas que a secretária digitava, dos papéis que ela revirava.
– Adam chegou cedo, Sra. Baye – veio a resposta. – Assinou o protocolo às 15h20.
O que fazia sentido. Geralmente Adam saía da aula e ia a pé direto para o dentista.
– E foi atendido exatamente às 15h45 – emendou Caroline. – Era isso que a senhora queria saber?
Tia por pouco não deixou o telefone despencar. Mais uma vez conferiu as colunas de data e hora no computador. Havia algo errado naquela história toda.
O e-mail sobre a festa na casa dos Huff fora enviado às 15h32 e lido às 15h37.
Adam não estava em casa nesse horário.
Isso não fazia sentido, a menos que…
– Muito obrigada, Caroline. – Tia desligou e imediatamente discou o número de Brett, o técnico de informática.
– *Yo* – atendeu ele.
Tia decidiu colocá-lo na defensiva.
– Muito obrigada por me entregar de bandeja para Hester.
– Tia? Puxa, foi mal.
– Foi, sim.

– Não, falando sério. A Hester sabe de tudo o que acontece naquele escritório. Você sabia que ela monitora todos os computadores? Às vezes lê os e-mails pessoais só para se divertir. Acha que se você é propriedade dela…

– Eu nunca fui propriedade de ninguém.

– Eu sei. Desculpe.

Hora de seguir adiante.

– Segundo o relatório do E-SpyRight, meu filho leu um e-mail às 15h37.

– Sim, e daí?

– E daí que ele não estava em casa a essa hora. É possível que ele tenha lido essa mensagem em outro computador?

– Essa informação foi do programa, certo?

– Certo.

– Então a resposta é não. O E-SpyRight monitora apenas as atividades do computador que está no quarto do Adam. Se ele logou em outro computador e leu essa mensagem, o programa não vai registrar.

– Então como você explica isso?

– Hum. Bem, em primeiro lugar, você tem certeza de que ele não estava em casa?

– Absoluta.

– Então alguém estava usando o computador dele.

Tia conferiu novamente.

– Diz aqui que a mensagem foi deletada às 15h38.

– Então alguém entrou no computador do seu filho, leu a mensagem e a deletou em seguida.

– Isso significa que o Adam sequer chegou a ler esse e-mail, certo?

– É muito provável que não.

Tia rapidamente descartou os suspeitos mais evidentes: ela e Mike estavam trabalhando aquele dia, e Jill tinha ido a pé para a casa de Yasmin, onde passaria o resto da tarde.

Nenhum deles se encontrava em casa.

Como alguém poderia ter entrado sem deixar nenhum vestígio de invasão? Tia lembrou-se da chave que mantinha escondida sob a pedra falsa do jardim.

Entrou uma chamada em espera e ela viu que era Mo.

– Brett, ligo de volta daqui a pouco. – Tia atendeu a outra ligação. – Mo?

– Você não vai acreditar – disse ele. – Mike acabou de ser levado pelo FBI.

♦♦♦

Na sala de interrogatório improvisada, Loren Muse avaliou Neil Cordova demoradamente.

Ele era baixo, de ossos pequenos, porte compacto e traços que beiravam a perfeição. Lembrava um pouco a própria mulher quando visto ao lado dela. Muse sabia disso porque Cordova havia trazido muitas fotografias do casal: no quintal de casa, em cruzeiros, praias, festas e bailes de gala. Neil e Reba Cordova eram fotogênicos e saudáveis e gostavam de posar de rosto colado. Pareciam felizes em todas as fotos.

– Por favor, encontrem minha mulher – disse Neil Cordova pela terceira vez desde que entrara na sala.

Muse já tinha dito "Estamos fazendo o possível" duas vezes, por isso agora não respondeu nada.

– Quero colaborar de todas as maneiras – acrescentou Cordova.

Neil Cordova tinha os cabelos cortados, rente à cabeça; vestia blazer e gravata, como se isso fosse o que se esperava dele, como se o traje o impedisse de desmoronar. Muse não pôde deixar de notar que os sapatos se encontravam muito bem engraxados. Essa era uma mania do pai dela, que sempre dizia: "Você pode saber quanto vale um homem olhando para o estado dos sapatos dele." E, quando, aos 14 anos, Loren Muse achou o corpo do pai estirado na garagem – onde ele havia entrado para estourar os miolos –, viu que os sapatos se encontravam impecavelmente polidos.

Belo conselho, papai. E muito obrigada pelo decoro no suicídio.

– Sei como são essas coisas – prosseguiu Cordova. – O marido é sempre suspeito, não é?

Muse não respondeu.

– E você acha que a minha Reba tinha um amante só porque o carro dela foi encontrado no estacionamento daquele hotel. Mas eu posso jurar que não era nada disso. Vocês têm de acreditar em mim.

Muse ouvia a tudo impassível.

– Não estamos favorecendo nem descartando nenhuma hipótese em particular – disse.

– Posso me submeter a um detector de mentiras, sem advogado, sem nada. Só não quero que vocês percam tempo seguindo a pista errada. Reba não fugiu, tenho certeza disso. E eu não tive nada a ver com o que aconteceu a ela.

Um investigador jamais deveria acreditar em ninguém, pensou Muse. Essa era a regra. Ela já havia interrogado suspeitos cujos talentos de ator deixariam Robert De Niro desempregado para o resto da vida. Mas até então as evidências favoreciam Neil Cordova e, se pudesse confiar apenas nos próprios instintos, Muse diria que ele estava falando a verdade. De qualquer modo, naquele momento isso não tinha importância.

Ela havia convocado Cordova para identificar o corpo da outra vítima. Inimigo ou aliado, era só isto que ela precisava dele: cooperação.

– Sr. Cordova, não creio que o senhor tenha feito mal à sua mulher.

A expressão de alívio no rosto de Cordova surgiu e sumiu com a mesma rapidez. O problema não eram as suspeitas que possivelmente pesavam sobre ele, mas o desaparecimento da linda mulher daquelas fotografias.

– Alguma coisa vinha preocupando sua esposa nos últimos tempos?

– Nada de muito grave. Nossa filhinha de 8 anos, a Sarah… – emocionado, ele fechou os olhos e mordeu um dos dedos para conter o choro. – A Sarah está tendo uns probleminhas com a leitura. Já disse isso à polícia de Livingston, quando eles fizeram a mesma pergunta. Reba andava preocupada com isso.

Isso não ajudava muito, mas pelo menos ele estava falando.

– O senhor talvez estranhe a pergunta que vou lhe fazer agora – disse Muse.

Cordova se inclinou para a frente, desejando desesperadamente ser útil de alguma forma.

– Por acaso sua mulher chegou a comentar sobre alguma amiga, alguém que estivesse passando por algum tipo de dificuldade?

– Que tipo de dificuldade?

– Bem, vamos começar com isto: suponho que ninguém de suas relações esteja desaparecido.
– Desaparecido? Você quer dizer como Reba?
– Não quero dizer nada. Mas vamos dar um passo adiante: alguém do seu círculo de amigos por acaso está viajando, seja a trabalho ou de férias?
– Os Friedman foram para Buenos Aires, onde vão ficar por uma semana. Ela e Reba são muito amigas.
– Ótimo, ótimo. – Muse sabia que Clarence estava anotando tudo. Mais tarde ele investigaria se a Sra. Friedman de fato estava onde deveria estar. – Mais alguém?
– Preciso pensar – disse Neil e olhou para o alto, tentando puxar pela memória.
– Tudo bem, não é tão importante assim. Alguma coisa estranha com os amigos, algum tipo de encrenca?
– Reba contou que os Colder estão passando por uma crise no casamento.
– Ótimo. Mais alguma coisa?
– Tonya Eastman recentemente fez uma mamografia, mas ainda não conseguiu contar ao marido que está doente. Está com medo de ser abandonada. Pelo menos foi o que Reba disse. É isso que a senhora está querendo saber?
– Exatamente. Continue.
Neil Cordova relatou mais alguns casos e Clarence seguiu anotando. Depois de um tempo, Muse achou que era a hora de colocar o dedo na ferida.
– Sr. Cordova?
Ele levantou os olhos e Muse o encarou para dizer:
– Preciso que o senhor me faça um favor. Mas não quero me estender nas explicações, portanto…
– Inspetora – interrompeu ele.
– Sim?
– Deixe de rodeios. O que a senhora quer?
– Temos um corpo aqui. Seguramente *não* é a sua mulher. Você entendeu? *Não* é a sua mulher. Este corpo foi encontrado um dia antes do desaparecimento de Reba. Não sabemos quem é.
– E você acha que eu posso conhecê-la?
– Gostaria que o senhor desse uma olhada.
Cordova sentava-se muito ereto, com as mãos cruzadas sobre o colo.
– Muito bem – disse. – Vamos lá.
Muse havia cogitado mostrar-lhe algumas fotografias e poupá-lo do horror de examinar um cadáver naquelas condições. Mas as fotos geralmente não funcionavam. Se ao menos ela tivesse uma foto nítida do rosto, mas naquele caso o rosto havia passado por um moedor de carne e agora se resumia a uma massa disforme de fragmentos de osso e fibras esgarçadas. Muse também poderia mostrar fotos do tronco e passar os dados de peso e altura, mas sabia por experiência que isso também não adiantava muito.
Neil Cordova em nenhum momento havia estranhado o local escolhido para aquele interrogatório, o que era bastante compreensível. Eles se encontravam na Norfolk Street de Newark, no necrotério da prefeitura. Muse havia planejado tudo de modo que eles não perdessem tempo se deslocando. Ela abriu a porta e eles deixaram a sala. Cordova caminhava com a cabeça erguida e passos firmes, mas os ombros contavam outra história: Muse podia

percebê-los murchos sob o paletó.
O corpo estava pronto. Tara O'Neill, a legista, havia embrulhado o rosto com faixas de gaze. Isso foi a primeira coisa que Neil Cordova observou: as bandagens que faziam o cadáver parecer uma múmia de cinema. Ele quis saber o motivo daquilo.
– O rosto foi bastante desfigurado – explicou Muse.
– Então como vocês esperam que eu a reconheça?
– Talvez pelo porte, pela altura…
– Seria ótimo se eu pudesse ver o rosto.
– Não, não seria, Sr. Cordova.
Cordova engoliu em seco e olhou mais uma vez para o corpo à sua frente.
– O que aconteceu a ela?
– Sofreu um terrível espancamento.
Virando-se para Muse, ele perguntou:
– A senhora acha que algo parecido pode ter acontecido à minha mulher?
– Não sei.
Cordova fechou os olhos por um instante e procurou se controlar. Depois de um tempo disse:
– Tudo bem. Eu entendo.
– Sei que não deve ser fácil para o senhor – disse Muse.
– Estou bem, não se preocupe.
Muse pôde ver que ele estava com os olhos marejados. E quando o viu secá-los com a manga do paletó, igualzinho a um menino, precisou se controlar para não consolá-lo com um abraço. Esperou que ele voltasse o rosto para o cadáver.
– Então, sabe quem ela é?
– Acho que não.
– Não tenha pressa.
– O problema é que… bem, ela está nua. – Cordova olhava apenas para o rosto enfaixado, talvez por uma questão de pudor. – Quer dizer, mesmo que eu a conheça, com certeza nunca a vi desse jeito, a senhora entende?
– Claro. E o senhor acha que ajudaria em alguma coisa se tentássemos vesti-la?
– Não, não precisa. Mas se… – Cordova franziu as sobrancelhas.
– O que foi?
Os olhos de Cordova, até então plantados no pescoço, desceram na direção das pernas.
– Seria possível virá-la? – perguntou ele.
– De bruços?
– Sim. Mas só preciso ver o dorso das pernas.
Muse olhou para Tara O'Neill, que imediatamente convocou um funcionário do necrotério. Cautelosamente eles viraram o cadáver. Cordova deu um passo adiante. Muse ficou onde estava para não perturbá-lo. Tara O'Neill e o funcionário se afastaram da maca. Cordova foi descendo os olhos pelas pernas da morta até estacioná-los no calcanhar direito.
Onde havia uma marca de nascença.
Após alguns segundos, Muse quebrou o silêncio:
– Sr. Cordova?
– Sei quem ela é.

Muse esperou pelo nome. Trêmulo, Cordova cobriu a boca com uma das mãos e fechou os olhos.

– Sr. Cordova?

– É a Marianne – disse ele. – Meu Deus, é a Marianne.

27

NA LANCHONETE, A DRA. ILENE GOLDFARB se acomodou à mesa diante de Susan Loriman.

– Muito obrigada por ter vindo – disse Susan.

Elas haviam cogitado se encontrarem fora da cidade, mas no fim das contas foi Ilene quem vetou a idéia. Se porventura alguém as visse, acharia que eram apenas duas amigas almoçando juntas, atividade para a qual Ilene jamais tivera tempo, em razão da carga de trabalho no hospital, ou vontade, porque temia se tornar uma daquelas célebres "senhoras que almoçavam".

Mesmo quando os filhos eram pequenos, ela nunca havia se deixado seduzir pelos encantos tradicionais da maternidade. Nunca sentira vontade de abandonar a medicina para exercer o papel de mãe de forma mais tradicional. Pelo contrário: contara os dias para que a licença-maternidade terminasse e ela voltasse a trabalhar. E seus filhos não pareciam ter sido prejudicados por isso. Suas constantes ausências haviam contribuído para a formação de crianças bem mais independentes e preparadas para o mundo.

Pelo menos era o que dizia a si mesma.

Mas no ano anterior, durante uma festa em sua homenagem no hospital, com a presença de vários ex-residentes e estagiários, Ilene entreouvira a conversa entre sua filha Kelci e uma de suas melhores ex-alunas, que, depois de tecer muitos elogios à Dra. Goldfarb, sobretudo à sua dedicação, disse a Kelci que devia ser uma honra tê-la como mãe. Kelci, já com alguns drinques na cabeça, respondera: "Ela passou tanto tempo neste hospital, que nem tive a oportunidade de ver tudo isso."

Carreira. Maternidade. Casamento feliz. Ilene tinha administrado tudo isso com uma facilidade impressionante, não tinha?

Mas agora tudo estava ruindo. E, se o que aqueles agentes lhe disseram fosse verdade, até mesmo sua carreira estava em perigo.

– Alguma novidade com os bancos de doação? – perguntou Susan Loriman.

– Não.

– Dante e eu estamos empenhados numa coisa. Uma grande campanha de doação. Fui até a escola do Lucas. Jill, a filha de Mike, também estuda lá. Falei com alguns professores. Eles adoraram a idéia. Vamos fazer uma palestra no próximo sábado, ver se conseguimos o máximo de doadores.

– É, talvez isso ajude – concordou Ilene.

– E você ainda está procurando, não está? Quer dizer, ainda não é o caso de perdermos as esperanças, é?

Ilene simplesmente não estava para conversa.

– Também não é o caso de alimentá-las além da conta.

Susan Loriman mordeu o lábio inferior. Tinha uma beleza natural que era difícil não invejar. Ilene sabia que os homens ficavam desconcertados diante desse tipo de beleza. Até mesmo Mike traía na voz certo desconforto na presença de Susan Loriman.

A garçonete se aproximou com um bule de café. Ilene sinalizou para que ela servisse, mas

Susan perguntou que tipo de chá de ervas eles serviam. A garçonete olhou para ela como se estivesse diante de uma extraterrestre e Susan achou melhor se contentar com qualquer chá que eles tivessem. A garçonete voltou dali a pouco com um saquinho de Lipton e despejou a água fervente na xícara.

Susan Loriman encarou sua xícara de chá como se ela contivesse algum segredo divino.

– Lucas foi um parto difícil – falou afinal. – Uma semana antes de ele nascer, peguei uma pneumonia e a tosse foi tão terrível que acabei quebrando uma costela. Tive de ser internada. A dor era surreal. Dante ficou do meu lado o tempo todo. Não me deixava sozinha de jeito nenhum.

Susan lentamente levou a xícara aos lábios, usando ambas as mãos como se erguesse um pássaro ferido.

– Quando descobrimos que Lucas estava doente, fizemos uma reunião de família e Dante assumiu o papel do pai corajoso, dizendo que íamos superar juntos toda essa situação. "Temos o sangue dos Loriman", ele ficava repetindo. Mas depois, naquela mesma noite, saiu para o jardim e deu um grito tão forte que achei que ia se machucar.

– Sra. Loriman?

– Por favor, me chame de Susan.

– Susan, eu já entendi. Seu marido é um pai exemplar. Trocava fraldas e dava banho no bebê. Treinava a equipe de beisebol do jardim-de-infância e ficaria arrasado se descobrisse que não é o pai do garoto. É mais ou menos isso, não é?

Susan Loriman tomou mais um gole do chá. Ilene ficou pensando em Herschel e em sua pergunta: o que havia sobrado do casamento deles? Chegou a desconfiar que ele estivesse tendo um caso, certamente com a recepcionista recém-divorciada, que ria de todas as piadas dele.

"O que sobrou, Ilene…?"

Um homem que faz uma pergunta dessas certamente já considera o casamento falido há muito tempo. Ilene simplesmente não percebera enquanto ainda podia tomar alguma providência.

– Você não está entendendo – disse Susan.

– Nem sei se preciso. Você não quer que ele saiba. Já sei disso. Também entendo que Dante possa ficar magoado, que sua família corre o risco de se desmanchar. Portanto, me poupe. Realmente não tenho tempo para isso. Eu poderia ficar horas lhe passando um sermão, dizendo que você deveria ter pensado em todas essas coisas nove meses antes de o Lucas nascer, mas estamos num fim de semana, no meu momento de descanso. Além disso, tenho meus próprios problemas. E, para ser muito sincera, Sra. Loriman, não me importo nem um pouco com os seus tropeços morais. Mas me importo, sim, com a saúde do seu filho. E fim de papo. Ponto final. Se para resolver o problema dele eu tiver de destruir seu casamento, vou lá e assino pessoalmente a papelada do seu divórcio. Estamos entendidas?

– Estamos.

Susan baixou os olhos. Decoro: uma palavra que Ilene conhecia, mas que jamais havia compreendido direito. Era isso que ela via naquele momento. Quantos homens não ficariam desconcertados – ou *haviam ficado* desconcertados – diante daquela visão?

Ilene tinha consciência de que não podia levar o caso de Susan Loriman para o lado pessoal. Respirou fundo e tentou enxergar além de suas próprias posições: a repulsa pelo adultério, as dúvidas sobre o futuro sem o homem que escolhera para sua vida, as preocupações com a

carreira, as perguntas que tivera de responder aos agentes federais.

– Por outro lado – disse –, não vejo motivo para que ele fique sabendo.

Susan levantou os olhos, que agora denotavam uma ponta de esperança.

– Poderíamos falar com o pai biológico discretamente – sugeriu Ilene. – Pedir que ele faça um exame de sangue.

As esperanças de Susan desapareceram.

– Impossível – disse ela.

– Por quê?

– Porque sim.

– Bem, Susan, isso é tudo o que posso fazer por você – disse Ilene, agora incisiva. – Estou tentando ajudá-la. Não vim aqui para ouvir você exaltar as qualidades do seu marido traído. Me interesso pela sua dinâmica familiar, sim, mas só até certo ponto. Sou a médica de seu filho, não sua analista, muito menos pastora de uma igreja qualquer. Se você precisa de compreensão ou de perdão, então está falando com a pessoa errada. Quem é o pai do Lucas afinal?

Susan fechou os olhos e disse:

– Você não está entendendo.

– Se você não me der um nome, vou ter de contar tudo a seu marido. – Ilene não havia planejado dizer isso, mas se deixou levar pela irritação. – Você está colocando os seus segredos pessoais acima da saúde de seu filho. Isso é inadmissível.

– Por favor…

– Quem é o pai, Susan?

Susan mordeu o lábio com força.

– Quem é o pai? – insistiu Ilene.

Por fim, Susan respondeu:

– Não sei.

Ilene Goldfarb levou um susto. A resposta ficou ali entre as duas, jogada à mesa, um abismo que Ilene não sabia como transpor.

– Entendo.

– Não, não entende.

– Você tinha mais de um amante. Sei que é difícil de admitir, mas… Vamos falar com todos eles, sei lá.

– Eu não tinha mais de um amante. Aliás, não tinha amante nenhum.

Ilene esperou, incapaz de prever o que estava por vir.

– Fui estuprada.

28

MIKE SENTOU-SE NA SALA DE INTERROGATÓRIO e tentou ficar calmo. Na parede à sua frente havia um grande espelho retangular. Ele supôs que na verdade se tratava de uma janela de vidro espelhado. As demais paredes eram daquele verde típico dos banheiros de escola, e o chão, de linóleo cinza.

Havia mais dois homens na sala. Um deles estava sentado num dos cantos, amuado feito uma criança que acabara de levar uma bronca; cabisbaixo, segurava uma caneta e uma prancheta. O outro, um dos agentes que haviam brandido credenciais e armas diante do Club Jaguar, era negro e ostentava um brinco de diamante na orelha esquerda, andava de um lado para outro segurando um cigarro apagado.

– Sou o agente especial Darryl LeCrue – disse ele. – Este aqui é Scott Duncan, o vínculo entre a DEA e a promotoria da república. Alguém já leu os seus direitos?

– Já, sim.

– E está disposto a falar conosco?

– Estou.

– Por favor assine o termo de renúncia.

Mike assinou. Em outras circunstâncias, não teria feito isso. Sabia que Mo ligaria para Tia e que ela chegaria dali a pouco com um advogado ou disposta a advogar ela mesma. Em tese, deveria permanecer em silêncio até que eles chegassem, mas agora não se importava com nada disso.

LeCrue ainda perambulava pela sala.

– Por acaso você sabe por que foi trazido até aqui? – perguntou.

– Não.

– Nem faz idéia?

– Nenhuma.

– O que você estava fazendo no Club Jaguar hoje?

– Por que vocês estavam me seguindo?

– Dr. Baye?

– Sim.

– Eu fumo, sabia?

Mike ficou intrigado com a pergunta.

– Estou vendo o cigarro.

– E ele por acaso está aceso?

– Não.

– Acha que isso me deixa feliz?

– Eu não saberia dizer.

– O que quero dizer é o seguinte: eu costumava fumar nesta sala. Não porque quisesse intimidar os suspeitos ou soprar fumaça na cara deles, embora às vezes fizesse isso também. Não. Eu fumava porque gostava. Porque fumar me deixava relaxado. Mas agora eles aprovaram

todas essas novas leis e eu não posso mais fumar aqui. Ouviu o que eu disse?
– Claro que ouvi.
– Em outras palavras, a lei não me deixa mais relaxar. E isso me aborrece. Preciso dos meus cigarros. Portanto, quando estou aqui, sou um homem mal-humorado. Fico segurando este cigarro, doido para acendê-lo. Mas não posso. É como levar o cavalo até o riacho e não deixar que ele beba água. Mas não estou falando isso para que você fique com pena de mim. Quero apenas que você entenda como são as coisas, porque já está começando a me irritar. – Ele esmurrou o tampo da mesa, mas não alterou o tom de voz. – Não vou responder às suas perguntas. É você que vai responder às minhas. Estamos entendidos?
– Talvez eu devesse esperar pelo meu advogado – disse Mike.
– Ótimo. – LeCrue se virou para o amuado Duncan e disse: – Scott, por acaso temos o suficiente para colocá-lo em cana?
– Temos.
– Perfeito. Então vamos fazer isso. Deixe-o no sistema durante o fim de semana. Quando você acha que vai ser a audiência de fiança?
Duncan deu de ombros.
– Daqui a algumas horas. Ou talvez ele tenha de esperar até amanhã de manhã. Mike tentou apagar o pânico do rosto.
– Qual é a acusação? – perguntou.
LeCrue deu de ombros.
– Sei lá. A gente arranja alguma coisa, não é, Scott?
– Com certeza.
– Tudo depende de você, Dr. Baye. Você deve estar doido para sair daqui. Então, que tal começarmos de novo? Vamos lá. O que você estava fazendo no Club Jaguar?
Mike poderia argumentar mais um pouco, mas concluiu que esse não seria o melhor passo. Tampouco esperar por Tia. Ele precisava sair dali. Precisava encontrar Adam.
– Procurando meu filho.
Para surpresa de Mike, o agente especial não seguiu nessa linha de raciocínio. Em vez disso, meneou a cabeça e perguntou:
– Você estava prestes a se meter numa briga, não estava?
– Estava.
– Isso por acaso ia ajudá-lo a encontrar seu filho?
– Eu esperava que sim.
– Como?
– Eu estive naquelas redondezas ontem à noite – Mike começou a explicar.
– Sim, nós sabemos.
Mike surpreendeu-se.
– Vocês estavam me seguindo ontem também?
LeCrue sorriu, ergueu o cigarro apagado como sinal de advertência e arqueou as sobrancelhas.
– Fale um pouco mais sobre seu filho – pediu.
O sinal de alerta disparou. Mike não estava gostando nada daquilo: das ameaças, do fato de ter sido seguido, mas, sobretudo, da maneira como LeCrue havia perguntado sobre Adam. Por

outro lado, o que ele poderia fazer?

– Ele está desaparecido. Achei que pudesse estar no Club Jaguar.

– Por isso você foi até lá ontem à noite?

– Foi.

– Achou que ele pudesse estar lá?

– Sim.

Mike estava disposto a lhes dar praticamente todas as informações. Não tinha nenhum motivo para não fazê-lo: já havia contado a mesma história no hospital e na delegacia.

– Por que você estava tão preocupado com ele?

– Tínhamos combinado de ir ao jogo dos Rangers ontem à noite.

– O time de hóquei?

– Exatamente.

– Eles perderam, sabia?

– Não, não sabia.

– Mas o jogo foi muito bom. Muita pancadaria. – LeCrue sorriu novamente. – Sou um dos poucos negros que acompanham o hóquei. Antes eu adorava o basquete, mas agora fico de saco cheio com esse campeonato da NBA. Muitas faltas, sabe como é?

Mike deduziu que ele estivesse tentando desarmá-lo com alguma tática especial de interrogatório.

– Ahã – falou.

– Pois bem, então seu filho não apareceu e você foi para o Bronx atrás dele, certo?

– Certo.

– E foi atacado por lá.

– Isso. – Mike subitamente se deu conta de uma coisa: – Se vocês estavam lá, me vigiando, por que não foram me ajudar?

– Quem disse que estávamos vigiando? – devolveu LeCrue.

Scott Duncan levantou o rosto e acrescentou:

– Quem disse que não ajudamos?

Silêncio.

– Você já tinha estado naquele lugar antes?

– No Club Jaguar? Não.

– Nunca?

– Nunca.

– Só para deixar tudo bem claro: você está me dizendo que, antes de ontem à noite, nunca esteve no Club Jaguar.

– Nem mesmo ontem à noite.

– Como assim?

– Não cheguei a ir lá ontem. Fui atacado antes disso.

– E como você foi parar naquele beco?

– Estava seguindo uma pessoa.

– Quem?

– O nome dele é DJ Huff. Um colega de escola do meu filho.

– Então, você está dizendo que nunca pisou no Club Jaguar antes de hoje, certo?

Mike tentou apagar da voz qualquer sinal de impaciência.

– Isso mesmo – disse. – Olhe, agente LeCrue, por acaso seria possível abreviarmos essa nossa entrevista? Meu filho está desaparecido. Estou preocupado com ele.

– Claro que está. Portanto, não vamos perder mais tempo. E quanto a Rosemary McDevitt, a presidente e fundadora do Club Jaguar?

– O que tem ela?

– Quando foi que vocês se conheceram?

– Hoje.

LeCrue virou-se para Duncan:

– Dá para engolir essa, Scott?

Scott Duncan levantou a mão e, com a palma para baixo, fez sinal de mais ou menos.

– Por favor, ouçam – disse Mike, fazendo o possível para não suplicar. – Preciso sair daqui e encontrar meu filho.

– Você não confia na polícia?

– Claro que confio. Mas suponho que meu filho não seja uma prioridade para ela.

– Muito justo. Mas diga uma coisa. O senhor sabe o que é uma *pharm party?*

Mike pensou um instante.

– Tenho a impressão de já ter ouvido falar, mas não sei exatamente onde.

– Talvez eu possa ajudá-lo, Dr. Baye. Você é médico, não é?

– Sou.

– Então merece o "doutor". Fico puto quando tenho de chamar qualquer imbecil de "doutor" só porque o cara tem um diploma: esse pessoal que é Ph.D., o quiroprático da esquina, até o cara que me ajuda com as lentes de contato na Pearle Express. É muito chato. É ou não é?

Mike tentou trazê-lo de volta ao assunto.

– O senhor estava falando de *pharm parties*.

– Ah, sim. Você está com pressa e eu fico aqui, enrolando. Vamos lá. Como médico, você deve saber muito bem que os medicamentos custam os olhos da cara, não sabe?

– Sei.

– Então deixe-me explicar o que é uma *pharm party*. Resumindo, o negócio é o seguinte: os garotos vão lá no armário de remédios dos pais e roubam o que encontram ali. Hoje em dia todo adulto tem algum medicamento de tarja preta em casa: Vicodin, Adderall, Ritalin, Xanax, Prozac, OxyContin, Percocet, Demerol, Valium… Então, o que os garotos fazem? Roubam os remédios e se reúnem num lugar qualquer e cada um põe o que roubou numa tigela; fazem uma espécie de granola, sabe, só que de comprimidos tarja preta. E depois mandam tudo para dentro.

LeCrue se calou e só então pegou uma cadeira. Virando-a ao contrário, ele se sentou e cruzou os braços sobre o espaldar. Encarou Mike, que nem sequer piscou.

Após alguns segundos, Mike disse:

– Então agora eu sei o que é uma *pharm party*.

– É, agora você sabe. Pois bem, é assim que a coisa começa. Um bando de garotos se reúne e pensa, ei, essas drogas são legais, não é feito maconha ou cocaína. É possível que o irmãozinho de um deles tome Ritalin porque é hiperativo, ou que o pai tome OxyContin por causa das dores no joelho operado. Portanto, na cabeça deles, essas drogas deveriam ser seguras.

– Entendo.

– Entende mesmo?
– Claro.
– Percebe como é fácil? E você, Dr. Baye, tem algum desses remédios em casa?
Mike pensou nos próprios joelhos e no frasco de Percocet que guardava no armário do banheiro. Quase nunca tomava esses comprimidos e dificilmente perceberia se um ou outro sumisse. Pensou também naqueles pais que não tinham qualquer informação sobre os remédios que tomavam. Será que ficariam preocupados caso dessem pela falta de uma cartela, por exemplo?
– Como o senhor mesmo disse, todo mundo tem um tarja preta em casa – respondeu.
– Certo, então raciocine comigo. Pense num garoto, digamos… num garoto com espírito empreendedor, certo? Ele sabe como esses remédios são caros. Sabe que essas festinhas acontecem. Então, o que ele faz? Dá um passo à frente e tenta embolsar um dinheirinho. Digamos que abra uma banca e comece a receber um percentual dos lucros. Talvez incite os amigos a roubarem ainda mais comprimidos da casa dos pais. De repente pode até conseguir alguma coisa para colocar no lugar.
– Como o quê, por exemplo?
– Ora, se os comprimidos são brancos, basta substituí-los por uma aspirina. Quem é que vai notar a diferença? Ou então por comprimidos de açúcar, que não servem para nada a não ser confundir os outros. Está vendo? Quem vai notar? Tem um mercado negro enorme para esses remédios. Dá para levantar uma bela grana. Mas nosso garoto é um empreendedor. Não quer uma festinha qualquer com meia dúzia de gatos pingados. Quer algo bem maior. Centenas de garotos, talvez milhares. Como numa boate, por exemplo.
Mike estava começando a entender.
– Você acha que é isso que o Club Jaguar está fazendo – disse.
Subitamente lembrou-se de que Spencer Hill havia se suicidado com comprimidos roubados de casa. Pelo menos era isso que diziam, que ele havia assaltado o armário de remédios dos pais e morrido de overdose.
LeCrue fez que sim com a cabeça e prosseguiu.
– Mas se o nosso garoto for mesmo um empreendedor, ainda não vai se dar por satisfeito. Vai querer ir além. Todos os remédios têm algum valor no mercado negro, certo? Pode ser aquela velha Amoxicilina que ele mesmo nunca terminou de tomar. Ou o Viagra extra do vovô. Ninguém sabe direito o que tem em casa, não é verdade?
– Quase ninguém.
– Então. Se um ou outro comprimido estiver faltando, os pais vão achar que é a farmácia que está passando a perna neles, ou então vão pensar que se confundiram com as datas e acabaram tomando mais do que deviam. É quase impossível descobrir que por trás desses sumiços existe um adolescente ladrão. Percebe como o plano é brilhante?
Mike já ia perguntando o que aquilo tinha a ver com ele e Adam, mas achou melhor se conter.
Inclinando-se para frente, LeCrue sussurrou:
– Então, doutor? Quer saber o que mais faria um garoto com espírito empreendedor?
– LeCrue? – Era Duncan.
LeCrue se virou para ele.
– Diga, Scott.

– Você gosta mesmo dessa palavra. Empreendedor.
– Gosto. – Ele se virou para Mike. – E você, doutor, também não gosta?
– É uma bela palavra.
LeCrue deixou escapar um risinho como se estivesse diante de um velho amigo.
– Bem, seja como for – prosseguiu –, um garoto inteligente, e sobretudo *empreendedor*, vai sempre dar um jeito de conseguir mais drogas na própria casa. Como? Pode, por exemplo, ligar para a farmácia e pedir uma reposição antes da hora. Se os pais trabalharem fora e ele estiver sozinho em casa na hora da entrega, vai embolsar os comprimidos e os pais nunca ficarão sabendo. Por quê? Porque quando eles mesmos ligarem para a farmácia e não conseguirem fazer a reposição, vão achar que se confundiram de alguma forma, ou que a farmácia se enganou, sei lá. Está vendo? Uma vez começado o negócio, são muitas as possibilidades de embolsar uma boa grana. É quase infalível.
A pergunta mais óbvia rondava a cabeça de Mike: seria possível que Adam estivesse metido numa tramóia dessas?
– Mas quem deveríamos botar em cana? No meu lugar, o que você faria? Veja bem. Você tem um bando de garotos menores de idade. Todos ricos, com grana suficiente para pagar os melhores advogados. E o que foi que eles fizeram exatamente? Roubaram remédios perfeitamente lícitos de suas próprias casas. Quem se importa com isso? Mais uma vez: percebe como esse dinheiro é fácil?
– Acho que sim.
– Você *acha*, Dr. Baye? Ora, vamos deixar de encenação. Você não acha. Você sabe. É um plano quase perfeito. Mas você certamente também sabe como costumamos agir aqui, nesta agência. Não corremos atrás dos peixes pequenos. Portanto não vamos sair por aí prendendo um grupo de garotos burros que não fazem outra coisa além de chapar. Queremos o peixe grande. O tubarão. Mas se o nosso tubarão for inteligente, ele… Vamos mudar para "tubaroa", o.k.? Não quero ninguém me acusando de preconceito depois. Pois bem: se a nossa tubaroa for inteligente, vai deixar que os garotos menores de idade cuidem da distribuição dos comprimidos. Talvez esses góticos que andam por aí, esses que ainda precisam subir um nível na cadeia alimentar para merecerem ser chamados de otários. Eles se sentiriam importantes. E se a nossa tubaroa for uma dessas gostosonas do crime… ah, nesse caso provavelmente é capaz de fazer com que os bostinhas comam na mão dela, está entendendo?
– Estou – disse Mike. – O senhor acha que é isso que Rosemary McDevitt está fazendo no Club Jaguar. Ela tem essa boate e todos esses garotos que freqüentam o lugar legalmente. Por um lado faz sentido.
– E por outro?
– Uma mulher que perdeu um irmão de overdose dificilmente traficaria remédios, o senhor não acha?
LeCrue sorriu ao ouvir isso.
– Quer dizer então que ela contou esse melodrama para você também – disse. – A ladainha do irmão que não tinha uma válvula de escape e vivia se drogando até que um dia bateu as botas.
– Não é verdade?
– Pura ficção, até onde pudemos averiguar. Ela diz que é de uma cidadezinha chamada Breman, em Indiana, mas checamos todos os arquivos. Não houve nenhum caso como esse que

ela descreveu por lá.

Mike não disse nada.

Scott Duncan levantou os olhos de suas anotações e disse:

– Mas ela é muito gostosa mesmo.

– Sem dúvida – concordou LeCrue. – Primeira linha.

– Um homem é capaz de fazer muita besteira para agradar uma mulher daquelas.

– É mesmo, Scott. Aliás, esse é o *modus operandi* dela. Ela enfeitiça os garotos sexualmente. Não que eu fosse achar ruim ser um deles pelo menos um pouquinho, o doutor entende, não entende?

– Sinto muito, mas não entendo, não.

– Por quê? Você é gay?

Mike tentou não revirar os olhos.

– Tudo bem. Eu sou gay. Será que podemos continuar com isso?

– A moça usa os homens, doutor – disse LeCrue. – Não só os garotos idiotas. Homens mais espertos também. Mais velhos.

Ele se calou de repente e ficou esperando. Confuso, Mike olhou para Duncan e depois novamente para LeCrue.

– Espere aí – disse em seguida. – Essa é a parte em que levo um susto ao perceber que vocês estão falando de mim?

– E por que faríamos uma coisa dessas?

– Tenho certeza de que o senhor está prestes a me dizer.

Feito um ator de primeiro ano de faculdade, LeCrue abriu os braços e devolveu:

– Mas você não acabou de dizer que só conheceu Rosemary McDevitt hoje? Disse ou não disse?

– Disse.

– E acreditamos piamente. Portanto, me responda outra coisa. O trabalho no hospital, como vai?

Mike exalou um longo suspiro.

– Tudo bem. Vamos fazer de conta que fiquei desconcertado com essa sua súbita mudança de assunto. Não sei o que vocês acham que eu fiz. Suponho que seja algo relacionado ao Club Jaguar. Não porque eu realmente tenha feito alguma coisa, mas porque vocês teriam de ser muito burros para não perceberem isso. Em outras circunstâncias, eu esperaria pelo meu advogado antes de falar qualquer coisa. Ou pelo menos por minha mulher, que também é advogada. Mas como já disse um milhão de vezes, meu filho está desaparecido. Portanto, chega de conversa fiada. Diga logo o que você quer saber para que enfim eu possa voltar a procurá-lo.

LeCrue arqueou uma das sobrancelhas.

– Fico tão excitado quando um suspeito dá uma de macho para cima de mim… – disse. – E você, Scott, não fica excitado também?

– Meus mamilos estão durinhos – devolveu o outro.

– Bem, antes que alguém mele a cueca por aqui – disse LeCrue –, só tenho mais algumas perguntinhas e depois terminamos. Por acaso você tem um paciente chamado William Brannum?

Mais uma vez Mike pensou no que fazer e decidiu que era melhor colaborar.

– Não que eu me lembre.

– Você não se lembra dos nomes de todos os pacientes?
– Esse nome não me diz nada, mas talvez ele seja paciente da minha colega de consultório.
– Ilene Goldfarb?
Eles haviam investigado tudo sobre ele, pensou Mike.
– Ela mesma – disse.
– Já falamos com ela. A Dra. Goldfarb também não se lembra dele.
Mike se controlou para não fazer a pergunta óbvia: "O quê? Vocês foram falar com ela?" Tentou manter a calma. Eles já haviam procurado Ilene. Que diabos poderia estar acontecendo ali?
LeCrue abriu o mesmo sorriso de antes.
– Então, Dr. Baye? – disse. – Está pronto para saber qual é o próximo passo do nosso empreendedor?
– Claro.
– Ótimo. Vou lhe mostrar uma coisa.
LeCrue se virou para Duncan, que lhe passou uma pasta suspensa. Depois de colocar o cigarro apagado entre os dentes, LeCrue folheou o conteúdo da pasta com os dedos manchados de nicotina e de lá tirou uma folha de papel. Ele a colocou sobre a mesa e a empurrou na direção de Mike.
– Reconhece isto aqui? – perguntou.
Mike examinou a folha: era a fotocópia de uma receita. No topo estavam impressos os nomes dele e de Ilene, o número de registro de ambos e o endereço do NewYork-Presbyterian. A receita prescrevia OxyContin para William Brannum.
E estava assinada pelo Dr. Michael Baye.
– Então, reconhece? – insistiu LeCrue.
Mike fez um esforço e não respondeu.
– Porque a Dra. Goldfarb diz que não foi ela quem prescreveu isto aí, que o paciente não é dela.
LeCrue passou a Mike outra folha de papel. Uma segunda receita. Agora para Xanax. Também assinada pelo Dr. Michael Baye. Depois uma terceira.
– Algum desses nomes lhe diz alguma coisa?
Mike permaneceu mudo.
– Ah. Esta aqui é interessante. Quer saber por quê?
Mike olhou para ele.
– Porque foi prescrita para Carson Bledsoe. Sabe quem é?
Mesmo achando que talvez soubesse, Mike disse:
– Eu deveria?
– É o garoto de nariz quebrado que você estava empurrando quando chegamos.
O próximo passo do empreendedorismo, pensou Mike. Cravar as garras num filho de médico. Roubar blocos de receita e sair receitando por conta própria.
– Agora – prosseguiu LeCrue –, caso os ventos estejam soprando a seu favor, caso os deuses estejam sorrindo na sua direção, você vai perder o registro de médico e nunca mais voltará a praticar a medicina. Isso, claro, na melhor das hipóteses.
Agora Mike tinha certeza de que devia ficar calado.

– Sabe, estamos trabalhando neste caso faz muito tempo. Temos vigiado o Club Jaguar. Sabemos o que se passa por lá. Poderíamos prender uma meia dúzia de garotos riquinhos, mas, como disse antes, isso não adiantaria de nada. O importante é ceifar a cabeça. Ontem à noite fomos informados de que haveria uma reunião muito importante. Esse é o problema quando um empreendimento chega a esse ponto, Dr. Baye: é preciso intermediários. O crime organizado tem feito grandes investimentos neste mercado. Tem ganhado tanto dinheiro com o OxyContin quanto com a cocaína. Talvez mais. Porém, como eu ia dizendo, nós estávamos de olho. E então, ontem à noite, as coisas começaram a dar errado por lá. Você, o médico de plantão, resolveu dar as caras. E foi atacado. Voltou lá hoje e armou um barraco. Portanto, nosso receio, tanto da DEA quanto da promotoria, era que todo o esquema do Club Jaguar fosse desmantelado e que nós ficássemos de mãos vazias. Foi por isso que tivemos de entrar em ação.

– Não tenho nada a dizer.

– Claro que tem.

– Estou esperando pelo meu advogado.

– Você não quer seguir por esse caminho porque sabemos que não foi você quem passou estas receitas. Você não sabe, mas conseguimos examinar algumas de suas receitas legítimas. Comparamos as letras. Logo vimos que estas aí eram falsificações. Isso significa que ou você deu seu receituário para alguém, o que constitui um delito muito grave, ou alguém o roubou.

– Não tenho nada a dizer.

– O senhor não pode protegê-lo, Dr. Baye. Os pais sempre acham que podem. Sempre tentam a mesma coisa. Mas não dessa maneira. Todo médico que conheço guarda um ou dois receituários em casa. Caso precise atender alguém de lá. Não é difícil roubar comprimidos de um armário de remédios. Também não deve ser muito difícil roubar um receituário.

Mike ficou de pé.

– Vou embora já – disse.

– Vai porra nenhuma – disse LeCrue. – Seu filho é um daqueles garotos riquinhos de que eu estava falando, mas, depois de fazer o que fez, foi promovido à categoria de peixe grande. Para início de conversa, ele pode ser acusado de conspiração e distribuição de narcóticos da Categoria 2, o que pode resultar numa pena de até 20 anos em prisão federal. Mas não queremos seu filho. Queremos Rosemary McDevitt. Quem sabe possamos fazer um acordo?

– Estou esperando meu advogado.

– Tudo bem – disse LeCrue. – Porque seu advogado, ou melhor, sua adorável advogada, acabou de chegar.

29

ESTUPRADA.

O que se seguiu à declaração de Susan Loriman não foi exatamente um silêncio, mas uma espécie de chiado, uma sensação de despressurização da cabine, como se toda a lanchonete estivesse descendo rápido demais e as pessoas o sentissem nos ouvidos.

Estuprada.

Ilene Goldfarb ficou sem palavras. Já recebera muitas más notícias na vida e dera outras tantas, mas essa última informação a pegara de surpresa. Não encontrou outra saída senão recorrer ao protocolar e surrado:

– Sinto muito.

Os olhos de Susan não estavam simplesmente fechados, mas espremidos como os de uma criança. As mãos ainda seguravam a xícara de chá como se a protegessem. Ilene chegou a pensar em consolá-la com um carinho no braço, mas se conteve. A garçonete quis se aproximar, mas Ilene a deteve com um gesto de cabeça. Susan mantinha os olhos fechados.

– Nunca contei ao Dante.

Um garçom passou com uma pilha de pratos sobre uma bandeja. Alguém pediu água. A mulher da mesa ao lado tentava bisbilhotar, mas Ilene a desencorajou com um olhar severo.

– Nunca contei a ninguém. Quando fiquei grávida, achei que o filho fosse do Dante. Pelo menos era isso que eu esperava. Depois, quando o Lucas nasceu, cheguei a desconfiar. Mas acho que bloqueei a verdade, sabe? Segui em frente. Já tem tanto tempo…

– Você não deu queixa do estupro?

Susan fez que não com a cabeça.

– Você não pode contar para ninguém – disse. – Por favor.

– Tudo bem.

Elas se calaram por um instante.

– Susan?

Ela ergueu a cabeça.

– Sei que tudo isso aconteceu há muito tempo… – disse Ilene.

– Onze anos.

– Certo. Mas talvez você devesse procurar a polícia.

– O quê?

– Se o agressor for pego, poderemos testá-lo. É bem possível que já tenha ficha na polícia. Os estupradores costumam ser recorrentes.

Susan balançou a cabeça e disse:

– Estamos promovendo essa campanha na escola e…

– Você tem idéia de qual é a chance de resolvermos nosso problema com essa campanha?

– Tem de dar certo.

– Susan, você precisa procurar a polícia.

– Por favor, não fale mais nisso.

Então uma idéia curiosa ocorreu a Ilene.

– Você conhecia o estuprador?

– O quê? Não!

– Você realmente deveria pensar no que estou dizendo.

– Ele não vai ser pego, o.k.? Agora preciso ir. – Susan levantou-se da mesa, mas antes de sair ainda disse: – Se eu achasse que isso poderia ajudar meu filho de alguma forma, claro que eu faria. Mas não pode. Por favor, Dra. Goldfarb. Me ajude com essa campanha dos doadores. Ou a encontrar qualquer outra solução. A senhora agora sabe da verdade. Não vai querer reabrir essa ferida.

♦♦♦

Em sua sala na escola, Joe Lewiston limpava o quadro-negro com uma esponja. Muitos aspectos do ensino haviam mudado ao longo dos anos, inclusive a substituição das lousas verdes pelos quadros de fórmica branca, mas Joe insistia em manter certos vínculos com o passado. Algo no chiado e no pó que o giz produzia o lembrava de quem ele era e do que fazia.

Joe usava a maior das esponjas, que naquele momento estava ensopada demais, fazendo com que fiapos de água estriassem o quadro. Ele perseguia esses fiapos com movimentos verticais da esponja, para cima e para baixo, tentando perder-se na simplicidade da tarefa.

Em vão.

Chamava aquela sala de “Terra do Lewiston”. Os garotos adoravam, mas não tanto quanto ele próprio. Joe queria muito ser diferente. Detestava a idéia de simplesmente chegar ali e dar aulas como um robô, cumprir o programa da matéria e depois ser completamente esquecido pelos alunos. Deixava que aquela sala fosse o lugar deles. A turma escrevia diários e ele também. Todos liam o que os outros escreviam. Joe nunca gritava. Quando alguém fazia alguma coisa digna de elogio, colocava uma estrelinha ao lado do nome do aluno; e quando precisava repreender alguém, retirava uma estrelinha. Simples assim. Não gostava de chamar a atenção para este ou aquele aluno em particular, nem para o bem e muito menos para o mal.

Via os outros professores envelhecerem, perdendo o entusiasmo a cada aula. Joe, por sua vez, procurava se renovar sempre. Nas aulas de história, se vestia a caráter. Nas de matemática, promovia caças ao tesouro em que os meninos tinham de resolver determinado problema antes de receber a pista seguinte. Certa vez, sua turma fizera um filme. Aquela sala, a Terra de Lewiston, estava cheia de boas recordações, mas também havia a triste memória daquele dia em que ele deveria ter ficado em casa porque ainda sofria com a gastrenterite e o ar-condicionado havia quebrado e ele se sentia um lixo e começava a ficar febril e…

Por que ele dissera aquilo? Santo Deus, que coisa horrível para se dizer a uma criança.

Ele ligou o computador. Com as mãos trêmulas, digitou o endereço do site da escola de sua mulher. A senha agora era JoeLovesDolly.

Não havia nada de errado com o e-mail dela.

Dolly não tinha muita desenvoltura com os computadores e com a internet. Joe havia logado mais cedo e alterado a senha dela. Por isso ela tinha dito que seu e-mail não estava “funcionando” direito. Jamais conseguiria se conectar com a senha errada.

Só agora, na reclusão da sala que ele tanto amava, foi que Joe Lewiston enfim pôde checar a

caixa de entrada de sua mulher. Torcia para não encontrar uma nova mensagem daquele remetente.

Mas encontrou.

E mordeu os lábios para não gritar. Não conseguiria continuar enganando Dolly por muito tempo. Ela certamente iria querer saber o que havia de errado com seu e-mail. Talvez tivesse só mais um dia. E para Joe, isso não era tempo suficiente.

Tia levou Jill de volta para a casa de Yasmin. Guy Novak não pareceu surpreso nem chateado. De qualquer modo, ela não tinha tempo para pensar em amenidades sociais naquele momento. Foi direto para o escritório de campo do FBI, no número 26 da Federal Plaza. Hester Crimstein chegou quase ao mesmo tempo. Elas se encontraram na sala de espera.

– Não vá misturar os papéis, está bem? – disse Hester. – O seu é o da esposa devotada. E o meu é o da grande diva, que só veio dar uma canja como advogada, entendeu?

– Entendi.

– Não abra o bico lá dentro. Deixe que eu cuido de tudo.

– Foi por isso que chamei você.

Hester Crimstein seguiu na direção da porta. Tia foi atrás dela. Hester entrou sem bater e encontrou Mike sentado junto da mesa. Dois outros homens também estavam na sala. Um deles estava sentado no canto. O outro rondava Mike. Este último, ao vê-las entrar, empertigou o tronco e disse:

– Olá. Sou o agente especial Darryl LeCrue.

– Não interessa – cuspiu Hester.

– Perdão?

– Não perdôo, não. Meu cliente está preso?

– Temos motivo para acreditar que…

– Não interessa. Fiz uma pergunta direta. Basta um “sim” ou um “não” para respondê-la. Meu cliente está preso?

– Esperamos que isso não vá…

– Já disse que não interessa. – Hester olhou para Mike. – Dr. Baye, por favor saia imediatamente. Sua mulher o acompanhará até a ante-sala, onde poderão esperar por mim.

– Espere um instante, Sra. Crimstein – protestou LeCrue.

– O senhor me conhece?

LeCrue deu de ombros e disse:

– É, conheço.

– De onde?

– Da televisão.

– Quer o meu autógrafo?

– Não.

– Por que não? Não importa. Eu não ia dar mesmo. Meu cliente está dispensado por ora. Se vocês quisessem prendê-lo, já o teriam feito. Portanto, ele vai sair da sala e nós dois vamos ter uma conversinha. Se eu julgar necessário, mandarei trazê-lo de volta para falar com o senhor.

Fui clara?

LeCrue olhou para o colega sentado no canto.

– A resposta correta – disse Hester – é “Claríssima, Sra. Crimstein”. – Depois, dirigindo-se a Mike, emendou: – Agora saia.

Mike se levantou e saiu acompanhado de Tia. Na ante-sala, a primeira coisa que quis saber foi:

– Onde está a Jill?

– Na casa da Yasmin.

Mike respirou aliviado.

– Vai me contar tudo o que houve? – disse Tia.

Mike colocou a esposa a par dos últimos acontecimentos: a visita ao Club Jaguar, o encontro com Rosemary McDevitt, a briga que ia começar na calçada, o interrogatório, a história das *pharm parties*.

– Club Jaguar… – disse Mike assim que terminou. – Lembra-se daquelas mensagens entre o Adam e o tal…

– CeeJay8115 – completou Tia.

– Certo. *Cee Jay*. CJ. Não são as iniciais de uma pessoa. São as do Club Jaguar.

– E o 8115, o que será?

– Não sei. Talvez haja um monte de CJs por aí.

– Então você acha que pode ser ela? Essa tal de… Rosemary?

– Acho.

Tia refletiu um instante.

– Muita coisa faz sentido – disse. – Spencer Hill roubou remédios do pai, foi assim que se matou. Talvez ele tenha morrido numa dessas festas de que você falou. Talvez essa festa estivesse acontecendo no telhado da escola.

– Você acha que o Adam estava lá?

– As coisas se encaixam. Eles estavam fazendo uma dessas *pharm parties*. Misturaram os comprimidos achando que era seguro e…

Ambos se calaram por um tempo.

– Será que a morte do Spencer foi suicídio mesmo? – indagou Mike.

– Ele mandou aquelas mensagens…

Houve um instante de silêncio. Não queriam pensar nas demais possibilidades.

– Precisamos encontrar o Adam – disse Mike. – Vamos nos concentrar nisso, o.k.?

Tia assentiu com a cabeça. A porta da sala de interrogatório se abriu e Hester veio caminhando na direção deles.

– Aqui, não – foi logo dizendo. – Vamos conversar lá fora.

Passou direto por Mike e Tia, que rapidamente se levantaram para segui-la. Mesmo no elevador, ela se recusou a falar. Chegando ao térreo, irrompeu no saguão e foi marchando a passos largos rumo à porta giratória do prédio, ainda seguida pelos dois.

– Vamos para o meu carro.

O carro era uma limusine amplamente equipada, com televisão, taças de cristal e decantador de vinho. Hester cedeu-lhes o melhor lugar, o banco de frente para o motorista, e se acomodou no outro.

– Não confio mais nesses prédios do governo – disse. – Tudo é monitorado. – E dirigindo-se a Mike, emendou: – Suponho que você já tenha contado tudo à sua mulher.
– Contei.
– Bem, então vocês já estão por dentro de tudo. O FBI tem em mãos uma dezena de receitas aparentemente falsas assinadas pelo senhor, Dr. Baye. O pessoal desse Club Jaguar foi bastante esperto ao usar uma ampla gama de fornecedores: farmácias na cidade, fora da cidade, fora do estado, a internet, tudo. Nas reposições também. A tese do FBI é bastante óbvia.
– Eles acham que Adam roubou meu receituário – disse Mike.
– Isso. E têm uma quantidade razoável de evidências.
– Como o quê?
– Sabem, por exemplo, que seu filho costumava freqüentar essas festinhas regadas a comprimidos. Pelo menos é o que dizem. Além disso, estavam diante do Club Jaguar ontem à noite. Eles viram Adam entrar e mais tarde viram você na rua também.
– Viram quando fui atacado?
– Alegam que o senhor entrou num beco escuro e só mais tarde ficaram sabendo do que aconteceu por lá. Estavam vigiando o clube.
– Quer dizer que Adam estava lá?
– Foi o que eles disseram. Mas se recusaram a dar mais detalhes. Não disseram, por exemplo, se o viram sair. Mas de uma coisa vocês podem ter certeza: eles estão loucos para encontrar seu filho. Precisam dele como testemunha no processo contra o Club Jaguar, ou seja lá quem for o cabeça da coisa. Adam é só um garoto, disseram. Se cooperar, só vai levar umas palmadinhas no bumbum.
– E o que você disse? – interveio Tia.
– Primeiro dei o texto de praxe. Neguei que seu filho soubesse dessas festinhas e sobretudo dessas receitas. Depois perguntei qual seria a proposta deles em termos de acusações e penas. Disseram que ainda não estavam em condições de dar detalhes.
– Adam jamais roubaria o receituário do pai – disse Tia. – Não faria uma burrice dessas.
Hester encarou-a com uma expressão de condescendência. Tia imediatamente se deu conta da ingenuidade de seu comentário.
– Você sabe como a banda toca – disse Hester. – Não importa o que você ou eu achamos. Estou dizendo qual é a tese deles. E eles têm um trunfo. O senhor, Dr. Baye.
– Como assim?
– Eles fingem que não estão totalmente convencidos de que o senhor não estava por dentro de tudo. Disseram, por exemplo, que na noite passada o senhor estava a caminho do Club Jaguar quando bateu de frente com uma gangue que circula por lá. Como o senhor poderia saber do clube se não estivesse envolvido? Por que o senhor estava naquelas redondezas?
– Eu estava procurando meu filho.
– E como o senhor sabia que seu filho estava lá? Não precisa responder, nós já sabemos. Só estou querendo ilustrar o que eles podem fazer. Podem alegar, entre outras coisas, que o senhor é cumplice dessa tal de Rosemary McDevitt. O senhor é adulto, é um médico respeitado. Pegaria uma bela sentença e daria excelentes manchetes para a força-tarefa que o prendesse. E antes que o senhor cometa a sandice de se oferecer para assumir a responsabilidade pelo seu filho, lembre-se de que eles podem dizer que os dois, o senhor e Adam, estavam agindo em

parceria. Podem dizer que foi o Adam quem começou com a história toda, indo às festinhas. Mais tarde, ele e a moça do Club Jaguar viram a oportunidade de levantar uma grana extra com a ajuda de um médico de verdade. E foi aí que o senhor entrou.

– Isso é absurdo.

– Não, não é. Eles têm as receitas. Na opinião deles, isso é prova mais que suficiente. O senhor tem idéia do volume de dinheiro envolvido numa jogada dessas? Esse remédio, o OxyContin, custa uma fortuna. Está se tornando uma epidemia. E o senhor, Dr. Baye, daria um ótimo bode expiatório. Seria um excelente garoto-propaganda para uma campanha contra a irresponsabilidade médica. É possível que eu o tire da forca. Provavelmente vou tirar. Mas a que custo?

– Então, o que a senhora aconselha?

– Embora eu tenha horror à cooperação, talvez seja a melhor opção. Mas ainda é cedo para dizer. Agora precisamos encontrar o Adam. Sentar com ele e descobrir exatamente o que aconteceu. Só então teremos subsídios para tomar uma decisão.

Loren Muse entregou a fotografia a Neil Cordova.

– É a Reba – disse ele.

– Sim, eu sei – disse Muse. – Esta imagem foi feita por uma câmera de segurança da Target, onde sua mulher fez compras ontem.

Cordova levantou o rosto.

– E no que exatamente ela pode nos ajudar? – perguntou.

– Está vendo esta outra mulher aqui? – Muse apontou com o indicador.

– Estou.

– Sabe quem é?

– Acho que não. Por acaso você teria outra foto, num ângulo diferente?

Muse lhe entregou a segunda fotografia. Neil Cordova se concentrou na imagem, à procura de algo que pudesse ajudar concretamente na investigação. Não encontrou nada.

– Quem é ela? – perguntou.

– Uma testemunha viu sua mulher entrar numa van e em seguida viu outra mulher sair do estacionamento dirigindo o Acura de Reba. Pedimos a essa testemunha para assistir à gravação da câmera de segurança. Ela confirmou que a mulher era esta aí da foto.

Cordova examinou a imagem novamente.

– Não a conheço.

– Tudo bem, Sr. Cordova, obrigada. Volto já.

– Posso ficar com a foto? Caso eu me lembre de alguma coisa?

– Claro.

Ele voltou os olhos para a foto, ainda assustado com a identificação do cadáver de Marianne. Muse o deixou sozinho e saiu rumo à sala de Paul Copeland. Com a permissão da secretária do promotor, bateu à porta, e Copeland mandou que ela entrasse.

Cope sentava-se à mesa, diante de um monitor de vídeo. As salas de interrogatório da prefeitura não dispunham de vidros espelhados. Usavam câmeras de TV. Cope vinha

acompanhando a conversa com Cordova. Ainda olhava para o monitor.
– Temos notícias frescas – disse ele.
– O quê?
– Marianne Gillespie estava hospedada no Travelodge de Livingston. Deveria ter saído hoje de manhã. Também temos um funcionário do hotel que viu Marianne subir com um homem para o quarto.
– Quando?
– Ele não soube dizer ao certo, mas acha que deve ter sido há quatro ou cinco dias, logo depois de fazer o check in.
– Uau – exclamou Muse.
Cope não tirava os olhos do monitor.
– Talvez seja o caso de convocarmos uma coletiva com a imprensa. Podemos ampliar a imagem dessa mulher da foto e ver se alguém a reconhece.
– Pode ser. Detesto abrir as coisas para o público desnecessariamente.
Cope continuou avaliando Neil Cordova pelo monitor de TV. Muse cogitou o que poderia estar passando pela cabeça do promotor. Cope já havia enfrentado uma boa dose de tragédias, inclusive a morte de sua primeira mulher. Passeando os olhos pela sala, Muse viu cinco iPods novos, ainda na caixa, sobre a mesa.
– O que é isto? – perguntou.
– iPods.
– Eu sei. Mas são para quê?
Em nenhum momento Cope tirou os olhos da imagem de Cordova.
– Estou quase torcendo para que tenha sido ele – falou.
– Cordova? Não foi ele.
– Eu sei. Quase dá para sentir a dor dele.
Silêncio.
– Os iPods são para as madrinhas do casamento – disse Cope afinal.
– Que fofo – disse Muse.
– Talvez eu devesse falar com ele.
– Com o Cordova?
Cope fez que sim com a cabeça.
– É – disse Muse. – Talvez você possa ajudá-lo.
– Lucy adora canções tristes. Você sabe disso, não sabe?
Embora também fosse madrinha, Muse não conhecia Lucy há muito tempo; em muitos aspectos, não a conhecia de jeito nenhum. Mas disse que sabia, sim.
– Todo mês gravo um CD novo para ela – disse Cope, ainda encarando o monitor. – Sei que é meio brega, mas ela adora. Portanto, todo mês procuro as músicas mais tristes possíveis. Dessas de cortar os pulsos, sabe? Esse mês, por exemplo, gravei “Congratulations”, do Blue October, e “Seed”, do Angie Aparo.
– Nunca ouvi nenhuma das duas.
Cope sorriu e disse:
– Pois vai ouvir. Faz parte do presente. Todas essas músicas foram transferidas para este iPod que você vai ganhar.

– Ótima idéia – disse Muse, que não pôde deixar de sentir uma pontinha de inveja. Cope gravava CDs para sua amada. Que mulher de sorte!

– Antes eu ficava me perguntando por que Lucy gostava tanto dessas músicas, sabe? Ela apaga a luz, fica ouvindo e em pouco tempo já está chorando. A música tem esse efeito sobre ela. Eu não entendia isso. Sabe o que gravei para ela no mês passado? Uma canção da Missy Higgins. Você a conhece?

– Não.

– É ótima. Música da melhor qualidade. Nessa canção em particular, ela fala de um ex-amor. Diz que não suporta a idéia de que outra pessoa toque nele, mesmo sabendo que eles não estão mais juntos.

– Muito triste.

– Exatamente. E a Lucy está feliz agora, certo? Quer dizer, nós estamos tão bem. Finalmente encontramos um ao outro e vamos nos casar. Então, por que será que ela ainda gosta dessas músicas de dor-de-cotovelo?

– É para mim que você está perguntando?

– Não, Muse. Estou tentando lhe explicar algo. Durante muito tempo não entendi essa mania dela. Mas agora entendo. A tristeza das canções é um sofrimento seguro. Controlado. Quase uma diversão. Quando ouvimos uma música triste, ficamos imaginando que a dor real seja como aquela. Mas não é. Lucy sabe disso, claro. Não é possível se preparar para a dor real. Simplesmente nos deixamos dilacerar por ela.

O telefone tocou. Cope finalmente despregou os olhos do monitor e atendeu.

– Copeland – disse. Depois olhou para Muse. – Encontraram o parente mais próximo de Marianne Gillespie. É melhor você ir.

30

ASSIM QUE AS DUAS MENINAS SE VIRAM sozinhas no quarto, Yasmin começou a chorar.

– O que houve? – quis saber Jill.

Yasmin apontou para o computador e se sentou diante dele.

– As pessoas são tão ruins… – disse.

– Mas o que aconteceu?

– Vou lhe mostrar. É muita maldade.

Jill puxou uma cadeira e se acomodou ao lado da amiga, roendo uma unha.

– Yasmin? – disse.

– Fale.

– Estou preocupada com meu irmão. E alguma coisa aconteceu com meu pai também. Foi por isso que minha mãe me trouxe de volta para cá.

– Você não perguntou para ela?

– Perguntei, mas ela não quis me contar.

Yasmin enxugou as lágrimas, ainda digitando.

– Eles sempre querem nos poupar, não é?

Jill ficou na dúvida se Yasmin estava falando sério ou sendo irônica. Talvez um pouco das duas coisas. Yasmin voltou os olhos para a tela do computador e apontou.

– Aqui está. Dê uma olhada nisso.

Tratava-se de uma página do MySpace com o título de “Macho ou Fêmea, a história de XY”. O papel de parede exibia um bando de gorilas e macacos. Na lista de filmes prediletos encontravam-se *O Planeta dos Macacos* e *Hair*. A música de fundo era “Shock the monkey”, de Peter Gabriel. A página ainda incluía vídeos da National Geographic, todos falando de primatas. Um deles era um clipe do YouTube, chamado “O gorila dançarino”.

O pior de tudo, no entanto, era a foto de capa: um retrato de Yasmin com uma barba desenhada por cima.

– Não acredito… – sussurrou Jill.

Yasmin voltou a chorar.

– Como você encontrou isso?

– Marie Alexandra, aquela perua, me mandou o link. Com cópia para metade da turma.

– Quem criou essa página?

– Não sei. Mas aposto que foi ela. Na mensagem, ela parecia toda preocupada e tal. Mas dava até para ouvir os risinhos dela.

– Ela mandou para outras pessoas também?

– Mandou. Para Heidi, para Annie, para…

– Puxa, amiga – disse Jill, balançando a cabeça. – Eu sinto muito.

– Sente muito?

Jill não disse nada.

– Alguém vai ter de pagar por isso – vociferou Yasmin, vermelha de tanta raiva. Jill virou-se

para a amiga. Yasmin costumava ser uma menina tão meiga. Gostava de tocar piano, dançar, rir de filmes bobocas. Mas o que Jill viu naquele rosto agora foi a mais pura expressão da raiva. Ficou assustada. Tantas coisas tinham dado errado nos últimos dias… Seu irmão havia fugido, seu pai estava enfrentando alguma situação difícil e agora Yasmin sentia mais raiva do que nunca.

– Meninas?

Era o Sr. Novak, chamando lá de baixo. Yasmin enxugou as lágrimas. Abrindo a porta do quarto, ela berrou:

– Oi, pai!

– Estou fazendo pipoca.

– Vamos descer daqui a pouco.

– Que tal um passeio no shopping? Podemos ver um filme, vocês podem brincar no fliperama, sei lá. A Beth também vai. O que vocês acham?

– Só um minuto, pai. Já vamos descer.

Yasmin fechou a porta novamente.

– Papai precisa sair de casa. Está subindo pelas paredes.

– Por quê?

– Um negócio superestranho. A mulher do Sr. Lewiston esteve aqui hoje.

– Na sua casa? Mentira…

– Juro por Deus. – De olhos arregalados, Yasmin acrescentou: – Quer dizer, acho que era ela. Nunca a vi, mas ela estava dirigindo aquela lata-velha dele.

– Então, o que aconteceu?

– Eles começaram a discutir.

– Caramba.

– Não deu para ouvir, mas ela parecia furiosa.

Guy Novak gritou do andar de baixo:

– A pipoca está pronta!

Quando as meninas desceram, ele esperava por elas ao pé da escada, um sorriso forçado entre os lábios:

– Está passando o filme novo do Homem-Aranha no IMAX.

A campainha tocou.

Novak virou-se para trás, tenso.

– Pai?

– Eu atendo – disse ele.

Novak se dirigiu à porta da frente e as meninas o seguiram, mantendo certa distância. Beth também estava lá. Novak olhou através da portinhola, franziu o cenho e abriu a porta. Uma mulher se encontrava à soleira. Jill olhou para Yasmin. Aquela não era a esposa do Sr. Lewiston.

– Pois não? – disse Novak.

A mulher entreviu as meninas atrás dele e depois disse:

– O senhor é Guy Novak?

– Sim.

– Meu nome é Loren Muse. Será que podemos trocar uma palavrinha em particular?

♦♦♦

Loren Muse encontrava-se à porta dos Novak.

Avistou duas meninas atrás do dono da casa: uma certamente era a filha dele, e a outra, bem, talvez fosse da mulher atrás delas. Essa mulher, Muse logo viu, não era Reba Cordova. Não demonstrava nenhum traço de aflição, parecia bem relaxada. De qualquer modo, Muse ficou de olho nela, à procura de algum sinal de que ela estivesse ali a contragosto, coagida.

Não se via nenhum traço de sangue ou luta no hall. As meninas pareciam tímidas, mas, fora isso, estavam bem. Antes de tocar a campainha, Muse havia auscultado a porta. Não ouvira nada de incomum, apenas Guy Novak chamando as meninas para comer pipoca e ir ao cinema.

– Posso saber do que se trata? – perguntou Guy Novak.

– Acho que seria melhor se conversássemos em particular.

Muse enfatizou a palavra “particular”, na esperança de que ele entendesse. Mas ele não entendeu.

– Quem é você? – perguntou ele.

Muse não queria se identificar como policial diante das garotas, então se inclinou para frente, olhou rapidamente para elas e, encarando Novak, disse:

– Vamos conversar a sós, Sr. Novak.

A ficha finalmente caiu. Ele se virou para trás e disse:

– Beth, por favor, leve as crianças para comer pipoca na cozinha, o.k.?

– Claro.

Muse esperou que elas saíssem. Tentava decifrar Guy Novak. Ele parecia um tanto aflito, mas algo indicava que ele estava mais irritado com a visita inesperada do que realmente com medo.

Clarence Morrow e Frank Tremont estavam por ali com alguns outros policiais e, discretamente, investigavam a área. Ainda havia a remota hipótese de que Guy Novak tivesse seqüestrado Reba Cordova e a estivesse mantendo em cativeiro na própria casa, mas a cada segundo essa suspeita se revelava mais infundada.

Guy Novak não a convidou a entrar.

– Então?

Muse lhe mostrou suas credenciais.

– Você está brincando – disse. – Foram os Lewiston que chamaram você?

Muse não fazia idéia de quem eram os Lewiston, mas decidiu levar o assunto adiante. Inclinou a cabeça num gesto que podia dizer tanto “sim” quanto “não”.

– Não dá para acreditar. Tudo o que eu fiz foi passar de carro diante da casa deles. Mais nada. Desde quando isso é crime?

– Depende – disse Muse.

– Depende do quê?

– Das suas intenções.

Guy Novak ajeitou os óculos no rosto.

– Você sabe o que aquele homem fez com a minha filha?

Mais uma vez Muse não sabia de nada, mas estava claro que Guy Novak ficara exaltado ao tocar naquele assunto. Muse decidiu tirar proveito disso.

– Gostaria de ouvir seu lado da história – falou.

Então ele começou a desfiar um longo rosário sobre os absurdos que certo professor havia falado para sua filha. Muse ficou observando o rosto dele. Assim como na conversa com Neil Cordova, não detectou nenhum sinal de que Novak estivesse tentando ludibriá-la. Ele reclamava da injustiça cometida contra sua filha, Yasmin, mas sobretudo contra a impunidade do tal professor, que sequer fora chamado à atenção.

Assim que encontrou uma brecha, Muse perguntou:

– E sua mulher, o que acha dessa história toda?

– Não sou casado.

Muse já sabia disso.

– Ah, achei que a mulher que estava com as meninas…

– Beth. É só uma amiga.

Mais uma vez ela o encarou, esperando para ver o que mais conseguiria extrair dele.

Novak respirou fundo algumas vezes e então disse:

– Tudo bem, já entendi o recado.

– Recado?

– Suponho que os Lewiston tenham ligado para reclamar. Recado recebido. Vou discutir minhas opções com meu advogado.

Aquele caminho não a levaria a lugar nenhum, refletiu Muse. Hora de dar um passo à frente.

– Posso lhe perguntar mais alguma coisa?

– Claro.

– Como a mãe de Yasmin reagiu a tudo isso?

Novak aparentemente não gostou da pergunta.

– Que importância tem isso?

– É uma pergunta razoável, o senhor não acha?

– A mãe de Yasmin não participa muito da vida dela.

– Ainda assim. Num caso grave como esse…

– Marianne foi embora quando Yasmin era pequena. Mora na Flórida e só vê a filha umas quatro ou cinco vezes por ano.

– Quando foi a última vez que elas se viram?

Cada vez mais irritado, Novak disse:

– O que isso tem a ver com… espere aí, posso ver as suas credenciais outra vez? Muse passou-lhe a carteira da polícia. Dessa vez ele a examinou com atenção.

– Você é do condado de Essex?

– Sou.

– Se incomoda se eu ligar para a delegacia e verificar se isto aqui é legítimo?

– Fique à vontade. – Muse tirou do bolso um cartão de visita. – Aqui está.

Novak leu em voz alta:

– Loren Muse, chefe de investigações.

– Isso mesmo.

– Chefe… – repetiu. – Você é amiga pessoal dos Lewiston, é isso?

Mais uma vez, Muse ficou se perguntando se estava diante de um ator esperto ou se Guy Novak era sincero.

– Quando foi a última vez que o senhor viu sua ex-mulher?

Novak coçou o queixo e disse:
– Achei que sua visita tivesse a ver com os Lewiston.
– Por favor, responda à minha pergunta. Quando foi a última vez que viu sua ex-mulher?
– Três semanas atrás.
– E por quê?
– Ela veio visitar Yasmin.
– O senhor falou com ela?
– Não exatamente. Ela pegou Yasmin e prometeu trazê-la de volta em determinado horário. Geralmente cumpre o que diz. Não gosta de ficar muito tempo com a filha.
– E o senhor voltou a ter contato com ela depois disso?
– Não.
– Sei. O senhor pode me dizer onde ela costuma se hospedar durante essas visitas?
– No Travelodge, perto do shopping.
– O senhor sabia que ela esteve hospedada lá nas últimas quatro noites?
Novak ficou surpreso.
– Ela disse que iria para Los Angeles.
– Quando ela lhe disse isso?
– Recebi um e-mail dela, humm, sei lá. Acho que ontem.
– Posso vê-lo?
– O e-mail? Já deletei.
– O senhor sabe dizer se sua ex-mulher tinha algum namorado?
Um sorriso quase irônico surgiu nos lábios de Novak.
– Com certeza tinha vários – disse ele –, mas não que eu conhecesse.
– Alguém desta área?
– De todas as áreas.
– Algum nome que o senhor possa me dar?
Guy Novak fez que não com a cabeça.
– Esse assunto não me diz respeito.
– Por que tanto rancor, Sr. Novak?
– Não sei se “rancor” ainda é a palavra correta. – Ele tirou os óculos, olhou para as lentes sujas e limpou-as na camisa. – Eu amava Marianne, mas ela não merecia esse amor. Em termos muito generosos, poderíamos dizer que ela era uma pessoa autodestrutiva. Se enfastiava com essa cidade. Comigo. Com a vida. Me traía a torto e a direito. Abandonou a própria filha e depois disso só nos decepcionou. Dois anos atrás, por exemplo, prometeu a Yasmin que a levaria para a Disney. Telefonou um dia antes para cancelar a viagem. Sem dar nenhuma explicação.
– O senhor paga pensão a ela e à sua filha?
– Nem uma coisa nem outra. Tenho a guarda exclusiva da Yasmin.
– Sua ex-mulher ainda tem amigos nesta área?
– Não sei, mas acho pouco provável.
– E Reba Cordova?
Guy Novak refletiu um instante.
– Elas eram boas amigas quando Marianne morava aqui. Muito próximas. Nunca entendi isso

direito. Não poderia existir duas pessoas mais diferentes. Mas, se Marianne ainda mantém contato com alguém daqui, é provável que seja com Reba.

– Quando foi a última vez que o senhor viu Reba Cordova?

Novak levantou o rosto, olhou para a direita.

– Já faz um tempo. Sei lá, talvez na última reunião no colégio das meninas.

Se Guy Novak soubesse que sua ex-mulher tinha sido assassinada, ele era o homem mais frio do mundo, pensou Muse.

– Reba Cordova está desaparecida.

Guy Novak ficou boquiaberto.

– E você acha que Marianne tem alguma coisa a ver com isso?

– O senhor, o que acha?

– Como eu disse antes, Marianne é autodestrutiva. Mas não creio que seria capaz de fazer mal a outra pessoa além de si mesma. E da própria família, é claro.

– Sr. Novak, eu gostaria muito de conversar com sua filha.

– Por quê?

– Porque acho que sua ex-mulher foi assassinada.

Muse deu a notícia assim, à queima-roupa, e ficou observando a reação de Novak, que demorou a vir. Foi como se as palavras estivessem flutuando na direção dele, uma de cada vez, e ele estivesse com dificuldade para ouvi-las e processá-las. Por alguns segundos, Novak não fez nada. Ficou ali, encarando Muse. Depois fez uma careta como se tivesse compreendido mal o que ela dissera.

– Creio que… você *acha* que ela foi assassinada?

Muse olhou para trás e depois meneou a cabeça afirmativamente. Clarence veio andando na direção deles.

– Encontramos um corpo de mulher com roupas de prostituta num beco. Neil Cordova acredita que seja de Marianne Gillespie, sua ex-mulher. Portanto, Sr. Novak, gostaria que o senhor acompanhasse meu colega aqui, o investigador Clarence Morrow, até o necrotério. Para reconhecer o corpo, entende?

– Marianne está morta? – repetiu Novak, estupefato.

– Acreditamos que sim, mas é por isso que precisamos da sua ajuda. O investigador Morrow o conduzirá até o corpo e fará algumas perguntas. Sua amiga Beth pode ficar com as meninas. Eu também estarei aqui. Quero perguntar a Yasmin algumas coisas sobre a mãe, se o senhor não se opuser.

– Tudo bem – disse Novak. Isso o livrou de boa parte das suspeitas que pesavam sobre ele. Se começasse a reclamar e a colocar obstáculos, bem, o ex-marido é sempre um bom candidato. Não que Muse estivesse absolutamente convicta da inocência dele. Ainda era possível que ela tivesse acabado de encontrar mais um ator do quilate de Robert De Niro ou Neil Cordova. Mas ela duvidava disso. De qualquer modo, Clarence o interrogaria.

– O senhor está pronto? – perguntou Morrow.

– Preciso dar a notícia à minha filha.

– Sugiro que não faça isso – disse Muse.

– Como?

– Ainda não temos certeza. Vou fazer algumas perguntas a Yasmin, mas não vou contar nada a

ela. Se for o caso, deixarei que o senhor mesmo conte.
– Está bem – disse Guy, ainda não totalmente refeito.
Clarence pegou-o pelo braço e, com toda delicadeza, disse:
– Vamos, Sr. Novak. Por aqui.
Muse não se deu o trabalho de esperá-los entrar no carro. Cruzou a porta e seguiu para a cozinha. Encontrou as duas meninas sentadas à mesa, visivelmente assustadas, fingindo comer pipoca.
Uma delas perguntou:
– Quem é você?
Muse fabricou um sorriso e disse:
– Meu nome é Loren Muse. Trabalho para o condado de Essex.
– Cadê meu pai?
– Você é Yasmin?
– Sou.
– Seu pai foi ajudar um colega meu. Não vai demorar. Mas agora preciso fazer umas perguntinhas para você, pode ser?

31

BETSY HILL ESTAVA SENTADA NO CHÃO do quarto do filho. Apertava o velho celular de Spencer, a bateria desde muito descarregada. Simplesmente o segurava, por vezes fitando o aparelho sem saber direito o que fazer.

No dia seguinte à morte de Spencer, ela havia entrado naquele quarto e visto Ron começando a empacotar as coisas do filho – do mesmo modo como tinha retirado a cadeira dele da cozinha. Betsy o deteve sem meias-palavras. Havia limite para tudo.

Durante vários dias após o suicídio, ela havia ficado ali, deitada em posição fetal, aos prantos. Sentia dores terríveis no estômago. Ela só queria morrer, mais nada, sucumbir inteiramente àquela agonia. Mas não morreu. E agora, pela milésima vez, alisava os lençóis da cama de Spencer. Afundou o rosto no travesseiro, mas o cheirinho do filho não estava mais lá.

Como isso podia ter acontecido?

Betsy pensou na conversa que tivera com Tia Baye, no que ela poderia significar em última análise. Nada, na verdade. Spencer estava morto e pronto. Ron estava certo nesse ponto. Saber da verdade não mudaria isso, tampouco ajudaria na cura. Saber a verdade não faria com que Betsy "virasse a página", porque, no fundo, ela não queria fazer isso. Que espécie de mãe haveria de querer seguir adiante, aplacar a dor, depois de ter falhado com o filho de tantas maneiras?

– Betsy.

Ela levantou o rosto. À porta do quarto, Ron tentou esboçar um sorriso. Betsy guardou o telefone no bolso.

– Tudo bem com você? – perguntou ele.

– Ron?

Ele esperou.

– Preciso descobrir o que aconteceu naquela noite.

– Eu sei.

– Isso não vai trazer nosso filho de volta – disse ela. – Eu sei. Nem vai fazer a gente se sentir melhor. Mas acho que a gente precisa saber de tudo.

– Por quê? – perguntou Ron.

– Não sei.

Ron entrou no quarto e já ia se abaixando para abraçar a mulher quando a viu en rijecer o corpo numa discreta repulsa. Então se empertigou de novo, resignado.

– Preciso ir – disse.

Ele se virou e saiu. Betsy tirou o telefone do bolso. Conectou o recarregador e ligou o aparelho. Ainda com ele nas mãos, se curvou novamente em posição fetal e chorou. Lembrou-se do corpo do filho, encontrado na mesma posição (seria hereditário?) no telhado duro e frio daquela escola.

Ela conferiu as listas de chamadas discadas e recebidas. Nenhuma surpresa. Havia semanas desde que fizera isso pela última vez. Spencer havia ligado três vezes para Adam naquela noite.

A última ligação tinha sido feita uma hora antes da mensagem de suicídio, uma ligação rápida, de apenas um minuto. Adam dissera que Spencer havia lhe deixado uma mensagem incompreensível. Betsy agora cogitava se ele não estaria mentindo.

A polícia havia encontrado aquele celular ao lado do corpo de Spencer.

Betsy apertou o aparelho na mão e fechou os olhos. Encontrava-se naquele limbo letárgico entre a consciência e a inconsciência quando ouviu o telefone tocar. Por um instante achou que fosse o celular de Spencer, mas não, era o telefone de casa.

Betsy pensou em deixar a secretária eletrônica atender, mas talvez fosse Tia Baye. Com muito esforço, arrastou-se até o aparelho na mesinha-de-cabeceira. Olhou o identificador de chamadas, mas não reconheceu o número.

– Alô?

Silêncio.

– Alô?

Foi então que uma voz juvenil, embargada pelas lágrimas, disse:

– Eu vi a senhora e a minha mãe no telhado.

Betsy se levantou de um salto.

– Adam?

– Sinto muito, Sra. Hill.

– De onde você está ligando? – perguntou ela.

– De um telefone público.

– Onde?

Mais soluços.

– Adam?

– Spencer e eu costumávamos nos encontrar atrás da sua casa. Lá onde ficava a gangorra, perto daquele mato, sabe onde é?

– Sei.

– Posso encontrar com a senhora lá.

– Ótimo. Quando?

– Spencer e eu gostávamos de ir ali porque dava para ver todo mundo chegando e indo embora. Se a senhora contar a alguém, vou poder vê-los. Prometa que não vai dizer nada.

– Prometo. Quando?

– Daqui a uma hora.

– Combinado.

– Sra. Hill?

– Sim?

– O que aconteceu com o Spencer… – disse Adam. – Foi culpa minha.

♦♦♦

Assim que dobraram a esquina de casa, Mike e Tia avistaram o sujeito cabeludo e de unhas sujas andando de lado a outro no jardim.

– Aquele não é o Brett do seu escritório? – disse Mike.

– Ele mesmo – disse Tia. – Pedi a ele que desse uma investigada naquele e-mail para mim.

Aquele sobre a festa na casa dos Huff.
Eles estacionaram diante da garagem. Susan e Dante Loriman encontravam-se do lado de fora também. Dante acenou. Mike acenou de volta e olhou para Susan. Visivelmente constrangida, ela o cumprimentou com um gesto rápido e saiu andando de volta para casa. Mike acenou mais uma vez e virou o rosto. Não tinha tempo para pensar neles agora.
O celular tocou. Mike conferiu o número e franziu a testa.
– Quem é? – quis saber Tia.
– Ilene – respondeu ele. – Também foi interrogada pelo pessoal da DEA. Vou ter de atender.
– E eu vou falar com Brett.
Tia saiu do carro. Brett ainda perambulava no jardim, agitado, falando so zinho. Só parou quando Tia o chamou.
– Alguém está querendo confundir você – disse ele.
– Como?
– Preciso dar mais uma olhada no computador do Adam para ter certeza.
Tia queria fazer mais perguntas, mas isso só atrasaria as coisas. Ela abriu a porta de casa para Brett, que já conhecia o caminho.
– Você falou com mais alguém sobre esse programa que eu instalei para você? – perguntou ele.
– O programa de espionagem? Não. Quer dizer, ontem à noite tivemos de falar. Para a polícia, você sabe.
– E antes disso? Mais alguém?
– Não. Não era algo de que eu e Mike nos orgulhássemos. Espere aí. Nosso amigo Mo.
– Quem?
– Ele é como um padrinho para Adam. Mo jamais faria alguma coisa para prejudicar o nosso filho.
Brett deu de ombros. Eles entraram no quarto de Adam. O computador estava ligado. Brett se sentou e começou a digitar. Abriu o correio eletrônico e rodou um programa qualquer. Símbolos começaram a surgir na tela. Tia ficou observando sem fazer a menor idéia do que se tratava.
– O que você está tentando encontrar? – perguntou.
Brett colocou os cabelos encaracolados para trás das orelhas e avaliou a tela.
– Espera um pouco – disse. – Aquele e-mail que você queria que eu olhasse foi deletado, não foi? Só estou tentando descobrir se ele tinha algum tipo de timer e… – Ele parou. – Espere aí. Arrá.
– Arrá, o quê?
– É estranho, só isso. Você disse que o Adam não estava em casa quando chegou essa mensagem. Mas ela foi lida neste computador, certo?
– Certo.
– Você desconfia de alguém?
– Não. Nenhum de nós estava em casa.
– Porque o mais interessante é o seguinte: a mensagem não só foi lida no computador do Adam como também foi enviada a partir dele.
Tia fez uma careta de espanto.
– Quer dizer então que alguém entrou aqui, ligou o computador dele, mandou o e-mail sobre a

tal festa, abriu e depois deletou?
– Exatamente.
– E por que alguém faria uma coisa dessas?
Brett deu de ombros.
– Só pode ser uma coisa: tem alguém querendo confundir você.
– Mas ninguém sabia desse programa, o E-SpyRight. Exceto eu, o Mike, o Mo e… – Tia buscou o olhar de Brett, mas ele se evadiu discretamente – você.
– Ei, não olhe para mim.
– Você contou para Hester.
– Eu sei, foi mal. Mas não contei para mais ninguém.
Tia refletiu um instante. Depois avaliou Brett – as unhas sujas, a barba por fazer, a camiseta surrada – e ficou se perguntando como fora capaz de confiar aquela tarefa a alguém que ela praticamente desconhecia, como fora capaz de cometer aquela loucura.
Como poderia confiar em tudo o que ele dizia?
Na viagem a Boston, Brett já havia mostrado que era possível acessar o programa e imprimir relatórios a partir de qualquer lugar. Até que ponto seria exagero desconfiar que ele também tinha criado uma senha que lhe permitisse entrar no programa e ler os relatórios? Como ela poderia saber? Como alguém poderia saber o que realmente havia naquele computador? As empresas instalavam programas de espionagem a fim de monitorar a navegação das pessoas pela internet. As lojas distribuíam cartões de desconto para descobrir os hábitos de consumo de seus clientes. Só Deus sabe o que as empresas de informática instalam no HD dos usuários. Ferramentas de busca mantinham um registro dos assuntos pesquisados e, em vista do baixíssimo custo de armazenamento de dados, nunca precisavam apagar nada.
Portanto, não seria de todo absurdo supor que Brett soubesse mais do que estava disposto a admitir.

♦♦♦

– Alô.
– Mike? – disse Ilene Goldfarb.
Mike viu Tia e Brett entrarem em casa.
– Diga – respondeu ele.
– Conversei com Susan Loriman sobre o pai biológico do Lucas.
– Quando? – perguntou Mike, surpreso.
– Hoje. Ela me ligou e nos encontramos numa lanchonete.
– E?
– Beco sem saída.
– O pai verdadeiro?
– É.
– Como assim?
– Ela quer manter a coisa confidencial.
– O nome do pai? Uma pena.
– Não é isso.

– O que é, então?
– Ela me contou o motivo pelo qual a identificação dele não é um caminho possível.
– Não estou entendendo – disse Mike.
– Você vai ter de confiar em mim. Ela explicou a situação toda. É um beco sem saída.
– Não vejo como.
– Eu também não via, até que ela me explicou.
– E pediu para você não contar nada, é isso?
– Isso mesmo.
– Então suponho que seja algo constrangedor. Foi por isso que ela procurou você e não a mim.
– Eu não chamaria de constrangedor.
– Chamaria do quê?
– Você parece que não está confiando no meu juízo, Mike.
Mike passou o telefone para o outro ouvido.
– De modo geral, Ilene, eu confiaria minha própria vida a você – disse.
– Mas?
– Acontece que acabei de ser interrogado por uma força-tarefa da DEA e da promotoria da República.
Seguiu-se um momento de silêncio.
– Eles também falaram com você, não falaram? – perguntou Mike.
– Falaram.
– E por que você não me contou?
– Porque eles foram categóricos. Disseram que, se eu contasse alguma coisa, estaria colocando em risco uma importante investigação do governo. Falaram que isso seria obstrução da justiça e ameaçaram caçar meu registro.
Mike não disse nada.
– Não se esqueça – prosseguiu Ilene, agora um tanto mais incisiva – de que meu nome também está naquelas receitas.
– Eu sei.
– Que diabos está acontecendo, Mike?
– É uma longa história.
– Você fez mesmo aquilo que eles disseram?
– Vou fingir que não ouvi – devolveu Mike, ríspido.
– Eles mostraram as nossas receitas. Passaram uma lista dos remédios prescritos. Nenhuma daquelas pessoas era paciente nosso. Além disso, não costumamos usar metade daqueles medicamentos.
– Eu sei.
– Meu futuro também está em jogo, Mike – disse Ilene. – Você sabe o que aquele consultório significa para mim.
Algo na voz dela denotava uma mágoa que ia além do óbvio.
– Sinto muito, Ilene. Como você, ainda estou tentando entender tudo isso.
– Acho que mereço mais do que “é uma longa história”.
– A verdade é que não sei direito o que está acontecendo. O Adam sumiu. Preciso encontrá-

lo.

– Como assim, “o Adam sumiu”?

Mike rapidamente a colocou a par de tudo. Em seguida, Ilene disse:

– Detesto ter de perguntar isso, Mike, mas…

– Então não pergunte.

– Não quero perder minha clínica.

– Nossa clínica, Ilene.

– É verdade. Portanto, se tiver alguma coisa que eu possa fazer para ajudar a encontrar o Adam…

– Eu avisarei, pode deixar.

♦♦♦

Nash parou a van diante do apartamento de Pietra, em Hawthorne.

Eles estavam precisando passar um tempo separados, tal como Nash podia intuir. As rachaduras já começavam a aparecer. De algum modo eles sempre teriam uma ligação. Não como a que ele tivera com Cassandra, nem de longe, mas havia algo ali, um vínculo que de tempos em tempos os trazia de volta. De início talvez fosse a gratidão que Pietra sentia por Nash tê-la resgatado daquele inferno, mas, pensando bem, talvez ela não quisesse ser resgatada. Talvez o gesto de Nash tivesse sido um equívoco; talvez fosse ele quem devia se sentir em débito, e não o contrário.

Pietra olhou pela janela.

– Nash? – disse. E levando a mão ao pescoço, acrescentou: – Aqueles soldados que massacraram minha família. Que cometeram aqueles horrores todos. Com eles. Comigo…

Ela se calou de repente.

– Estou ouvindo – disse Nash.

– Você acha que aqueles homens eram mesmo assassinos, estupradores e torturadores? E, se não fosse a guerra, você acha que eles fariam as mesmas coisas?

Nash não respondeu.

– Aquele que nós encontramos era um padeiro – disse ela. – Nós freqüentávamos a padaria dele. Todo mundo da família. Ele sorria e nos dava pirulitos.

– O que você está querendo dizer?

– Se não tivesse ocorrido uma guerra – disse Pietra –, acho que eles simplesmente seguiriam vivendo a vida deles. Continuariam sendo padeiros, ferreiros, carpinteiros. Não seriam assassinos.

– E você acha que isso se aplica a você também? – retrucou Nash. – Você acha que continuaria sendo atriz?

– Não estou falando de mim. Estou falando daqueles soldados.

– Tudo bem. Entendo o que você quer dizer. Você acha que a guerra explica o comportamento deles.

– Você não acha?

– Não, não acho.

Pietra lentamente virou o rosto para Nash.

– E por que não? – disse.

– Você está dizendo que a guerra forçou aqueles homens a agirem de um modo contrário à natureza deles.

– É.

– Mas talvez seja justamente o contrário. Talvez a guerra tenha feito com que eles liberassem seu verdadeiro eu. Talvez seja a sociedade que force o homem a contrariar sua própria natureza.

Pietra abriu a porta e saiu. Nash a viu sumir no interior do prédio. Ele arrancou com o carro e seguiu para seu próximo destino. Meia hora depois, estacionou numa rua de pouco movimento, entre duas casas que pareciam vazias. Não queria que a van fosse vista no estacionamento.

Colocou o bigode falso no rosto e vestiu um boné de beisebol. Seguiu caminhando por três quarteirões até chegar ao grande prédio de tijolos aparentes, que parecia abandonado. A porta da frente, Nash tinha certeza, estaria trancada. Mas uma das portas laterais fechava-se apenas por um calço de papel. Nash a abriu com um empurrão e desceu as escadas.

As paredes do corredor estavam cobertas de desenhos e pinturas infantis. Um quadro de cortiça exibia redações espetadas com alfinetes. Nash parou para ler algumas. Eram de alunos da terceira série, e todas contavam histórias na primeira pessoa. Era isso que eles aprendiam nos últimos tempos: a pensar apenas em si mesmos. "*Eu* sou o máximo." "Sou único e especial, porque todos somos únicos e especiais." Ora, isso fazia com que ninguém fosse nada especial.

Nash entrou numa das salas do pavimento inferior. Joe Lewiston estava sentado de pernas cruzadas no chão. Tinha alguns papéis entre as mãos e lágrimas nos olhos. Levantou o rosto assim que ouviu Nash chegar.

– Não está dando certo – disse Joe Lewiston. – Ela ainda está mandando os e-mails.

32

MUSE INTERROGOU YASMIN COM CAUTELA, mas a filha de Marianne Gillespie não sabia de nada.

A menina não tinha visto a mãe recentemente. Nem mesmo sabia que ela estava na cidade.

– Pensei que ela estivesse em Los Angeles – disse.

– Ela lhe disse que iria para lá?

– Disse. – E depois: – Quer dizer, ela mandou um e-mail.

Muse lembrou-se de que Guy Novak tinha dito a mesma coisa.

– E você ainda tem esse e-mail? – perguntou.

– Posso olhar. Está tudo bem com a Marianne?

– Você chama sua mãe assim, pelo primeiro nome?

Yasmin deu de ombros.

– Ela nunca quis ser mãe. Então, para que ficar lembrando?

Eles crescem rápido, pensou Muse. Novamente perguntou:

– Então, você ainda tem o e-mail?

– Acho que sim. Provavelmente está lá no meu computador.

– Eu gostaria que você imprimisse uma cópia para mim.

Yasmin franziu as sobrancelhas, séria.

– Mas não vai me dizer o que está acontecendo – disse. Não foi exatamente uma pergunta.

– Ainda não há nenhum motivo para se preocupar – devolveu Muse.

– Sei. Você não quer preocupar a menininha. Mas se fosse com a sua mãe e você tivesse minha idade, não iria querer saber?

– Tem razão. Mas, como eu disse, ainda não sabemos de nada. Seu pai logo estará de volta. Agora eu realmente gostaria de ver aquele e-mail.

Yasmin foi até o quarto. A amiga permaneceu na cozinha. Em outras circunstâncias, Muse teria pedido para ficar sozinha com Yasmin, mas a amiguinha parecia acalmá-la.

– Como você se chama mesmo? – perguntou Muse.

– Jill Baye.

– Jill, por acaso você já esteve com a mãe de Yasmin?

– Algumas vezes, sim.

– Você parece preocupada.

– Você é da polícia e veio fazer perguntas sobre a mãe da minha amiga. Eu não devia ficar preocupada?

Crianças.

Yasmin trotou escadaria abaixo com uma folha de papel na mão.

– Aqui está – disse.

Muse leu:

> Oi! Estou indo para Los Angeles e volto daqui a algumas semanas. Entro em contato assim que chegar.

Isso explicava muita coisa. Muse havia se perguntado por que ninguém dera queixa do desaparecimento dela. Simples. A mulher vivia sozinha na Flórida. Por conta de seu estilo de vida e daquela mensagem, poderiam se passar meses antes que alguém suspeitasse de que ela tivesse se metido numa encrenca qualquer.

– Isso ajuda em alguma coisa? – perguntou Yasmin.

– Ajuda, sim. Obrigada.

As lágrimas brotaram nos olhos da menina.

– Apesar de tudo, ela é minha mãe, sabe?

– Claro, meu amor.

– Ela gosta de mim. – Yasmin começou a chorar. Muse deu um passo na direção dela, mas a menina ergueu a mão para detê-la. – Ela não sabe como ser mãe, só isso. Mas faz o que pode.

– Fique tranqüila, Yasmin. Sua mãe não está em julgamento. Não é isso.

– Então o que é? Diga, por favor.

– Não posso.

– Mas é algo ruim, não é? Isso a senhora pode falar. É ou não é.

Muse queria ser honesta com a menina, mas ali não era o lugar, nem aquela era a hora adequada.

– Seu pai já deve estar chegando. Agora preciso voltar ao trabalho.

♦♦♦

– Fique calmo – disse Nash.

Joe Lewiston levantou-se do chão num único e fluido movimento. Os professores, pensou Nash, deviam estar acostumados àquilo.

– Sinto muito, eu não devia ter metido você nessa história.

– Não. Você agiu certo ao me chamar.

Nash olhou para o antigo cunhado. Jamais dizia “ex-cunhado”, porque “ex” implicava divórcio e não era o caso. Cassandra Lewiston, sua adorada esposa, tinha cinco irmãos. Joe Lewiston era o caçula e o predileto. Com o assassinato do mais velho, Curtis, mais de uma década antes, ela ficara arrasada. Passara dias chorando, se recusando a sair da cama. Mesmo sabendo que era uma hipótese irracional, Nash muitas vezes cogitava se tamanha tristeza não havia sido a causa da doença dela, suspeitando que o excesso de sofrimento de alguma forma lhe tivesse debilitado o sistema imunológico. Talvez o câncer estivesse dentro de todos nós, essas células devoradoras de vida, apenas esperando um lapso das nossas defesas para entrar em ação.

– Prometo que vou descobrir quem matou Curtis – dissera Nash à sua amada.

Mas não cumprira a promessa. Cassandra não se importara nem um pouco com isso, não estava interessada em vingança. Tinha saudades do irmão mais velho, só isso. Nash também prometera que jamais permitiria que ela sofresse daquele jeito novamente. Protegeria todas as pessoas que ela amava. Para sempre.

E repetira a promessa no leito de morte da mulher, que aparentemente ficou reconfortada.

– Você vai olhar por eles? – perguntara Cassandra.

– Vou.

– Eles também vão olhar por você.

Nash se calara diante disso.

Joe veio andando na direção dele. Nash correu os olhos pela sala de aula. Constatou que em muitos aspectos as salas de aula quase não haviam mudado desde seus tempos de estudante. Ainda se viam as regrinhas escritas à mão; o alfabeto em letra cursiva, com maiúsculas e minúsculas; as cores vivas espalhadas por todos os cantos. Pinturas recentes secavam num varal.

– Aconteceu mais uma coisa – disse Joe.

– O quê?

– Guy Novak tem rondado nossa casa. Fica circulando de carro e, quando passa na nossa porta, reduz e fica olhando. Está assustando Dolly e Allie.

– Desde quando ele está fazendo isso?

– Mais ou menos uma semana.

– Por que você não falou antes?

– Achei que não fosse importante, que ele fosse parar.

Nash fechou os olhos e disse:

– E por que você acha que agora é importante?

– Porque Dolly ficou realmente aborrecida quando ele apareceu por lá hoje de manhã.

– Guy Novak ficou rondando sua casa hoje de manhã?

– Ficou.

– E você acha que ele está planejando alguma coisa?

– Que outro motivo ele teria?

Nash balançou a cabeça.

– Estávamos errados desde o início – falou.

– Como assim?

Mas não havia necessidade de explicar. Dolly Lewiston ainda estava recebendo os e-mails. Isso significava que não era Marianne quem os vinha mandando, embora, depois de muito sofrimento, ela tivesse confessado o contrário.

Guy Novak era o autor das mensagens.

Nash mais uma vez se lembrou da promessa feita a Cassandra. Sabia o que teria de fazer agora para resolver a situação.

– Como eu pude ser tão burro… – resmungou Joe Lewiston, assustado.

– Ouça o que eu vou lhe dizer, Joe.

Nash ficou aliviado que a mulher não estivesse ali para ver o irmãozinho querido naquele estado, tão assustado. Pensou na terrível decadência pela qual ela passara na fase terminal da doença. Os cabelos haviam caído. A pele ficara amarelada. Feridas abertas pontilhavam o couro cabeludo e o rosto. Ela perdera o controle de suas necessidades fisiológicas. Apesar das dores que por vezes beiravam o intolerável, Cassandra fizera Nash prometer que não interferiria no processo. Ela crispava os lábios e arregalava os olhos como se presas de aço a estivessem comendo por dentro. Feridas no interior da boca a impediam de falar. Nash sentava-se ao lado dela e assistia ao triste espetáculo remoendo-se de raiva.

– Tudo vai dar certo, Joe.

– O que você pretende fazer?

– Não se preocupe, o.k.? Tudo vai ficar bem, prometo.

♦♦♦

Betsy Hill esperava por Adam junto ao pequeno matagal atrás de sua casa.

O lugar fazia parte do terreno, mas eles nunca haviam se dado o trabalho de limpá-lo. Alguns anos antes, ela e Ron pensaram em desmatar a área e instalar ali uma piscina, mas a despesa seria muito grande e os gêmeos ainda eram pequenos demais. Portanto eles nunca levaram a idéia adiante. Quando Spencer tinha cerca de 9 anos, Ron construíra um forte ali. Os meninos adoravam brincar nele. Também havia gangorras, um modesto conjunto comprado na Sears. Tanto o forte quanto as gangorras tinham sido abandonados havia muito tempo, mas, procurando com atenção, ainda era possível encontrar pregos e pequenos pedaços de cano enferrujado.

Com o passar dos anos, Spencer começou a usar o lugar como refúgio para bater papo com os amigos. Certa vez, Betsy encontrara garrafas de cerveja por lá. Quis conversar com ele sobre isso, mas sempre que tocava no assunto, Spencer se distanciava ainda mais. Era só um adolescente tomando uma cerveja. Que mal poderia haver nisso?

– Sra. Hill?

Betsy se virou e deparou com Adam, que havia entrado pelo outro lado, pelo quintal dos Kadison.

– Meu Deus! – exclamou ela. – O que aconteceu com você?

O rosto de Adam, além de sujo, estava inchado. Tinha uma atadura enrolada no braço. A camisa estava rasgada.

– Está tudo bem – disse ele.

Betsy respeitara o pedido dele e não avisara a seus pais. Temia arruinar aquela oportunidade única. Talvez isso não estivesse certo, mas ela já havia tomado tantas decisões equivocadas ao longo dos últimos meses que uma a mais não faria diferença.

Mesmo assim, ela disse:

– Seus pais estão tão preocupados com você…

– Eu sei.

– O que houve, Adam? Onde você se meteu?

Adam balançou a cabeça. E algo nesse gesto fez com que Betsy se lembrasse do pai dele, Mike. À medida que os filhos crescem, não só vão ficando mais parecidos com os pais como também começam a exibir os mesmos trejeitos. Adam já era um rapagão, maior que o pai, quase um homem.

– Acho que aquela foto já estava no site há muito tempo – disse ele. – Eu nunca abro aquela página.

– Não?

– Não.

– Posso saber por quê?

– Para mim não é o Spencer que está ali, sabe? Quer dizer, nem conheço as garotas que montaram o site. Tenho minhas próprias lembranças. Não preciso daquilo lá.

– Você sabe quem foi que tirou aquela foto?

– DJ Huff, eu acho. Não dá para saber direito. Eu estava no fundo, olhando para outro lado.

Mas o DJ colocou um monte de fotos naquele site. Provavelmente ele nem se deu conta de que tinha sido tirada naquela noite.

– O que aconteceu, Adam?

Adam começou a chorar. Segundos antes Betsy vira que ele já era quase um adulto. Mas agora o menino estava de volta.

– Nós brigamos.

Apesar dos dois metros que os separavam, Betsy por pouco podia ouvir o turbilhão no peito do garoto.

– Por isso ele estava com o olho roxo – prosseguiu Adam.

– Você deu um soco nele?

Adam fez que sim com a cabeça.

– Vocês eram amigos – disse Betsy. – Por que brigaram?

– Por causa de uma garota. Nós já tínhamos bebido muito. Começamos a discutir, e a coisa saiu do controle. Dei uns empurrões nele e ele tentou me dar um soco, mas eu me abaixei e depois acertei um murro nele.

– Por causa de uma garota?

Adam baixou os olhos.

– Quem mais estava lá? – perguntou Betsy.

– Não interessa – respondeu ele, balançando a cabeça.

– Interessa para mim.

– Mas não devia. Foi comigo que ele brigou.

Betsy procurou imaginar a cena. Seu filho lindo e querido, esmurrado pelo melhor amigo em seu último dia de vida. Ela tentou manter a calma, mas não conseguiu.

– Não estou entendendo nada disso! Onde vocês estavam?

– Tínhamos combinado de ir ao Bronx. Tem um lugar lá, uma boate onde menores de idade podem entrar.

– No Bronx?

– Mas antes de sairmos, Spencer e eu brigamos. Dei um murro nele e o chamei de um monte de coisas horríveis. Eu estava com muita raiva. E depois ele saiu correndo. Eu devia ter ido atrás dele, mas não fui. Deixei que ele fosse embora. Eu devia ter adivinhado o que ele ia fazer.

Betsy Hill simplesmente ficou ali, paralisada. Lembrou-se do que Ron tinha dito, que ninguém havia forçado o filho deles a roubar vodca e comprimidos de casa.

– Quem matou meu menino? – perguntou ela.

Embora já soubesse.

Soubera desde o início. Procurara explicar o inexplicável e talvez até conseguisse se o comportamento humano não fosse tão complexo. Dois irmãos são criados exatamente da mesma maneira e se tornam adultos completamente diferentes: um, gentil e afável; o outro, um assassino. Há quem diga que é uma “programação genética”, a vitória da natureza sobre a cultura, mas às vezes o caso nem é esse: trata-se apenas de algum acontecimento aleatório que altera a vida de uma pessoa, algo no vento que se mistura à química cerebral dela, qualquer coisa. E então, depois da tragédia, procuramos explicações e, mesmo que as encontremos, não passarão de teorias.

– Me diga o que aconteceu, Adam.

– Ele tentou me ligar mais tarde – respondeu Adam. – Foram aquelas ligações. Eu vi que era ele. Não atendi. Deixei cair na caixa postal. Ele já estava tão chapado. Estava triste, deprimido, eu devia ter percebido. Devia ter feito as pazes com ele. Mas não fiz. Aquela foi a última mensagem que ele me deixou. Dizendo que sentia muito e que sabia qual era a saída. Ele já tinha pensado em suicídio antes. Todo mundo um dia pensa nisso. Mas com ele era diferente. O caso dele era mais sério. Briguei com o Spencer. Eu o xinguei. Disse que nunca ia perdoá-lo.

Betsy Hill balançou a cabeça.

– Ele era um cara legal, Sra. Hill.

– Foi ele quem roubou os comprimidos da nossa casa, do armário do banheiro… – disse ela, mais para si do que para Adam.

– Eu sei. Todo mundo roubava.

Abalada com tudo o que acabara de ouvir, Betsy não conseguia sequer raciocinar direito.

– Uma garota? Vocês brigaram por causa de uma garota?

– Foi culpa minha – disse Adam. – Perdi o controle. Não fui atrás dele. Quando ouvi as mensagens, já era tarde demais. Cheguei ao telhado o mais rápido que pude. Mas ele já estava morto.

– Você o encontrou?

Adam fez que sim com a cabeça.

– E não falou nada?

– Fui um covarde. Mas agora chega. Agora acabou.

– O que acabou, Adam?

– Desculpe, Sra. Hill. Não consegui salvá-lo.

– Nem eu, Adam – devolveu Betsy. – Nem eu.

Ela deu um passo na direção de Adam, mas ele balançou a cabeça.

– Agora acabou – repetiu.

Depois deu dois passos atrás, virou-se e saiu correndo.

33

DIANTE DE UMA DEZENA DE MICROFONES da imprensa e de diversas câmeras de TV, Paul Copeland disse:

– Precisamos da colaboração de todos para encontrar uma mulher chamada Reba Cordova, desaparecida há alguns dias.

Muse assistia à cena ao lado do palanque. Os monitores mostravam uma fotografia em que Reba exibia uma doçura quase comovente. O sorriso era daqueles que nos fazem sorrir junto ou, em situações como esta, partem nosso coração em duas tristes metades. Um número de telefone aparecia na parte inferior da imagem.

– Também precisamos localizar esta mulher. É muito importante para nós.

Os monitores agora exibiam a imagem captada pela câmera de segurança da Target.

– Quem tiver qualquer informação, por favor ligue para o número abaixo.

Os malucos de plantão não tardariam a ligar, mas, na opinião de Muse, diante das circunstâncias, os prós eram significativamente mais numerosos que os contras. Dificilmente alguém teria visto Reba Cordova, mas eram grandes as chances de que alguém reconhecesse a mulher da imagem da câmera de segurança. Pelo menos era isso que ela esperava.

Neil Cordova estava ao lado de Cope, atrás de suas duas filhas. Embora ele man tivesse a cabeça erguida, dava para ver claramente sua comoção. As meninas eram adoráveis, mas estavam assustadas, com os olhos arregalados; lembravam aquelas terríveis imagens de guerra em que as criancinhas fogem apavoradas de um prédio em chamas. As câmeras de televisão, claro, faziam a festa com aquela família comovida e fotogênica. Cope tinha dito a Cordova que ele não precisava comparecer ou que poderia ir sem as filhas, mas Neil havia sido categórico.

– Temos de fazer tudo ao nosso alcance para salvá-la – dissera a Cope. – Não quero que minhas filhas se arrependam no futuro.

– Não vai ser fácil para elas – argumentou Cope.

– Se a mãe delas estiver morta, vai ser um inferno de qualquer modo. Pelo menos quero que elas saibam que fizemos tudo o que podíamos.

Muse sentiu o telefone vibrar. Viu que era Clarence Morrow, ligando do necrotério. Já não era sem tempo.

– O corpo é mesmo de Marianne Gillespie – disse Clarence. – O ex-marido tem certeza absoluta.

Muse deu um passo à frente, para que Cope pudesse vê-la. Ele olhou de relance e ela sinalizou com a cabeça. Cope virou-se novamente para os microfones e disse:

– Também identificamos um corpo que talvez esteja relacionado com o desaparecimento da Sra. Cordova. Uma mulher chamada Marianne Gillespie…

Muse voltou para o telefonema.

– Você interrogou Novak?

– Interroguei. Não creio que ele esteja envolvido, e você?

– Também não.

– Não tinha nenhum motivo. A namorada dele não é a mulher na imagem da câmera de segurança e ele não se encaixa na descrição que temos do homem da van.
– Leve-o de volta para casa. Deixe que ele converse em paz com a filha.
– Já estamos indo. Novak ligou para a namorada, pediu que ela mantivesse as meninas longe da televisão até ele chegar.
Os monitores agora exibiam uma foto de Marianne Gillespie. Estranhamente, Novak não tinha nenhuma fotografia da ex-mulher, mas Reba Cordova havia tirado algumas quando visitara a amiga na Flórida, na última primavera. A que aparecia nas telas fora tirada à beira de uma piscina, Marianne estava de biquíni, mas, para as câmeras, eles mostravam apenas um close do rosto. Muse podia notar que a mulher já tinha sido espetacularmente linda, embora provavelmente tivesse conhecido dias melhores.
Neil Cordova enfim foi convidado a falar. Os flashes começaram a espocar, formando aquele turbilhão de luzes que sempre assusta os inexperientes. Cordova piscou os olhos para não se deixar cegar. Parecia mais calmo agora, controlando a emoção para enfrentar os jornalistas. Disse que amava a mulher, que Reba Cordova era uma excelente mãe para as meninas e pediu que, se alguém tivesse qualquer informação, ligasse para o número fornecido.
– Psst.
Muse virou-se para trás. Era Frank Tremont, acenando para que ela se aproximasse.
– Uma pessoa ligou – disse ele.
– Já?
– A viúva de um policial de Hawthorne. Falou que a mulher da imagem da câmera de segurança mora sozinha no mesmo prédio que ela. Parece que é estrangeira e se chama Pietra.

♦♦♦

Antes de deixar a escola, Joe Lewiston conferiu seu escaninho na sala dos professores.
Encontrou mais um panfleto e um bilhete pessoal dos Loriman, que tentavam encontrar um doador para o filho deles, Lucas. Joe nunca dera aulas para nenhum dos filhos do casal, mas já havia notado a mãe nos corredores da escola. Por mais que fingissem estar acima dessas coisas, os professores sempre notam as mães gostosas, e Susan Loriman era uma delas.
O panfleto, o terceiro que ele recebia, anunciava que um “profissional da medicina” viria à escola na sexta-feira seguinte para realizar exames de sangue.
“Por favor, ajudem a salvar a vida do nosso filho…”
Joe sentiu-se péssimo. Os Loriman se dedicavam de corpo e alma a salvar o filho. A Sra. Loriman já havia mandado um e-mail e telefonado para ele, pedindo sua ajuda: “Sei que o senhor nunca foi professor dos nossos filhos, mas todos na escola o vêem como um líder.” De maneira egoísta – todos os seres humanos são egoístas –, Joe pensara que sua participação na campanha talvez pudesse melhorar sua imagem depois do episódio com Yasmin, ou pelo menos aplacar a culpa que ele sentia. Imaginou sua própria filha, Allie, doente num hospital, ligada a um monte de tubos, sofrendo. Em princípio isso teria sido o suficiente para que ele colocasse os próprios problemas em perspectiva, mas não foi. Alguém está sempre numa situação mais difícil que a nossa, mas isso raramente serve de consolo.
Já no carro, Joe pensava em Nash enquanto dirigia. Embora ainda tivesse três irmãos mais

velhos, ele confiava mais no antigo cunhado que em qualquer outra pessoa. Nash e Cassandra eram um casal bastante improvável, mas, quando estavam juntos, pareciam formar uma entidade única. Joe já ouvira dizer que as coisas muitas vezes funcionavam assim, mas nunca encontrara um exemplo real antes de Nash e Cassandra nem depois. Deus era testemunha de que ele e Dolly não tinham tamanha cumplicidade.

Para Joe, por mais brega que isso pudesse soar, Nash e Cassandra eram duas metades que se completavam.

A morte de Cassie havia sido mais do que devastadora. Ninguém esperava que aquilo acontecesse. Mesmo depois do diagnóstico. Mesmo depois dos terríveis efeitos iniciais da doença. Todos pensavam que de algum modo ela conseguiria sair daquela situação. Embora não houvesse nenhum motivo, a morte de Cassandra pegara todos de surpresa.

Joe achava que Nash fora mais afetado pela tragédia do que qualquer pessoa. Ele estava mudado. Talvez fosse isso o que acontecia a todos que se viam subitamente obrigados a retomar sua condição de metade. Nash se transformara num homem frio, que não se importava com quase ninguém. Estranhamente, Joe tinha gostado disso. As pessoas mais calorosas dão a falsa impressão de estarem sempre dispostas a ajudar todo mundo. Mas quando realmente precisava, como agora, Joe gostava de contar com um amigo forte, que não dava a mínima para o que era certo ou errado e se preocupava somente com o bem-estar das pessoas que amava.

E esse amigo era Nash.

– Prometi a Cassandra que vou proteger você – dissera ele a Joe logo após o enterro.

Vindas de qualquer outro, essas palavras teriam parecido bizarras ou constrangedoras, mas no caso de Nash, não havia dúvidas de que eram sinceras, de que ele realmente iria fazer o possível e o impossível para cumprir sua promessa. Isso era ao mesmo tempo assustador e reconfortante e, para alguém como Joe, o filho franzino de um pai exigente, significava muito.

Chegando em casa, Joe deparou com Dolly sentada diante do computador. Estranhou a expressão no rosto dela e sentiu um embrulho no estômago.

– Onde você estava? – perguntou ela.

– Na escola.

– Fazendo o quê?

– Eu precisava colocar algumas coisas em dia.

– Meu e-mail ainda não está funcionando.

– Depois eu dou mais uma olhada.

Dolly se levantou.

– Quer que eu faça um chá? – ofereceu.

– Seria ótimo, obrigado.

Dolly beijou o marido no rosto e saiu para a cozinha. Joe sentou-se ao computador. Assim que ficou sozinho, acessou o site de seu provedor de internet. Estava prestes a conferir seu e-mail quando algo chamou sua atenção.

Na página inicial, alternavam-se algumas fotos que ilustravam as manchetes do dia: notícias internacionais, seguidas de notícias locais, sobre esportes e cultura. Joe ficara intrigado com a foto das notícias locais, mas ela já tinha sido substituída por outra, com os Knicks de Nova York.

Ele clicou sobre uma seta, chamando a imagem anterior.

A foto exibia um homem com suas duas filhas. Ele reconheceu uma delas. Não era aluna sua, mas freqüentava a escola. Ou pelo menos era muito parecida com alguém de lá. Joe clicou na história. A manchete informava: MULHER DESAPARECIDA.

Joe viu o nome de Reba Cordova. Ele a conhecia. Além de vice-presidente da associações de pais e professores, ela havia participado do comitê da biblioteca da escola, no qual ele ocupava o posto de representante do corpo docente. Joe lembrava-se claramente do sorriso que ela costumava abrir ao receber as filhas no portão, depois da aula.

Reba Cordova está desaparecida?

Foi então que ele leu o parágrafo seguinte, que falava da possível conexão do desaparecimento da Sra. Cordova com o cadáver encontrado dias antes em Newark. E, quando viu o nome da vítima, ficou se fôlego.

Santo Deus, o que ele havia feito?

Joe Lewiston correu para o banheiro e vomitou. Em seguida, tirou o telefone do gancho e discou o número de Nash.

34

PRIMEIRO, RON HILL SE CERTIFICOU de que nem Betsy nem os gêmeos estavam em casa. Depois subiu ao quarto do filho morto.

Não queria que ninguém soubesse.

Encostado à porta, ficou olhando para a cama como se o esforço de concentração pudesse fazer seu filho se materializar a qualquer instante e, então, Spencer surgiria ali, deitado de costas, mudo, olhando para o teto com uma pequena lágrima nos olhos.

Por que eles não haviam enxergado antes?

O garoto vivia mal-humorado, tristonho, calado. Ninguém quer que seu filho seja taxado de maníacodepressivo. Os pais sempre acreditam que é só uma fase, coisa de adolescente, e que logo vai passar. Mas agora, olhando as coisas em retrospecto, quantas vezes Ron não passara por aquele quarto, abrira a porta sem bater (a casa era dele, ora) e lá estava Spencer, esparramado na cama, os olhos marejados. Ron perguntava: “Tudo bem com você, filho?” E Spencer respondia: “Tudo, pai.” Então, Ron fechava a porta e a vida seguia em frente.

Belo pai.

Ron se culpava por não ter notado o comportamento do filho, por ter deixado os comprimidos e a vodca em locais de tão fácil acesso e, sobretudo, pelo que andava pensando.

Talvez fosse uma crise de meia-idade. Mas ele achava que não. Para ele isso era uma desculpa muito conveniente, uma saída fácil. A verdade era que ele detestava sua vida. Detestava o emprego. Detestava chegar em casa e encontrar filhos que não o obedeciam, aquela barulheira toda, aquela correria. Detestava ter de sair a todo instante para comprar lâmpadas, preocupar-se com a conta do gás, economizar para a universidade dos filhos. Caramba, como seria bom poder escapar de tudo aquilo. Ron, assim como tantos homens iguais a ele, não sabia como sua vida tinha chegado àquele ponto. Seu sonho era refugiar-se numa casinha de campo e ficar sozinho, perdido no meio de uma floresta sem celulares, procurando uma brecha entre as árvores para espiar o sol e senti-lo na pele.

Ele desejava escapar daquela vida e, de repente, Deus atendia às suas preces levando seu filho.

Ron detestava estar ali, naquela casa, naquele caixão. Betsy recusava-se a seguir em frente. Os gêmeos, por algum motivo, pareciam em outra sintonia. As pessoas acabam se resignando a seus destinos, mas por quê? Que sentido isso faz? Sacrificamos nossa felicidade na remota esperança de que a geração seguinte seja mais feliz. Mas que garantia a vida nos dá? Que garantia temos de que, à custa da nossa própria felicidade, nossos filhos serão mais realizados? Nenhuma. Com Spencer, por exemplo, não tinha sido assim.

Ron relembrou os dias após o suicídio do filho. Entrara naquele quarto, nem tanto para empacotar as coisas de Spencer, mas para mexer nelas. Aquilo o ajudava de alguma forma. Sentira uma irrefreável vontade de remexer nos pertences do filho, como se conhecê-lo melhor agora fosse fazer alguma diferença. Betsy o vira ali e fizera um escândalo. Então, Ron parou imediatamente o que estava fazendo e nunca disse nem uma palavra sobre o que havia

encontrado – e apesar de seus esforços para se entender com Betsy, das inúmeras tentativas de reaproximação, a mulher por quem ele tinha se apaixonado já não estava mais lá. Era bem possível que ela tivesse partido muito antes, Ron já não tinha certeza de nada, mas qualquer coisa que pudesse ter restado fora enterrada naquele maldito caixão com Spencer.

Ron se assustou ao ouvir a porta dos fundos bater. Não ouvira o carro chegar. Correu para a escada e deparou com Betsy. Vendo a expressão no rosto dela, disse:

– O que houve?

– Spencer se matou – disse ela.

Ron ficou ali, sem saber o que dizer.

– Eu queria que houvesse mais alguma coisa – continuou Betsy.

– Eu sei – devolveu Ron.

– Sempre vamos ficar nos perguntando o que poderíamos ter feito para salvar nosso filho. Mas talvez… Sei lá, talvez não houvesse nada a fazer. É possível que não tenhamos percebido uma coisa ou outra, mas também é possível que isso não tivesse feito diferença nenhuma. Detesto pensar nisso, porque não quero nos isentar da culpa, mas logo vejo que não estou nem aí para essa história de culpa, eu só queria ter a chance de voltar atrás. Uma única chance. E talvez, se mudássemos uma coisinha qualquer, algo insignificante, como sair da garagem e virar para a esquerda em vez de para a direita, ou pintar a casa de amarelo em vez de azul, qualquer bobagem assim, tudo teria sido diferente.

Ron esperou que ela dissesse mais alguma coisa. Vendo que ela havia terminado, perguntou:

– O que aconteceu, Betsy?

– Acabei de me encontrar com Adam Baye.

– Onde?

– No quintal dos fundos, onde eles costumavam brincar.

– O que ele disse?

Betsy contou sobre a discussão entre os dois garotos, as ligações, a culpa que Adam estava sentindo.

– Por causa de uma garota? – perguntou Ron, tentando digerir as novas informações.

– É.

Mas Ron sabia que as coisas eram bem mais complicadas.

Betsy lhe deu as costas.

– Aonde você vai? – perguntou ele.

– Preciso falar com a Tia.

Tia e Mike decidiram dividir as tarefas.

Mo foi ao encontro deles. Ele e Mike foram para o Bronx, enquanto Tia ficou no computador de casa. Mike colocou o amigo a par de tudo o que havia acontecido. Mo seguiu dirigindo sem fazer perguntas. Deixou que Mike terminasse e em seguida disse apenas:

– Aquela mensagem… do tal CeeJay8115.

– O que é que tem?

Mo continuava dirigindo.

– Mo?
– Não sei. Mas é impossível que haja 8.115 CeeJays por aí.
– E daí?
– E daí que os números nunca são aleatórios – disse Mo. – Sempre significam alguma coisa. É só a gente descobrir o quê.
Mike já deveria ter previsto. Quando o assunto era números, Mo era uma espécie de sábio. Por isso conseguira entrar numa universidade como Dartmouth, por causa do excelente resultado na parte aritmética dos exames de admissão.
– Alguma idéia do que possa ser?
– Ainda não – respondeu Mo, balançando a cabeça. – E agora, o que vamos fazer?
– Preciso dar um telefonema.
Mike discou o número do Club Jaguar. Ficou surpreso quando Rosemary McDevitt atendeu pessoalmente.
– Aqui é Mike Baye.
– Eu já imaginava. Estamos fechados hoje, mas eu estava esperando seu telefonema.
– Precisamos conversar.
– Precisamos mesmo – disse Rosemary. – Você sabe onde estou. Venha para cá o mais rápido que puder.

Tia conferiu os e-mails de Adam, mas, como das outras vezes, não encontrou nada de relevante. Clark e Olivia continuavam mandando mensagens, cada vez mais alarmados, mas ainda não havia nada de DJ Huff, o que deixou Tia preocupada.
Ela se levantou e foi até o quintal para conferir se a chave reserva estava no esconderijo de sempre. Estava. Mo a tinha usado recentemente, dissera que a tinha colocado de volta no mesmo lugar. Ele sabia onde a chave ficava, o que, de algum modo, fazia dele um suspeito. Por outro lado, apesar de todas as reservas de Tia para com ele, a falta de confiança não era uma delas. Ele jamais faria nada contra aquela família. Tia sabia que Mo seria capaz de dar a própria vida para salvar Mike, Adam e Jill.
Ainda estava no quintal quando ouviu o telefone tocar. Entrou correndo e conseguiu atender no terceiro toque. Não teve tempo de conferir o identificador de chamadas.
– Alô?
– Tia? Aqui é Guy Novak.
Ele parecia estar despejando aquelas palavras.
– Algum problema?
– As meninas estão bem, não se preocupe. Por acaso você estava vendo o noticiário na TV?
– Não, por quê?
Guy abafou o choro e disse:
– Minha ex-mulher foi assassinada. Acabei de identificar o corpo.
Tia poderia esperar qualquer coisa, menos uma revelação daquelas.
– Meu Deus, Guy, eu sinto muito.
– Não quero que você se preocupe com as meninas. Minha amiga Beth está com elas. Acabei

de ligar para casa. Está tudo bem por lá.
– O que aconteceu com Marianne?
– Foi espancada até morrer.
– Meu Deus…
Tia só a vira poucas vezes. Marianne abandonara a família logo depois de Yasmin e Jill começarem a estudar. Na época, esse fora o grande escândalo da cidade: uma mulher que não suportara a pressão da maternidade e fugira de suas responsabilidades para levar uma vida desregrada nas praias da Flórida. A maioria das mães comentava o assunto com tanta repulsa que Tia não podia deixar de suspeitar que elas sentiam um pouco de inveja, uma certa admiração por aquela mulher que havia conseguido se libertar dos grilhões da sociedade, ainda que de maneira egoísta e destrutiva.
– Eles pegaram o assassino?
– Não. Até pouco tempo atrás nem sabiam de quem era o corpo.
– Sinto muito, Guy.
– Já estou voltando para casa. Yasmin ainda não sabe de nada. Preciso contar a ela.
– Claro.
– Acho melhor que a Jill não esteja por perto nessa hora.
– Certo – disse Tia. – Vou buscá-la agora mesmo. Tem mais alguma coisa que eu possa fazer?
– Não, Tia, obrigado. Quer dizer, seria bom se a Jill pudesse voltar mais tarde. Sei que é pedir muito, mas Yasmin pode precisar dela.
– Claro. Faremos qualquer coisa para ajudar vocês.
– Obrigado, Tia.
Guy desligou e Tia ficou ali, perplexa. Marianne havia sido espancada até a morte. Difícil de digerir. Tia nunca fora muito boa em lidar com diversas coisas ao mesmo tempo, e os últimos dias vinham se revelando um enorme desafio para sua capacidade de se controlar.
Ela pegou as chaves do carro, se perguntou se deveria ligar para Mike, mas achou melhor deixá-lo concentrado em procurar Adam. Do lado de fora, o céu estava extraordinariamente azul. Tia parou um instante para admirar a rua, as casas silenciosas, os gramados impecáveis. Os Graham estavam na calçada. O Sr. Graham ensinava o filho de 6 anos a andar numa bicicleta sem rodinhas, segurando o selim enquanto o garoto pedalava – o tradicional rito de passagem e também um exercício de confiança, como aqueles em que nos jogamos para trás, certos de que alguém está ali para nos amparar. A Sra. Graham observava do jardim, com as mãos sobre os olhos para bloquear a luz, sorrindo.
Dante Loriman chegou em casa com sua BMW 550i.
– Oi, Tia.
– Oi, Dante.
– Tudo bem?
– Tudo, e você?
– Tudo ótimo.
Ambos estavam mentindo, claro. Ela olhou para os dois lados da rua. As casas eram tão parecidas… Mais uma vez ela pensou naquelas sólidas estruturas que protegiam vidas tão frágeis. Os Loriman tinham um filho doente. O dela estava desaparecido e provavelmente envolvido em algo ilícito.

Tia se acomodava no carro quando o celular tocou. Conferiu o identificador de chamadas. Era Betsy Hill. Talvez fosse melhor não atender. Afinal, elas agora tinham interesses diferentes. Tia não estava disposta a contar sobre as *pharm parties*, tampouco sobre as suspeitas da polícia. Pelo menos não por enquanto.

O telefone tocou outra vez.

Tia novamente hesitou. Mas o importante naquele momento era encontrar Adam. Tudo mais deveria ficar em segundo plano. Quem sabe Betsy não descobrira algo que pudesse dar uma pista de onde ele estava?

Ela atendeu.

– Alô?

– Acabei de ver o Adam.

O nariz quebrado de Carson começava a doer. Ele estava diante de Rosemary McDevitt quando ela desligou o telefone.

A paz reinava no Club Jaguar. Rosemary tinha fechado o lugar e despachado todo mundo para casa depois do incidente com Michael Baye e seu amigo brutamontes. Eles dois eram os únicos que haviam ficado.

Ela era uma mulher linda, sem dúvida, mas naquele momento dava a impressão de que a armadura estava para desmoronar. Largara o celular e apertara os braços contra o próprio tronco.

Do outro lado da mesa, Carson tentou abrir um sorriso de sarcasmo, mas sentiu o nariz doer.

– Era o pai do Adam? – perguntou.

– Era.

– Precisamos nos livrar dos dois.

Rosemary fez que não com a cabeça.

– O que foi? – disse Carson.

– O que você precisa fazer – disse ela – é deixar que eu cuide de tudo.

– Acho que você ainda não entendeu o que está acontecendo.

Rosemary não disse nada. Então, ele continuou:

– O pessoal para quem trabalhamos…

– Não trabalhamos para ninguém – interrompeu ela.

– Tudo bem, coloque as coisas do jeito que quiser. Nossos sócios. Nossos distribuidores. Tanto faz.

Rosemary fechou os olhos, impaciente.

– Esse pessoal é barra-pesada.

– Ninguém pode provar nada.

– Claro que pode.

– Deixe que eu cuido de tudo, o.k.?

– Ele está vindo para cá?

– Está. Vou conversar com ele. Sei o que estou fazendo. Agora quero que você vá embora.

– Para você ficar sozinha com ele, não é?

Rosemary balançou a cabeça.
– Não é nada disso que você está pensando.
– Então o que é?
– Vou tirar a gente dessa. Vou conseguir dobrá-lo. Deixe comigo.

No alto de uma colina no terreno da escola, sozinho, Adam ouvia novamente a voz de Spencer.
Foi mal, cara, desculpe…
Ele fechou os olhos. Adam não tinha apagado aquelas mensagens do celular. Ele as ouvia quase diariamente e sempre sentia a mesma dor.
Adam, por favor, atenda…
Me perdoe, cara. Só diga que você me perdoa…
As tais mensagens ainda o assombravam, especialmente a última, em que Spencer já enrolava a língua, quase morrendo:
Não tem nada a ver com você, Adam. Tente entender. Não é culpa de ninguém. Mas é que está muito difícil. Sempre foi difícil demais…
Adam esperava pela chegada de DJ Huff. O pai de DJ, um capitão da polícia que havia crescido naquela mesma comunidade, dizia que os garotos costumavam escalar aquela colina depois das aulas, mas só os valentões e encrenqueiros. Os outros passavam bem longe dali.
Olhando à sua volta, Adam viu o campo de futebol. Já havia participado de algumas partidas ali, quando tinha 8 anos, mas nunca se interessara pelo esporte. Gostava do hóquei. Gostava do gelo, de deslizar nos patins. Gostava de vestir as braçadeiras, as perneiras, a máscara de proteção. Gostava da concentração exigida pelo seu posto de goleiro. O goleiro sempre tinha um papel importante no jogo: se estava num dia bom, não havia possibilidade de derrota. A maioria dos garotos detestava esse tipo de pressão. Adam precisava dela.
Me perdoe, cara.
Não, pensou Adam, é *você* quem tem de *me* perdoar.
Spencer sempre fora instável: ora estava nas nuvens, ora no fundo do poço. Falava em fugir, em abrir um negócio próprio, mas, sobretudo, em morrer e acabar com a dor. Assim como todos os garotos, até certo ponto. Adam, por exemplo, chegara a fazer um pacto de suicídio com Spencer no ano anterior. Mas no caso dele, era só da boca para fora.
Ele deveria ter previsto que Spencer teria coragem de cumprir o pacto.
Me perdoe…
Teria feito alguma diferença? Naquela noite, sim. Spencer viveria mais um dia. Depois mais um. E depois… quem poderia dizer?
– Adam?
Ele se virou na direção da voz. Era DJ Huff.
– Tudo bem com você?
– Não – respondeu Adam. – Graças a você.
– Eu não sabia o que ia acontecer. Simplesmente vi seu pai me seguindo e liguei para o Carson.

– E saiu correndo.
– Eu não sabia que eles iriam atrás dele.
– E o que você achou que eles iriam fazer?
DJ deu de ombros e só então Adam reparou no estado dele: os olhos vermelhos, a fina camada de suor, o corpo balançando.
– Você está chapado – disse ele.
– E daí? Não entendo você, cara. Como é que pôde contar tudo para o seu pai?
– Não contei nada.
Adam havia planejado tudo para aquela noite. Inclusive fora ao centro, até uma loja de artigos de espionagem. Pensara em comprar uma escuta daquelas que costumava ver na TV, mas o vendedor lhe dera uma caneta que gravava áudio e uma fivela de cinto que na verdade era uma câmera. Ele gravaria e filmaria tudo e depois procuraria a polícia, mas não a local, porque o pai de DJ trabalhava lá. Sabia que estava correndo um risco, mas não tinha alternativa.
Não agüentava mais.
Sabia disso, podia senti-lo, e sabia também que, caso não fizesse alguma coisa para voltar à tona, acabaria como Spencer. Por isso arquitetara aquele plano, que deveria ter sido posto em prática na véspera.
Mas então seu pai apareceu com aquela história do jogo dos Rangers.
Adam sabia que não poderia ir a jogo nenhum. Talvez pudesse adiar seu plano por alguns dias, mas, se não aparecesse lá naquela noite, Rosemary, Carson e todos os outros poderiam suspeitar, pois sabiam que ele se encontrava em cima do muro. Já o haviam intimidado com a ameaça de chantagem. Por isso ele fugira: para ir ao Club Jaguar.
Mas tudo foi por água abaixo quando seu pai apareceu no Bronx.
Adam sentiu o corte no braço latejar. Provavelmente precisaria ir a um hospital e levar alguns pontos, sabia que estava correndo o risco de ter uma infecção. Tentara limpar a ferida, mas quase desmaiara de dor. Naquele momento, no entanto, o mais importante era concluir seu plano.
– Carson e os outros caras estão achando que você tentou nos pegar numa armadilha – disse DJ.
– Mas não tentei – mentiu Adam.
– Seu pai também apareceu na minha casa.
– Quando?
– Sei lá. Mais ou menos uma hora antes de aparecer no Bronx. Meu pai o viu no carro, do outro lado da rua.
Adam queria desvendar mais esse mistério, mas não havia tempo.
– Precisamos acabar com isso, DJ.
– Eu falei com meu pai. Ele está mexendo os pauzinhos dele. É da polícia. Sabe como essas coisas funcionam.
– Spencer está morto.
– A culpa não é nossa.
– É, sim, DJ.
– O cara era todo problemático. Fez tudo sozinho.
– Nós o deixamos morrer. – Adam olhou para a mão direita e fechou os dedos em um punho,

dando-se conta de que aquele havia sido o último contato de Spencer com outro ser humano. – Dei um soco na cara dele.

– E daí, cara? Se você quiser entrar nessa de se sentir culpado, problema seu. Mas não pode ferrar todo mundo por causa disso.

– Não é uma questão de culpa. Eles tentaram matar meu pai. Eles tentaram me matar também.

DJ balançou a cabeça e disse:

– Você não está entendendo, cara.

– Não estou entendendo o quê?

– Se nos entregarmos, estaremos perdidos. Provavelmente vamos parar na cadeia. E aí, adeus universidade. Para quem você acha que o Carson e a Rosemary venderam aquelas drogas, hein? Para o Exército da Salvação? Tem uma galera da Máfia envolvida nessa história, será que você não vê isso? O Carson está morrendo de medo.

Adam não disse nada.

– Meu pai disse que, se a gente ficar de bico calado, vai dar tudo certo.

– E você realmente acredita nisso?

– Fui eu que levei você até aquele lugar, mas minha culpa termina aí. As receitas são do seu pai. A gente pode simplesmente falar que não quer mais participar da parada.

– E se eles não deixarem?

– Aí meu pai pode botar pressão. Ele falou que dá para fazer isso. Ninguém vai querer arriscar uma confusão com a polícia.

Adam olhou para ele, esperando algo mais.

– Essa decisão afeta todo mundo, cara – prosseguiu DJ. – Não é só com o seu futuro que você vai acabar. É com o meu também. E o do Clark. O da Olivia. Eles também estão envolvidos.

– Já estou cansado desse argumento – devolveu Adam.

– Mas é verdade, Adam. Talvez eles não estejam tão envolvidos quanto você e eu, mas também vão se ferrar.

– Não.

– Não o quê?

Adam olhou novamente para o amigo.

– Foi assim que você fez as coisas a vida inteira, DJ.

– Do que você está falando?

– Você faz as suas merdas e depois seu pai vai lá te salvar.

– Que papo é esse agora, cara?

– Não podemos simplesmente sair dessa.

– Spencer se matou. Não fizemos nada com ele.

Adam olhou para o vale da escola. O campo de futebol estava vazio, a não ser por algumas pessoas que corriam em torno do gramado. Olhando um pouco mais para a esquerda, tentou localizar a parte do telhado onde Spencer fora encontrado, mas ela estava escondida pela torre principal do prédio. DJ se aproximou e ficou olhando também.

– Meu pai costumava subir aqui – disse. – Quando ainda estava no ginásio. Era da turma dos valentões, sabe? Fumava maconha, bebia cerveja. Vivia metido numa briga.

– E daí?

– E daí que naquela época os garotos sobreviviam às besteiras que aprontavam. Os adultos

faziam vista grossa. Os garotos eram garotos, tinham de fazer aquilo mesmo. Meu pai roubou um carro quando tinha a nossa idade. Foi pego, mas propuseram um acordo. Hoje ele é um dos caras mais corretos que você pode imaginar. Mas se tivesse vivido nos dias atuais, estaria ferrado. É ridículo. Se você assobiar para uma garota na escola, pode ir parar na cadeia. Se topar com alguém no corredor, pode ser acusado de uma merda qualquer. Basta um passo em falso, e pronto, já era. Meu pai acha isso um absurdo. Como é que vamos encontrar nosso caminho desse jeito?

– Isso não quer dizer que podemos fazer o que bem entendermos.

– Adam, pense bem. Daqui a alguns anos estaremos na universidade. Tudo isso vai ficar para trás. Não somos criminosos. Não podemos deixar que isso acabe com a nossa vida.

– Acabou com a do Spencer.

– Não foi culpa nossa.

– Aqueles caras quase mataram meu pai. Ele foi parar num hospital.

– Eu sei. Também ia ficar assim se fosse com meu pai. Mas você não pode esquentar a cabeça, cara. Precisa se acalmar, pensar direito. Falei com o Carson. Ele quer que a gente vá lá conversar com ele.

– Ah, está bem.

– Verdade!

– Ele é louco, DJ. Você sabe disso. Foi você mesmo quem disse. O cara acha que tentei armar para cima dele.

Adam procurou organizar os pensamentos, mas estava muito cansado. Sentia dores no braço, estava exausto e confuso. Embora tivesse passado a noite em claro, refletindo, até então não tinha a menor idéia do que fazer.

Ele deveria ter contado toda a verdade aos pais.

Mas não pôde. Ele havia metido os pés pelas mãos. Começara a ficar chapado com freqüência cada vez maior e, depois de um tempo, passou a ver como inimigas as únicas pessoas no mundo que o amavam incondicionalmente, as únicas que o amariam para sempre, apesar de suas trapalhadas.

As mesmas pessoas que o haviam espionado.

Agora ele sabia disso. Ficara furioso ao ver que os pais não haviam confiado nele, mas depois, pensando melhor, se deu conta de que não fizera nada para merecer a confiança deles.

Portanto, depois dos acontecimentos da véspera, Adam entrou em pânico. Fugiu e se escondeu. Precisava de tempo para pensar.

– Tenho de falar com meus pais – disse ele.

– Não acho que seja uma boa idéia.

Adam olhou para DJ.

– Me empreste seu telefone – disse.

DJ fez que não com a cabeça. Adam deu um passo à frente e o ameaçou com um punho.

– Não me obrigue a pegá-lo de você.

DJ estava com os olhos úmidos. Depois de erguer a mão para conter o amigo, tirou o celular do bolso e o entregou a ele. Adam ligou para casa. Ninguém atendeu. Discou o número do celular do pai. Ninguém atendeu. Depois tentou o da mãe. Mesma coisa. Só lhe restava uma coisa a fazer. Ele já havia ligado para ela antes, conversado o bastante para convencê-la de que

estava bem, para fazê-la jurar que não diria nada aos pais.

Adam ligou para o celular de Jill.

– Alô?

– Sou eu.

– Adam? Volte para casa, por favor. Estou com tanto medo.

– Você sabe onde o papai e a mamãe estão?

– Mamãe está vindo me buscar na casa da Yasmin. O papai saiu para procurar você.

– Sabe para onde ele foi?

– Acho que foi para o Bronx, sei lá. Ouvi mamãe dizer uma coisa assim. Um tal de Club Jaguar.

Adam fechou os olhos. Merda. Eles sabiam de tudo.

– Tenho que ir.

– Para onde?

– Vai ficar tudo bem. Não se preocupe. Quando a mamãe chegar aí, diga que você teve notícias minhas. Fale para ela que estou bem e que logo, logo vou chegar em casa. Peça para ela tentar falar com o papai e mandar ele ir para casa também, o.k.?

– Adam?

– Faça o que eu estou pedindo.

– Estou com muito medo.

– Não precisa, Jill. É só você fazer o que eu pedi, está bem? Daqui a pouco eu chego em casa.

Ele desligou e olhou para DJ.

– Você está de carro?

– Estou.

– Precisamos correr.

♦♦♦

Nash viu o carro da polícia estacionar diante da casa.

Guy Novak saltou. Um policial à paisana fez menção de saltar também, mas Guy sinalizou que não era necessário. Passou o braço pela janela, apertou a mão do policial e, feito um zumbi, arrastou-se de volta para casa.

Nash sentiu o celular vibrar. Não precisava mais olhar para saber quem estava chamando. Só podia ser Joe Lewiston outra vez. Havia apenas alguns minutos, Nash ouvira a mensagem desesperada que Joe lhe deixara:

Meu Deus, Nash, o que está acontecendo? Eu não queria nada disso. Por favor não machuque mais ninguém, o.k.? Eu só queria… Achei que você pudesse simplesmente conversar com ela, pegar aquela fita, sei lá. E se você souber de alguma coisa sobre a outra mulher, por favor não faça nada contra ela, ouviu bem? Meu Deus…

Assim.

Guy Novak entrou em casa. Nash se aproximou. Três minutos depois a porta se abriu novamente. Uma mulher saiu. A namorada de Guy Novak. Ele a beijou no rosto e fechou a porta. A moça seguiu pelo quintal até a calçada. Chegando lá, virou-se para trás e balançou a cabeça.

Talvez estivesse chorando, mas àquela distância era difícil saber.

Trinta segundos depois, ela também sumiu.

Agora o tempo era curto. Nash havia cometido um erro. Eles conseguiram identificar Marianne, segundo os noticiários. O marido havia sido interrogado pela polícia. As pessoas acham que a polícia é burra. Não é. Os homens da lei contam com toda espécie de vantagem. Nash tinha respeito por eles. Por isso se dera o trabalho de desfigurar a vítima.

O instinto de sobrevivência mandava que ele fugisse, que se escondesse em algum buraco para depois sair do país. Mas sua intenção não era fazer nada disso. Ainda poderia ajudar o antigo cunhado, embora Joe não quisesse ser ajudado. Ligaria para ele mais tarde e tentaria convencê-lo a ficar de bico calado. Ou talvez Joe caísse na real por conta própria. Agora estava apavorado, mas fora ele mesmo quem havia procurado Nash pedindo ajuda. Talvez ele acabasse ouvindo a voz da razão.

A coceirinha estava lá. O louco pedia para sair. Ele sabia que havia crianças na casa. Não tinha nenhuma intenção de machucá-las – ou isso não passaria de uma grande mentira? Às vezes era difícil saber. Os humanos sobrevivem à base do auto-engano, e Nash, que era de carne e osso, às vezes também se permitia esse luxo.

Mas em termos puramente práticos, ele não tinha tempo a perder. Precisava entrar em ação imediatamente. Isso significava que, com ou sem louco, as crianças poderiam acabar sofrendo as conseqüências.

Nash pegou o canivete que trazia no bolso.

Seguiu para a porta dos fundos e arrombou a fechadura.

35

ROSEMARY MCDEVITT CONDUZIU Mike Baye até sua sala no Club Jaguar. O colete e as tatuagens agora estavam cobertos por um moletom cinza grande demais: Rosemary nadava nele, as mãos escondidas nas mangas compridas. Desse jeito ela parecia menor, menos poderosa e menos intimidante. Mike ficou pensando se isso não fazia parte do jogo. Eles se serviram de café e se acomodaram em lados opostos da mesa.

– A polícia colocou alguma escuta em você? – perguntou ela, encolhendo as pernas sobre a cadeira, também as escondendo sob o moletom.

– Não.

– Você se importa de me entregar o celular, só para garantir?

Mike deu de ombros e entregou o aparelho a ela. Rosemary o desligou e o colocou sobre a mesa entre eles.

Mo esperava no carro. Receando uma armadilha, tinha dito a Mike que era melhor ele não entrar, mas também sabia que não havia alternativa. Aquela era a melhor pista que eles tinham sobre o paradeiro de Adam.

– Pouco me importa o que você faz aqui – disse Mike –, a não ser nos aspectos que têm a ver com meu filho. Você sabe onde ele está?

– Não.

– Quando foi a última vez que você o viu?

Ela o encarou com os olhos castanhos. Mike não tinha certeza se havia um jogo de sedução ali, mas isso também não tinha a menor importância. Ele queria respostas. Entraria no jogo se fosse preciso.

– Ontem à noite.

– Onde exatamente?

– Lá embaixo, na boate.

– Ele veio aqui para dançar?

Rosemary sorriu e disse:

– Suponho que não.

Mike deixou passar.

– Foi você que mandou aquela mensagem instantânea para ele, não foi? Você é CeeJay8115, não é?

Ela não respondeu.

– Você pediu ao Adam para ficar de bico calado, para que vocês se safassem de alguma coisa. E ele contou que tinha sido procurado pela mãe de Spencer Hill, certo?

Rosemary ainda estava com as pernas encolhidas sobre a cadeira. Ela abraçou os joelhos e disse:

– Como o senhor pode saber tanto sobre as conversas do seu filho, Dr. Baye?

– Isso não é da sua conta.

– Como o senhor o seguiu até aqui ontem à noite?

Mike não disse nada.
– Você tem certeza de que quer seguir por esse caminho? – perguntou ela.
– Creio que não me resta outro.
Ela olhou por sobre o ombro dele. Mike virou-se para trás. Carson, o de nariz quebrado, espiava do outro lado da vidraça. Mike o encarou calmamente. Segundos depois, Carson desviou o olhar e se afastou.
– Eles são apenas garotos – comentou Mike.
– Não, não são.
Mike não quis discutir.
– Abra o jogo para mim – disse ele.
Rosemary recostou-se na cadeira.
– Vamos falar em termos hipotéticos, pode ser?
– Se é assim que você quer…
– É assim que eu quero. Digamos que você é uma menina e mora numa cidade pequena. Seu irmão morre de overdose.
– Não é o que a polícia diz. Não há nenhuma prova de que isso tenha acontecido.
Ela riu com ironia.
– Foi o pessoal da DEA que falou isso, é?
– Disseram que não encontraram nada que corroborasse a informação.
– Porque troquei alguns fatos.
– Que fatos?
– O nome da cidade, o nome do estado…
– Por quê?
– Principal motivo? Na noite em que meu irmão morreu, fui presa por posse e tráfico de drogas. – Ela levantou o rosto e encarou Mike. – Isso mesmo. Fui eu que forneci as drogas para o meu irmão. Eu era o vapor dele. Sempre deixo de fora essa parte da história. As pessoas normalmente não entendem.
– Continue.
– Então abri o Club Jaguar. Já lhe contei qual é a minha filosofia aqui. Minha intenção era criar uma espécie de santuário onde os garotos pudessem se divertir e relaxar. Queria canalizar, de um jeito seguro, a inclinação natural que eles têm para se rebelar.
– Certo.
– Então foi assim que a coisa começou. Fui à luta e consegui levantar dinheiro suficiente para tirar o projeto da gaveta. Montei isto aqui em um ano. Você nem imagina como foi difícil.
– Até posso imaginar, mas realmente não foi para isso que vim aqui. Que tal pularmos direto para a parte em que você começou a realizar festinhas regadas a comprimidos e a roubar receituários?
Rosemary sorriu e balançou a cabeça.
– Não é bem assim.
– Ahã.
– Hoje mesmo li no jornal sobre uma viúva que fazia trabalho voluntário na paróquia dela. Ao longo dos últimos cinco anos, ela roubou cerca de 28 mil dólares da cestinha do ofertório. Você viu isso?

– Não.
– Mas já ouviu falar de casos semelhantes, aposto. Toda hora aparece uma história dessas. O sujeito que trabalha para uma instituição de caridade e desvia dinheiro para comprar um carrão… Você acha que ele simplesmente acordou um dia e resolveu fazer isso?
– Eu não saberia dizer.
– A viúva da igreja. Sabe o que eu acho que aconteceu? Um dia ela estava contando o dinheiro do ofertório e ficou até mais tarde na igreja. Talvez seu carro estivesse na oficina e ela não tivesse como voltar para casa. Já estava anoitecendo. Então ela chamou um táxi e pensou: puxa, faz tanto tempo que trabalho aqui como voluntária, o que custa a igreja me pagar um táxi? Sem pensar duas vezes, ela meteu a mão no cesto e tirou uma nota de cinco dólares. Afinal, ela fez por merecer. É assim que essas coisas começam, eu acho. Gradualmente. Volta e meia pessoas de aspecto distinto são presas por roubar dinheiro de escolas, igrejas, instituições de caridade. Elas começam roubando quantias pequenas e depois vão aumentando aos poucos, tão lentamente que nem percebem. Não acham que estão fazendo nada de errado.
– E foi assim que aconteceu com o Club Jaguar?
– Eu achava que a garotada queria apenas encontrar os amigos para se divertir. Mas foi como aqueles programas assistenciais com o basquete. Eles queriam se divertir, sim, mas com álcool e drogas. Não é possível criar um lugar para se rebelar. Não dá para oferecer segurança e proibir o consumo de drogas, porque a idéia é justamente esta: eles querem se arriscar, não querem saber de segurança.
– Seu conceito não deu certo.
– Ninguém apareceu e os que vieram logo foram embora. Fomos tachados de caretas. Éramos vistos como esses grupos evangélicos que obrigam as pessoas a fazer voto de castidade.
– Mas o que aconteceu depois? – quis saber Mike. – Vocês simplesmente começaram a permitir que eles trouxessem as próprias drogas?
– Não foi bem assim. Eles entravam com drogas, sim. Mas no início eu nem sabia. De certa forma isso até faz sentido. Como eu disse antes, essas coisas sempre acontecem de modo gradual. Um ou dois garotos começaram a trazer comprimidos roubados de casa. Nada muito pesado. Não estamos falando de cocaína ou heroína, mas de remédios aprovados pela FDA.
– Besteira.
– O quê?
– Muitos desses remédios são drogas pesadas, sim. Por isso precisam de receita.
Rosemary deu um risinho sarcástico.
– Claro, eu não esperaria ouvir outra coisa de um médico. Se não houvesse a necessidade de alguém para decidir quem deve tomar que tipo de remédio, seu trabalho já era. Aliás, vocês já perderam muito dinheiro para os planos de saúde pública tipo Medicare e Medicaid, sem falar nas tantas seguradoras privadas que existem por aí.
– Isso é ridículo.
– Talvez no seu caso. Mas nem todo médico é tão consciencioso assim.
– Você está tentando justificar um crime.
– Pode ser – retrucou Rosemary, sem perder a placidez. – De qualquer modo, foi assim que tudo começou: alguns adolescentes trazendo comprimidos roubados dos pais. Remédios perfeitamente lícitos. Quando soube disso, fiquei muito aborrecida, mas depois vi como nosso

movimento estava aumentando. Eles iam continuar trazendo os comprimidos de qualquer jeito e eu estava oferecendo a eles um lugar seguro. Cheguei a contratar uma profissional da área médica. Ela ficava de plantão, no caso de haver algum imprevisto. Você percebe o que eu estava conseguindo fazer? Eu estava tirando a garotada da rua e trazendo para cá, o que é muito melhor. Também oferecia programas de ajuda, de modo que eles pudessem se abrir, falar dos seus problemas. Você deve ter visto os panfletos das terapias, não viu? Muitos garotos se inscreveram. O bem que estávamos fazendo era maior que o mal.

– Mas gradualmente… – provocou Mike.

– Pois é.

– Vocês foram se dando conta de que ainda precisavam de dinheiro. Descobriram o preço desses remédios no mercado e começaram a exigir um percentual.

– Para as despesas operacionais. Como a médica que contratei, por exemplo.

– A viúva da igreja e o dinheiro do táxi.

Rosemary deu um sorriso triste e disse apenas:

– É.

– Foi então que Adam apareceu por aqui. Filho de um médico.

Exatamente como os policiais disseram. Rosemary tinha dado vazão a seu espírito empreendedor. Mike, entretanto, não estava interessado em suas razões. Talvez ela estivesse inventando tudo aquilo. Talvez não. Na verdade, não importava. Mas ela estava certa ao dizer como as pessoas aos poucos iam se metendo em problemas. A viúva certamente não se oferecera como voluntária para roubar a igreja. Simplesmente começara a roubar. Dois ou três anos atrás, a mesma coisa havia acontecido na Liga Infantil de Beisebol da cidade. Também já acontecera na diretoria das escolas, na prefeitura. Sempre ficamos chocados quando ouvimos falar de coisas assim. São pessoas que conhecemos. Não são más. Ou são? Será verdade que a ocasião faz o ladrão? Ou será que, como Rosemary dissera, as pessoas fechavam os olhos e não se davam conta do que estavam fazendo?

– O que aconteceu com Spencer Hill? – perguntou Mike.

– Ele se suicidou.

Mike fez que não com a cabeça.

– Estou dizendo o que sei – retrucou Rosemary.

– Então por que Adam, como você escreveu naquela mensagem, teria que ficar de bico calado?

– Spencer Hill se matou.

Mike novamente balançou a cabeça.

– Ele morreu de overdose aqui, não foi?

– Não.

– É a única coisa que faz sentido. Por isso Adam e os amigos dele precisavam ficar de bico calado. Eles estavam com medo. Não sei o que você fez para ameaçá-los. Talvez tenha lembrado que eles também poderiam ser presos. Por isso eles ficaram se sentindo tão culpados. Por isso Adam andava tão angustiado. Ele estava com Spencer naquela noite. Não só estava com ele, como também ajudou a levar o corpo para aquele telhado.

Rosemary esboçou um sorriso.

– Você realmente não está entendendo nada, não é, Dr. Baye?

Mike não gostou do que ouviu.
– Então me explique.
Rosemary ainda encolhia as pernas sob o moletom. O jeito juvenil de se sentar conferia a ela um ar inocente que Mike sabia que não era real.
– Você não conhece mesmo seu filho, não é? – disse ela.
– Antes eu conhecia.
– Não conhecia, não. Achava que conhecia. Mas você é o pai dele. Não tem de saber de tudo. Os filhos têm de se rebelar. O fato de você não conhecê-lo não é um problema. Pelo contrário.
– Não estou acompanhando seu raciocínio.
– Você colocou um GPS no telefone dele. Foi assim que descobriu onde ele estava. E pelo visto tem monitorado o computador dele também, as mensagens. Provavelmente acha que o está ajudando, mas só o está sufocando. Os pais não devem saber o que os filhos estão fazendo o tempo todo.
– Eles precisam de espaço para se rebelarem, é isso?
– Em parte, sim.
Empertigando-se na cadeira, Mike disse:
– Se eu tivesse tomado conhecimento sobre este lugar antes, poderia ter mantido meu filho longe daqui.
– Acha mesmo? – Rosemary inclinou a cabeça como se realmente estivesse interessada na resposta. Como Mike não disse nada, ela prosseguiu: – É este o seu plano para o futuro? Monitorar cada passo dos seus filhos?
– Como pretendo criar meus filhos definitivamente não é da sua conta – respondeu ele.
Rosemary o observou com atenção. Apontou para o hematoma na testa dele e disse:
– Sinto muito por isso aí.
– Foi você que mandou aqueles góticos atrás de mim?
– Não. Só fiquei sabendo hoje de manhã.
– Quem lhe contou?
– Não vem ao caso. Ontem à noite seu filho esteve aqui, e o clima ficou estranho. Depois, você apareceu. DJ Huff viu que você o estava seguindo. Ligou para cá e o Carson atendeu.
– Ele e os amigos dele tentaram me matar.
– Provavelmente teriam matado. Ainda acha que são apenas garotos?
– Foi um segurança que me salvou.
– Não. O segurança só encontrou você.
– Como assim?
– Quando soube que eles o atacaram e que a polícia estava por perto… para mim foi como se um despertador tivesse tocado, sabe? Só o que quero agora é pôr um fim em tudo isso.
– Como?
– Não sei ainda, mas foi por isso que chamei você aqui. Para traçarmos um plano.
Só então Mike entendeu por que ela havia falado com tanta franqueza. Pelo menos era o que parecia. Rosemary sabia que a polícia estava fechando o cerco, sabia que já era hora de recolher as fichas e sair da mesa. Precisava de ajuda e supunha que um pai amedrontado morderia a isca.
– Já tenho um plano – disse Mike. – Contar toda a verdade à polícia.

– Talvez isso não seja o melhor para o seu filho.
– Adam é menor de idade.
– Mesmo assim. Estamos todos juntos neste barco. Precisamos encontrar um jeito de não afundarmos.
– Você fornecia drogas a menores de idade.
– Não é verdade, como acabei de explicar. Tudo bem, eles usaram meu clube com a finalidade de trocar remédios controlados. Isso é tudo o que talvez vocês possam provar. Não podem provar, por exemplo, que eu sabia o que estava acontecendo.
– E os receituários roubados?
Rosemary ergueu uma sobrancelha.
– E você acha que fui eu quem os roubou?
Silêncio.
Ela o encarou e disse:
– Por acaso tenho acesso a seu consultório ou à sua casa, Dr. Baye?
– A polícia está de olho em você – devolveu Mike. – Estão recolhendo evidências para um processo. Você acha que aqueles corvos góticos vão resistir à ameaça de prisão?
– Eles adoram este lugar. Quase mataram você para protegê-lo.
– Bobagem. Assim que se virem sozinhos numa sala de interrogatório, vão morrer de medo.
– Também há outras considerações – acrescentou Rosemary.
– Como o quê?
– Quem você acha que distribuía os comprimidos na rua? Você realmente quer que seu filho testemunhe contra esse tipo de gente?
A vontade de Mike era investir contra Rosemary e quebrar o pescoço dela.
– Que buraco é esse em que você meteu meu filho, Rosemary?
– No buraco do qual agora precisamos tirá-lo. É nisso que você tem de se concentrar. Precisamos limpar essa sujeira toda. Para o meu bem, claro, mas muito mais para o bem do Adam.
Mike pegou o celular sobre a mesa.
– Não sei mais o que dizer.
– Você tem um advogado, não tem?
– Tenho.
– Não faça nada antes que ele converse comigo, está bem? Há muita coisa em jogo. Inclusive outros garotos com os quais você precisa se preocupar também. Amigos do seu filho.
– Não quero saber dos outros garotos. Só do meu filho.
Mike ligou o celular, que tocou imediatamente. O identificador de chamadas mostrava um número desconhecido. Ele atendeu assim mesmo.
– Pai?
O coração de Mike veio à boca.
– Adam? Você está bem? Cadê você?
– Você está no Club Jaguar?
– Estou.
– Saia já daí. Estou na rua, indo encontrar você. Mas, por favor, saia daí. Imediatamente.

36

ANTHONY TRABALHAVA TRÊS DIAS da semana como segurança de uma boate de strip chamada Prazer & Requinte. O nome só podia ser uma piada, porque o lugar não passava de uma espelunca escura e mofada. Antes disso, ele havia trabalhado em outra boate do mesmo tipo chamada Destruidoras de Lares. Dessa ele gostava mais. Achava que a honestidade do nome conferia ao lugar uma identidade mais verdadeira.

De modo geral, trabalhava no horário do almoço. Era de esperar que lugares assim ficassem às moscas nessa hora do dia, que a clientela só começasse a aparecer bem mais tarde. Ledo engano.

Um show de strip à hora do almoço é como uma reunião da ONU. Todas as raças, credos e estratos sociais são muito bem representados. Havia homens de terno, outros com aquelas camisas de flanela que Anthony associava às caçadas, alguns usavam mocassins Gucci ou botinas Timberland. Ali se acotovelavam os boas-pintas e os malandros, a burguesia e a ralé. Num lugar daqueles, aparecia tudo quanto era tipo de gente.

Sexo vulgar, o grande unificador das classes.

– Hora do seu intervalo, Anthony. Dez minutinhos.

Anthony saiu à calçada. Embora o sol já estivesse baixando, a claridade ofuscou sua visão. Nessas boates sempre há uma escuridão diferente. Mesmo à noite não há quem não pisque os olhos ao sair delas, um bando de dráculas bêbados recuperando a visão.

Ele já ia pegando um cigarro do bolso quando lembrou que estava tentando largar o vício. Não que ele quisesse isso, mas sua esposa estava grávida e ele prometera a ela: nada de fumaça perto do bebê. Em seguida se lembrou de Mike Baye e dos problemas que ele andava tendo com o filho. Gostara de Mike. Um cara valente, mesmo tendo freqüentado um antro de almofadinhas como Dartmouth. Não tinha se acovardado na véspera. Alguns caras ficam corajosos só porque beberam uma dose a mais ou porque querem impressionar a namorada. Outros são burros mesmo. Mike, no entanto, era diferente. Não tinha o hábito de recuar, só isso. Era um cara firme. E, pensando em Mike, Anthony achou que ele próprio ainda podia ser um pouquinho mais firme também.

Ele conferiu o relógio. Ainda tinha mais dois minutos de folga. Caramba, como ele queria fumar… Aquele emprego não pagava tão bem quanto o outro, à noite, mas era moleza. Embora não fosse dado a superstições, Anthony acreditava que a lua produzia algum efeito nas pessoas. Era sempre à noite que elas brigavam, sobretudo nas noites de lua cheia, quando se podia esperar o pior. No almoço os homens ficavam mais tranqüilos. Sentavam-se ali, quietinhos, olhando as moças e depois comiam o mais lamentável "buffet" de que se tinha notícia, para o qual até os cachorros viravam a cara.

– Anthony? Seu tempo acabou.

Ele já estava entrando quando viu um garoto passando apressadamente na calçada, o celular pregado ao ouvido. Só o vira de relance, nem tivera a oportunidade de reparar no rosto. Outro garoto seguia alguns passos atrás. Vestia um casaco.

Um casaco esportivo.
– Anthony?
– Volto daqui a pouco – disse ele. – Preciso checar uma coisa.

À porta de casa, Guy Novak havia se despedido de Beth com um beijo no rosto.
– Obrigado pela ajuda com as crianças.
– Não foi nada. Fico feliz por poder ajudar. Sinto muito pelo que aconteceu com sua ex-mulher.
Depois de um dia daqueles, Guy se perguntou se voltaria a vê-la. Mas não se demorou no assunto.
– Obrigado mais uma vez – disse.
Fechou a porta e foi direto para o bar. Não bebia com muita freqüência, mas o momento pedia um drinque. As meninas assistiam a um DVD no andar de cima. Ele já dissera a elas que terminassem de ver o filme tranqüilamente. Isso faria com que Tia ganhasse algum tempo para buscar a filha – e ele aproveitaria para pensar em como daria a notícia a Yasmin.
Ele se serviu de uma dose de uísque. Devia ter uns três anos que não tocava naquela garrafa. Bebeu tudo de um único gole, sentiu a garganta queimar e se serviu de uma segunda dose.
Marianne.
Guy se lembrou de como tudo havia começado, tantos anos antes, num verão à beira-mar. Ambos trabalhavam num restaurante freqüentado por turistas. Por volta da meia-noite, depois que terminavam a limpeza, eles levavam um cobertor para a praia e ficavam lá, namorando sob as estrelas, ouvindo o som das ondas se quebrando e sentindo a maresia. Quando voltaram para a universidade – ele para Syracuse, ela para Delaware –, passaram a se falar diariamente por telefone. Trocavam cartas. Guy comprou um Oldsmobile Ciera muito velho para fazer a viagem de mais de quatro horas para ver Marianne nos fins de semana. O caminho parecia não ter fim. Ele mal via a hora de saltar do carro e se jogar nos braços dela.
Agora, sentado em casa, o tempo parecia recuar e avançar de forma desordenada, fazendo surgirem subitamente lembranças que tinham ficado para trás.
Tomou mais um grande gole de uísque. Aquilo o reconfortava.
Puxa, como ele havia amado Marianne… e ela jogara esse amor no lixo. Para quê, afinal? Para terminar daquele jeito? Terrivelmente assassinada. O rosto que ele tantas vezes beijara tão carinhosamente feito em pedaços, como uma casca de ovo, o corpo maravilhoso jogado num depósito de lixo.
Como alguém perde uma coisa dessas? De repente nos vemos completamente apaixonados por alguém, dispostos a passar o resto dos nossos dias ao lado dessa pessoa. Achamos que tudo o que ela faz é fascinante. Como esse sentimento pode simplesmente desaparecer?
Guy terminou o uísque, cambaleou até o armário e tomou uma terceira dose. Ele já não se culpava mais. Marianne havia cavado sua própria sepultura.
Aquela vadia estúpida.
O que você estava procurando, Marianne? Tínhamos uma coisa legal. Todas aquelas noites pulando de bar em bar, de cama em cama – aonde isso levou você, meu amor? Por acaso se

sentiu mais realizada? Mais feliz? Encontrou alguma coisa além do vazio? Você tinha uma filha linda, um marido que a adorava, uma casa, amigos, uma comunidade, uma vida… Isso não era suficiente?

Sua vadia estúpida e maluca.

Guy deixou a cabeça pender para trás. A massa disforme em que se transformara o lindo rosto de Marianne… ele jamais esqueceria aquela imagem. Talvez pudesse afastá-la para algum canto da memória, mas sabia que ela voltaria todas as noites para assombrá-lo. Não era justo. Ele havia sido um cara legal. Fora Marianne quem decidira transformar a própria vida na busca destrutiva (não apenas *auto*destrutiva, pois no fim das contas as vítimas haviam sido muitas) de um nirvana inalcançável.

No escuro da sala, Guy ensaiava as palavras que diria a Yasmin. Achou melhor não complicar. "Sua mãe morreu." Ele não diria como. Mas Yasmin era uma garota curiosa, certamente iria querer todos os detalhes. Pesquisaria na internet ou então ficaria sabendo de tudo pelos colegas de escola. Outro dilema próprio dos pais: dizer a verdade ou tentar proteger os filhos? Não seria fácil proteger Yasmin. A internet inviabilizava qualquer possibilidade de segredo. Ele teria de contar toda a história.

Mas aos poucos. E começando da forma mais simples.

Guy fechou os olhos. Não ouviu nenhum barulho, não percebeu nada de estranho, até que alguém veio por trás, cobriu sua boca com a mão e pressionou uma lâmina contra sua garganta.

– Shhh… – sussurrou o invasor. – Não me obrigue a matar as crianças.

♦♦♦

Susan Loriman estava sozinha no quintal.

O jardim vinha tendo um bom ano. Ela e Dante dedicavam-se a ele com afinco, mas raramente desfrutavam os resultados de seu trabalho. Susan tentava se sentar ali e relaxar entre as plantas, mas não conseguia evitar o olhar crítico. Sempre havia um arbusto que estava morrendo, outro que precisava ser aparado, um terceiro que não estava florescendo com o viço habitual. Mas hoje ela conseguira se desligar de tudo aquilo.

– Dante?

Sem tirar os olhos das plantas, Susan sentiu o marido se aproximando por trás dela. Ele pousou as mãos nos ombros da esposa.

– Tudo bem com você? – perguntou.

– Tudo.

– Vamos encontrar um doador.

– Eu sei.

– Não vamos desistir, Susan. Vamos pedir a todo mundo que conhecemos para fazer o exame de sangue. Sua família não é muito grande, mas a minha é. Todos serão testados, eu prometo.

Susan fez que sim com a cabeça.

Sangue, ela pensou. O sangue não fazia a menor diferença. Dante era o verdadeiro pai de Lucas.

Ela segurou o crucifixo de ouro que pendia de seu cordão e pensou se não seria melhor contar toda a verdade. Mas a mentira já era tão antiga… Depois do estupro ela havia dormido com

Dante o maior número de vezes possível. Por quê? Será que ela já sabia? Mas quando Lucas nasceu, teve certeza de que Dante era o pai. Pelo menos a probabilidade era enorme. O estupro fora um evento único e ela havia feito amor com o marido diversas vezes naquele mês. Lucas era parecido com ela, então Susan deu o assunto por encerrado.

Mas jamais conseguiu esquecer. Ao contrário do que sua mãe lhe dissera que aconteceria, Susan nunca havia superado a tragédia.

"Assim será melhor. Você vai seguir em frente. Proteja sua família…"

Susan esperava que Ilene Goldfarb guardasse segredo. Ninguém mais sabia da verdade. Seus pais souberam de tudo, claro, mas ambos já haviam morrido: ele, do coração; ela, de câncer. Enquanto viveram, jamais tocaram no assunto. Em nenhum momento eles haviam procurado consolá-la com um abraço ou telefonado para saber como ela estava enfrentando a situação. Nem sequer piscaram quando, três meses após o acontecido, Susan e Dante os procuraram para dizer que eles seriam avós.

Na tentativa de ajudar, Ilene Goldfarb sugerira que o estuprador fosse localizado.

Mas isso não seria possível.

Dante viajara para Las Vegas com os amigos. Susan não ficara nada satisfeita com isso. O relacionamento deles estava passando por uma fase difícil e justo no momento em que ela se questionava se não tinha se casado cedo demais, Dante resolve dar uma escapulida com os rapazes para cair na jogatina e, muito provavelmente, na farra também.

Até aquela noite fatídica Susan Loriman jamais fora religiosa. Quando menina, ia à missa todos os domingos com os pais, mas nunca se apegara à religião. E, ao crescer e se tornar uma bela moça, sofrera com a severidade dos pais. Após um tempo ela se rebelara, mas, depois daquela noite, voltara ao rebanho dos fiéis.

Ela tinha ido com três amigas a um bar em West Orange. As moças eram solteiras e, pelo menos por uma noite, já que o marido havia escapulido para Las Vegas, ela queria se sentir solteira também. Não até as últimas conseqüências, claro. Era uma mulher casada, razoavelmente feliz, mas uma paquerinha de leve não faria mal nenhum. Então começou a beber e a se comportar como as amigas. Mas bebeu além da conta. Teve a impressão de que o bar havia ficado mais escuro e a música, mais alta. Começou a dançar. As idéias começaram a se embaralhar.

No decorrer da noite, as amigas foram se arranjando com rapazes diferentes, sumindo uma a uma, desfazendo o grupo.

Tempos depois, lendo sobre golpes do tipo "boa-noite, Cinderela", Susan se perguntara se não fora vítima de um deles também. Lembrava-se de muito pouco. De repente estava no carro de um homem. Chorava e queria descer, mas ele não a deixava. Em determinado momento, ele sacou uma faca e a arrastou para um motel. Xingou-a de nomes terríveis e a estuprou. Batia sem dó sempre que ela tentava se desvencilhar.

Aquilo parecia ter durado uma eternidade. Tudo fora tão horrível que Susan ainda se lembrava do que sentira naquele momento: torcera para que ele a matasse logo em seguida. Ela não pensara em sobreviver. Preferia a morte.

Lembrava-se apenas vagamente do que acontecera em seguida. Já havia lido em algum lugar que nos casos de estupro o mais recomendável era ceder, não lutar, a fim de fazer o estuprador acreditar que vencera ou algo assim. Foi o que ela fez. E assim que ele baixou a guarda, ela

conseguiu soltar uma das mãos, agarrou-o pelos testículos e apertou o mais forte que pôde. Continuou apertando, retorcendo, até que o homem, urrando de dor, rolou para o lado.

Susan pulou da cama e encontrou a faca.

O estuprador agora se contorcia no chão, completamente sem forças. Susan poderia simplesmente ter saído do quarto e gritado por socorro, o que teria sido o mais sensato. Mas não foi o que ela fez.

Susan ergueu a faca e enterrou-a no coração do homem.

Imediatamente o corpo dele ficou rígido, depois irrompeu numa terrível convulsão.

E, então, o estuprador estava morto.

– Você está tensa, meu amor – ela ouviu o marido dizer, 11 anos mais tarde.

Dante começou a massagear os ombros dela. Susan deixou que ele prosseguisse, embora aquilo não lhe trouxesse nenhum conforto.

Com a faca ainda cravada no peito do estuprador, Susan fugiu do motel.

Ela correu por muito tempo até que, com a cabeça mais fria, encontrou um telefone público e ligou para os pais. Foi o pai quem a buscou. Eles conversaram. Passando de carro diante do motel, viram as luzes das viaturas de polícia. Então voltaram para a casa onde Susan havia passado a infância.

– Quem vai acreditar em você agora? – perguntara sua mãe.

Susan não soube responder.

– E o Dante, o que ele vai pensar?

Outra boa pergunta.

– O dever de uma mãe é proteger sua família. É isso que uma mulher tem de fazer. Somos mais fortes que os homens nessas horas. Somos capazes de receber uma rasteira e seguir em frente. Se contar a seu marido, ele nunca mais vai olhar para você do mesmo jeito. Nem ele, nem qualquer outro homem. Você gosta do jeito que o Dante olha para você, não gosta? Pois ele vai sempre se perguntar por que você saiu, como foi parar num quarto de motel com outro homem. Mesmo que ele acredite na sua história, as coisas nunca mais serão as mesmas. Você entende?

Susan esperou que a polícia a procurasse. Mas isso não aconteceu. Os jornais noticiaram o caso e até deram o nome do estuprador, mas em dois dias a história já estava esquecida. As suspeitas eram de que o homem tivesse morrido após uma tentativa de assalto frustrada ou uma transação com drogas malsucedida. O morto tinha ficha na polícia.

Portanto, obedecendo à sugestão da mãe, Susan seguiu em frente. Dante voltou da viagem. Eles fizeram amor. Susan não gostou. Ainda não gostava. Mas o amava e queria que ele fosse feliz. Dante constatou que sua linda mulher havia perdido certo brilho, mas, por algum motivo, achou melhor não perguntar nada.

Susan voltou a freqüentar a igreja. Agora dava razão à mãe. A verdade teria destruído seu casamento, sua família. Então guardou o segredo para proteger o marido e os filhos. O tempo revelou-se o melhor remédio. Às vezes ela conseguia passar dias inteiros sem pensar naquela noite. Se Dante percebeu que ela não gostava mais de sexo, não disse nada. Os olhares de admiração que ela recebia dos homens, antes tão bem-vindos, agora lhe causavam repulsa.

Era isso que ela não podia contar a Ilene Goldfarb. Simplesmente não havia como pedir ajuda ao estuprador.

Ele estava morto.
– Sua pele está tão fria – disse Dante.
– Estou bem, não se preocupe.
– Vou buscar um cobertor.
– Não, não precisa.
Ele percebeu que ela queria ficar sozinha. Momentos assim nunca haviam acontecido antes daquela noite. Mas aconteciam agora. Dante não fazia nenhuma pergunta, não forçava a barra, dava à mulher todo o espaço de que ela precisava.
– Nós vamos salvá-lo – disse ele.
E voltou para casa. Susan continuou no jardim, ainda segurando o crucifixo de ouro. Sua mãe lhe dera aquele presente no leito de morte.
– Sempre pagamos pelos nossos pecados – dissera à filha.
Isso Susan podia aceitar. Pagaria de bom grado por todos os seus pecados. Mas Deus não tinha nada que despejar sua ira nos ombros de uma criança inocente.

37

PIETRA OUVIU OS CARROS SE APROXIMAREM. Olhando pela janela, viu uma mulher pequena caminhar a passos largos na direção da porta do prédio. Ao se virar para a direita, viu carros de patrulha. Pietra imediatamente soube o que eles estavam fazendo ali.

Sem hesitar, pegou o celular e ligou para o único número armazenado na discagem rápida. Nash atendeu no segundo toque.

– Qual é o problema? – foi logo perguntando.

– A polícia está aqui.

♦♦♦

Quando Joe Lewiston desceu as escadas e voltou à sala, Dolly olhou para ele uma única vez e perguntou:

– O que houve?

– Nada – disse ele, os lábios formigando.

– Você está estranho.

– Estou bem.

Mas Dolly conhecia o marido. Sabia que ele estava mentindo. Levantou-se e caminhou na direção dele. Joe por pouco não saiu correndo.

– O que foi?

– Nada, juro.

Eles agora estavam frente a frente.

– Foi Guy Novak, não foi? – inquiriu Dolly. – Ele fez mais alguma coisa? Porque se fez…

Joe pousou a mão nos ombros da mulher. Ela examinou seu rosto. Sempre conseguira decifrá-lo. Era este o problema: Dolly o conhecia pelo avesso. Eles quase não tinham segredos um para o outro. Mas esse era um deles.

Marianne Gillespie.

Interpretando o papel da mãe zelosa, Marianne havia telefonado, pedindo um encontro com o professor da filha. Parecera bastante compreensiva, apesar da terrível brincadeira que ele fizera com Yasmin. As pessoas falam coisas sem refletir, dissera ela. Todo mundo comete erros. Seu ex-marido havia ficado furioso, mas ela não. Queria sentar, conversar e ouvir o outro lado da história.

Talvez, sugerira Marianne, houvesse algum modo de dar fim àquela situação.

Joe ficara muito aliviado.

Eles se encontraram para conversar. Marianne revelara-se ainda mais compreensiva do que antes. De vez em quando tocava o braço dele. Encarava-o demoradamente. Usava um decote provocante. Terminada a conversa, eles se abraçaram por alguns segundos além do convencional. Marianne roçava os lábios no pescoço dele. Sua respiração estava acelerada. A de Joe também.

Como ele podia ter sido tão burro?
– Joe? – Dolly deu um passo atrás. – O que está havendo?
Marianne havia planejado aquela sedução desde o início. Só um cego como ele para não perceber a vingança que estava a caminho. Tão logo ela conseguiu o que quis, minutos depois de eles deixarem o hotel, os telefonemas começaram:
Eu filmei tudo, seu filho-da-puta…
Marianne havia escondido uma câmera no quarto do hotel e ameaçava mandar a fita primeiro para Dolly, depois para a diretoria e, em seguida, para todos os e-mails que conseguisse encontrar no catálogo da escola. Durante três dias ela insistiu com as ameaças. Joe não conseguia dormir nem comer. Emagreceu. Chegou a implorar que ela não fizesse nada. A certa altura, Marianne deu sinais de que estava perdendo o fôlego, como se todo o esforço empregado na vingança subitamente a estivesse fatigando. Ligou para dizer que estava em dúvida se levaria seu plano a cabo ou não.
Queria que ele sofresse e ele havia sofrido, talvez isso bastasse.
Mas no dia seguinte mandou a mensagem para o e-mail de Dolly na escola.
Aquela cobra.
Felizmente Dolly não tinha nenhuma intimidade com os meandros do correio eletrônico. Joe sabia a senha dela. Assim que viu a mensagem com o arquivo de vídeo anexado, entrou em pânico. Deletou-o e alterou a senha para que Dolly não pudesse acessar seu próprio e-mail.
Mas até quando poderia usar aquele artifício?
Ele não sabia o que fazer. Não tinha com quem desabafar, ninguém que fosse compreendê-lo e ficar incondicionalmente do seu lado.
Foi então que ele pensou em Nash.
– Meu Deus, Dolly…
– Que foi?
Ele dera fim àquilo. Nash havia matado uma pessoa. Tinha assassinado Marianne Gillespie. E a tal Reba Cordova estava desaparecida. Somando uma coisa a outra, Joe achou bastante possível que Marianne tivesse dado uma cópia da fita a Reba. Isso faria sentido.
– Joe, fale comigo.
Joe fizera algo errado, mas envolver Nash na história havia aumentado sua culpa um milhão de vezes. Ele pensou em se abrir com Dolly. Sabia que esse era o único caminho.
Encarando o marido, ela disse:
– Não tenha medo, Joe. Me conte tudo.
Mas então algo estranho aconteceu a Joe Lewiston. Talvez o instinto de sobrevivência tivesse entrado em ação. Sim, o que Nash havia feito era horrível, mas por que piorar as coisas com um suicídio conjugal? Por que destruir seu casamento e sua família? O problema, afinal, era de Nash. Joe não pedira para ele ir tão longe – muito menos para matar ninguém! Ele havia imaginado que Nash fosse oferecer dinheiro em troca da fita, propor algum tipo de acordo, ou, na pior das hipóteses, intimidá-la. Joe sempre achava que Nash agia como se estivesse prestes a passar dos limites, mas em nenhum momento suspeitara que ele fosse capaz de uma coisa daquelas.
De que adiantaria agora procurar a polícia?
Nash, que vinha tentando ajudá-lo, acabaria preso. Mas quem havia recrutado essa ajuda

afinal?
Joe.
Dificilmente a polícia acreditaria que ele não sabia das intenções de Nash. Pensando bem, o mais provável era que Nash fosse enquadrado como uma espécie de matador de aluguel, e que a polícia, como de praxe, se interessasse muito mais em pôr as mãos no mandante.
Isto é, nele, Joe.
Ainda havia uma chance, embora remota, de que tudo aquilo terminasse bem. Nash não seria preso. Ninguém veria a maldita filmagem. Marianne já estava morta, quanto a isso não havia nada a fazer. Além do mais, ela tinha cavado a própria sepultura: ultrapassara todos os limites com aquela chantagem. Joe inadvertidamente dera um mau passo, mas Marianne fora muito além: tentara destruir uma família.
Só havia um problema.
Uma mensagem fora enviada naquele mesmo dia. Marianne estava morta. O que significava que, apesar de todo o estrago que fizera, Nash havia deixado alguma ponta solta.
Guy Novak.
A única explicação possível. Nash só podia ter ido para a casa dele. Não atendera os telefonemas nem respondera às mensagens porque estava prestes a terminar sua missão.
Tudo agora estava claro para Joe.
Ele poderia simplesmente se sentar e esperar que tudo acabasse dando certo para ele. Mas isso talvez significasse que Guy Novak seria assassinado.
O que acabaria com todos os seus problemas.
– Joe? – disse Dolly. – Me conte o que está acontecendo.
Ele não sabia o que fazer. Mas não podia contar nada a Dolly. Eles tinham uma filha, uma família ainda com muito futuro pela frente. Ninguém seria louco de jogar uma coisa dessas pela janela.
Tampouco de cruzar os braços e deixar um homem morrer.
– Tenho que ir – disse ele e correu porta afora.

Nash sussurrou ao ouvido de Guy Novak:
– Grite para as meninas que você vai ao porão e que não quer ser incomodado, entendeu?
Guy foi caminhando para a base da escada. Nash apertava o canivete contra os rins dele. Sabia que a melhor técnica era exagerar um pouquinho na pressão, machucando mesmo, a fim de deixar suas intenções bem claras.
– Meninas! Vou ao porão e vou ficar por lá durante um tempo. Não quero ser incomodado, o.k.?
– O.k. – respondeu Yasmin ao longe.
Guy virou-se para Nash, fazendo com que a lâmina do canivete escorregasse desde as costas até o abdômen. Em nenhum momento gemeu ou tentou se afastar.
– Foi você que matou minha mulher? – perguntou.
Nash sorriu e disse:
– Achei que fosse sua ex-mulher.

– O que você quer?
– Onde estão os seus computadores?
– O laptop está na mochila, perto da cadeira. O desktop está na cozinha.
– Tem mais algum?
– Não. Pode pegar os dois e dar o fora.
– Antes precisamos ter uma conversinha, Guy.
– Falo o que você quiser. Também tenho dinheiro em casa. É tudo seu. Mas não toque nas meninas.
Nash ficou olhando para aquele homem. Ele sabia que sua vida estava com os minutos contados. Novak nunca havia demonstrado qualquer vocação para o heroísmo, mas agora agia como se estivesse farto da própria covardia e disposto a se manter firme.
– Se você cooperar, não tocarei nelas – disse Nash.
Guy estudou o olhar de Nash como se procurasse nele algum indício de mentira. Nash abriu a porta do porão, acendeu a luz do outro lado e encostou a porta antes de conduzir Guy escada abaixo. O porão ainda não tinha sido terminado. O chão era de concreto. Nas paredes havia canos do sistema hidráulico aparentes. Uma aquarela estava apoiada contra um baú. Chapéus velhos, pôsteres e caixas de papelão se espalhavam por todos os lados.
Nash tinha tudo de que precisava dentro da mochila que trazia pendurada ao ombro. Já ia pegando o rolo de fita adesiva quando Guy fez uma grande bobagem.
Ele empurrou Nash e berrou:
– Meninas, fujam!
Nash silenciou-o com uma cotovelada na garganta e depois o derrubou com um tapão na testa. Novak ficou ali, estatelado no concreto, apalpando o pescoço machucado.
– Se você der mais um pio – ameaçou Nash –, se abrir a boca nem que seja para respirar, vou buscar sua filha e farei você assistir a tudo, está ouvindo?
Guy ficou imóvel. A paternidade era capaz de transformar qualquer um, até um banana feito Guy Novak, num impávido guerreiro. Volta e meia Nash se perguntava se àquela altura da vida ele e Cassandra já teriam filhos. Provavelmente, sim. Cassandra viera de uma família grande, vivia falando em ter muitos filhos. Nash, por outro lado, era mais conservador, via o mundo com outros olhos, mas jamais diria não às vontades da amada.
Nash olhou para Novak e cogitou perfurar sua perna, talvez cortar um dedo, mas concluiu que nada disso seria necessário. Guy já havia aprendido sua lição. Não precisava de outra.
– Deite de bruços e coloque as mãos para trás.
Guy obedeceu. Nash prendeu seus punhos com fita adesiva. Depois fez a mesma coisa com as pernas e juntou os punhos com os calcanhares. A imobilização clássica. Por fim, tapou a boca de Guy com a fita, dando cinco voltas em torno de sua cabeça.
Em seguida, caminhou até a porta do porão.
Guy começou a se remexer freneticamente, desesperado. Mas ainda não havia motivo para isso. Nash queria apenas se certificar de que as meninas não tinham escutado nada. Entreabrindo a porta, ele ouviu a televisão ligada no andar de cima. Não viu nenhum sinal das meninas. Então fechou a porta e voltou para baixo.
– Sua ex-mulher fez um vídeo – falou. – E você vai me dizer onde ele está.
Guy o interrogou com o olhar: como ele poderia dizer onde estava a fita ou qualquer outra

coisa com a boca tapada daquele jeito? Nash sorriu e mostrou a lâmina do canivete.

– Você vai me responder daqui a pouco, o.k.?

Ele novamente sentiu o telefone vibrar. Tinha certeza de que era Lewiston, mas quando viu o identificador de chamadas, preparou-se para o pior.

– Qual é o problema? – foi logo dizendo.

– A polícia está aqui – disse Pietra.

Na verdade, Nash nem ficou tão surpreso assim. Basta um pilar ruir para que todo o edifício comece a desmoronar. O tempo agora seria curto. Ele não poderia ficar ali, torturando Guy a seu bel-prazer. Precisava ser rápido.

O que faria Novak abrir a boca o mais depressa possível?

Nash balançou a cabeça. A mesma coisa que nos enche de coragem e pela qual vale a pena morrer também nos enfraquece.

– Vou fazer uma visitinha para sua filha – disse ele a Guy. – E depois você vai falar, certo?

Guy arregalou os olhos. Imobilizado, fez o que pôde para sinalizar o que Nash já sabia. Ele falaria, sim. Contaria tudo o que fosse preciso desde que ele deixasse as meninas em paz. Mas Nash sabia que a presença da filha facilitaria seu trabalho. Muitos diriam, talvez com razão, que a simples ameaça seria mais que suficiente.

Mas Nash também precisava da filha por outros motivos.

Ele respirou fundo. Aquilo já estava chegando ao fim. Queria sobreviver e sair dali, claro, mas o louco já dera sinais de vida. Mais que isso: já havia assumido o controle. Era o louco que fazia seu sangue ferver e lhe dava a sensação de estar vivo.

Nash tornou a subir a escada. Podia ouvir Guy se debatendo com as amarras. Por um breve instante o louco vacilou e ele cogitou voltar atrás. Àquela altura, Guy diria qualquer coisa. Ou talvez não. Talvez não lhe desse mais crédito se ele não cumprisse a ameaça.

Não, ele precisava ir até o fim.

Então, abriu a porta do porão, saiu ao hall da casa e olhou para as escadas que conduziam ao andar de cima. A televisão ainda estava ligada.

Já ia subindo quando a campainha tocou.

Tia estacionou diante da casa dos Novak. Deixou o telefone e a bolsa no carro e seguiu a passos largos para a porta da frente. Ainda tentava digerir o que Betsy Hill tinha lhe dito. Adam aparentemente estava bem. Isso era o mais importante. Tinha alguns ferimentos leves, mas estava vivo e em condições de fugir. Ele também dissera outras coisas a Betsy, como a culpa que sentia pela morte de Spencer. Mas para tudo isso havia solução. A prioridade naquele momento era que ele sobrevivesse e voltasse para casa. Depois eles pensariam no resto.

Perdida nesses pensamentos, Tia tocou a campainha.

Respirou fundo e lembrou a si mesma que aquela família acabara de sofrer uma terrível perda. Precisava mostrar-se solidária, pensou, mas tudo o que realmente queria era tirar a filha dali, encontrar-se com o filho e o marido, levá-los todos para casa e trancar as portas para sempre.

Ninguém atendeu a campainha.

Tia espiou através da janelinha, mas não viu muita coisa por causa dos reflexos no vidro. Ela pôs as mãos sobre os olhos para fazer sombra, observou de novo e achou ter visto um vulto recuar às pressas. Tocou a campainha novamente e, dessa vez, ouviu um grande barulho do outro lado: eram as meninas descendo esbaforidas para atender.

Foi Yasmin quem abriu a porta. Jill estava logo atrás.

– Oi, Sra. Baye.

– Olá, Yasmin.

A julgar pela expressão da menina, Guy ainda não havia contado nada, o que não chegava a ser uma surpresa. Ele estava esperando que Jill fosse embora para conversar sozinho com a filha.

– Onde está seu pai?

Yasmin deu de ombros e disse:

– Acho que foi até o porão, sei lá.

Por um instante as três permaneceram caladas. A casa estava no mais absoluto silêncio. Elas esperaram mais alguns segundos, à espreita de algum ruído ou sinal. Mas não ouviram nada.

Guy devia estar lidando com seu próprio luto, deduziu Tia. Talvez fosse melhor ela simplesmente ir embora com Jill. Nenhuma das duas fez qualquer movimento nesse sentido. Aquilo era estranho. O normal era acompanhar seus filhos até a porta quando os deixava na casa de alguém, para se certificar de que haveria um adulto com eles.

Mas agora parecia que elas estavam largando Yasmin sozinha.

– Guy? – chamou Tia.

– Pode deixar, Sra. Baye. Já tenho idade para ficar sozinha.

Aquilo era questionável. Yasmin e Jill estavam naquele meio-termo. Provavelmente podiam ficar sozinhas. Sobretudo com o advento do celular e de tantos recursos da tecnologia. Jill já vinha pedindo mais independência. Alegava que já dera provas suficientes de responsabilidade. Adam costumava ficar sozinho quando tinha a idade dela, mas, em vista das circunstâncias, ele não era um bom exemplo.

No entanto, não era isso que preocupava Tia agora, mas sim a sensação de abandonar Yasmin. O carro de Guy estava na garagem. Com certeza ele se encontrava em casa. Tinha de contar à filha o que havia acontecido com Marianne.

– Guy?

Nada.

As meninas se entreolharam assustadas.

– Onde mesmo você disse que ele podia estar? – perguntou Tia.

– No porão – respondeu Yasmin.

– O que tem lá?

– Nada de especial. Algumas caixas velhas, um monte de tralhas.

Nesse caso, o que teria levado Guy Novak a descer até lá?

O mais provável era que ele quisesse ficar sozinho. Yasmin dissera que havia caixas no porão. Talvez Guy tivesse guardado algumas lembranças da ex-mulher e agora estivesse lá, sentado no chão, vendo fotos antigas ou algo assim. Talvez não a tivesse ouvido chamar porque a porta estava fechada.

Isso era o que mais fazia sentido.

Tia se lembrou do vulto que vira através da janelinha. Seria Guy? Será que ele estava se escondendo dela? Isso também não era de todo absurdo. Talvez ele simplesmente não estivesse com ânimo para recebê-la naquele momento. Pode ser que não quisesse falar com ninguém. Quem sabe?

Tudo bem, pensou Tia, mas ainda assim ela não gostava nem um pouco da idéia de deixar Yasmin daquela forma.

– Guy? – berrou ela praticamente.

Nada.

Tia se aproximou da porta do porão. Se estivesse invadindo a privacidade dele, paciência. Não custava nada ele gritar uma resposta qualquer como: “Estou aqui!” Ela bateu à porta. Silêncio. Então, Tia girou a maçaneta e abriu uma fresta.

A luz estava apagada.

Virando-se para trás, ela perguntou a Yasmin:

– Tem certeza de que seu pai está aqui?

– Foi o que ele disse.

Tia olhou de relance para Jill, que confirmou a resposta da amiga. O medo começava a mostrar suas garras. Guy parecera tão deprimido ao telefone… E depois descera sozinho àquele porão escuro.

Não, ele não faria uma besteira dessas. Não faria isso com Yasmin.

Foi então que Tia ouviu barulhos. Um ruído abafado, seguido de algo se arrastando, se debatendo. Um rato, talvez.

Os barulhos se repetiram. Não podia ser um rato. Provavelmente era algo bem maior.

“Que diabos…”

Tia olhou com firmeza para as meninas e disse:

– Vocês duas, fiquem aqui. Só desçam se eu chamar, está bem?

Tateando, ela encontrou o interruptor, acendeu a luz e foi descendo as escadas. Já estava no último degrau quando enfim avistou Guy Novak do outro lado do cômodo, amordaçado e imobilizado. Não pensou duas vezes: deu meia-volta e disparou escada acima.

– Meninas, fujam! Saiam daqui o mais…

As palavras morreram em sua garganta. A porta do porão já se fechava à sua frente.

Um homem veio descendo a seu encontro. Com o braço direito, arrastava a relutante Yasmin; com o esquerdo, prendia Jill.

38

CARSON ESTAVA FURIOSO. Tinha sido jogado para escanteio. Depois de tudo o que fizera por ela, Rosemary simplesmente o mandara sair da sala como se ele fosse uma criança. Agora estava lá, conversando com o coroa que o havia humilhado diante de seus amigos.

Ela simplesmente não entendia nada.

Ele a conhecia bem. Rosemary sempre usava a beleza e a lábia para se safar das encrencas em que se metia. Mas isso não funcionaria ali. Ela tentaria encontrar uma maneira de livrar a própria cara, só isso. Quanto mais Carson pensava, mais via que as coisas estavam ficando difíceis para ele. Se a polícia apertasse o cerco, seguramente ela escolheria alguém como bode expiatório. Carson era o candidato mais provável.

Talvez fosse sobre isso que eles estivessem conversando naquele exato momento.

Tudo fazia sentido. Carson já estava com 22 anos, idade mais que suficiente para ser julgado e condenado como adulto. Era ele quem os garotos mais procuravam para fazer negócio. Rosemary havia sido esperta o bastante para manter as mãos limpas nesse aspecto. Também era ele, Carson, quem fazia a intermediação com os distribuidores.

Droga, ele deveria ter previsto que isso iria acontecer. Logo após a morte do tal Spencer, eles deveriam ter ficado quietos por um tempo. Mas o montante de dinheiro havia sido enorme e os distribuidores estavam botando pressão. O contato de Carson era um homem chamado Barry Watkins, que sempre usava ternos Armani. Watkins o levava para clubes privês de altíssimo nível. Queimava dinheiro como se fosse papel. Conseguia mulheres e respeito para Carson. Tratava-o bem.

Mas na véspera, ao constatar que Carson não tinha cumprido sua parte do acordo, ele havia falado num tom de voz diferente. Não chegara a gritar. Mas fora frio, as palavras calando na boca do estômago de Carson.

– Precisamos resolver isso logo – dissera ele.

– Acho que temos um probleminha.

– O que foi?

– O filho do médico pirou. O pai dele veio aqui hoje.

Silêncio.

– Alô?

– Carson?

– Que foi?

– Meus superiores não permitirão que eu seja descoberto, está entendendo? Vão fazer o que for preciso para que as coisas não cheguem a este ponto.

Ele desligou. O recado estava dado.

Então Carson ficou esperando com a arma.

Ouviu um barulho na porta da frente. Alguém estava tentando entrar. A porta estava trancada de ambos os lados. Era preciso conhecer o código do alarme tanto para entrar como para sair. Quem quer que fosse, agora estava esmurrando a porta. Carson espiou pela janela.

Era Adam Baye. Acompanhado de DJ Huff.
– Abra! – gritou Adam, esmurrando ainda mais. – Ande, abra!
Carson se controlou para não sorrir. Pai e filho no mesmo lugar. A maneira perfeita de dar fim àquela história.
– Estou indo! – disse Carson.
Prendendo a arma às costas, na cintura da calça, ele digitou quatro números e viu a luzinha passar de vermelha a verde. A porta se abriu.
Adam irrompeu no clube, seguido de DJ.
– Meu pai está aqui? – perguntou.
– Na sala da Rosemary – respondeu Carson.
Adam se encaminhou para lá e DJ foi atrás.
Carson deixou a porta bater, trancando todo mundo ali dentro. Levou a mão às costas e pegou a arma.

♦♦♦

Anthony estava seguindo Adam Baye.
Mantinha certa distância, não muita, mas não sabia ao certo o que fazer. A princípio não conhecia o garoto, portanto não poderia simplesmente chamá-lo pelo nome. Além disso, quem poderia dizer o que se passava pela cabeça de Adam naquele momento? Caso Anthony se apresentasse como amigo de Mike, era bem possível que o garoto fugisse e sumisse novamente.
Aja como quem não quer nada, pensou Anthony.
Adam agora berrava algo ao celular. A idéia até que não era má. Anthony sacou o próprio aparelho e discou o número de Mike.
Ele não atendeu.
Anthony decidiu então deixar um recado:
– Mike, estou vendo seu filho. Ele está indo na direção daquele clube que lhe falei. Estou na cola dele.
Anthony fechou o telefone e guardou-o no bolso. Adam também já havia guardado o seu e agora apertava o passo. Anthony fez o mesmo. Chegando ao clube, Adam subiu a escada saltando os degraus e tentou abrir a porta.
Trancada.
Anthony viu quando ele examinou a caixinha do alarme. Adam virou-se para o amigo e, constatando que ele também não sabia o código, começou a esmurrar a porta.
– Abra!
O tom de voz, pensou Anthony. Havia algo mais do que simples impaciência – havia medo. Na verdade, desespero. Anthony se aproximou.
– Ande, abra!
O garoto continuou esmurrando. Segundos depois, um dos góticos abriu a porta. Anthony já o conhecia de vista. Era mais velho que os outros, o líder daqueles idiotas. Tinha um curativo no nariz, que provavelmente havia sido quebrado. Anthony ficou se perguntando se ele seria um dos garotos que haviam atacado Mike na véspera. Era bem provável.
O que ele deveria fazer?

Evitar que Adam entrasse naquele lugar? Isso talvez funcionasse ou talvez produzisse justamente o efeito contrário, fazendo com que o garoto fugisse assustado. Anthony poderia subjugá-lo de alguma forma, mas se isso resultasse numa comoção pública, de que adiantaria?

Anthony se esgueirou na direção da porta.

Adam entrou apressadamente e desapareceu no interior do clube, dando a impressão de que havia sido engolido pelo prédio. O amigo, o do casaco esportivo, entrou em seguida, mas não com a mesma urgência. De onde estava, Anthony pôde ver que o gótico havia deixado a porta bater. Ela já ia se fechando quando o garoto se virou de costas.

E Anthony viu.

A coronha de uma arma presa nas calças dele. O gótico parecia prestes a sacá-la.

♦♦♦

Mo esperava no carro, tentando decifrar o que significavam aqueles malditos números.

CeeJay8115.

Começou com o óbvio. Cee, ou C, era a terceira letra, o que lhe dava um 3. Jay, ou J, era a décima, o que lhe dava um 10. Resultado: 3108115. Ele somou os números, tentou dividi-los, procurou algum padrão. Examinou o apelido que Adam usava no programa de mensagens instantâneas: HockeyAdam1117. Mike dissera que o 11 era o número da camisa de Mark Messier, e o 17, o da camisa dele, Mike, na equipe de Dartmouth. Mesmo assim, Mo decidiu somá-los a 8115 e, em seguida, a 3108115. Transformou HockeyAdam em números, elaborou algumas equações, tentou resolver o problema.

Nada.

Ele sabia que números nunca eram aleatórios. Mesmo os de Adam, embora não revelassem nada de útil, tinham um significado. Com toda certeza havia um padrão qualquer ali. Mo estava determinado a descobri-lo.

Ele vinha fazendo os cálculos mentalmente, mas a certa altura abriu o porta-luvas e pegou um bloco. Anotava diversas possibilidades numéricas quando ouviu uma voz conhecida gritar:

– Abra!

Ele olhou através do pára-brisa.

Adam esmurrava a porta do Club Jaguar.

– Ande, abra!

Mo, já pronto para descer do carro, viu a porta do clube se abrir e Adam entrar rapidamente. Perguntou-se o que fazer. Antes de encontrar uma resposta, viu algo ainda mais estranho.

Era Anthony, o segurança negro com quem Mike havia conversado mais cedo naquele mesmo dia. Agora ele corria em disparada rumo à porta do clube. Mo saiu do carro e correu na mesma direção. Anthony chegou primeiro: girou a maçaneta, mas a porta sequer balançou.

– O que está havendo? – perguntou Mo.

– Precisamos entrar – disse Anthony.

Mo tateou a porta.

– É de aço reforçado – concluiu. – Não dá para arrombar.

– Mas temos de tentar.

– Por quê? O que houve?

– O cara que abriu a porta para o Adam – disse Anthony. – Ele estava sacando uma arma.

♦♦♦

Carson abriu a porta, a arma escondida às costas.

– Meu pai está aqui? – perguntou Adam.

– Na sala da Rosemary.

Adam passou por Carson e entrou ainda a tempo de ouvir uma repentina agitação no fundo do corredor.

– Adam?

A voz era de Mike Baye.

– Pai?

Baye apareceu no saguão de entrada segundos depois da chegada de Adam. Pai e filho se abraçaram perto do corredor.

Ah, que fofo, pensou Carson.

E ergueu a arma à sua frente.

Não gritou nada. Não os advertiu. Não havia motivo para nada disso. Ele não tinha outra escolha. Não havia tempo para negociações. Ele precisava dar fim àquela situação.

Precisava matá-los.

– Não, Carson! – gritou Rosemary.

Nem morto ele daria ouvidos àquela vadia. Carson mantinha a arma apontada para Adam, colocou-o na mira e preparou-se para atirar.

♦♦♦

Mesmo abraçando o filho, mesmo com a maravilhosa sensação de ter aquele corpo junto ao dele e por pouco não desfalecendo de alívio por ele estar bem, Mike pôde ver pelo canto do olho.

Carson tinha uma arma.

Não havia tempo para pensar no que fazer. Mike não agiu conscientemente, mas por um impulso bem mais básico e primitivo. Ele viu a arma e reagiu.

Empurrou Adam.

Mike o empurrou o mais forte que pôde. Adam saiu do chão e voou para longe, os olhos arregalados de susto. A arma disparou, estilhaçando a vidraça logo atrás de Mike, próximo ao local que Adam havia ocupado menos de um segundo antes. Mike viu-se em meio a uma chuva de cacos de vidro.

Mas Adam não foi o único a se assustar com o empurrão. Carson esperava que eles permanecessem imóveis ou no mínimo com as mãos para o alto, que é como reage a maioria das pessoas sob a mira de um revólver.

Recobrando-se rapidamente, ele virou a arma para a direita, na direção de onde Adam havia caído. Mas Mike tivera um motivo para empurrar o filho com tanta força. Embora tivesse agido por instinto, seu gesto tinha alguma lógica. Mike precisava tirar o filho da linha de tiro e, ao mesmo tempo, afastá-lo o máximo possível do risco. Por isso o havia lançado tão longe.

Adam deslizara um pouco pelo corredor e agora estava protegido por uma pilastra.

Carson mirou, mas de onde estava não tinha o ângulo necessário para acertar Adam. Então só lhe restava uma alternativa: atirar no pai primeiro.

Mike viu-se tomado de uma estranha sensação de paz. Sabia o que precisava ser feito. Não havia escolha. Tinha de proteger seu filho. Vendo Carson girar a arma na sua direção, imediatamente soube o que isso significava.

Ele teria de fazer um sacrifício.

Não precisara refletir para chegar a essa conclusão. Pais salvam os filhos e ponto final. Era assim que tinha de ser. Carson teria a chance de atirar num deles. Isso era inevitável. Então Mike fez a única coisa que poderia fazer.

Garantiu que a vítima fosse ele.

Ainda agindo por instinto, arremeteu contra Carson.

Lembrou-se das partidas de hóquei, das disparadas que costumava dar atrás do disco. Era possível que, mesmo levando um tiro, ele conseguisse evitar que Carson causasse um estrago maior.

Ele salvaria seu filho.

Mas, ao se aproximar, deu-se conta de que a vontade era uma coisa e a realidade, outra bem diferente. A distância entre eles era grande demais. Carson já tinha empunhado a arma. Mike não teria tempo de alcançá-lo antes de levar pelo menos um tiro, talvez dois. Dificilmente conseguiria sobreviver e fazer algo de útil.

Por outro lado, não tinha outra escolha. Então fechou os olhos, baixou a cabeça e prosseguiu na investida.

♦♦♦

Embora eles ainda estivessem a uns cinco metros de distância, Carson não teria como errar: bastava deixá-lo se aproximar mais um pouco.

Baixando a arma alguns centímetros, sempre mirando na cabeça de Mike, ele viu seu alvo ficar cada vez maior.

♦♦♦

Anthony bateu com o ombro na porta, mas ela sequer tremeu.

Mo disse:

– Todos aqueles cálculos complicados e… será?

– O que você está resmungando aí? – perguntou Anthony.

– Oito, um, um, cinco.

– Como é que é?

Não havia tempo para explicações. Mo digitou 8115 na caixinha do alarme. A luzinha vermelha ficou verde, sinalizando que a porta estava destravada.

Anthony abriu-a e os dois homens irromperam no clube.

Mike estava na mira.

Carson apontava a arma para a cabeça que investia contra ele. Ficou surpreso com sua própria calma. Achou que fosse entrar em pânico, mas sua mão estava firme. Sentira um enorme prazer com aquele primeiro tiro. O segundo seria ainda melhor. Ele já estava no clima. Não tinha como errar. Impossível.

Carson pressionou levemente o gatilho.

E de repente se viu desarmado.

Uma gigantesca mão surgira de trás e tomara a arma dele. Assim. De um segundo a outro. Virando o rosto, Carson deparou com o segurança da boate vizinha. O homem sorria, segurando o revólver.

Mas Carson nem teve tempo para digerir a surpresa. Foi atingido por algo muito poderoso, outro homem, na altura da lombar. Sentiu a dor irradiar no corpo inteiro. Deu um berro e, impelido para frente, chocou-se com o ombro de Mike, que vinha correndo na direção oposta. Por pouco não se partiu ao meio com o impacto. Esborrachou-se no chão como se tivesse despencado de uma grande altura. Mal conseguia respirar. Tinha a impressão de que as costelas haviam afundado no tronco.

Parado ao lado dele, Mike disse:

– Acabou. – E, dirigindo-se a Rosemary, acrescentou: – E sem qualquer possibilidade de acordo.

39

NASH APERTAVA O PESCOÇO das duas meninas.

Não colocava muita força, mas aquela região do corpo era muito sensível à pressão. Podia ver Yasmin, a pirralha que desencadeara aquilo tudo ao perturbar a aula de Joe, fazendo caretas. A outra menina, filha da senhora que caíra de pára-quedas na história, tremia.

– Solte as meninas – disse a mulher.

Nash fez que não com a cabeça. A essa altura já se sentia tonto. O louco atiçava-o como se fosse uma corrente elétrica. Todos os neurônios estavam ligados em alta voltagem. Uma das garotas começou a chorar. Ele sabia que o ser humano que ainda o habitava deveria se comover de alguma forma.

Mas as lágrimas apenas deixavam o louco ainda mais eufórico.

Ainda é loucura quando você sabe que é louco?

– Por favor – disse a mulher. – São duas crianças.

E não falou mais nada. Talvez tivesse percebido que seu interlocutor não estava registrando suas palavras ou, pior, que estava sentindo prazer com elas. Nash a admirou. Cogitou se ela sempre fora assim, corajosa, incisiva, ou se o que via ali era uma leoa protegendo a cria.

Ele teria de matar a mãe primeiro.

Ela seria o maior obstáculo. Ele tinha certeza disso. Ela não ficaria ali assistindo ao sofrimento das garotas de braços cruzados.

Mas foi então que uma idéia lhe ocorreu. Já que o fim estava próximo e aquele seria seu último ato, por que privar-se do grande prazer de obrigar os pais a assistirem ao espetáculo?

Sim, isso seria doentio. Mas uma vez soprada a sugestão, não havia como ignorá-la. Não havia como ignorar a própria natureza. Nash conhecera alguns pedófilos na prisão e eles invariavelmente se desdobravam para convencer a si mesmos de que não eram depravados. Ora mencionavam as civilizações antigas, ora davam como exemplo períodos da história em que as moças se casavam ainda púberes. Mas para Nash aquilo era um desperdício de saliva. Tudo era bem mais simples. As pessoas nasciam programadas para certas coisas e pronto. Sentiam aquela coceirinha e não conseguiam se conter. Tinham necessidade de cometer atos que os outros achavam repreensíveis.

Deus as fizera daquele jeito. Portanto, de quem era a culpa, afinal?

Todos aqueles carolas fanáticos tinham de entender uma coisa: ao condenarem homens assim, na verdade estavam criticando a obra de Deus. Claro, podiam alegar aquela baboseira das tentações, no entanto, era muito mais que isso. Eles mesmos sabiam. Todo mundo tem lá suas manias. Não é a disciplina que haverá de contê-las. São as circunstâncias. Era isso que Pietra não entendia com relação aos soldados. A circunstância da guerra não os obrigava à brutalidade. Simplesmente lhes dava a oportunidade de serem brutais.

Pois agora ele já sabia o que tinha de fazer: matar a todos. Pegaria os computadores e daria o fora dali. Quando a polícia chegasse e encontrasse aquele banho de sangue, logo pensaria num *serial killer*. Ninguém acharia que uma chantagista havia feito um filme para destruir a vida de

um homem bom, um professor dedicado. Era bem possível que Joe saísse ileso da história.

Mas uma coisa de cada vez. Primeiro, imobilizar a mãe.

– Meninas? – disse Nash, virando-se de modo que elas pudessem vê-lo. – Se fugirem, vou matar a mamãe e o papai de vocês, entenderam?

As duas balançaram a cabeça afirmativamente. De qualquer modo, ele as afastou da porta do porão. Soltou o pescoço delas e foi então que Yasmin deu o berro mais estridente que ele jamais ouvira e depois correu para perto do pai. Nash foi atrás dela.

O que se revelaria um erro.

A outra menina correu direto para a escada.

Nash rapidamente se virou para segui-la, mas a garota era rápida demais.

– Corra, Jill! – gritou a mãe.

Nash saltou na direção da escada, o braço estirado para agarrar o tornozelo da menina. Chegou a tocá-la, mas ela se desvencilhou. Já ia se reerguendo quando subitamente sentiu o peso de alguém nas costas.

A mãe.

Ela havia saltado sobre ele para depois mordê-lo com toda força na perna. Nash deu um berro e se desvencilhou com um ou dois chutes.

– Jill! – berrou ele. – Sua mamãe vai morrer se você não voltar aqui agora mesmo!

A mulher rolou para o lado.

– Corra, Jill. Não dê ouvidos a ele!

Nash ficou de pé e sacou o canivete. Pela primeira vez ficou na dúvida quanto ao que fazer. A caixa do telefone estava logo ali, do outro lado do porão. Ele poderia destruí-la, mas a garota certamente tinha um celular.

O tempo corria.

Ele precisava dos computadores. Isso era o mais importante. Então, iria matá-los, pegar os computadores e sair. Tinha de se certificar de que os HDs fossem destruídos.

Nash olhou para Yasmin e ela saltou para trás do pai. Guy tentou rolar, sentar-se, enfim, fazer qualquer coisa para se transformar num muro e proteger a filha. O efeito, visto que ele estava completamente amarrado, foi quase cômico.

A mulher se levantou também e correu para o lado da menina, que nem era dela. Uma mulher de brio. Mas agora os três estavam juntos no mesmo lugar. Ótimo. Ele daria cabo de todos rapidamente. Não demoraria muito.

– Jill! – gritou outra vez. – Última chance!

Yasmin deu outro berro. Nash foi se aproximando do grupo, canivete em riste, mas uma voz o fez parar.

– Por favor não machuque a minha mãezinha…

A voz viera de trás dele, entrecortada por soluços.

Jill tinha voltado.

Nash olhou para a mãe e sorriu. O rosto dela estava tomado de angústia.

– Não, minha filha! – suplicou ela. – Volte! Fuja daqui!

– Mãe…

– Corra, filha! Pelo amor de Deus, corra!

Mas Jill não lhe deu ouvidos e desceu as escadas. Nash virou-se para ela e percebeu seu

erro. Por um instante cogitou se não havia deixado a menina escapar de propósito. Afinal, ele próprio havia soltado o pescoço dela e da amiguinha. Teria sido um descuido ou haveria algo mais ali? Nash chegou a pensar que havia sido guiado por outra pessoa, alguém que já não agüentava mais aquela situação, que queria vê-lo em paz.

Pensou tê-la visto ao lado da garota.

– Cassandra… – disse ele em voz alta.

♦♦♦

Um ou dois minutos antes, Jill sentira a mão do homem pressionando seu pescoço.

Ele era forte. Aparentemente não fazia nenhum esforço. Encontrara o lugar certo para apertar, sabia muito bem onde doía mais. Foi então que ela viu a mãe e o Sr. Novak daquele jeito, todo amarrado e jogado no chão. Ficou apavorada.

– Solte as meninas – ela ouviu a mãe dizer.

Então se acalmou um pouco. Por mais horrível que fosse tudo aquilo, sua mãe estava ali. Faria qualquer coisa para salvá-la. E Jill sabia que chegara a hora de provar que ela também faria qualquer coisa pela mãe.

O homem aumentou a pressão. Jill engoliu em seco e levantou os olhos para vê-lo. Teve a impressão de que ele estava feliz. Em seguida olhou para Yasmin, que já estava encarando a amiga havia algum tempo. Muito discretamente, Yasmin inclinou a cabeça para o lado: era assim que ela fazia em sala de aula quando queria chamar a atenção de Jill sem que os outros percebessem.

De início, Jill não entendeu. Yasmin baixou os olhos na direção da própria mão.

Confusa, Jill seguiu o olhar da amiga e só então compreendeu.

Yasmin fazia uma arma com o indicador e o polegar.

– Meninas?

O homem que as segurava pelo pescoço virou-se de modo que elas pudessem vê-lo.

– Se fugirem – disse –, vou matar a mamãe e o papai de vocês, entenderam?

Ambas fizeram que sim e novamente se entreolharam. Yasmin abriu a boca como se fosse gritar. Jill entendeu o recado. O homem as soltou e Jill esperou a amiga entrar em ação, o que não demorou a acontecer.

Yasmin deu um berro e Jill aproveitou para fugir.

Sentiu o homem tocá-la no calcanhar, mas conseguiu se livrar. Sequer olhou para trás quando ele berrou:

– Jill! Sua mamãe vai morrer se você não voltar aqui agora mesmo!

Ela não tinha escolha. Disparou escada acima, já pensando no e-mail anônimo que havia mandado ao Sr. Novak mais cedo naquele mesmo dia:

> Por favor, preste atenção. Você precisa esconder melhor sua arma.

Torceu para que ele não o tivesse lido ou, pelo menos, que não houvesse tido tempo de fazer alguma coisa a respeito. Jill irrompeu no quarto dele, tirou a gaveta do armário e despejou seu conteúdo no chão.

A arma não estava mais lá.

Mais uma vez ela se desesperou. Ouviu gritos no porão. O homem poderia ter começado a matá-los. Foi então que, tateando melhor as coisas espalhadas no chão, tocou algo metálico.

A arma.

– Jill! Última chance!

Ela tentou desesperadamente se lembrar de como Yasmin havia destravado o pino de segurança. Diabos, aquele não era o momento para lapsos de memória. Foi então que ela se lembrou.

Yasmin não havia travado a arma outra vez. Provavelmente ela ainda estaria destravada.

Yasmin berrou de novo, Jill se levantou imediatamente. Não esperou chegar à base da escada para dizer, na voz mais infantil e chorosa que conseguiu produzir:

– Por favor, não machuque a minha mãezinha…

Ela desceu os degraus que ainda faltavam, imaginando se teria força suficiente para disparar a arma. Decidiu levantá-la com ambas as mãos e usar dois dedos para apertar o gatilho.

E força não lhe faltou.

♦♦♦

Nash ouviu as sirenes.

Viu a arma e abriu um sorriso. Chegou a pensar em saltar sobre a garota, mas Cassandra balançou a cabeça dizendo que não. Pensando melhor, nem ele queria isso. A menina parecia hesitar. Nash se aproximou um pouco e ergueu o canivete.

Aos 10 anos, ele havia perguntado ao pai o que acontecia às pessoas depois da morte e o pai se valera de Shakespeare para responder que a morte era uma “terra desconhecida de cujo âmbito jamais ninguém voltou”.

Como era possível saber?

A primeira bala acertou-o diretamente no peito.

Ainda erguendo o canivete, Nash cambaleou para frente e esperou pelo segundo tiro.

Não sabia para onde iria em seguida, mas esperava que fosse para os braços de Cassandra.

40

MIKE SE ENCONTRAVA NA MESMA SALA de interrogatório de antes, mas agora com o filho.

Darryl LeCrue, agente especial da DEA, e Scott Duncan, assistente do promotor da república, vinham tentando juntar evidências para um processo judicial. Mike sabia que todos estavam por ali em algum lugar: Rosemary, Carson, DJ Huff (provavelmente acompanhado do pai), os outros góticos. Eles os haviam separado na esperança de fechar acordos e registrar queixas.

Fazia horas que estavam ali. Mike e Adam ainda tinham de responder a uma única pergunta. Hester Crimstein, advogada deles, os havia proibido de falar. Naquele momento, os dois encontravam-se sozinhos na sala.

Adam estava totalmente apático. Provavelmente em estado de choque. Claro, a fronteira entre o choque e o mau humor dos adolescentes é bastante tênue. Hester estava hiperativa e continuaria assim até o fim. Dava para ver. A toda hora ela irrompia na sala e fazia perguntas. Adam simplesmente balançava a cabeça quando ela pedia detalhes.

Sua última visita fora meia hora antes e tivera um único objetivo: informar que as coisas não estavam nada boas.

A porta se escancarou novamente. Hester entrou, agarrou uma cadeira e arrastou-a para o lado de Adam. Sentou-se e o encarou a apenas poucos centímetros de distância. Adam virou o rosto. Ela o desvirou com as próprias mãos e disse:

– Olhe para mim, Adam.

Ele obedeceu, ainda que a contragosto.

– O problema é o seguinte: Rosemary e Carson estão colocando a culpa em você. Alegam que a idéia de roubar os receituários do seu pai e incrementar o negócio foi sua. Estão dizendo que foi você quem os procurou. Dependendo do estado de espírito, podem até dizer que seu pai estava envolvido, em busca de um dinheirinho extra. Não faz muito tempo que outros agentes da DEA, que trabalham neste mesmo prédio, conseguiram uma extraordinária repercussão na mídia por terem prendido um médico em Bloomsfield que fazia exatamente isto: vendia receitas médicas para o mercado negro. E agora eles estão doidos para repetir a história, Adam. Querem ver o médico e seu filho atrás das grades para fazer um carnaval na mídia e quem sabe até descolar uma promoção. Você está entendendo?

Adam fez que sim.

– Então por que não está dizendo a verdade?

– Porque não adianta – disse ele.

Hester abriu os braços e exclamou:

– Como assim, não adianta?

– É a minha palavra contra a deles.

– Certo, mas veja bem. São duas coisas. Em primeiro lugar, eles não estão sozinhos. Conseguiram que alguns dos amigos de Carson confirmassem a história deles. Claro que esses amigos diriam qualquer coisa, até que você se prostituía numa nave espacial, só para atender a um pedido do Carson e da Rosemary. Então esse não é o nosso maior problema.

– Qual é então? – perguntou Mike.
– A prova mais sólida até agora são aquelas receitas. Não dá para ligá-las diretamente a Rosemary e Carson. Não seria uma conexão óbvia. Mas dá para ligá-las diretamente ao senhor, Dr. Baye. Claro. Elas são suas. Além disso, é muito fácil dizer como elas passaram de A para B, isto é, do senhor para o mercado negro. Via Adam.
Adam fechou os olhos e balançou a cabeça.
– O que foi? – perguntou Hester.
– Vocês nunca vão acreditar em mim.
– Lindinho, escute uma coisa. Minha função aqui não é acreditar em você. É defender você. É com a sua mamãe que você tem de se preocupar, se ela vai acreditar ou não. Não sou a sua mamãe. Sou a sua advogada e, em vista das circunstâncias, melhor que seja assim, não acha?
Adam olhou para o pai.
– Eu acredito em você, filho – disse Mike.
– Mas não confiou em mim.
Mike não soube o que responder.
– Colocou aquele programa no meu computador. Bisbilhotou as minhas mensagens particulares.
– Estávamos preocupados com você.
– Podiam ter me perguntado.
– Nós perguntamos, Adam. Um milhão de vezes. E você sempre pedia para o deixarmos em paz e sairmos do seu quarto.
– Ei, vocês dois! – interveio Hester. – Estou adorando essa conversinha de pai e filho. Sério. Muito comovente, estou quase chorando. Mas cobro por hora, e cobro caro, portanto acho melhor voltarmos ao nosso assunto.
Alguém bateu incisivamente à porta. E em seguida entrou o agente especial Darryl LeCrue, acompanhado de Scott Duncan, o assistente do promotor.
– Fora daqui – disse Hester. – Nossa conversa é particular.
– Tem alguém aqui querendo falar com os seus clientes – disse LeCrue.
– Nem se for a Jessica Alba de biquíni ou o…
– Hester? – interrompeu LeCrue. – É importante. Pode acreditar.
Eles abriram caminho. Mike levantou os olhos. Não sabia ao certo o que esperar, mas seguramente não era aquilo. Adam desatou a chorar assim que os viu.
Betsy e Ron Hill entraram na sala.
– Quem são esses dois? – perguntou Hester.
– São os pais do Spencer – respondeu Mike.
– Uau. Que espécie de truquezinho emocional é este? Quero que eles saiam já daqui. Agora.
– Shhh – disse LeCrue. – Não diga nada. Apenas ouça.
Hester virou-se para Adam e, pousando a mão no antebraço dele, recomendou:
– Não diga uma única palavra, ouviu bem? Nem uma palavra.
Adam só fazia chorar.
Betsy Hill acomodou-se numa cadeira do outro lado da mesa. Também estava chorando. Ron ficou de pé atrás dela. Cruzou os braços e olhou para o alto. Mike podia ver que os lábios dele tremiam. LeCrue foi para um canto da sala e Duncan para outro.

– Sra. Hill – disse LeCrue –, a senhora pode repetir o que acabou de nos contar?

Hester Crimstein ainda mantinha a mão no braço de Adam, pronta para silenciá-lo se fosse preciso. Betsy Hill simplesmente olhava para ele. Adam por fim levantou o rosto e a encarou.

– O que está acontecendo aqui? – perguntou Mike.

Betsy Hill finalmente falou:

– Você mentiu para mim, Adam.

– Uou, uou, uou – exclamou Hester. – Espere aí. Se ela for começar com acusações de qualquer natureza, vamos dar um basta nisso agora mesmo.

Betsy manteve os olhos grudados nos de Adam, alheia à explosão da advogada.

– Você e o Spencer não brigaram por causa de uma garota, não foi?

Adam não disse nada.

– Não foi?

– Não responda – ordenou Hester, apertando o braço dele. – Meu cliente não fará qualquer comentário a respeito de nenhuma briga, seja ela real ou…

Adam desvencilhou o braço.

– Sra. Hill… – disse.

– Você tem medo de que eles não acreditem em você – disse Betsy. – Também tem medo de prejudicar seu amigo. Mas não pode prejudicar o Spencer. Ele está morto, Adam. E a culpa não foi sua.

As lágrimas rolavam pelo rosto de Adam.

– Está me ouvindo? Não foi culpa sua. Tinha toda razão de estar bravo com o Spencer. Em muitos momentos, tanto eu quanto meu marido fomos cegos com relação ao nosso filho. Vamos passar o resto da vida lidando com essa culpa. Talvez fosse possível ter evitado tudo isso se tivéssemos sido mais atentos. Ou talvez não houvesse nada que pudéssemos fazer para salvá-lo. Mas de uma coisa eu tenho certeza: a culpa não foi sua, você não pode ser acusado de nada. Spencer está morto, Adam. Você não tem como prejudicá-lo mais.

Hester abriu a boca para dizer alguma coisa, mas não encontrou as palavras. Resignada ao silêncio, recostou-se na cadeira e continuou assistindo. Mike também não sabia o que falar.

– Conte a verdade para eles – disse Betsy.

– Não adianta – retrucou Adam.

– Claro que adianta, Adam.

– Ninguém vai acreditar em mim.

– Nós acreditamos – disse Betsy.

– Rosemary e Carson vão dizer que fomos eu e meu pai. Já disseram. Então, para que jogar lama no nome de outra pessoa?

LeCrue interveio e disse:

– Foi por isso que você tentou acabar com essa história ontem, não foi? Com aquela escuta sobre a qual você nos contou. Rosemary e Carson estavam chantageando você, não estavam? Disseram que se você abrisse o bico, iriam culpá-lo, dizendo que foi você quem roubou os receituários. Exatamente como estão fazendo agora. E você ainda tinha de se preocupar com seus amigos, que também podiam se meter numa bela encrenca. Então, fazer o quê? Você não tinha outra escolha a não ser deixar o barco rolar.

– Eu não estava preocupado com os meus amigos – disse Adam. – Mas eles iam botar a culpa

no meu pai. Ele ia perder a licença.

Apesar do nó na garganta, Mike disse:

– Filho, conte a verdade. Não se preocupe comigo, está bem?

Adam balançou a cabeça.

Betsy esticou o braço para tocar a mão dele.

– Nós temos provas – disse.

Adam pareceu confuso.

Foi Ron Hill quem explicou:

– Quando o Spencer morreu, vasculhei as coisas no quarto dele. E encontrei… – Ele parou, engoliu em seco e novamente voltou os olhos para o alto. – Eu não queria que a Betsy ficasse sabendo. Ela já estava sofrendo tanto, então pensei: que diferença isso vai fazer agora? Nosso filho já estava morto. Não fazia sentido colocar mais esse peso no coração dela. Era mais ou menos isso que você estava pensando também, não era, Adam?

Adam permaneceu calado.

– Então não contei nada. Mas, na noite em que ele morreu, fui ao quarto dele. E debaixo da cama encontrei 8 mil dólares em dinheiro vivo… e isto aqui também.

Ron jogou um receituário sobre a mesa. Por um instante, ninguém fez outra coisa senão olhar para o bloco.

– Não foi você que roubou os receituários do seu pai – disse Betsy. – E sim o Spencer. Foi ele quem os pegou na sua casa, não foi?

Adam, cabisbaixo, não respondeu.

– E naquela noite, na noite em que ele morreu, você descobriu tudo e foi tirar satisfações. Com certeza estava furioso. Então vocês brigaram. Por isso você deu um soco nele. E quando o Spencer ligou de volta, você não quis ouvir suas desculpas. Achou que dessa vez ele tinha ido longe demais. Preferiu deixar cair na caixa postal.

Adam apertou os olhos e disse:

– Eu devia ter atendido. Eu tinha agredido e xingado o Spencer… Disse que nunca mais queria falar com ele. Eu o deixei sozinho e quando ele ligou para pedir ajuda…

A esta altura a sala já estava prestes a vir abaixo. Muitas lágrimas. Abraços. Pedidos de desculpas. Feridas reabertas e novamente fechadas. Hester jamais perderia semelhante oportunidade. Pôs-se ao lado de LeCrue e Duncan. Todos estavam vendo o mesmo espetáculo. Ninguém queria processar os Baye. Adam colaboraria do jeito que fosse preciso para colocar Rosemary e Carson atrás das grades.

Mas isso tudo ficaria para depois.

Mais tarde naquele mesmo dia, Betsy procurou Adam em casa. Ele já havia recuperado o celular.

– Eu gostaria de ouvir – disse ela.

E juntos eles ouviram a mensagem que Spencer havia deixado segundos antes de se matar:

Não tem nada a ver com você, Adam. Tente entender. Não é culpa de ninguém. Mas é que está tudo muito difícil. Sempre foi difícil demais…

♦♦♦

Uma semana mais tarde, Susan Loriman bateu à porta de Joe Lewiston.
– Quem é?
– Susan Loriman.
– Estou muito ocupado.
– Por favor, Sr. Lewiston, abra. É importante.
Seguiram-se alguns segundos de silêncio antes que Joe Lewiston finalmente abrisse a porta, metido numa camiseta velha, a barba por fazer, os cabelos em desalinho, os olhos ainda pesados de sono.
– Sra. Loriman, não me leve a mal, mas não é uma boa hora para…
– Sinto muito, não posso esperar.
– Não sei se a senhora sabe, mas fui demitido da escola.
– Sei, sim. Sinto muito.
– Portanto, se for a respeito da campanha de doação do seu filho…
– É, sim.
– A senhora não está achando que eu ainda posso fazer alguma coisa, está?
– Mais do que nunca.
– Sra. Loriman…
– Sr. Lewiston, o senhor já perdeu algum parente próximo?
– Já.
– Se importa de me dizer quem?
A pergunta era inusitada. Lewiston suspirou e encarou Susan Loriman. O filho dela estava morrendo e por algum motivo obscuro aquela pergunta lhe parecia de extrema importância.
– Uma irmã, Cassie – respondeu ele afinal. – Era um anjo. Difícil acreditar que aquilo pudesse acontecer a ela.
Susan sabia de tudo, claro. Os jornais estavam repletos de matérias sobre o viúvo de Cassandra Lewiston e os assassinatos.
– Mais alguém?
– Meu irmão, Curtis.
– Ele também era um anjo?
– Não. Pelo contrário. Ele se parecia muito comigo fisicamente. Mas era um homem problemático, sempre foi.
– Como ele morreu?
– Assassinado. Provavelmente num assalto.
– Trouxe uma enfermeira comigo – disse Susan e olhou para trás. Uma mulher saiu do carro e veio caminhando ao encontro deles. – Ela pode fazer o exame de sangue agora mesmo.
– Não sei para quê.
– O que o senhor fez não foi nenhuma atrocidade, Sr. Lewiston. O senhor até chamou a polícia quando se deu conta do que seu ex-cunhado estava fazendo. Agora precisa reconstruir sua vida. E ajudar meu filho apesar de todos os problemas que está enfrentando seguramente vai fazer com que as pessoas o vejam com outros olhos. Por favor, Sr. Lewiston. O senhor vai ajudar meu filho, não vai?
A expressão no rosto de Joe Lewiston era a de alguém que estava prestes a protestar. Susan contava com o contrário. Mas já estava preparada para todas as eventualidades. Estava disposta

a dizer que o filho dela, Lucas, tinha 10 anos de idade, e que Curtis Lewiston havia sido assassinado 11 anos antes, ou melhor, nove meses antes do nascimento de Lucas. Se fosse preciso, diria a Joe Lewiston que naquele momento as maiores chances de encontrar um doador compatível para Lucas seria mediante um tio de sangue. Susan esperava que as coisas não chegassem a esse ponto. Mas agora estava disposta a tudo, a enfrentar todas as conseqüências. Não lhe restava outra coisa a fazer.

– Por favor – repetiu ela.

A enfermeira continuava vindo. Joe Lewiston novamente olhou para Susan Loriman. Decerto viu o desespero nos olhos dela.

– Tudo bem – disse. – Por favor, entrem. Vamos fazer isso lá dentro.

♦♦♦

Tia espantou-se com a rapidez com que a vida voltara ao normal.

Hester cumprira sua palavra. Nada de segunda chance, pelo menos profissionalmente. Por isso Tia havia entregado sua carta de demissão e agora procurava um novo emprego. Mike e Ilene Goldfarb haviam sido inocentados de todos os crimes relacionados ao roubo dos receituários. Apesar da investigação do conselho de medicina, uma medida meramente *pro forma*, ambos continuavam trabalhando como se nada tivesse acontecido. Ao que parecia, Susan Loriman havia encontrado um doador compatível para o pequeno Lucas, mas Mike não quis falar sobre o assunto, e ela, Tia, não insistiu.

Durante aqueles primeiros dias de muita emoção, Tia achou que Adam mudaria completamente e voltaria a ser o garoto afável e meigo que… bem, na verdade ele nunca havia sido assim. Mas um adolescente não funciona como uma lâmpada que podemos acender ou apagar. Adam estava melhor, quanto a isso não restava dúvida. Agora estava jogando com o pai diante da garagem, ele como goleiro e Mike no ataque. A cada gol marcado, Mike comemorava com a musiquinha habitual e Tia se reconfortava ao ouvi-la, embora no passado também ouvisse a voz do filho. Hoje, no entanto, Adam jogava em silêncio e Mike, por mais contente que pudesse estar, traía na voz uma pontinha de angústia.

Ele ainda queria seu menino de volta. Mas talvez esse “seu menino” tivesse partido para sempre. E talvez fosse melhor assim.

Mo chegou e estacionou na porta da garagem. Iria levá-los ao jogo dos Rangers contra os Devils, em Newark. Anthony, que junto com Mo havia salvado a vida deles, iria também. Mike acreditara que também tinha sido ele, Anthony, quem lhe salvara da primeira vez, naquela noite no beco, mas fora Adam e, como prova, tinha uma cicatriz no braço. Uma estranha inversão da ordem natural das coisas: o filho salvando o pai. Sempre que pensava no assunto, Mike ficava de olhos marejados e tentava dizer alguma coisa, mas Adam se recusava a ouvir. Um guerreiro silencioso, esse garoto.

Como o pai.

Tia olhou pela janela. Os dois, meio homens, meio meninos, se aproximaram para se despedir. Ela acenou e soprou um beijo para cada um. Eles acenaram de volta. Tia os viu entrar no carro de Mo e continuou olhando até o carro sumir de vista.

– Jill? – chamou em seguida.

– Aqui em cima, mãe!

Eles haviam retirado o programa de espionagem do computador de Adam. Difícil julgar o uso de uma ferramenta dessas. Se Ron e Betsy tivessem acompanhado os passos de Spencer mais de perto, talvez pudessem tê-lo salvado. Talvez não. Há uma certa dose de fatalismo, de acaso, na vida. Veja o que aconteceu com Mike e Tia, por exemplo: eles haviam se preocupado tanto com o filho, mas, no fim, fora Jill quem chegara mais perto da morte. Fora ela quem passara pelo trauma de se ver obrigada a matar outro ser humano. Por quê?

Acaso. Ela estava no lugar errado na hora errada.

Os pais podem espionar, mas não podem prever. Talvez Adam tivesse encontrado sozinho uma solução para seus problemas. Poderia ter feito aquela gravação e Mike jamais teria sido atacado naquele beco. Carson, aquele garoto maluco, não teria atirado neles. Adam não duvidaria da confiança que os pais tinham nele.

A confiança é assim. Podemos quebrá-la pelos melhores motivos do mundo, mas ela permanecerá quebrada para sempre.

Afinal, depois de tantos acontecimentos, o que Tia havia aprendido como mãe? Fazemos nosso melhor, só isso. Agimos com as melhores intenções. Deixamos que nossos filhos saibam que os amamos mais que tudo na vida. Mas, graças ao acaso, não podemos fazer muito mais que isso. Não podemos controlar a vida. Mike tinha um amigo, um antigo astro do basquete, que tinha o hábito de citar ditados do iídiche. Seu favorito era: “O homem planeja, Deus ri.” Tia jamais havia compreendido totalmente o significado disso. Achava que era um pretexto para que não déssemos o nosso melhor, já que Deus cuidaria de nos frustrar de qualquer forma. Mas não. Tratava-se sobretudo de uma máxima para ilustrar o fato de que, a despeito dos nossos esforços, o controle é sempre uma ilusão.

Ou quem sabe as coisas eram ainda mais complexas?

Alguém poderia argumentar justamente o contrário: a espionagem os salvara. Para início de conversa, fora por meio dela que Tia e Mike haviam descoberto que Adam estava em apuros.

Mais que isso, se não tivessem o hábito de bisbilhotar, Jill e Yasmin jamais ficariam sabendo da existência da arma que dera fim àquele triste episódio. Todos estariam mortos a essa altura.

Quanta ironia. Guy Novak mantinha uma arma carregada em casa e, em vez de provocar um desastre, essa arma havia sido sua salvação.

Pensando nisso, Tia balançou a cabeça, perplexa. Abrindo a geladeira, constatou que precisava sair para fazer compras.

– Jill?

– Oi!

Tia recolheu as chaves e a carteira, mas não encontrou o celular.

Jill havia se recuperado do episódio traumático com uma facilidade surpreendente. Os médicos já haviam alertado para a possibilidade de uma reação retardada. Por outro lado, também era possível que ela tivesse consciência de que sua atitude havia sido, além de necessária, heróica. Jill não era mais nenhum bebê.

Onde Tia havia deixado o celular?

Tinha certeza de que o havia largado na bancada da cozinha. Bem ali. Não fazia mais que 10 minutos.

E foi esse simples pensamento que desencadeou todo o resto.

Tia sentiu o corpo enrijecer. Aliviados com a própria sobrevivência, eles haviam deixado muita coisa passar. Mas, de repente, olhando para o local onde seguramente ela havia deixado o celular, Tia se lembrou daquelas tantas perguntas que haviam ficado sem resposta.

O primeiro e-mail, o que dera início a tudo, sobre a festa na casa de DJ Huff. Não havia festa nenhuma. Adam sequer lera a mensagem.

Quem a mandara afinal?

"Não…", pensou Tia.

Ainda procurando pelo celular, ela tirou o telefone fixo do gancho e discou o número de Guy Novak, que atendeu ao terceiro sinal.

– Oi, Tia, como vai?

– Você disse à polícia que foi você quem mandou aquele vídeo.

– O quê?

– O vídeo em que Marianne aparecia fazendo sexo com o Sr. Lewiston. Você disse que foi você quem mandou. Para se vingar.

– E daí?

– Você nem sabia da existência dessa gravação, sabia, Guy?

Silêncio.

– Guy?

– Vamos enterrar esse assunto, Tia – disse ele e desligou.

Tia subiu as escadas silenciosamente. Sabia que Jill estava no próprio quarto e não queria que ela ouvisse. Começava a juntar as peças. Volta e meia pensava naqueles dois terríveis episódios, os assassinatos de Nash e o desaparecimento de Adam, e tentava encontrar uma explicação para que tivessem acontecido ao mesmo tempo. Alguém tivera o mau gosto de brincar com ela, dizendo que as coisas ruins sempre vinham em trio e que ela devia se preparar para a terceira. Mas Tia não se deixava impressionar por esse tipo de coisa.

O e-mail sobre a festa na casa dos Huff.

A arma na gaveta de Guy Novak.

O vídeo explícito que havia sido enviado para o e-mail de Dolly Lewiston.

Que relação poderia haver entre tudo isso?

Já na porta do quarto de Jill, Tia perguntou:

– O que você está fazendo?

A menina se assustou com a súbita chegada da mãe.

– Ah, eu só estava jogando BrickBreaker.

– Mentira.

– O quê?

Tia e Mike costumavam brincar com isso. Jill era bisbilhoteira. Era Harriet, como no filme *A pequena espiã*, eles diziam.

– Eu estava jogando, juro.

Mas não estava. Tia agora sabia. Jill não usava o celular da mãe para jogar o que quer que fosse. Pegava-o para espionar as mensagens dela. Não usava o com putador do quarto dos pais porque ele era mais novo e mais rápido. Usava-o para se inteirar do que estava acontecendo. Jill detestava ser tratada como criança. Por isso bisbilhotava. Ela e a amiga Yasmin.

Coisas de criança, certo?

– Você sabia que eu e seu pai estávamos monitorando o computador do Adam, não sabia?
– O quê?
– Brett disse que quem mandou aquele e-mail usou o computador do seu irmão. A pessoa aproveitou a ausência dele para mandar a mensagem e depois deletá-la. Eu nem imaginava quem poderia ter feito uma coisa dessas. Mas agora sei. Foi você, Jill. Por quê?
Jill negou com a cabeça. Mas, no fundo, as mães sempre sabem quando os filhos estão mentindo.
– Jill?
– Eu não queria que nada disso tivesse acontecido.
– Eu sei. Me conte tudo.
– Vocês estavam destruindo os relatórios. Quer dizer, por que de uma hora para outra vocês iam colocar uma fragmentadora de papéis no quarto? Eu podia ouvir você e o papai cochichando no meio da noite. Vocês até colocaram o E-SpyRight na lista de favoritos da internet.
– Quer dizer que você sabia que estávamos espionando?
– Claro que sabia.
– Então, por que mandou aquele e-mail?
– Porque eu sabia que vocês iam ler.
– Não estou entendendo. Por que você queria que a gente lesse sobre uma festa que não ia acontecer?
– Eu sabia o que o Adam ia fazer. Achei que era perigoso. Queria detê-lo, mas não podia contar a verdade sobre o Club Jaguar, sobre nada daquilo. Não queria meter meu irmão numa encrenca.
– Então inventou a tal festa…
– É. Falei que ia ter bebida e drogas.
– Achou que iríamos obrigá-lo a ficar em casa.
– Achei. Aí não ia ter problema nenhum. Mas o Adam fugiu. Nunca achei que ele fosse fazer uma coisa dessas. Fiz uma grande besteira. Agora a senhora já sabe. Foi tudo culpa minha.
– Você não teve culpa de nada, meu bem.
Jill estava prestes a se desmanchar em lágrimas.
– Eu e a Yasmin. Todo mundo nos trata como bebês. Por isso bisbilhotamos, sabe? É como um jogo. Os adultos escondem as coisas e nós descobrimos. Então, o Sr. Lewiston falou aquela coisa horrível para a Yasmin. Tudo mudou depois disso. O pessoal da nossa turma, todo mundo foi tão cruel… Primeiro a Yasmin ficou triste, só isso. Mas aos poucos foi ficando diferente, sei lá, como se estivesse pirando de tanta raiva. A mãe dela nunca tinha servido para nada, sabe? Então achou que aquela era uma oportunidade de ajudar a filha.
– Quer dizer então que Marianne… armou aquilo para o Sr. Lewiston. Foi ela quem lhe disse isso?
– Não. Acontece que a Yasmin também bisbilhotava as coisas da mãe dela. Nós vimos o vídeo que estava gravado no celular da Marianne. Yasmin foi falar com ela, perguntar o que tinha sido aquilo e a Marianne falou para ela deixar para lá, que o Sr. Lewiston já estava sofrendo o bastante.
– Então você e a Yasmin…

– Não fizemos por mal. Mas a Yasmin já não estava agüentando mais. Aquele bando de adultos falando o que era melhor para ela. A gozação do pessoal na escola. Sobrava até para mim. Então fizemos tudo no mesmo dia. Não fomos para a casa dela depois da aula. Passamos aqui primeiro. Mandei o e-mail falando da festa para você e o papai tomarem alguma providência. E depois a Yasmin mandou o tal vídeo para fazer o Sr. Lewiston pagar pelo que tinha feito.

Tia ficou ali, esperando que algo lhe ocorresse. As crianças não fazem o que os pais mandam: repetem o que os vêem fazendo. Nesse caso, de quem era a culpa? Tia não sabia dizer.

– Foi só isso que fizemos – disse Jill. – Mandamos uns e-mails, mais nada.

O que era a mais pura verdade.

– Tudo vai ficar bem – disse Tia, repetindo o que Mike dissera a Adam na sala de interrogatório.

Ela se ajoelhou e apertou a filha entre os braços. As lágrimas que Jill vinha tentando segurar por fim transbordaram. Abraçada à mãe, ela chorou copiosamente. Tia tentava reconfortá-la com palavras doces e carinhos nos cabelos.

Os pais fazem o que podem, ela lembrou a si mesma. Dão aos filhos todo o amor que têm a oferecer.

– Tudo vai ficar bem – repetiu.

E, dessa vez, quase acreditou.

♦♦♦

Numa fria manhã de sábado, justo no dia em que se casaria pela segunda vez, o promotor público do condado de Essex, Paul Copeland, viu-se diante de um guarda-móveis à beira da estrada.

Loren Muse estava com ele.

– Você não precisava vir – disse ela.

– O casamento é só daqui a seis horas.

– Mas a Lucy…

– A Lucy entende.

Virando o rosto rapidamente, Cope avistou o carro. Neil Cordova esperava lá dentro. Pietra havia quebrado seu silêncio algumas horas antes. Depois de um sem-número de conversas infrutíferas, Cope tivera a simples idéia de deixar Neil Cordova falar com ela. Após dois minutos, considerando a morte de seu amigo e o vantajoso acordo já firmado com seu advogado, Pietra cedeu e revelou onde seria encontrado o corpo de Reba Cordova.

– Eu queria estar presente – emendou Cope.

Muse olhou para onde ele estava olhando.

– Você também não devia ter deixado ele vir.

– Eu tinha prometido.

Cope e Neil Cordova haviam conversado muito desde o desaparecimento de Reba. Em poucos minutos, se Pietra tivesse dito a verdade, eles teriam algo terrível em comum: mulheres mortas. Estranhamente, ao examinarem o histórico do assassino, eles haviam constatado que o sujeito também compartilhava desse mesmo destino.

Como se estivesse lendo os pensamentos do chefe, Muse disse:
– Você acha que existe alguma possibilidade de ela estar mentindo?
– Acho difícil. E você?
– Também. Quer dizer então que Nash matou essas mulheres para ajudar o cunhado. Para encontrar e destruir a tal fita que provava a infidelidade de Lewiston.
– É o que parece. Mas Nash tinha antecedentes. Aposto que, se procurarmos, vamos encontrar muitos podres no passado dele. Suponho que esses assassinatos tenham sido apenas um pretexto para que ele pudesse aplacar sua sede de sangue. Mas não sei nada de psicologia, nem quero saber. Psicologia não bota ninguém atrás das grades.
– Ele torturou as vítimas.
– Verdade. Em tese, para descobrir quem mais tinha conhecimento do vídeo.
– Como Reba Cordova.
– Certo.
Muse balançou a cabeça, perplexa.
– E o cunhado dele, o tal professor?
– Lewiston? O que tem ele?
– Você pretende processá-lo?
Cope deu de ombros e disse:
– Lewiston alega não ter feito mais do que se abrir com Nash. Não sabia que ele faria essa loucura toda.
– E você acredita nisso?
– Pietra confirma a história, mas não tenho nenhuma prova que faça a balança pender para qualquer um dos lados. – Ele olhou para Muse. – É aí que entram os meus investigadores.
O gerente do guarda-móveis encontrou a chave e inseriu-a na fechadura. A porta se abriu e os investigadores entraram.
– Tudo isso – observou Muse – e Marianne Gillespie nem chegou a mandar o vídeo.
– Parece que não. Só ameaçou. Já investigamos. Guy Novak afirma que Marianne havia lhe contado sobre o vídeo. Ela queria deixar a coisa de lado, achava que a ameaça já era castigo suficiente. Guy achava que não. Por isso mandou o e-mail para a mulher de Lewiston.
Muse franziu a testa.
– O que foi? – perguntou Cope.
– Nada. Você vai processar Guy?
– Pelo quê? Ele só mandou um e-mail. Isso não é contra a lei.
Dois dos policiais saíram do guarda-móveis com passos lentos. Lentos demais. Cope sabia o que isso queria dizer. Um deles olhou para o promotor e fez que sim com a cabeça.
– Droga – exclamou Muse.
Cope virou-se e seguiu na direção de Neil Cordova, que o observava. Fez o possível para manter a firmeza do olhar e dos passos. Ao vê-lo se aproximar, Neil começou a balançar a cabeça, cada vez mais forte, como se isso pudesse de alguma forma negar a realidade. Cope manteve o ritmo dos passos. Neil já tinha se preparado para isso, sabia o que estava por vir, mas não havia nada que pudesse aplacar aquele golpe. Restava-lhe apenas uma coisa a fazer: baixar a guarda e sucumbir à dor.
Portanto, assim que Cope chegou, Neil Cordova simplesmente desabou contra o peito do

promotor. Repetia freneticamente o nome da mulher, dizendo que aquilo não era verdade, não podia ser verdade, suplicando a algum poder superior que lhe devolvesse sua amada. Cope teve de ajudá-lo a ficar de pé. Minutos se passaram. Difícil dizer quantos. Cope ficou ali, abraçando aquele homem sem dizer nada.

Uma hora depois, o promotor voltou para casa. Tomou uma ducha, vestiu o smoking e foi para a igreja, postando-se ao lado dos padrinhos. Cara, sua filha de 7 anos, deixou a todos de queixo caído ao atravessar o corredor. O governador presidiu pessoalmente a cerimônia. Seguiu-se uma grande festa, com uma orquestra e tudo mais. Muse estava lá, vestida de madrinha, elegante e bonita. Cumprimentou o promotor com um beijo no rosto. Cope lhe agradeceu e nisso se resumiu a conversa deles durante o casamento.

A noite se estendia num alegre turbilhão. A certa altura, Cope se afastou um pouquinho e se sentou para recuperar o fôlego. Afrouxou a gravata, desabotoou o colarinho. Fora de um extremo a outro naquele dia, começando com a morte para terminar em algo tão alegre quanto a união de um casal. Algumas pessoas certamente encontrariam algo de profundo nisso. Cope, não. Preferiu ficar ali, ouvindo a banda tocar uma música barulhenta de Justin Timberlake e observando os convidados dançarem. Por um instante, soltou as rédeas do pensamento e se lembrou de Neil Cordova, do terrível golpe que ele havia sofrido. Ficou imaginando o que ele e as filhas estariam passando naquele exato momento.

– Papai?

Cope se virou. Era Cara, que do alto de seus 7 anos, tomou o pai pela mão, olhou-o firme nos olhos e disse:

– Quer dançar comigo?

– Achei que você detestasse dançar.

– É que eu adoro essa música.

Cope se levantou e foi para a pista de dança. A canção repetia um refrão estúpido sobre a necessidade de ser sexy. Cope começou a se mover. Cara fisgou a madrasta, que recebia os cumprimentos de alguns amigos, e arrastou-a para a pista de dança também. A nova família se pôs a dançar. Lucy, Cara e Cope. A música aparentemente havia ficado mais alta. Parentes e amigos aplaudiam os três, incentivando-os. Cope revelava-se um péssimo dançarino. As duas mulheres de sua vida se continham para não rir.

E quando enfim, já não se agüentando mais, elas irromperam numa gargalhada, Cope redobrou o entusiasmo e caprichou ainda mais na coreografia, balan çando os braços, rebolando os quadris, pingando de suor, rodopiando até o mundo se reduzir à beleza daquele par de rostos, à maravilha daquelas gargalhadas.

Agradecimentos

A INSPIRAÇÃO PARA ESTE LIVRO me ocorreu durante um jantar com os amigos Beth e Dennis McConnel. Obrigado pela confiança e pela troca de idéias. Viram no que deu?

Também gostaria de agradecer, por terem contribuído de alguma forma, a: Ben Sevier, Brian Tart, Lisa Johnson, Lisa Erbach Vance, Aaron Priest, Jon Wood, Eliane Benisti, Françoise Triffaux, Christopher J. Christie, David Gold, Anne Armstrong-Coben e Charlotte Coben.

CONHEÇA OUTROS TÍTULOS DA EDITORA ARQUEIRO

Queda de gigantes, de Ken Follett
Não conte a ninguém, *Desaparecido para sempre*, *Confie em mim* e *Cilada*, de Harlan Coben
A cabana, de William P. Young
A farsa, de Christopher Reich
Água para elefantes, de Sara Gruen
O Símbolo Perdido, *O Código Da Vinci*, *Anjos e Demônios*, *Ponto de Impacto* e *Fortaleza Digital*, de Dan Brown
Julieta, de Anne Fortier
O guardião de memórias, de Bob Nelson
O guia do mochileiro das galáxias, *O restaurante no fim do universo*, *A vida, o universo e tudo mais*, *Até mais, e obrigado pelos peixes!* e *Praticamente inofensiva*, de Douglas Adams
O nome do vento, de Patrick Rothfuss
A passagem, de Justin Cronin
A revolta de Atlas, de Ayn Rand
A conspiração franciscana, de John Sack

Nota

[1] Discos de borracha usados no hóquei. (Nota do Tradutor)